

A GRAMÁTICA DE PE. GASPAR: MEDITAÇÕES COTIDIANAS



Título Original:

La Grammatica di Don Gaspare Bertoni – Meditazioni Quotidiane

Compilação e edição por Pe. Ignazio Bonetti, CSS – 1993

Tradução para a Língua Portuguesa (com última revisão em 2008):

Pe. Benedito A. Bettini, CSS; Pe. Virgilio Zoppi, CSS; Pe. Alberto F. Mariani, CSS;

Pe. José Luiz Nemes, CSS e Pe. Vicente Ruy Marot, CSS.

†

†††

†

A GRAMÁTICA DE PE. GASPAR: MEDITAÇÕES COTIDIANAS**ÍNDICE GERAL:**

| | Página # |
|-------------------------|-----------------|
| ÍNDICE ANALÍTICO | 15 |
| ADVENTO E NATAL | 40 |

ESPERA DE CRISTO

01. Cristo vem: reavivemos a expectativa
02. A espera de Cristo e nossa pobreza
03. Os prodígios do amor de Deus
04. Como se dispor para acolher o Salvador

O IDEAL CRISTÃO

05. Vocação à santidade
06. A santidade para todos
07. Deus é fiel: faz o que prometeu
08. Aspirar aos carismas mais altos
09. Santidade e caridade
10. Perfeição e simplicidade
11. Desejo da perfeição
12. A santidade: empenho prioritário
13. A santidade: empenho global
14. Progredir sempre

VIDA DE GRAÇA

15. A beleza da graça
16. Comunhão com as Pessoas divinas
17. Viver a graça
18. A graça: um capital a ser guardado e aumentado
19. Graça e sacramentos

TEMPLOS DE DEUS

20. Nosso coração, templo de Deus
21. Habitação divina e vínculo esponsal
22. Unidos a Deus, nos gloriamos nas tribulações
23. Estou à porta e bato

DEUS CONOSCO

24. Cristo nasce para nós: vinde, adoremos
25. Tarde te conheci, tarde te amei
26. Jesus Cristo verdadeiro Deus, verdadeiro homem
27. Jesus, o amante mais doce e apaixonado
28. Jesus, a pessoa mais amável

A NOVIDADE CRISTÃ

29. Felizes os olhos que vêem o que não vedes
30. A glória de nosso estado
31. O Reino de Deus na terra
32. Para o cristão todo dia é festa

SEGUIR CRISTO

33. Santidade e seguimento de Cristo
34. Com Cristo a qualquer custo
35. Radicalidade evangélica
36. Fazer o esboço do Protótipo
37. Um perfeito seguidor de Cristo: S. Francisco
38. Ápice do seguimento de Cristo: amor esponsal

O AMOR ESPONSAL

39. Um só espírito com o Senhor
40. A visita do Esposo
41. Visitas e provas dos desígnios de Deus
42. Os segredos do amor divino
43. Responder prontamente ao convite do Esposo

A ALEGRIA CRISTÃ

44. Servir o Senhor na alegria
45. A consolação espiritual
46. Fervor e alegria
47. Como defender a paz interior
48. Um apóstolo da alegria: são Zenão

QUARESMA**76****PENITÊNCIA**

49. Ao encontro do jejum com alegria
50. Medicina da alma e também do espírito
51. Condição indispensável para seguir Cristo

- 52. As três cruzes
- 53. A mortificação
- 54. Um grande penitente: São Francisco

PENITÊNCIA E CARIDADE

- 55. Teu jejum se torne alimento do pobre
- 56. A caridade custa sacrifício
- 57. Exigências da caridade

PENITÊNCIA E ORAÇÃO

- 58. Meu Deus, meu Deus!
- 59. A única coisa necessária
- 60. Distrações, tentações, aridez

O PECADO

- 61. Graça e pecado
- 62. A ofensa a Deus
- 63. A morte da alma
- 64. Conseqüências do pecado
- 65. A luta contra o pecado
- 66. O pecado venial deliberado

A TIBIEZA

- 67. A doença e os remédios
- 68. Oxalá fosses frio ou quente!

A TENTAÇÃO

- 69. Como acontece a tentação
- 70. Deus sabe haurir vantagens da tentação
- 71. Preparar-se para a tentação
- 72. Sugestões práticas

A CONVERSÃO

- 73. A volta do filho pródigo
- 74. A ressurreição da alma
- 75. Arrependimento e confiança
- 76. Crer no perdão de Deus
- 77. Conversão e paz de coração
- 78. A conversão é menos difícil do que parece
- 79. Deus sustenta os primeiros passos da conversão
- 80. Não protelar o propósito da conversão

A PENITÊNCIA SACRAMENTAL

- 81. A confissão, dom divino
- 82. Dor e propósito
- 83. O fruto suavíssimo da penitência
- 84. O confessor e o penitente
- 85. Nenhuma angústia ao se confessar
- 86. Pe Gaspar confessor

NA ESCOLA DE CRISTO CRUCIFICADO

- 87. Dispor-se a sofrer com Cristo para reinar com ele
- 88. A traição mais pérfida
- 89. A sentença mais injusta
- 90. O suplício mais atroz
- 91. Os sofrimentos morais de Cristo
- 92. Contemplação da Paixão
- 93. Com Cristo crucificado sempre
- 94. Tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo Jesus
- 95. O sentido verdadeiro de compaixão
- 96. A Paixão de Cristo no íntimo do coração

PÁSCOA**112****A PÁSCOA DO SENHOR**

- 97. Da morte à vida
- 98. Contemplação de Cristo Ressuscitado

A NOSSA PÁSCOA

- 99. Mortos ao pecado
- 100. Ressuscitados para a vida nova
- 101. Escondidos com Cristo em Deus
- 102. Voltados para a vida de glória
- 103. Ao céu, ao céu!

A EUCARISTIA, PÁSCOA PERENE

- 104. O sacrifício da Nova Aliança
- 105. O banquete sagrado
- 106. Remédio espiritual
- 107. Disposições requeridas
- 108. A pena do amor é o amor
- 109. Com a assiduidade à Eucaristia tem-se tudo a ganhar
- 110. A missa de Pe. Gaspar
- 111. Eucaristia e contemplação: experiências vividas

VIDA DE FÉ

- 112. Sublimidade da fé
- 113. Dificuldades da fé
- 114. Agir com espírito de fé

A ESPERANÇA CRISTÃ

- 115. Confiemos em Deus que é uma bela confiança
- 116. Um abismo chama o abismo
- 117. A vida terrena como esboço do céu
- 118. Bens terrenos e bens eternos
- 119. Espero a luz após as trevas

AMAR A DEUS SOBRE TODAS AS COISAS

- 120. Nosso coração é feito para Deus
- 121. Responder ao amor com amor
- 122. Amar a Deus nas criaturas
- 123. Entregar-se a Deus sem reservas
- 124. Amemos a Deus, amemos a Deus!
- 125. Um apaixonado por Deus: São Luís Gonzaga

ABANDONO EM DEUS

- 126. Como é grande tua bondade, ó Senhor!
- 127. Feliz quem se perde neste abismo
- 128. Nós estamos em Deus e nele vivemos
- 129. Os principais dons de Deus
- 130. Deus nos beneficia, embora sejamos indignos
- 131. Tudo concorre para o bem de quem ama a Deus
- 132. Caminhar sobre as águas
- 133. O Senhor faz resplandecer as estrelas à noite
- 134. A Igreja, modelo de abandono em Deus

A CARIDADE FRATERNA

- 135. As raízes profundas da caridade cristã
- 136. A caridade cristã é doce
- 137. A caridade cristã é benéfica
- 138. A caridade cristã é universal
- 139. A caridade fraterna: o melhor investimento
- 140. Não julgueis e não sereis julgados
- 141. Caridade e reconciliação
- 142. Um mártir da caridade. S. Luís Gonzaga
- 143. A caridade apostólica de S. Zenão

O ESPÍRITO DE AMOR

144. O hóspede da alma

145. Como acolher o Espírito Santo e suas inspirações

TEMPO COMUM**150****A IGREJA**

146. O sopro de Pentecostes

147. A Igreja, Esposa de Cristo

148. A Igreja, mistério de comunhão

149. A Igreja, mestra de fé

150. Como Cristo governa a Igreja

151. Os sofrimentos da Esposa de Cristo

152. A perseguição na vida da Igreja

153. Conduta da Igreja na perseguição

A PALAVRA DE DEUS

154. Deus falou

155. Cristo nossa luz

156. A Sagrada Escritura

157. Como ler a Bíblia

158. Meditar a Sagrada Escritura

159. Pe. Gaspar e a Sagrada Escritura

160. Deus fala na tradição apostólica

161. O magistério da Igreja

162. A Palavra de Deus fonte de toda sabedoria

163. A Palavra de Deus e a unidade da Igreja

A LITURGIA

164. Fé e culto

165. A linguagem dos sinais

166. Participação e testemunho

167. Valor das cerimônias litúrgicas

168. Edifícios e paramentos litúrgicos

169. O papel das imagens

O PAPA

170. Onde está Pedro, aí está a Igreja

171. Escutemos Cristo e seu vigário

172. O sucessor de Pedro, modelo para os pastores

- 173. O Papa e a renovação do ministério pastoral
- 174. Em nome do Papa: um plano concreto de reforma
- 175. Como atuar efetivamente o plano de reforma
- 176. O Papa e a reprovação dos abusos na Igreja
- 177. Jamais contra o Papa

SACERDOTES

- 178. Sacerdotes e fiéis
- 179. Escolhidos do mundo
- 180. Mandatos ao mundo
- 181. A imposição das mãos
- 182. Santidade sacerdotal
- 183. União com Cristo
- 184. Trabalhar em todos os modos
- 185. Missão e santidade
- 186. Responsabilidade do sacerdote
- 187. O sacerdote e a Eucaristia
- 188. Não só saber, mas fazer a vontade do Pai
- 189. Como Jesus no templo
- 190. O sacerdote e a humildade
- 191. O sacerdote e seus parentes
- 192. Tentações do sacerdote
- 193. O mundo secular e o mundo sacerdotal

A COMUNIDADE RELIGIOSA

- 194. Comunidade e comunhão
- 195. Valor da observância perfeita
- 196. Comunhão fraterna e vida de fé
- 197. Vida religiosa e caridade
- 198. Diálogo e conversação fraterna
- 199. A correção fraterna
- 200. Insídias da comunhão
- 201. Não falai mal uns dos outros
- 202. Não dar ouvidos às murmurações
- 203. A comunidade de Pe. Gaspar

OS LEIGOS NA IGREJA

- 204. Os leigos e a santidade da Igreja
- 205. Os leigos e a missão apostólica
- 206. Pe. Gaspar e a formação dos leigos

VOCAÇÕES AO MINISTÉRIO NA IGREJA

- 207. Eu vos escolhi
- 208. Deus nos ama há muito tempo
- 209. Deus escolheu o que é fraco para o mundo
- 210. A vocação: corrente de graça
- 211. Tornar a vocação cada vez mais firme
- 212. A Igreja prepara as vocações consagradas
- 213. A Igreja ajuda a amadurecer as vocações consagradas
- 214. Como responder à chamada
- 215. Se o mundo vos odeia, saibais que primeiramente odiou a mim
- 216. Reavivar sempre o dom de Deus

CORRESPONDÊNCIA À GRAÇA

- 217. Temos que Jesus vá além
- 218. Quem tem boa vontade tem tudo
- 219. Vontade e veuidade
- 220. Vigiai e orai
- 221. Oração e empenho pessoal

TEMOR DE DEUS

- 222. O temor de Deus na vida espiritual
- 223. O temor de Deus leva à conversão
- 224. O amor vence o medo

A ORAÇÃO E AS ORAÇÕES

- 225. O respiro da alma
- 226. Sempre o coração de Deus
- 227. Tudo é graça
- 228. A atmosfera da oração
- 229. Experiência de oração vividas
- 230. Liturgia das horas
- 231. O ofício divino de Pe. Gaspar

MEDITAÇÃO

- 232. A alma da meditação
- 233. A meditação segundo o método de S. Inácio
- 234. O vento e os remos
- 235. Sugestões práticas
- 236. Melhorar constantemente a meditação
- 237. Fidelidade à meditação cotidiana

EXAME DE CONSCIÊNCIA

- 238. Um balanço espiritual
- 239. Como fazer o exame de consciência
- 240. Exame particular

OS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS

- 241. O que são os Exercícios espirituais
- 242. Disposições para os Exercícios
- 243. Como seguir S. Inácio

A DIREÇÃO ESPIRITUAL

- 244. Uma garantia contra as insídias
- 245. Sempre confiar em Deus
- 246. Responsabilidade do diretor espiritual
- 247. Pe. Gaspar, “Anjo do conselho”

PRUDÊNCIA CRISTÃ

- 248. Caridade e prudência
- 249. Aconselhar-se e rezar
- 250. Tudo é vosso, vós sois de Cristo, Cristo é de Deus
- 251. O segredo dos santos

HUMILDADE

- 252. Porque é necessária a humildade
- 253. Humildade intelectual
- 254. Humildade e magnanimidade
- 255. O fundamento do edifício espiritual
- 256. A humildade: garantia de autenticidade para cada virtude
- 257. Humildade e fecundidade apostólica
- 258. “Baixos, baixos: buraquinho e toquinha”
- 259. Humildade vivida: experiências e propósitos
- 260. O exemplo de S. Verônica Giuliani
- 261. A humildade de Pe. Gaspar

POBREZA

- 262. O capital indispensável
- 263. A pobreza do sacerdote
- 264. Pe. Gaspar e a pobreza
- 265. Pobreza vivida: experiências e escolhas concretas

PUREZA

- 266. A virtude bela por excelência
- 267. Virtude angélica, e possível
- 268. Felizes os puros de coração
- 269. Um tesouro a defender
- 270. Pureza e relacionamentos pessoais
- 271. Várias formas da pureza cristã
- 272. Modéstia, o culto do decoro
- 273. Castidade consagrada e caridade

AUTORIDADE E OBEDIÊNCIA

- 274. A autoridade é serviço
- 275. Primeiro empenho de um superior de comunidade
- 276. Caridade e firmeza nos casos difíceis
- 277. Quem vos escuta, escuta a mim
- 278. Qualidade da obediência
- 279. O sinal dos sinais
- 280. Autoridade e obediência no exemplo de Pe. Gaspar

BOM USO DO TEMPO

- 281. O tempo não volta atrás
- 282. Atenção à preguiça
- 283. Fugir do ócio
- 284. O trabalho manual

ESTUDO E CULTURA

- 285. Cultura e vida espiritual
- 286. Estudar segundo os próprios talentos
- 287. Estudar para a glória de Deus
- 288. A curiosidade vã
- 289. A sabedoria humana
- 290. O estudo da Palavra de Deus
- 291. Como estudar a história

A SABEDORIA DA CRUZ

- 292. Completo em mim o que falta aos sofrimentos de Cristo
- 293. A paciência, virtude dos fortes
- 294. Ao encontro da cruz junto com Cristo
- 295. Aceitar a cruz com amor
- 296. Paciência e prudência
- 297. Alegria mesmo sob o peso da cruz

- 298. Alegria verdadeira, além das aparências
- 299. O segredo da alegria
- 300. Paciência e alegria em Pe. Gaspar

MISSÃO APOSTÓLICA

- 301. A missão de Cristo
- 302. Como o Pai me enviou, assim eu vos envio
- 303. Vós sois a luz do mundo
- 304. Valor do testemunho
- 305. Vigia sobre ti mesmo e sobre teu ensinamento
- 306. O caminho do Evangelho no mundo
- 307. Lutar como Cristo e unidos a Ele
- 308. Comunhão e missão
- 309. Na colaboração o indivíduo se multiplica
- 310. Fazer-se tudo para todos
- 311. A familiar conversação com o próximo
- 312. Estilo de familiaridade
- 313. A estratégia de um grande pastor
- 314. Missionariedade Bertoniana
- 315. A oração do apóstolo

PREGAÇÃO

- 316. A Palavra de Deus é viva e eficaz
- 317. Anunciar com coragem a Palavra de Deus
- 318. Condições para a eficácia da pregação
- 319. Testemunhas da verdade
- 320. Não comercializar a Palavra de Deus
- 321. O bom pregador forma outros mestres de fé
- 322. A pregação dos Missionários Apostólicos
- 323. Pe. Gaspar e a catequese aos adultos

INICIATIVAS APOSTÓLICAS

- 324. Como preparar-se para as obras de Deus
- 325. Coragem e confiança em Deus
- 326. Quanto se trata de decidir
- 327. Não preocupar-se com o amanhã
- 328. Um passo por vez
- 329. Se Deus é por nós, quem será contra nós?
- 330. Deus sabe tirar o bem do mal
- 331. O nascimento do Oratório mariano como em Belém

PERSEVERANÇA

- 332. O caminho da santidade: da fadiga à alegria
- 333. Perseverar no caminho da conversão
- 334. O caminho espiritual: recomeça a cada dia
- 335. Deus está conosco: de quem ter medo?
- 336. Vence quem é mais corajoso
- 337. Jamais parar

OS NOVÍSSIMOS

- 338. Trata-se da alma, trata-se da eternidade
- 339. Morrer bem
- 340. O Juízo
- 341. À luz do juízo
- 342. Viver como se o inferno não existisse?
- 343. O paraíso: um dia eterno

TEMAS ESPECIAIS**289****O SAGRADO CORAÇÃO**

- 344. O símbolo mais feliz do amor
- 345. Porque mostras ao homem o teu Coração?
- 346. Experiências vividas de devoção ao S. Coração

OS ESTIGMAS DA PAIXÃO

- 347. Contemplar as feridas do Crucificado, as cicatrizes do Ressuscitado
- 348. Os estigmas de Cristo impressos no coração
- 349. Os estigmas de Cristo e a nossa esperança
- 350. Cristo no Juízo com seus estigmas

O ESPONSALÍCIO DE MARIA COM JOSÉ

- 351. O sponsalício de Maria com José e a intimidade com Cristo
- 352. Os Santos Esposos e a vida religiosa
- 353. Os Santos Esposos e a família cristã
- 354. Os Santos Esposos modelo de amor conjugal

NOSSA SENHORA

- 355. Maria Mãe de Deus
- 356. Maria rainha do céu e da terra
- 357. A Imaculada

- 358. Cristo nos espera, Maria nos chama
- 359. A Virgem da Anunciação
- 360. Programa concreto de devoção mariana
- 361. Espírito de al consagração a Maria
- 362. Um segredo de eficácia pastoral
- 363. Excelência do Rosário
- 364. Poder do Rosário
- 365. Fecundidade do Rosário
- 366. O Rosário: uma lição de vida
- 367. Devoção mariana de Pe. Gaspar

SÃO JOSÉ

- 368. Grandeza de São José
- 369. Mestre da vida interior
- 370. São José não pergunta, manda

ALGUMAS FESTIVIDADES

- 371. Início do ano
- 372. Todos os santos
- 373. Comemoração dos falecidos

†
†††
†

ÍNDICE ANALÍTICO

NB. A numeração corresponde ao corpo do texto.

ABANDONO EM DEUS

Bem-aventurança do abandono 126. 127
Espírito de abandono 128-133
A Igreja modelo de abandono 134
V. Esperança; Amor; Caridade para com Deus

ABNEGAÇÃO 35. 51. 94. 193. 277

AGRADECIMENTO

Importância da oração de agradecimento 277
Pe. Gaspar e a oração de agradecimento 277

ALEGRIA

Alegria na espera de Cristo 1,2
Servir o Senhor na alegria 4
Pureza e alegria 268
Fervor e alegria 46
Paciência e alegria 299. 22
O segredo da alegria 287. 288.300
Um apóstolo da alegria, São Zenão 48

ALMA

A salvação da alma: trata-se da eternidade 338

AMIZADE

A amizade cresce com a mutua comunicação 198

AMOR

Gratuidade do amor 9
O imã do amor é o amor 108
Prodígios do amor de Deus 3
Deus nos ama embora ingratos e inimigos 124-130
A cruz manifesta o amor de Deus 124
Amor a Santíssima Trindade em dar-nos o Filho 259
Responder o amor com o amor 121
V. Caridade para com Deus, Caridade Fraternal

ANCIÃOS

Deus nos quer jovens, não em anos mas de fervor 189

Os jovens respeitem os anciãos 189

ANTINOMIAS ESPIRITUAIS 251**APOSTOLADO**

Empenho para o apostolado 302-307

Estilo de encarnação 310-312

A caridade apostólica de São Zenão 143

V. Missão Apostólica; iniciativas apostólicas; leigos na Igreja

APÓSTOLOS

Prontidão dos Apóstolos em responder à chamada de Jesus 217

Os Apóstolos dormem enquanto Jesus ora 220

Nosso destino não é inferior ao dos Apóstolos 29

ARIDEZ 60. 236**ARTE SACRA**

Valor das artes dos Orientais 60-236

AUTORIDADE

Autoridade é serviço 274

Autoridade e caridade nos casos difíceis 276

Pe. Gaspar e o exercício da autoridade 280

BATISMO 99**BEM-AVENTURANÇAS 262-372****BENS TERRENOS E BENS ETERNOS 118****BOM EXEMPLO 303.304****BRAGATO** Pe. Luis 10, nota 2

CARIDADE FRATERNA

A caridade custa sacrifício 56
Raízes teológicas da caridade Cristã 135
A caridade cristã é doce, benéfica e universal 136-138
Para quem dá aos pobres não há indigência 139
Não julgueis e não sereis julgados 140
Reconciliar-se em nome do Senhor 142
V. Amor; Comunidade e comunhão; Serviço; Apostolado

CARIDADE PARA COM DEUS

A maior riqueza 31
O coração humano foi feito para Deus 120
Contemplação para excitar o amor para com Deus 122.212
Dar-se a Deus sem reserva 123
Tudo concorre para o bem a quem ama a Deus 131.327
Somos sempre diligentes quando amamos a Deus 127
Um apaixonado: São Luis Gonzaga 125
V. Abandono de Deus; amor

CARREIRA

O sacerdote e a procura da carreira 192

CASTIDADE

Castidade consagrada e vínculo esponsal com Cristo 273
Castidade consagrada e caridade 272
V. Pureza

CATEQUESE

Pe. Gaspar e a catequese aos adultos 323
Pe. Gaspar e a catequese sobre o Pai Nosso 295, nota 2

CÉU

Desejo do céu 102.103

COLABORAÇÃO 308.309.321**COMUNHÃO E COMUNIDADE**

Um só coração e uma só alma 194
Comunhão fraterna e vida de fé 196
Comunhão fraterna e votos religiosos 197
Insídias da comunhão 200
Comunhão e missão 308

CONFIANÇA DE DEUS

Confiemos em Deus que é uma bela confiança 115
A pobreza espiritual e o próprio pecado são motivos de confiança 2
Desagrada-se mais a Deus com a desconfiança do que com o pecado 75
Crer no perdão de Deus 76
Sempre confiar em Deus 245
Tudo concorre para o bem de quem ama a Deus 131
Se Deus esta conosco, quem estará contra nós? 329.335
Deus sabe tirar o bem mesmo do mal 330
V. Esperança cristã

CONSOLAÇÕES ESPIRITUAIS 45. 77

V. Alegria

CONVERSAÇÃO

Conversaço e diálogo 198
A conversaço familiar com o próximo 311

CONVERSÃO

Como o filho pródigo 73.77
A conversão é menos difícil do que parece 78.79
Perseverar no caminho da Conversão 333

CORAÇÃO

O nosso coração foi feito para Deus 120

CORAÇÃO DE JESUS

O símbolo mais feliz do amor 344
Devoção ao Sagrado Coração 346
V. Cristo

CONSTITUÇÕES DE PE. GASPAR 53, nota 7**CORAGEM**

Coragem e confiança em Deus 325
Vence quem é mais corajoso 336

CORREÇÃO FRATERNA 199

CORRESPONDENCIA À GRAÇA

Saber aproveitar a acasão 217
Vontade e veleidade 219
Boa vontade e obras 218
Vigiar e rezar 220
Os santos e a correspondência 221

CRISTO

Cristo verdadeiro Deus e verdadeiro homem 26
Cristo nossa luz 24.155
Cristo o amante mais terno 27
Cristo a pessoa mais amável 28
O bom pastor 345
Cristo esposo da Igreja 147
Cristo esposo da alma 39-43
V. Seguir Cristo; A Páscoa do Senhor

CRUZ

As três cruzes 52
A cruz manifesta o amor de Deus 124
A sabedoria da Cruz 292-300
Levar, não arrastar a Cruz 51. 153. 295
Alegria sob o peso da cruz 297

CULTO EXTERIOR

Legitimidade do culto 164
Preeminência do culto interior 164
Culto e imagens 169

CULTURA

Vida espiritual e cultura 285
Cultura e vã curiosidade 288
A sabedoria humana 289
Estudar para a glória de Deus 287

CURIOSIDADE

A vã curiosidade 288

DEFUNTOS 373

DESEJO DE PERFEIÇÃO 11**DESIGNIOS DE DEUS**

Deus quer fazer os desígnios não sobre o papel o sobre a tela, mas sobre o espírito 325

DEUS

Nós somos de Deus e nele vivemos 128

Deus conosco 24

Procurar só a Deus 25.114

O nosso coração é inquieto enquanto não repousa em Deus 118.120

Recordar-se somente de Deus 127

Amar a Deus nas criaturas 122

V. Presença de Deus. Providência, Trindade

DIÁLOGO 198**DIREÇÃO ESPIRITUAL 244-247****DISPOSIÇÕES**

Disposições para a Eucaristia 107

Disposições para os exercícios espirituais 242

DISTRAÇÕES

Distração na oração 60

Distração na meditação 236

DOENÇA

A doença na escola de Deus 300

Doença e confiança em Deus 297

EFICIÊNCIA

A eficiência nas empresas não é separada da virtude 12. 328

ENGENHOS

Diversidade dos Engenhos 286

Estudar segundo o próprio engenho 286

ESBOÇO

Veja-se em nós um esboço daquilo que acontece em Cristo 35.173.302

A vida terrena é um esboço do Céu 117

ESCOLA DE DEUS 300**ESPERA DE CRISTO 1-4****ESPERANÇA CRISTÃ**

Não só alta, mas altíssima seja a nossa esperança 116

Esperar contra toda esperança 115

O Esposo vem ao encontro dos grandes espíritos 115

A permanência na terra como esboço de Céu 117

Bens terrenos e bens eternos 118

Depois das trevas espero a luz 119

Os estigmas de Cristo e a nossa esperança 349

V. Confiança em Cristo

ESPIRITO SANTO

O hospede da alma 21.144

As inspirações do Espírito Santo 145

Pentecostes 146

O Espírito Santo e a unidade da Igreja 148

O Espírito Santo e a reforma da Igreja 219

ESPIRITUALIZAR TODAS AS COISAS 59**ESPONSAIS DE MARIA COM SÃO JOSE**

Os Santos Esposos e a vida religiosa 351.352

Os Santos Esposos e a família cristã 353

Os Santos Esposos modelo de amor conjugal 354

ESTIGMAS DE CRISTO 347-350**ESTUDO**

Estudar para a glória de Deus 287

Estudo da Palavra de Deus 290

Estudo da pureza 269

EUCARISTIA

- O sacrifício da Nova Aliança 104
- O sagrado banquete 105
- Remédio espiritual 106
- O sinal perene do amor de Cristo 108
- Fecundidade da Eucaristia 109
- A fidelidade à Eucaristia é de auxílio também nos negócios da vida terrena 109
- Disposições requeridas 107
- Eucaristia e contemplação 111
- Eucaristia e vida 111
- A Eucaristia é sustento na perseguição 108
- Desculpas para não freqüentar a Eucaristia 109
- A Eucaristia e o sacerdote 187
- Missas Gregorianas: origem desta forma de sufrágio 373

EVANGELIZAÇÃO 306

V. Missão Apostólica; catequese

EVANGELHO – no final

- Anunciar o Evangelho 208
- Sofrer pelo Evangelho 208
- O caminho do Evangelho no mundo 306

EXAME DE CONSCIÊNCIA

- Como fazer o Exame de consciência 239
- O Exame particular 240

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS 241-243**FÉ**

- Sublimidade da fé 112
- A Fé é um obséquio razoável 112
- Dificuldade da fé 113
- O Espírito da Fé 114
- V. Palavra de Deus, Sabedoria da Cruz*

FERVOR 46.189**FIDELIDADE A DEUS 7****FIM DO HOMEM 5**

GALVANI NICOLAU 258, nota 2; 360, nota 1

GASPAR BERTONI

Pe Gaspar confessor 86
A Missa del Pe. Gaspar 110
Pe. Gaspar e a Santa Escritura 159;148, nota 3
Pe. Gaspar e o cuidado com os parâmetros litúrgicos 168
Pe. Gaspar e a sua Comunidade 203
Pe. Gaspar e a valorização dos leigos 206
O ofício divino do Pe. Gaspar 231
Pe. Gaspar e a meditação 237
Pe. Gaspar anjo do conselho 247
Pe. Gaspar e a humildade 261
Pe. Gaspar e a pobreza 264.265
Pe. Gaspar e o cuidado com os dependentes 264
Pe. Gaspar e o exercício da autoridade e a obediência 280
Pe. Gaspar e seus bispos 280
Paciência e alegria em Pe. Gaspar 300
Pe. Gaspar e a catequese aos adultos 323
Pe. Gaspar e o nascimento do Oratório Mariano 331
Pe. Gaspar e a devoção a Nossa Senhora 366.367
Zelo do Pe. Gaspar 310

GRAÇA

Beleza da Graça 15
Graça e comunhão trinitária 16
Viver na graça 17
Graça e sacramentos 19

HABITAÇÃO DIVINA

O coração do justo é templo de Deus 20
Habitação é vínculo esponsal 21
Habitação realidade duradoura e eterna 144
O nosso coração como a santa casa de Loreto 358
Habitação e intimidade com Deus 23
Habitação e pureza 267
Habitação nas tribulações 22

HEBREUS

Os hebreus eram como servos, os cristãos são filhos 30

HISTÓRIA

Como estudar a História 291

HUMILDADE

Raízes da humildade 253

Humildade e magnanimidade 254

A humildade fundamento do edifício espiritual 255

A humildade garante a autenticidade de toda virtude 256

Humildade e fecundidade apostólica 257

O sacerdote e a humildade

Um modelo de humildade: S. Verônica Juliani 260

Pe. Gaspar e a humildade 261

IGREJA

A Igreja esposa de Cristo 147

A Igreja mistério de comunhão 148

A Igreja mestra da fé 149.161

A Igreja modelo de abandono em Deus 134

As tribulações da Igreja 151

A Igreja e a perseguição 152

A Igreja e as vocações consagradas 212.213

V. Papa; Sacerdote; Comunidades religiosas; Leigos

IMAGENS

As imagens servem para excitar à virtude 169

Valor das imagens feitas pelos Orientais 169

Inquisição mundana de certas imagens 169

INFERNO 342**INICIATIVAS APOSTÓLICAS**

Iniciativas apostólicas e caridade 175.324

Quando se trata de decidir 326

Confiança no Senhor 327.328.330

O nascimento do primeiro Oratório Mariano 331

INÍCIO DO ANO 371**INSPIRAÇÕES**

Como acolher as inspirações do Espírito Santo 145

INVEJA

Tentação do sacerdote 192

JANSENISMO

Luta de Pe. Gaspar contra o Jansenismo 164, nota; 169, nota

JEJUM 49.50.55**JUÍZO DE DEUS**

O juízo universal 340

Viver à luz do juízo 341

Cristo no juízo com os Estigmas da Paixão 350

JUVENTUDE

Afeiçoar-se aos próprios deveres desde jovens 189

Não começar desde jovens a viver desregradamente 13

Manter-se sempre jovens no espírito 189

Jovens e anciãos 189

LARGUEZA DE CORAÇÃO

Disposição necessária para os Exercícios Espirituais 241.242

LEIGOS

Também os leigos podem aspirar a carismas maiores 8

Os leigos e a santidade da Igreja 204

Os leigos e a missão apostólica 205

Formação dos leigos 206

V. Santidade; apostolado

LETRAS

As letras humildes 285

O estudo, também das letras humanas, favorece a pureza 269

V. Cultura; estudo

LIBERDADE

A liberdade cristã 32

Liberdade do pecado e do demônio 61

LÍNGUAS

Importante conhecer as línguas, antigas e modernas 285

LITURGIA

Fé e culto 164
A linguagem dos sinais 165
Participação à liturgia 166
As cerimônias litúrgicas 167
Edifícios e vestes litúrgicos 168
Liturgia das horas 230.231
V. Eucaristia; ofício divino

MABILLON JEAN 156, nota 4

MAGISTERIO DA IGREJA 161

V. Papa

MAGNANIMIDADE

A humildade não se opõe de fato a magnanimidade 254

MARIA SANTÍSSIMA

Maria Mãe e Rainha 354.355
A Imaculada 356
Maria abre o nosso coração a Cristo 357
Devoção a Nossa Senhora 359
Confiança total em Maria 360
A Virgem da Anunciação 358
Eficácia pastoral da devoção a Maria 362
Devoção Mariana de Pe. Gaspar 366.367
V. Rosário

MARTIRES

Os mártires tomam força da Eucaristia 108
Os mártires são livres na confissão da fé porque estão livres de interesses mundanos 192

MEDITAÇÃO

Alma da meditação 232
Método inaciano para a meditação 233-235
Oração metódica e contemplação 234

MEMORIAL PRIVADO 12, nota 2**MINISTROS**

Ministros novos e reformados pela reforma da Igreja 319
V. Papa; sacerdotes

MISERICORDIA DE DEUS 76-79**MISSÃO APOSTÓLICA**

Missão de Cristo 301
Missão dos Apóstolos 302.303
Evangelização e Testemunho 303.304
O caminho do Evangelho no mundo 306
Comunhão e missão 308.309
Fazer-se tudo a todos 310-312
Missionariedade Bertoniana 314
Pregação dos Missionários Apostólicos 322
Missão e Oração 315
V. Apostolado

MISSÃO DE SÃO FIRMO 56, nota**MODÉSTIA**

Modéstia e culto de decoro 272

MORTE

Uma espera da morte, que não entristece, mas consola 297
Preciosa a Morte do justo 338
A morte é para cada um o fim do mundo 338
Morrer bem 339

MORTIFICAÇÃO 51.53.179

V. Abnegação

MUNDO

Incendiar o mundo enregelado com uma caridade ardente 184
Desprezar o mundo corrompido 59.34.192
Os Mártires eram livres do amor do mundo 192
O sacerdote crucificado e morto ao mundo 179
Mundo secular e mundo pedrisco 190.194

MURMURAÇÃO

Não murmurar uns dos outros 201

Não ouvir as murmurações 202

NATAL 24.25

NAUDET LEOPOLDINA 17, nota; 245, nota 2; 53, nota 7

NINIVE

Nínive, prova convincente da eficácia da conversão 49

NOME DE JESUS

Riqueza do significado do nome 26

NOVIDADE CRISTÃ

Felizes os olhos que vêem os que vós vedes 29

A glória do nosso estado 30-32

NOVÍSSIMOS

Morte 338.339

Juízo 340.341

Inferno 342

Paraíso 343

NUPCIAS ESPIRITUAIS

No vértice do seguimento de Cristo está o amor esponsal 38

Um só espírito com o Senhor 39

A visita do esposo 40-42

Responder prontamente ao convite do Esposo 43

Jesus, o amante mais terno e apaixonado 27

V. Igreja

OBEDIÊNCIA

Qualidade da obediência 277

Quando para obedecer a Deus não se deve obedecer aos homens 277

A obediência sinal dos sinais 279

ÓBOLO DA VIUDA 9**OBSERVANCIA RELIGIOSA 195**

OBRAS

Não confiar nos bons desejos: obras, obras! 218

ÓCIO

Fugir do ócio 283

Ócio e riscos para a pureza 269

OFICIO DIVINO 230.231**ORAÇÃO**

O respiro da alma 225

Espírito da Oração 225.226

Vigiar e rezar 220

Oração de agradecimento 227

Fidelidade à oração 12

Eucaristia e contemplação 111

A Oração do Apostolo 315

Distrações, tentações, aridez na oração 60

V. Liturgia das horas

ORATÓRIO MARIANO

O nascimento do Oratório: como em Belém 331

Os leigos no Oratório 205.206

ORDEM

Ordem interna e ordem externa 281

PACIÊNCIA

Contemplar em nós o que falta ao sofrimento de Cristo 292

Padecer por amor de Deus é um grande bem 294.295

Paciência e prudência 296

A Paciência virtude dos fortes 293

Paciência e paz 293

Alegria também debaixo do peso da cruz 297

Paciência e alegria em Pe. Gaspar 300

Escritos de Pe. Gaspar sobre a paciência 87, nota

V. Sabedoria da Cruz

PADRES DA IGREJA 161

PAIXÃO DE CRISTO

Anúncio da Paixão 87.96
A mais pérfidas das tradições 88
A sentença mais injusta 89
O suplício mais atroz 90
Dor tanto mais forte quando maior a sensibilidade 88.90
Sofrimentos morais de Cristo 91
Verdadeiro sentido de nossa compaixão 95
V. Sabedoria da Cruz

PAIXÕES

Violência das paixões 268
Luta contra as paixões 240

PALAVRA DE DEUS

Deus falo 154
Palavra e Sagrada Escritura 156
Ler e meditar a Bíblia 157.158
Palavra e Tradição Apostólica 160
Palavra e magistério da Igreja 161
A Palavra fonte de toda sabedoria 162
A Palavra e a unidade da Igreja 163
A Palavra é viva e eficaz 316
Estudar a Palavra 290
Não comercializar a Palavra 320
Pe. Gaspar e a Palavra 159.148, nota 3

PAPA

O espírito invisível e a cabeça visível da Igreja 170
Ouvir Cristo e seu Vigário 171
O sucessor de Pedro modelo dos pastores 172
O Papa e a renovação do ministério pastoral 173
O Papa e a reprovação dos abusos 176. 149
Roma falou, acabou a causa 177

PARABOLAS EVANGELICAS

O filho pródigo 73.74.106
A videira e os ramos 207

PARAÍSO 133.343**PARENTES**

Desapego dos sacerdotes aos seus parentes 191

PÁSCOA

A Páscoa do Senhor 97.98

A nossa Páscoa 99-103

PAZ

Como defender a paz interior 47

Conversão e paz do coração 77

PECADO

A ofensa a Deus 62

A morte da alma 63

O pecado e a miséria do homem 64

Diante de Cristo crucificado se vê o que é o pecado 62

O pecado venial deliberado 66

PENITENCIA

Condição indispensável para seguir a Cristo 51

As três cruzes 52

Um grande penitente: São Francisco 54

Penitencia e Caridade 55-57

V. Jejum; Mortificação

PEQUENAS COISAS

Nas coisas de Deus tudo é grande 131.324

Fieis no pouco 13.14

Combater os pequenos defeitos 13.14

Tomar cuidado com as pequenas coisas mais do que com as grandes 324

PERFEIÇÃO

Desejo da perfeição 11

Perfeição e vida religiosa 195

PERSEGUIÇÃO

A perseguição na vida da Igreja 152

Conduta da Igreja na perseguição 153

A Eucaristia, sustentáculo na perseguição 108

A perseguição, distintivo do cristão 215.307

PERSEVERANÇA

O caminho da santidade: da fadiga à alegria 332
Perseverança no empenho da conversão 333
Recomeçar cada dia 334
Vence quem é mais corajoso 336
Jamais parar 337

POBREZA

O capital indispensável 262
Pobreza do sacerdote 263
Alegria na pobreza 265
Traços característicos da pobreza de Pe. Gaspar 264.265

PREGAÇÃO

Anunciar com coragem a Palavra de Deus 317
Condições para a eficácia da pregação 318
Não comercializar a Palavra de Deus 320
Se a pregação não tem sucesso 321
V. Missão apostólica

PREGUIÇA 282

V. Ócio

PRESENÇA DE DEUS

Caminhar na presença de Deus 228
Procurar Deus presente em nós 229
Pe. Gaspar tinha habitualmente a presença de Deus 228

PROGRESSO ESPIRITUAL

Não progredir significa recuar 14
A escada e os degraus 18
Progresso na perfeição e avanço na carreira 192

PROVIDÊNCIA

Os dons da divina Providência 128-131
A providência e as vocações consagradas 213.214
V. Abandono em Deus

PRUDÊNCIA 248-251**PUREZA**

Virtude angélica, e possível 267
Felizes os puros de coração 268
Um tesouro a ser defendido 269.270
A boa consciência e o bom nome 270
Varias formas da Pureza cristã 271
Pureza e habitação divina 267

RADICALIDADE EVANGÉLICA

Com Cristo a todo custo 34
Que se veja em nós um esboço da vida de Cristo 35.173. 302

RECOLHIMENTO 228

V. Silêncio

RECONCILIAÇÃO

Caridade fraterna e reconciliação 141
Sacramento da reconciliação
V. Confissão

REFORMA

A reforma dos ministérios pastorais 173
Plano concreto de reforma 174.175
O Papa e a reforma do ministério 172-175
V. Papa

REGRA DE PENSAR E REGRA DE AGIR

Pregação de Pe. Gaspar sobre a Palavra de Deus 148, nota 3

REINO DE DEUS

O Reino sobre a terra 31

REJUVENESCER

É preciso rejuvenescer porque Deus nos quer sempre jovens no fervor 189

RELIGIOSOS

A comunidade religiosa 194
Comunidade religiosa e comunhão 194.196
Observância regular 195
Votos religiosos e caridade 197
A comunidade de Pe. Gaspar 203

RENUNCIA

Cristo é o fim; meios, a renúncia a tudo 262
V. Pobreza; abnegação

RESPEITO HUMANO 166.173

RODRIGUEZ A 9, nota

ROSARIO MARIANO

Valor do Rosário 362-365
Recitação cotidiana do Rosário 360

ROSMINI A 53, nota 7

SABEDORIA DA CRUZ

As três cruzes 52
Dispor-se a padecer com Cristo para reinar com ele 87
Completo em mim o que falta ao sofrimento de Cristo 292
Encontro na cruz juntamente com Cristo 294
Aceitar na cruz com amor 295
Alegria mesmo sob o peso da cruz 297
Pe. Gaspar e a sabedoria da cruz 62, nota 2

SABEDORIA HUMANA

Valores da sabedoria humana 289
As verdades da ordem natural são degraus para os sobrenaturais 289

SABER

Melhor saber pouco e bem, do que muito e confusamente 287

SACERDOTES 84. 178-193

SACRAMENTOS

Os sacramentos canais da graça 19

Participação aos sacramentos e testemunho cristão 166

SAGRADA ESCRITURA

A Palavra de Deus escrita 156

Como ler a Bíblia 157

Meditar as Sagrada Escritura 158

Sagrada Escritura e vida espiritual 156

V. Palavra de Deus

SALMOS 230.231**SAMARITANA 316****SANTA VERONICA JULIANI**

Humildade de Santa Verônica Juliani 260

Panegírico de Pe. Gaspar a Santa Verônica 260, nota

SANTIDADE

Vocação universal à santidade 5.6

Empenho pela Santidade e vida cotidiana 6

Santidade e caridade 9

SANTÍSSIMA TRINDADE

Reverência e amor As Três Pessoas 169

Sentimento de gratidão à Trindade 229

SANTOS

S. Francisco de Assis 37.54 260

S. Inácio de Loyola 221.233. 241-243.360

S. Luis Gonzaga 125.

142

S. Verônica Juliana 260

S. Zenão 48.143.313

SANTOS ESPOSOS

V. Esponsais de Maria com São José

SANTOS PADRES 160**SÃO FRANCISCO DE ASSIS**

- Francisco perfeito seguidor de Cristo 37
- Francisco grande penitente 54
- Francisco e a humildade mais perfeita 260

SANTO INACIO DE LOYOLA

- Inácio e a meditação 233
- Inácio e os exercícios espirituais 241-243
- Inácio e a devoção a Nossa Senhora 360
- Inácio e o cavalheiro indeciso 221

SÃO JOÃO BATISTA

- Herodes ouvia João de boa vontade mas não o seguia 217

SÃO JOSE

- Grandeza de São Jose 368
- São Jose mestre de vida interior 369
- Poder de São Jose 370

SÃO LUIS GONZAGA 125.142**SÃO ZENÃO**

- S. Zenão e a alegria 48
- Caridade apostólica de São Zenão 143
- Estratégia pastoral de São Zenão 313
- Oração sobre São Zenão e humildade de Pe. Gaspar 48, nota

SEGredo DOS SANTOS 251**SEGUIR CRISTO**

- Santidade e seguimento de Cristo 33
- Seguimento radical 34.35.37
- Formar o desenho sobre o protótipo 36
- O amor esponsal vértice do seguimento de Cristo 38

SERVIÇO

- Vocação ao serviço na Igreja 207-216
- Na comunidade todos prestem serviços uns aos outros 274

SILÊNCIO

O silêncio atmosfera da oração 228
Silêncio interior e silêncio exterior 228

SIMPLICIDADE

Aos homens agrada ver os sacerdotes humildes e mansos 258

SUPERIOR RELIGIOSO 249

V. Autoridade

TALENTOS

Deus dá os talentos necessários segundo o fim da vocação 131
Valorizar os próprios talentos 286

TEMOR DE DEUS

O temor na vida espiritual 222
O temor lava à conversão 223
O temor vence o medo 224

TEMPLO DE DEUS

V. Habitação divina

TEMPO

Bom uso do tempo 281-284
V. Preguiça; ócio

TENTAÇÕES

Papel das tentações no desígnio de Deus 41.70
Tentação nas orações 60

TERÇO

V. Rosário

TESTEMUNHOS

Vós sois a luz do mundo 303
Valor do testemunho 304

TIBIEZA

A doença e os remédios 67
Oxalá fosses frio ou quente! 68
Os tíbios são aflitos, melancólicos, incômodos aos outros e a si mesmo 46

TODOS OS SANTOS 372**TRABALHO**

Trabalhar de todos os modos para o Reino de Deus 184

Valor do trabalho manual 284

Pe. Gaspar assegurava sempre trabalho aos dependentes 264

V. *Ócio; tempo*

TRADIÇÃO APOSTOLICA 160**UNIÃO COM JESUS**

Um só espírito com o Senhor 39

Unidos a Deus progredimos mesmo nas tribulações 22

O sacerdote e a união com Cristo 182

UNIDADE

Unidade: beleza imutável e força invencível da Igreja 148

Oração de Cristo para a unidade 148

A Palavra de Deus e a unidade da Igreja 163

O Espírito Santo e a unidade da Igreja 148

VAIDADE

O tépido é um pouco vaidoso, um pouco devoto 67

VANGLÓRIA

Tentação do sacerdote 192

VELEIDADE

Vontade e veleidade 219

Os dominados pela veleidade são como soldados em pintura; sempre com a espada
na mão, mas não ferem 11

VIDA ESPIRITUAL

Pregação de Pe. Gaspar sobre vida espiritual 97, nota

VIGIAR

Vigilância sobre ti mesmo e teu ensinamento 305

Vigiai e orai 220

VIRGINDADE

O grau mais alto de pureza 271

Virgindade e humildade 252

VIRTUDE

Virtude e alegria 297

A virtude pode ser ocasião de orgulho 256

As virtudes teologais 17

Virtudes teologais e comunhão com a vida trinitária 16

VISITA DE MARIA A ISABEL 366**VIUVEZ**

A continência na viuvez como forma de pureza 271

Qualidades da continência na viuvez 271

VOCAÇÃO

vocação universal à santidade 5.6

A vocação dos Apóstolos 207

Vocação à missão apostólica 208.209

A vocação, uma corrente de graças 210

A vocação de especial consagração 212.213

Responder à vocação 214

Vocação e hostilidade do mundo 215

Reavivar sempre a vocação 216

VONTADE

Basta um “quero”, e estamos livres do pecado 82

V. Veleidade

VOTOS RELIGIOSOS

Vida religiosa e caridade 197

V. Castidade; pobreza, obediência

ZELO

Incendiar o mundo frio com zelo ardente 184

Ter como arma o zelo para propagar o Evangelho da paz 317

Zelo de Pe. Gaspar 310

†

†††

†

A GRAMÁTICA DE PE. GASPAR: MEDITAÇÕES COTIDIANAS

ESPERA DE CRISTO

1. Cristo vem: reavivamos a espera

Cristo vem. O Salvador está para nascer. A Igreja, nestes dias, o espera, o deseja. Por Ele suspira.

Então, porque permanecemos tão indiferentes em nossos sentimentos, passando os dias do Advento - tempo de alegria, de espera vibrante - com apatia, pouco dispostos a viver o espírito da Igreja, contentando-nos apenas em aceitá-lo com rituais exteriores e com celebrações superficiais e sem vida?

Infelizmente, o apego aos bens terrenos cerceia nosso ânimo. Os prazeres dos sentidos arrebataram nosso coração, reduzindo-o a uma deplorável escravidão. Acreditamos nos bens celestes, mas não os amamos. Damos-lhes crédito exterior, mas não os saboreamos interiormente. Não é estranho o fato de não os desejarmos e nem nos interessarmos por eles?

Oh! Deus! Chegou o momento propício para quebrar este gelo, elevando bem alto nosso espírito, acolhendo o convite do Profeta e sentindo a alegria que procede de nosso Deus: *“olha para o Oriente, Jerusalém, e vê a alegria que te vem da parte de Deus”* (Br 4,36). Este é o objetivo, para o qual deveríamos voltar a atenção de nosso espírito.

Alguns, certamente, já experimentam, no dia-a-dia, como é proveitoso e gratificante aguardar a vinda do Salvador, com o coração repleto de amor. Mas, eu que sou indiferente, e outros como eu, precisamos orar, visando a nos persuadir de que, até os mais miseráveis pecadores, podem participar, juntamente com os justos e santos, desta espera com alegria pura e sublime. (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 26: “Advento de N.S.J.C.”, MS 946-948; PVC, pg. 225.

As pregações à juventude são uma coletânea de 41 temas, feita por Pe. Gaspar entre o domingo 8 de junho de 1800 – quando ainda era diácono – e o domingo 13 de dezembro de 1807, em sua igreja paroquial de São Paulo no Campo Márcio, em Verona. Sobre tais pregações, preparadas com extremo cuidado e desenvolvidas, na íntegra por escrito, o primeiro biógrafo, Pe. Gaetano Giacobbe, afirma que constituem um “precioso tesouro de arte oratória e da ciência divina” (SA, pg. 565). A pregação sobre o Advento de N.S.J.C., da qual foram extraídas as meditações deste capítulo, foi feita aos 9 de dezembro de 1804.

2. A espera de Cristo e a nossa pobreza

Podemos pensar, à primeira vista, que somente santos e justos estão em condição de esperar verdadeiramente com alegria, a vinda de Cristo; enquanto que os pecadores não, porque trazem em si grande desintegração e desequilíbrio.

Isso não é verdade. Pode-se dizer em certo sentido que os pecadores estão em situação de se alegrar bem mais do que os próprios justos. De fato, o Filho de Deus veio do céu para salvar o que estava perdido (cf. Mt. 18,11), pois Ele mesmo havia afirmado que veio em busca dos pecadores, e não dos justos: *“de fato não é a justos que vim chamar, mas a pecadores”* (Mt 9,13). E o nome que assume, ao se fazer homem – nome anunciado pelo ministério do Anjo e solenemente traduzido – é Jesus, isto é, Salvador, aquele que liberta seu povo dos pecados (Mt 1,21).

A nós pecadores, oprimidos pela miséria de nossas culpas e dominados vergonhosamente pela escravidão de nossos vícios, é endereçada e anunciada a visita do Rei dos céus. Ele nos quer livrar com sua graça, e enriquecer com seus preciosos dons. Devemos, portanto, sentir com enorme prazer a aproximação do venturoso, feliz e alegre dia, que supera toda imaginação humana. A miséria que tanto nos confundia antigamente e nos levava quase ao desespero, agora torna-se motivo de renovada esperança. E aqueles que conheciam nossa antiga miséria, admirarão a sabedoria e o poder de Deus, que sabe dar vida às coisas que existem e às que não existem (Cf. Rm 4,17). Ele escolhe o que é mais desprezível e indigno aos olhos do mundo para confundir os mais fortes (Cf. 1Cor 1,27).

Repita cada um de nós: para frente, pobre coração; alegra-te pela misericórdia do Senhor e Ele satisfará todos os teus desejos: *“Põe no Senhor tuas delícias e ele te dará o que teu coração pede”* (Sl 37,4). A ti, Senhor, elevei minha esperança, em ti confio e não sucederá jamais que eu tenha que me envergonhar por haver esperado em ti (Cf. Sl 25,1). (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 25: “O Advento de N.S J.C.”, MS 949-957; PVC, p. 226-229).

3. Os prodígios do amor de Deus

Fiquemos bem certos de uma coisa. Como estamos acostumados a amar somente aquilo no que descobrimos aparência de belo e de bom, assim, vendo em nós mesmos só a malícia e a deformação, parece-nos quase impossível que Deus possa nos amar. Parece-nos, também, um exagero o fato de que o Verbo de Deus tenha se encarnado, como amante apaixonado de nossas almas, atraindo-as, por meio de convites amáveis e afetuosos, para núpcias castas e espirituais.

Todavia, essa dificuldade desaparece, quando se pensa na diferença que há entre nosso amor e o amor de Deus. O nosso é provocado pelo bem que encontra no objeto amado; por isso, é que amamos apenas em força do bem que existe em alguém. O amor de Deus, ao contrário, não é causado pelo bem que possa haver em nós, mas porque é Ele que o realiza em nós. (1) É por isso que Deus ama até as coisas que não existem, a fim de que elas possam vir a existir. Ama as almas deformadas pelo pecado, para poder adorná-las e regenerá-las com sua graça.

Observemos os fatos. São argumentos irrefutáveis. Quem foram os grandes santos que receberam as primícias do Espírito, nos primeiros tempos da Igreja nascente? Quem eram os mártires heróicos, os confessores ilustres, os cristãos virtuosos? Eram, na verdade, pagãos e escravos do poder das trevas, que adoravam pedras, metais, madeira. Sua vida e costumes eram repletos de confusão. São Paulo dizia deles: *“outrora éreis trevas (por causa dos vícios e superstições), mas agora sois luz no Senhor”* (Ef 5,8).

Como é que conseguiram passar dos abismos obscuros do pecado aos cimos luminosos da santidade? O Verbo de Deus se fez homem para que o mundo pagão, cego e imerso nos vícios, se tornasse esposa formosa e imaculada, adornada com todas as virtudes. Foram anunciadas e resplandeceram a graça e a benignidade do Cristo nosso Salvador. Aconteceu, então, uma prodigiosa mudança no mundo, digna do Deus Altíssimo.

Quem de nós, ao ouvir isto, não renovará a esperança de poder se elevar bem alto, com a graça do Salvador, mesmo que tivesse, por suas culpas, caído miseravelmente? Foi, exatamente, o que aconteceu com os primeiros cristãos: *“onde, porém se multiplicou o pecado, a graça transbordou”* (Rm 5, 20). (2)

1. Santo Tomás, “Summa theologica”, I, 20, 2.

2. “Pregações à juventude”, n.º. 25: “O Advento de N.S.J.C.”, MS 955-961; PVC, p. 230 e ss.

4. Como se preparar para receber o Salvador

Já se aproxima o tempo favorável, já estão próximos os dias da Salvação (Cf. 2Cor 6,2). Uma esperança agradável e alegre já nasceu em nossos corações, e jubilosos afetos de satisfação, amor e anseios já envolvem nossos espíritos. Ora, após haver refletido sobre o propósito, por nós formulado, de esperar a jubilosa vinda do Salvador, chegou, agora, o momento de pensar como concretizá-lo.

Quem deseja correr ao encontro de Cristo, que se aproxima, deve unir, aos seus bons desejos, o esforço, a atitude prática de abandonar e deixar totalmente os maus costumes, bem como a altivez de seus pensamentos mundanos. Além disso, deve-se

envergonhar diante de Cristo pela vida passada e reconhecer, contrito, os próprios pecados, confessando-os com humilde arrependimento.

Nosso Senhor Jesus Cristo nos conceda a graça de poder fazer isto no tempo do Advento, da melhor maneira possível. Ao introduzir nossos corações em sua casa, digne-se uni-los a si através da graça nesta vida. E por meio da glória, na outra, possamos, aqui na terra e lá no céu, festejar reciprocamente tal felicidade, e juntos louvar sua misericórdia. (1)

1. O. c., MS 962-969; PVC, pp. 231-234.

O IDEAL CRISTÃO

5. Vocação à santidade

Deus, que nos deu o ser e a vida, por meio de sua mão criadora, nos introduziu neste mundo com a seguinte finalidade: conhecer, amar, louvar, servir o Autor dos bens, e promover sua glória nesta terra, para poder merecer uma gloriosa recompensa e uma perfeita felicidade no Céu.

Resgatados pelo Sangue do Filho de Deus, adotados como filhos do Rei do céu, feitos participantes da natureza divina pelo dom da graça, não pertencemos mais a nós mesmos, mas somos de Deus, para só a Ele servir. Não somos mais escravos da carne e do sangue, para satisfazer seus desejos perversos, mas servidores do espírito, deixando-nos guiar facilmente por seus impulsos e ditames. Não somos mais criaturas terrenas que servem ao mundo, mas seres celestes que agem e vivem como santos.

Quanto cristãos, diante do convite de se aproximarem mais de Deus para servi-lo no próprio estado de vida com maior perfeição, afastam-se amedrontados. Encaram a vida espiritual como objeto de tristeza e angústia. Fica, assim, bem claro que quem quer julgar as coisas do espírito simplesmente com olhos terrenos, expõe-se a inúmeros erros. É um enorme engano. Muitos não consideram a consolação interior, de que estão repletos os verdadeiros servos de Deus. Ela é tanto mais terna, quanto mais íntima for. Ela é *“o maná escondido... que ninguém conhece; a não ser quem o recebe”* (Ap 2,17). Ela é a *“perene festa”* (Pr 15,15), a alma goza na segurança e na paz do coração. Ela é a conversação serena com a Sabedoria não criada, da qual está excluído todo tipo de tédio e dissabor (Cf. Sb 3,16). Quanto é grande, Senhor, a riqueza de vossa bondade, que reservastes para aqueles que Vos amam e Vos servem! (Cf. Sl 31,20).

O tempo é breve. A fascinação do mundo acaba em curto tempo. Vamos, então, ficar aguardando que a noite nos surpreenda, para começar a agir? Ficar esperando que chegue o Esposo para reabastecer de óleo nossas lâmpadas? Ficar na expectativa de que nos chame para as núpcias, para, então, tecer o pano da veste nupcial?

“Eis que venho em breve, trazendo comigo minha recompensa” (Ap 22,12). Feliz a alma que estiver bem adornada e preparada para recebê-lo. Vem, ela ouvirá, vem minha esposa, receba a coroa que o Senhor te preparou desde a eternidade. *“Parabéns, servo bom e fiel! Como te mostraste fiel na administração de tão pouco, eu te confiarei muito mais. Vem participar da alegria do teu Senhor!”* (Mt 25, 23). (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 11: “A Devoção”, MS 632-648; PVC, pp. 200-203; 205s. Esta pregação foi feita no dia 20 de abril de 1802. É uma das mais ricas de conteúdo ascético; nela, Pe. Gaspar, “mesmo com uma certa dependência dos primeiros capítulos da Filoteia ou Introdução à vida devota de S. Francisco de Sales, se revela, pelos seus aprofundamentos pessoais, um autêntico mestre da vida espiritual” (“Bertoni, 2”, p. 146 s.).

6. A santidade é para todos

Deus chama a todos para servi-lo. Ou melhor, todos podem e a todos convém aspirar à santidade em seu estado de vida. De modo diferente devem ser vividos o empenho espiritual de um religioso no claustro e o de um leigo no coração do mundo; de um sacerdote no exercício do ministério e o de um pai de família no governo de sua casa; de uma virgem que se consagra a Deus e o de uma esposa que se une a seu marido.

Sabe-se que a devoção tem asas para voar ao céu e pés para caminhar sobre a terra, e, enquanto as mãos estão em contínuo movimento na ação, não desconhece que seu coração tem que repousar tranqüilamente em Deus. Além disso, tem olhos para orientar-se, vigiar e comandar os negócios temporais, como também uma perspicácia mental, pela qual jamais perde de vista o fim último da vida. Aconselha-se com Deus em todas as atividades e realiza tudo para sua maior glória. Vai mais longe. Tem língua para falar com os homens e, no interior do seu espírito, movimenta todas as forças para jamais cessar de louvar e bendizer a Deus. Desse modo, trata com o mundo e conversa com os céus, atraindo a si o seu Deus por amor, encontrando-o dentro de si, possuindo-o na plenitude da paz, e vivenciando já na terra um outro Paraíso.

Disso tudo provém uma admirável doçura, com a qual impregna todas as atividades. Vive com inalterável uniformidade de espírito. O mundo não percebe nela nada de extraordinário, nada que a distinga no comportamento, na atividade e no desenvolvimento dos deveres condizentes com sua condição. Por isso, ele fica

constrangido por ser obrigado a amar nela algo de singular e de divino, que desconhece. Na prosperidade, a devoção não se exalta. Na adversidade, não se entrega à tristeza. Alegra-se com a felicidade alheia e com a própria. Desapegada de toda preferência pessoal, tem discreta condescendência pelos gostos dos outros, contanto que sejam honestos. Passa, de boa vontade, consolação a quem se encontra em aflição de espírito. É liberal com os amigos, generosa com todos, sem pretensões, esperando a recompensa somente de Deus, ao qual somente tem o prazer de servir plenamente. (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 11: “A Devoção”, MS 639-642; PVC, p. 203s.

7. Deus é fiel: cumpre o que prometeu.

“É fiel o Deus que vos chamou para a comunhão com seu Filho, Jesus Cristo, nosso Senhor” (1Cor 1,9). Que afirmação grandiosa faz aqui São Paulo e que dom imenso nos anuncia! Somos chamados à comunhão de vida com o Unigênito de Deus. De que modo? Por meio do Pai. Chamados por Ele e não por nossa iniciativa.

E como anunciou algo grandioso, acrescenta a prova segura, que não admite contestação. Diz: *“Ele é fiel”*. É de palavra. Cumpre o que prometeu. Prometeu colocar-nos em comunhão com seu Filho Unigênito, e é justamente para isso que nos chamou. Jamais se arrependeu de nos conceder seus dons, como a vocação. Aquilo que Deus nos prometeu, certamente nos concede, a menos que o recusemos.

Mesmo que nos chame para enfrentar batalhas árduas e difíceis, seria imperdoável recuarmos. Na verdade nos chama à santidade, à liberdade, à graça, a bens maiores preparados para nós, que olhos jamais viram, nem ouvidos ouviram. É Deus mesmo que nos chama. Que desculpas podem apresentar, aqueles que não vão a seu encontro?

Deus jamais retira, a não ser por nossa culpa, o auxílio que começou a conceder. Continua a oferecê-lo, a fim de que possamos perseverar, fortalecendo nossa fé e comunhão com Cristo. Ele jamais nos abandonará. A não ser que seja abandonado por nós. (1)

1. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3386-3389. Pe. Gaspar pregou muitas vezes os Exercícios Espirituais ao clero – a partir de setembro de 1810 – seja no Seminário de Verona, seja nos Estigmas; e, por causa desse ministério, foi até Mântua, onde deu dois cursos consecutivos, juntamente com o Cônego Luis Pacetti. O conteúdo está subdividido em dois grupos de pregações: “Meditações” (MS 2173-2687) e “Instruções” (MS 2688-3808), todas fundamentadas, com absoluta fidelidade, no método de Santo Inácio de Loyola e com o critério de não dizer nada de próprio, para dar relevância somente aos textos da Palavra de Deus.

8. Aspirar a carismas ainda maiores

Os maiores dons e graças convêm, de modo particular, à vocação dos ministros da Igreja, aos quais Deus, de sua parte, está pronto a dar com fartura se eles não colocarem obstáculos. São dons especiais e preciosos, que, mediante seu ministério, Ele difunde em seu povo, como foi dito: *“satisfarei o apetite dos sacerdotes com carnes gordas; meu povo vai se fartar com meus benefícios”* (Jr 31,14). Por outro lado e acima de tudo, tais dons convêm, especialmente, à vocação dos sacerdotes que, com novo espírito, são chamados pelo Espírito Santo, renovador e restaurador de todas as coisas, para revitalizar sua Igreja, com base na indefectível retidão e segurança da primeira Pedra. (1)

Mas, convém a todo cristão também, chamado certamente a gozar da visão beatífica de Deus no paraíso, a aspirar humildemente e sem presunção, nesta vida, aos melhores e essenciais dons de graça e da caridade, conforme o convite das Escrituras: *“aspirem aos dons mais elevados”* (1Cor 12,31).

É assim que Deus santifica as almas que escolheu, colocando-as em sublime comunhão consigo, mesmo que, às vezes, faça isso quase que repentinamente, como no caso de S. Paulo. Normalmente, o faz de modo progressivo. Pouquíssimos são os que compreendem o que Deus faria deles, se por eles não fosse impedido em seus desígnios.

Não podemos imaginar o que Deus faria de nós, e de que modo agiria em nós e por nosso intermédio, se não puséssemos obstáculos à sua graça, e nos colocássemos livre e totalmente em suas mãos. (2)

1. Pe. Gaspar usa muitas vezes essa expressão nas Meditações feitas no Seminário, para indicar o Papa, sucessor de Pedro.

2. “Meditações sobre o I Livro dos Reis”, n°. 16, MS 5469-5480.

As meditações sobre o I Livro dos Reis – que na edição atual é o I Livro de Samuel – compreendem a primeira série de meditações dominicais e dos dias de festa, feitas por Pe. Gaspar, no seminário diocesano, a partir de 18 de novembro de 1810, logo após ter sido nomeado Padre Espiritual. Na elaboração de suas reflexões sobre o texto bíblico, Pe. Gaspar segue as pegadas do comentário amplamente alegórico, feito por S. Gregório Magno, em sua obra, hoje reconhecida em grande parte como autêntica, “In I Librum Regum”, e desenvolve principalmente o tema da vocação ao ministério pastoral. As meditações desta primeira série são 73 (MS 4853-7340). Foram conservados também os textos de outras duas séries: 41 Meditações sobre o Evangelho de S. Mateus (MS 7341-8153), seguindo as pegadas do comentário de S. João Crisóstomo (“Homilias sobre Mateus”); e 13 Meditações sobre o Gênesis, capítulo 1° (MS 4618-4852), segundo também S. João Crisóstomo (“Homilias sobre o Gênesis”).

9. Santidade e caridade

“Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus” (1Cor 10,31). O amor a Deus e a busca de sua glória é o que dá verdadeiro sentido à vida do cristão. No “Sancta Sanctorum” do templo de Jerusalém, todos os objetos eram de ouro ou revestidos de ouro. Assim também, toda e qualquer atividade do cristão tem que estar impregnada de amor e feita com amor.

Não visar apenas ao resultado de nossas obras, mas à vontade de Deus, que proporciona grande paz, mesmo quando o resultado, ou a obra, não corresponda totalmente às expectativas. Deus não nos pedirá conta dos resultados obtidos e nem da qualidade de nossas obras, mas do que podíamos fazer, conforme os talentos recebidos. O Senhor não olha o “quanto”, mas o “como”, e se utiliza sempre do critério com o qual avaliou o óbolo da viúva, que *“da sua pobreza ofereceu tudo o que tinha para viver”* (Mc 12,44).

“Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos queridos. Vivei no amor, como Cristo também nos amou e se entregou a Deus por nós” (Ef 5,1.2). “É um tanto quanto suspeito o amor que procura sempre obter, fora de si, alguma coisa a mais. É muito frágil o amor que, ao ver diminuir a esperança de obter algo a mais, acaba se esfriando, e até se extinguindo. É defeituoso o amor que, além do seu próprio objetivo, deseja algum outro. O amor autêntico não é mercenário, mas gratuito, como o da esposa. Contenta-se consigo mesmo e não procura outra finalidade, senão a de amar. Isso é suficiente e satisfaz por si só. Fruto do amor é o próprio amor. Amo porque amo. Amo por amor”. (1)

1. “Resumos de Rodriguez”, MS 8845-8851. O texto entre aspas é de S. Bernardo, “In Cantic. Sermo 83, 3”: PL 183, 1182. Pe. Gaspar, juntamente com os amigos Pe. Mateus Farinati e o Clérigo Caetano Allegri, nos primeiros anos de seu sacerdócio, havia redigido um fascículo de resumos da célebre obra ascética do jesuíta espanhol Pe. AFONSO RODRIGUEZ, “Exercícios de perfeição e virtudes cristãs” (Cf. “Bertoni, 2”, 259-266 e pp. 275-287). Em 1840, ele compilou uma nova edição da tradução italiana daquela obra, revisando o texto e apresentando-a com um prefácio (Cf. “Epistolário”, p. 379s).

10. Perfeição e simplicidade

A santidade consiste não tanto em fazer coisas extraordinárias, mas, muito mais, em fazer bem os deveres e as coisas comuns. (1)

Fico muito satisfeito ao perceber sua paz de coração, ninho do Espírito Santo, e ao sentir, até de longe, o bom odor de Cristo, com o qual Ele se faz presente em sua alma, mediante a graça de sua caridade e devoção. Tudo isso me alegra muito mais do que se você me relatasse seus maiores feitos. (2)

Lembre-se sempre do provérbio, que significa tudo para nós: *busesta e taneta* (3). Você deve ser muito agradecido ao Senhor, porque, mesmo parecendo aos olhos dos homens estar afastado daqui, na realidade o conserva aí em seu *busesta e taneta*. É o mesmo que diz Cristo Nosso Senhor: *“em verdade vos digo: se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, não entrareis no Reino do Céu”* (Mt 18,3). E já que o Senhor lhe concedeu a graça, maior do que qualquer outro tesouro, de conduzi-lo à pequenez, à humildade e simplicidade de criança, procure sempre se deixar conduzir pela seguinte bem-aventurança: *“felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino do Céu. Felizes os mansos, porque receberão a terra em herança”* (Mt 5,3.4). (4)

1. “Exercícios e Meditações”, MS 343.

2. Este trecho, como os que seguem na presente meditação, faz parte de uma carta endereçada por Pe. Gaspar a seu filho espiritual, Pe. Luis Bragato, que em 1835 foi escolhido como confessor e capelão de Maria Ana de Savoia, Imperatriz da Áustria. Da volumosa correspondência que viajou entre Verona e Viena, restaram somente poucos fragmentos.

3. O provérbio em dialeto vêneta – que significa pequeno buraco e pequena toca – lembra um jogo entre crianças; mas, possui uma evidente referência à humildade e ao conselho de se manter escondido (Cf. mais adiante, n°. 258, n°. 3).

4. “Epistolário”, p. 309s.: carta de 21-10-1835.

11. Desejo de perfeição

“O princípio da Sabedoria é o mais sincero desejo de instrução” (Sb 6,17). O caminho da perfeição tem que começar do coração, pois não é algo que se possa aprender à força. Se alguém não a quer, são inúteis milhares de oportunidades, e nem mesmo meios apresentados por outros para que ele faça algo. À sua irmã, que lhe perguntava o que deveria fazer para conseguir a perfeição, S. Tomás de Aquino respondeu simplesmente: basta querer. Se você quiser, se salvará, fará progressos e será perfeito. Quando alguém tem desejo de progredir e crescer na virtude e na perfeição, Deus se compraz tanto que o enriquece e o cumula de todas as graças: *“a quem tiver sede, eu darei de graça da fonte da água vivificante”* (Ap 21,6).

Existem, porém, aqueles que, com palavras, formulam bons propósitos e desejos, mas não se esforçam para colocá-los em prática, e nem se empenham em lutar seriamente. Nesse caso, não há nem verdadeiros desejos, nem autênticos propósitos, mas apenas veleidades: *“desejaria muito”*, mas, na verdade, não quer nada. Os que possuem semelhantes veleidades, podem ser comparados aos soldados nas pinturas: estão sempre com a espada em cima do inimigo, mas jamais desferem o golpe.

O que vale, são os propósitos eficazes: *“já te foi indicado, ó homem, o que é bom, o que o Senhor exige de ti. É só praticar a justiça, amar a misericórdia e viver humildemente com o teu Deus”* (Mq 6,8). (1)

1. “Resumos de Rodriguez”, o. c., MS 8813.

12. A santidade: empenho prioritário

A perfeição é nosso único fim. No dia do juízo ser-nos-á perguntado não o que lemos ou escrevemos, mas o que fizemos; e nem mesmo do que falamos bem, mas se vivemos santamente: *“buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão dadas por acréscimo”* (Mt 6,33).

Procuremos manter firme este princípio: os deveres espirituais, referentes ao progresso na santidade, ocupem sempre o primeiro lugar e, por motivo algum, sejam negligenciados. Por mais que sejam múltiplas e relevantes as ocupações inerentes ao próprio encargo, ou mesmo impostas pela obediência, não é vontade de Deus que alguém se permita descurar os deveres espirituais. E não é a obediência à vontade de Deus que vai impedir manter esta fidelidade. Normalmente, é a nossa negligência, ou pouca dedicação, que nos afasta do interesse pelas coisas do espírito. (1)

Não é permitido deixar de praticar a virtude para não prejudicar uma obra. Muitos, porém, defendem este equivoco. A experiência, entretanto, tem demonstrado que, desse modo, muita coisa se faz erradamente e, às vezes, fica totalmente prejudicada. Ao passo que, quando se cuida bem da virtude, Deus intervém com sua proteção, e a obra se solidifica, desenvolvendo-se melhor ainda. (2)

Procuremos ser, particularmente, fiéis em oferecer a Deus os momentos destinados à oração. Se, em algumas ocasiões, isso não for possível, por qualquer circunstância, é bom alimentar a vontade e o desejo de suprir e preencher tal lacuna o mais rapidamente possível. É como quando alguém é obrigado a privar-se do alimento ou do sono por alguma ocupação imprevista. Procura de imediato supri-lo, por algum meio, encontrando, para isso, o tempo necessário. Ora, é vontade de Deus que façamos o mesmo com a oração. (3)

1. “Resumos de Rodriguez”, o. c. MS 8811.

2. “Diário Pessoal” [Memorial privado], p. 15: anotação de 09-07-1808. O título de Memorial Privado compreende um diário espiritual que Pe. Gaspar redigiu de 1º de julho de 1808 a 26 de junho de 1813. Entre os escritos bertonianos, é o que mais revela as características pessoais da espiritualidade do Santo. O espaço de tempo que engloba, é bastante limitado: cinco anos ao todo, e com muitos espaços vazios. Normalmente, o estilo se apresenta muito conciso. Todavia, esse manuscrito é muito precioso, seja pelo testemunho que oferece sobre a vida espiritual de Pe. Gaspar, seja pelo ensinamento que contém. Pe. Divo Barsotti não hesita em afirmar que “um livrinho destas dimensões, é, sem dúvida, um dos grandes documentos da espiritualidade italiana de 1800” (BARSOTTI D., “Magistero di Santi”, Roma, 1971, p. 23). Cf. “Bertoni, 2”, p. 617ss.

3. “Resumos de Rodriguez”, Ms 8810 e 8812.

13. A santidade como empenho global

“Mas que tudo se faça como convém e em boa ordem” (1Cor 14,40). Notemos a palavra: tudo. Somos obrigados a cumprir todos os deveres relativos à aquisição da perfeição. Não só alguns, e descurando a maior parte. Não só a maior parte e abandonando a parte menor. Não só os menores, deixando de lado os mais importantes. Nem só os mais importantes, negligenciando os mais insignificantes. Pelo contrário, valorizar sempre as coisas pequenas!

Quem é fiel no pouco, será também no muito. Ao passo que, *“quem despreza as coisas pequenas, aos poucos cairá”* (Ecl 19,1). Uma gota contínua escava uma pedra, e uma centelha produz um incêndio: *“quem teme a Deus, de tudo sairá ileso”* (Ecl 7,18). O próprio Deus ensinou tais verdades. Não basta ouvi-las. É preciso colocá-las em prática. (1)

Não basta ouvir a palavra divina com prazer e colocar em prática somente alguma coisa. Também Herodes ouvia João Batista com prazer. Contudo, somente punha em prática alguns ensinamentos, deixando de lado o que se referia à sua paixão predominante. (2)

É lamentável que, desde jovem, se comece a viver desleixadamente! A pouco e pouco, vai se perdendo o primitivo ardor e, fatalmente, se cairá na fraqueza de espírito, na tibieza e relaxamento (3). Por outro lado, quem vê o ardor dos jovens, faz com que toda a Igreja, inclusive os que já estão adiantados no caminho da perfeição, sintam-se tocada pelo fervor da oração e pelo cultivo mais intenso da união com Deus. (4)

(Tive a) inspiração de combater, quer os pequenos defeitos, quer os grandes, e de crescer com toda a diligência na virtude. Torna-se cada vez mais breve o tempo em que posso servir melhor a Deus, promover sua glória e me santificar. (5)

1. “Retiro para os Acólitos”, MS 4440-4443. Pe. Gaspar teve, em 1810, também o encargo de pregar o retiro mensal no Colégio dos Acólitos: antiga instituição fundada em 1440, para a formação de clérigos destinados ao culto litúrgico da catedral. Conservam-se 11 Instruções (MS 4440-4614), dedicadas, de modo especial, ao tema sobre a negligência, sugerido por uma advertência feita ao seu clero, pelo bispo Dom Liruti, numa Carta pastoral de dezembro de 1810 (Cf. “Bertoni, 3”, p. 178s e p. 194ss).
2. “Diário Pessoal” [Memorial privado], p. 108: anotação de 19-02-1809.
3. “Retiro para os Acólitos”, MS 4444.
4. “Meditações sobre o I Livro dos Reis”, nº 12, MS 5259- 5260.
5. “Diário Pessoal” [Memorial privado], p. 59: anotação de 08-10-1808.

14. Progredir sempre

De Jesus é dito que *“ia crescendo em sabedoria, tamanho e graça diante de Deus e dos homens”* (Lc 2,52). Portanto, *“quem diz que permanece em Deus deve, pessoalmente, caminhar como Jesus caminhou”* (1Jo 2,6). Mas, se enquanto Ele caminha, eu paro, não chegarei jamais a Cristo. Pelo contrário, me afastarei cada vez mais.

Nos caminhos do Senhor, não seguir adiante significa retroceder. É o mesmo que estar no meio de um rio impetuoso: tentar parar, sem esforço algum para vencer a correnteza, é correr o risco de ser levado rio abaixo. Se o desejo é não ser arrastado, é preciso o esforço para ir em frente.

Na prática, é melhor enfrentar o caminho da perfeição, não apenas em termos gerais e, mas, sobretudo, nos detalhes. E com persistência, lutando para vencer a paixão dominante ou conquistar a virtude que mais nos falta. Na escola, o aluno não é admitido aos cursos superiores se antes não superou os anteriores. Assim também, não se pode esperar do Senhor graças mais elevadas, se não houve correspondência às primeiras inspirações.

O mesmo acontece na luta contra o pecado e o vício: *“quem despreza as coisas pequenas, aos poucos cairá”* (Eclo 19,1). As grandes quedas começam do pouco. “Ouso afirmar algo surpreendente – diz S. João Crisóstomo –: parece-me mais oportuno que se deva dar maior atenção para evitar os pecados aparentemente pequenos e sem importância, do que combater os graves. Os graves, por si só, nos assustam muito, enquanto que os pequenos podem nos deixar indiferentes e apáticos, com o perigo de, assim, se passar do caminho da negligência à ruína espiritual”. (1)

1. “Resumos de Rodriguez”, MS 8819-8823. Esse texto de S. João Crisóstomo se encontra nas “Homilias sobre Mateus”, 86, 3: PG 58, 767.

VIDA DA GRAÇA

15. A beleza da graça

“Vivamos uma vida nova” (Rm 6,4). A novidade da vida não é o estado de graça, em si tão desejável. Embora a graça de Deus apresente muitas qualidades excelentes, convém agora meditar sobre uma delas, muito especial: a beleza.

“Há uma beleza oculta e secreta, de muito mais valor do que a sensível: a beleza espiritual que somente pode ser contemplada pela mente”. (1) Todos, certamente, já a percebemos, porque nosso coração foi atraído por ela, arrebatado e envolvido com enorme força: é ação da beleza da virtude. Demos mais um passo.

A graça é de ordem muito superior à virtude. A virtude – que também atrai muito fortemente o coração – é só uma perfeição natural da alma. A graça é uma qualidade sobrenatural e totalmente celestial.

Se eu dissesse que uma alma em estado de graça, possui tão excelsa beleza que muito se aproxima, e até se iguala à esplêndida e puríssima beleza própria dos seres espirituais (os anjos), ainda assim diria pouco. Na verdade, a graça é uma participação na própria natureza de Deus. Seria preciso, pois, conhecer a beleza de Deus para se ter a idéia justa da beleza de uma alma em graça.

Estamos falando de realidades sublimes, porque verdadeiramente sublimes são as realidades às quais fomos chamados. E não somente chamados, no sentido de que nos são feitas promessas vindas do alto, mas no sentido de que temos também a posse de dons muito preciosos, conforme o que diz S. Pedro: *“foram-nos concedidos os bens prometidos, os maiores e mais valiosos, a fim de que vós vos tornásseis participantes da natureza divina”* (2Pd 1,4). (2)

1. S. AGOSTINHO, “Tractatus in Joannem”, III, 21: PL, 35, 1405.
2. “Pregações à juventude”, n.º. 15: “A beleza da graça”, MS 714-723; PVC, pp. 120-123. Esta pregação é de 1º de Janeiro de 1803.

16. Comunhão com as Pessoas Divinas

“Nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo” (1Jo 1,3). É assim que S. João exalta a nobreza da Igreja, Esposa de Cristo, pela qual nos tornamos *“participantes da natureza divina”* (2Pd 1,4). S. Paulo celebra com incontida admiração este mesmo mistério, quando afirma: *“é fiel o Deus que vos chamou à comunhão com seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor”* (1Cor 1,9).

Todos os que crêem, portanto, estão em comunhão com Cristo e com Deus, por meio da fé, esperança e caridade. Mais sólida e íntima torna-se tal comunhão, quanto neles se robustecem a fé, esperança e caridade; quanto mais procuram eles configurar-se com a vida e a conduta de Cristo; quanto mais se empenham em difundir o Evangelho no mundo, à maneira dos Apóstolos, que o vivenciaram, por primeiro e da forma mais perfeita, a comunhão com Deus. Na verdade, eles trabalharam muito e sofreram por Cristo, entregando totalmente suas vidas para a maior glória de Deus e salvação dos irmãos.

Esta comunhão é uma verdadeira amizade com Deus, pois toda amizade comporta amor recíproco e mútuo intercâmbio de bens. Ora, segundo o ensinamento de S. João, é de tal natureza o relacionamento entre a alma fiel e Deus, que não há nada que melhor manifeste a dignidade maravilhosa e divina de alguém, do que a alma em graça. (1)

1. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3379-3381.

17. Viver a graça

Convém, agora, conhecer melhor o dom admirável da graça divina, que nos elevou acima de nossa natureza e nos fez participantes da natureza do próprio Deus, colocando-nos na ordem sobrenatural e divina, segundo a qual somos chamados a agir com nosso espírito. É necessário pensar quão grave perda é descer, ainda que pouco, nesta ordem sublime e retornar ao nosso modo natural de pensar e agir.

As virtudes teologais, isto é, divinas, pertencem exatamente a tal ordem e, como tais, orientam-se para Deus, a fim de melhor conhecê-Lo (com a Fé), para apoiar-se nEle (com a Esperança), para aderir a Ele (com a Caridade). Quanto menos pensarmos, nos apoiarmo-nos e nos detivermos nas criaturas, tanto mais aquelas virtudes se fortalecerão e se desenvolverão. Daqui deriva a necessidade de uma diligência compromissada e zelosa, para conservar e fazer crescer as virtudes teologais, porque é dom excelso e sobrenatural de Deus, mediante as quais podemos ter comunicação íntima e familiar com sua Divina Majestade.

Admirável, pois, é a piedade e bondade do Senhor, que, ao perceber que nós, por humana fraqueza, começamos a vacilar quando estamos nas alturas e corremos perigo de voltar à humana baixeza, estende sua mão, qual mãe amorosa amparando seus filhos (Cf. Sl 37, 24), a fim de que não soframos mal algum. Ele, com doçura e, ao mesmo tempo, com energia, nos torna a elevar. Exclamemos, portanto, com o salmista: *“quanto a mim, minha felicidade é estar perto de Deus. Ponho no Senhor o meu refúgio”* (Sl 73, 28).

1. “Epistolário”, p. 35 s: carta de 11-12-1812. É uma das primeiras cartas escritas por Pe. Gaspar a Leopoldina Naudet (1773-1834), fundadora da Congregação das Irmãs da Sagrada Família. A correspondência entre Pe. Gaspar e a Serva de Deus, aconteceu de 1812 a 1834.

18. A graça: um capital a ser guardado e aumentado

Quem, por um momento só, tenha contemplado a beleza da graça divina, percebeu, de imediato, coração inflamar-se com o fogo de puro amor e fervorosos desejos. Se a graça de Deus está conosco, que esforços envidaremos para não perdê-la! Com que coragem e santo arrojo decidiremos tirar do caminho ocasiões que, mesmo remotamente, possam destruí-la!

E, se por acaso, sabiamente já nos prevenimos, que propósitos não deveremos fazer, com o auxílio divino, para aumentá-la e desenvolvê-la cada vez mais! A estrada dos justos é como a luz esplêndida do sol que surge e se desenvolve até se tornar pleno dia (Cf. Pr 4,18). O Senhor colocou em nosso coração muitos degraus, como uma escada, a fim de que possamos subir, sem jamais parar, até chegar a ver a face de Deus no céu.

Senhor, renovai o nosso espírito. Fazei que, de novo, ele seja guiado pela retidão, como Vós o criastes, impulsionando-o com esperanças contínuas, de tal modo que, cada um possa experimentar que *“o Senhor é bom para os puros de coração”* (Sl 73,1). Assim, poderemos, um dia, finalmente, não mais sob véus e na penumbra sombra obscura da fé, mas face a face, conforme o que prometestes aos puros de coração, contemplar-vos, amar-vos e possuir-vos por todos os séculos como verdadeiro Centro, único Referencial, Fim último de nossos corações. (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 15: “A beleza da graça”, MS 731-737; PVC, pp. 126-129.

19. Graça e sacramentos

A alma, sem a graça, é como um campo árido, por causa do contínuo calor das paixões e ventos das tentações. Por isso, não dá frutos ou leva tempo para produzi-los. É preciso irrigá-la, pois a água é a graça. É preciso que, como ao lado dos canteiros, assim também corra o rio da graça perto das almas. Ora, esse rio da graça, corre continuamente na Igreja, após a morte de Cristo, que nos proporcionou água tão salutar.

Os hortelãos, em cuja horta passa um riacho, abrem canais, fazendo penetrar nela essa água, de tal modo que, levada para os canteiros, sacie a sede das verduras, flores, arbustos e plantas. Do mesmo modo, sabemos que Deus abriu canais, por meio dos quais a água da graça pode chegar até nós. São os sacramentos. Quando recebemos os sacramentos, Deus abre esses canais para nós e só exige que abramos nosso coração, por meio de disponibilidade convicta, não os obstruindo com o pecado ou disposições contrárias.

O que se exige de nós, portanto, é a oferta de disponibilidade convicta para não impedir a entrada da graça, mas favorecê-la. Quanto mais abirmos nosso coração e quanto mais estivermos preparados, tanto mais copioso será o dom da graça. (1)

1. “Modo de receber dignamente a Penitência”, MS 130-131. É uma instrução catequética feita para os meninos da paróquia de S. Paulo em Campo Márcio por Pe. Gaspar, quando ainda clérigo, em 1798.

TEMPLOS DE DEUS

20. Nosso coração, templo de Deus

Deus quer consagrar nosso coração, tornando-o templo, onde Ele mesmo habite. S. Paulo diz: *“acaso não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? O templo de Deus é santo, e esse templo sois vós”* (1Cor 3,16s.). De fato, embora possamos dizer que Deus está em todo o lugar, por causa de sua

imensidade, todavia Ele habita, de modo especial, nos corações dos justos, aos quais comunica não só a graça com todos os dons, mas o próprio Espírito, autor da graça e do dom.

Cada alma, portanto, que Deus escolheu para si, como ameno e delicioso templo ou palácio, o fez para poder nele residir e deliciar-se, *“alegrando-se em estar com os filhos dos homens”* (Pr 8,31). Quer conversar com eles no mais íntimo do coração. Por isso, Ele nos chama com um convite suave: vinde, libertai-vos de todas as preocupações e despojai-vos das afeições mundanas. Provareis quão bom e suave é o Senhor, o vosso Deus.

Que alma bendita é essa! Pode, então, afirmar tendo encontrado seu amor dentro do próprio coração: *“o meu amado é todo meu e eu sou dele”* (Ct 2,16); *“segurei-o e não o soltarei”* (id. 3,4). De que paz e serenidade deve gozar essa alma! S. Paulo já o havia previsto, quando afirmou que todos os justos possuíam uma grande paz (Cf. Rm 5,1). Não só se alegra no tempo presente, mas antecipa o gozo futuro, pois – como prossegue o mesmo Apóstolo – *“nos gloriamos, na esperança da glória de Deus”* (id. 5,2). (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 8: “Nosso coração feito templo de Deus”, MS 576-579; PVC, pp. 302-304.

Esta pregação foi feita no domingo 13-12-1801, por ocasião da celebração da transladação da S. Casa de Loreto, cuja festa era fixada, então, pela liturgia, a 10 de dezembro. Na verdade, o título completo da pregação é: “A S. Casa transportada para nosso coração, ou seja, nosso coração transformado em templo de Deus”. São dignos de menção os termos sugestivos com que o jovem Pe. Gaspar introduz o discurso sobre a divina habitação: “Se é verdade que nossas aptidões vêm de Deus, e que, por nós mesmos, somos incapazes de produzir um só pensamento bom, eu não sei, então, a que atribuir a origem de um santo pensamento, que se formou em minha mente e depois permaneceu com muita persistência, para poder comunicá-lo neste dia a todo este devoto auditório” (MS 575). Convém lembrar que o mistério da habitação divina na alma do justo é um dos grandes alicerces da espiritualidade bertoniana. (Cf. “Bertoni, 2”, p. 122).

21. Habitação divina e vínculo sponsal

O Espírito de Deus, tornando uma alma participante de seu amor, a santifica, e, por isso, sendo dulcíssima esposa, dela se aproxima, nela habita, age e se delicia.

Se muitas honrarias concedem-se às igrejas, porque templos materiais da majestade de Deus, como não deverá ser honrado, pelos anjos e pelos homens, o templo vivo, esplêndido e interior, no qual se realizam castas e sublimes núpcias entre Deus e a alma? *“Eu me caso contigo”* – já havia Ele feito saber, por seus Profetas –, *“caso-me contigo com toda a fidelidade”* (Os 2,21-22), na justiça e na caridade, pois estas são, justamente, as pedras preciosas com que Deus a embeleza. E, se quisermos

contemplar também as vestes da esposa celeste, S. Paulo assim as descreve: oh, meu Deus! Quanto esplendor! *“Revesti-vos – diz ele - do Senhor Jesus Cristo”* (Rm 13,14).

A que formosura poderá ser comparada a de uma alma, que Deus mesmo ornou para torná-la sua esposa? Faltam-me cores para pintá-la. Direi apenas, cheio de admiração e com o próprio Apóstolo que, se alguém se une a Deus com profunda convicção, torna-se um mesmo espírito com Ele, por causa da transformação pelo amor. (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 8: “Nosso coração feito templo de Deus”, MS 580, 583-584; PVC, pp. 305-306.

22. Unidos a Deus, podemos gloriar-nos até nas tribulações

Que felicidade poder ter Deus dentro de nós! Ele é o sumo bem, que pode dinamizar perfeitamente todas as nossas potências, porque nele estão contidos todas as perfeições e recursos, aptos a preencher cada coração, conforme suas próprias exigências. Na S. Escritura, Ele se apresenta como *“o maná escondido”* (Ap 2,17), e afirma: *“põe no Senhor tuas delícias e ele te dará o que teu coração pede”* (Sl 37,4).

Até as tribulações desta vida, mesmo que pareçam colocar um dique ao livre curso das consolações celestes, na realidade, não fazem senão reuni-las em quantidade ainda maior, multiplicando-as como uma impetuosa cheia e acabando por fazê-las transbordar. Por isso, *“nós nos ufanamos também de nossas tribulações – acrescenta S. Paulo, em nome de todos os justos –, sabendo que a tribulação gera a constância, a constância leva a uma virtude provada, e a virtude provada desabrocha em esperança. E a esperança – oh Deus, que palavra sublime! – não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado”* (Rm 5,3-5).

E quem poderá desconfiar de seu amor? *“Entrega ao Senhor tua ansiedade, e ele te dará apoio”*, diz o Salmista (Sl 55,23). Deus é sempre liberal diante de nossas necessidades, luz em nossas dúvidas, consolação em nossas aflições, repouso no cansaço, nosso sustento, fortaleza e paz. (1)

1. O. c., MS 580-582; PVC, pp. 304-306.

23. Estou à porta e bato

Diante do convite do Senhor, que quer fazer de nós seu templo, alguém, talvez, por excessiva timidez, pretenda recuar, pensando que todas estas coisas são, de fato, muito sublimes, mas não feitas para ele.

Entendo, entendo: está preocupado com seus graves pecados e sua fraqueza pessoal. Porém, se, mesmo com tudo isso, conseguisse, ao menos, entrever Cristo, que está à porta de nosso coração, e escutar que ele pede para entrar! Vamos, então, abrir as divinas Escrituras e ler o que está escrito no Apocalipse, com as mesmas palavras de Cristo: *“eis que estou à porta e bato”* (Ap 3,20). Sim, ele está à porta do coração. E de qual coração, senão do pecador? Naquele dos justos está bem acolhido e como hóspede tranqüilo.

Bate à porta do coração por meio de inúmeras inspirações e sinais. Coloca diante dos olhos a felicidade plena, capaz de ser alcançada mediante a graça. Sim, ele bate: *“se alguém ouvir minha voz e abrir a porta, eu entrarei na sua casa”* (id.). Fala como um hóspede, que vem de noite; isso significa que, erradicado qualquer tipo de ofensa e mancha, Ele apenas deseja viver no âmago da alma, em completa amizade e familiaridade.

Não diz só: *“eu entro na sua casa”*, mas acrescenta: *“e tomaremos a refeição, eu com ele e ele comigo”* (ibid.); isto é, eu me deixarei tratar com muita intimidade, deliciando-me familiarmente com ele, como entre amigos. E ele, por sua vez, comigo, juntos na sala deliciosa de celestes prazeres, através de meus sacramentos, porque faço questão de recebê-lo em minha mesa.

Daí se deduz que, Cristo fala sempre como um hóspede rico, mas generoso que, ao entrar numa casa, leva muito mais dons do que recebe. Oh amor, oh amor! Sim, vencestes, ó Senhor. Não há desculpas para nossa insensibilidade, ao querer negar o ingresso no coração de amigo tão bondoso, que bate à porta, implorando acolhida só para fazê-lo feliz. (1)

1. O. c., MS 585-587; PVC, pp. 306-308.

DEUS CONOSCO

24. Cristo nasce para nós: vinde, adoremos

Somos convidados a nos prostrar, devotamente, com a mesma fé viva dos pastores, diante de nosso Rei menino, *“vamos a Belém”* (Lc 2,15), para adorá-lo, pedindo que aceite nossa oração. E, unindo-a a seus primeiros vagidos, a apresente, com odor de suavidade, ao eterno Pai. Assim, como pretendemos de boa vontade glorificá-lo no céu, do mesmo modo ele se digne nos conceder a paz aqui na terra: *“glória a Deus no mais alto dos céus, e na terra paz aos que são do seu agrado!”* (Lc 2, 14 e Liturgia).

Senhor Jesus Cristo, nascendo neste vale de lágrimas, abristes hoje os ouvidos de vossa humanidade para escutar nossos prantos; abristes os olhos do vosso corpo para chorar nossos pecados. Abri também os ouvidos e os olhos de meu coração, a fim de que possa ouvir e compreender vossas palavras e cumprir vossa vontade. Nascendo, viestes, não como estrangeiro, mas como Senhor nosso, *“para o que era seu”* (Jo 1,11), com pleno direito de emanar leis: *“Não escondas de mim teus mandamentos”* (Sl 119, 19).

Mas, para compreender o espírito admirável de vossas leis, precisamos de muita luz. Ora, *“esta era a luz verdadeira que, vindo ao mundo, a todos ilumina”* (Jo 1,9). Se nós somos trevas, vossa *“luz brilha nas trevas”* (Jo 1,5). Para que não aconteça também hoje que *“os seus não a acolheram”* (Jo 1,11), então, *abri meus olhos para eu contemplar as maravilhas de vossa lei”*(Sl 119,18). Tudo isso é dom vosso, totalmente gratuito. Por esse motivo, nós vô-lo pedimos. (1)

1. “Meditações sobre o I Livro dos Reis”, n°. 6, MS 5047 e 5097-5098.

25. Tarde te conheci, tarde te amei

Jesus Cristo, desde seu nascimento, nos fez ver em si muita pobreza, dor e humilhação. Logo, estes são os verdadeiros e únicos bens. (1)

Coragem, portanto! Demos adeus às belezas passageiras e aos bens transitórios desta terra para amar só a Ele. Viva Jesus, nosso único amor! Vamos repetir inúmeras vezes este nome dulcíssimo. Ao ver nele o retrato do amigo afável, iremos recordar sempre aquele a quem ofertamos nosso amor de hoje, a fim de poder rechaçar corajosamente, no futuro, quem pretendesse nos separar dEle.

Estou aqui a vossos pés, ó Jesus. Sou uma pessoa que, ao correr atrás de vaidades inúteis, vos abandonou, Sumo Bem, único ser digno do meu amor. Tarde vos conheci, antiga beleza, e tarde vos amei, eterna bondade (2). Mas, agora, não posso mais vos desconhecer, não posso deixar de vos amar. Aqui tendes, portanto, meu coração. É toda vossa, minha alma. Lavai-a, purificai-a e embelezai-a para torná-la digna esposa vossa, porque ela vos pertence inteiramente. (3)

Nas três missas do Natal: recolhimento e sentimento do grande benefício da vocação. Grande vantagem é esquecermo-nos e despojarmo-nos de tudo, para procurar a Deus só! Como Deus glorifica e ama seu Filho humilhado! Realizar por amor a Ele, algo do que antes fez por nós, é nossa obrigação. (4)

1. “Diário Pessoal” [Memorial privado], p. 127: anotação de 13-03-1809.
2. S. AGOSTINHO, “Confissões”, L. X, c. 27; PL 32, 705.

3. “Pregações à juventude”, n.º. 3: “O nome de Jesus”, MS 423-424; PVC, p. 241s. Possuímos duas pregações de Pe. Gaspar sobre “O Nome de Jesus”, feitas ambas no II domingo depois da Epifania; a primeira, da qual foram tiradas as meditações deste capítulo, em 1801; a outra, em 1802.
4. “Diário Pessoal” [Memorial privado], p. 93: anotação de 25-12-1808.

26. Jesus Cristo verdadeiro Deus e verdadeiro homem

“Quando digo o nome de Jesus – diz São Bernardo – eu imagino o homem mais perfeito, santo e repleto de toda beleza e virtude, e, ao mesmo tempo também como Deus todo-poderoso, justo, clemente, misericordioso, Sumo Bem e infinito. É, por isso, que o nome de Jesus se torna, mel em meus lábios, melodia em meus ouvidos e suavidade em meu coração”. (1)

O anjo, que trouxe do céu o nome de Jesus, disse: *“tu lhe porás o nome de Jesus”* (Mt 1,21). Ora, a mim parece encontrar algo de extraordinário neste nome, encontrar o Salvador e o Mediador entre Deus e os homens, que satisfaz a justiça divina pelos pecados de todo o mundo.

S. Cirilo pergunta: “Como Ele pode ser chamado de Salvador do mundo, se não é Deus? De fato, se Jesus não tem dignidade infinita, igual a de Deus infinito, que foi ofendido por nossos pecados, não se pode compreender como ele possa ter realizado satisfação igual à ofensa. Portanto, Jesus é Deus” (2). “Mas, se ele é somente Deus – acrescenta S. Agostinho – como poderá ser Mediador entre Deus e os homens? Nesse caso, Deus estaria dando satisfação a si mesmo, e não o homem pecador a Deus ofendido” (3). O nome de Jesus, portanto, que significa Salvador do mundo, indica um homem que é, ao mesmo tempo, Deus, com todas as perfeições que convêm tanto à natureza divina como à natureza humana. (4)

1. S. BERNARDO, “Sermões: Cânticos dos Cânticos”, XV, 6: PL 183, 847.
2. S. CIRILO DE ALEXANDRIA, “Livro sobre a Trindade”, 13: PG 75, 1166.
3. S. AGOSTINHO, “Sobre a Cidade de Deus”, L. IX, c. 15: PL 41, 268s.
4. “Pregações à juventude”, n.º. 3: “O nome de Jesus”, MS 408-411; PVC, p. 235s.

27. Jesus, o amante mais terno e apaixonado

Em Jesus, vemos o Deus Salvador, que *“por nós, homens, e para a nossa salvação, desceu dos céus”* (Símbolo Niceno-Constantinopolitano). Entregou sua vida por nós, para livrar-nos dos pecados, que haviam tornado nossa alma escrava do demônio e merecedora de condenação. Ele lavou nossa alma com seu Sangue, adornou-a com sua graça, para coroá-la, finalmente, com sua glória. E o que é que tudo isso significa, senão encontrar o amigo mais apaixonado?

É próprio dos amigos apaixonados, amar tão intensamente que, nenhuma dificuldade os detém, nenhum perigo os abate e nem mesmo a morte os atemoriza. Como que esquecidos de si mesmos, tudo fazem, tudo sofrem, tudo ousam, para agradar e unir-se a quem amam. Acontece, às vezes, que o amor os cega, a tal ponto, que não vêem os defeitos que tornam o ser amado desprezível aos olhos de todos, menos aos seus. Mais ainda. A própria ingratidão que, muitas vezes, não retribui o amor, ao invés de extinguir a chama, a reacende ainda mais. Este amigo é exatamente, Jesus.

Esse amigo, para recuperar o ser amado, usa *“não coisas perecíveis, como a prata e o ouro... mas, seu precioso Sangue”* (1Pd 1,18-19). Caso a alma venha a cair de novo nas mãos do inimigo infernal, pecando, Jesus continuará, cada dia, a oferecer-se como vítima sobre os altares, lavando-a com seu sangue, como fonte perene de amor, no seio de sua Igreja.

Meu Jesus, o que pretendeis com tanto amor? Apenas que ela me ame e aceite minhas castas núpcias. Por isso, decidi ir até ela em pessoa. E para que os fulgores dos meus raios não espantassem sua timidez ao querer conversar comigo, encontrei um modo de me esconder sob o véu do Sacramento e entrar, quase que furtivamente, em seu coração, para poder falar com ela frente a frente. Estou aqui aguardando que ela atenda aos meus desejos. (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 3: “O nome de Jesus”, MS 414-418; PVC, pp. 237-239.

28. Jesus, a Pessoa mais amável

Jesus é o homem mais perfeito, cuja beleza, vista mesmo de longe, em espírito, pelo Profeta, o fez exclamar maravilhado, que ele é *“o mais belo dos homens”* (Sl 45,3), e que a graça *“se espalha em seus lábios”* (id.). Seu espírito contém *“todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento”* (Cl 2,3). É a santidade perfeita. Desafia até os próprios adversários, que tentam encontrar nela ao menos uma sombra de mancha...

Amamos a doçura e a bondade de seu coração? Ah! Coração amável de meu Jesus, doce, benigno, afável, clemente e misericordioso. Quem o sentiu lento em misericórdia por suas falhas, ou rigoroso em acolher suas dúvidas, ou impiedoso em conceder perdão às suas culpas?

Ó Jesus, sempre amável! Agora não causa admiração o fato de que Madalena, olhando para vós, tenha esquecido amores e amantes, para poder amar unicamente a Vós; para não ver e ouvir senão a Vós; para viver somente convosco e por Vós totalmente. Ela já escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada (cf. Lc 10,42). Que outra coisa poderá ela fazer no céu?

E nós, não poderemos ver a Deus; e, vendo-o, amá-lo; e, amando-o, encontrar a felicidade? Ora, vendo a Jesus, não vejo também o meu Deus? Amando-o, não amo também o meu Deus? Não basta somente esse Deus, perfeito sob todos os aspectos para tornar, com sua visão, todos os santos felizes? E que outro ser poderá tornar-se objeto digno de meu amor, senão Jesus? (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 3: “O nome de Jesus”, MS 412–413; PVC, p. 236s.

A NOVIDADE CRISTÃ

29. Felizes os olhos que vêem o que vocês vêem

“*Felizes os olhos que vêem o que vós estais vendo*” (Lc 10,23). São palavras de Cristo a seus discípulos; não só aos que ali estavam, como eram os Apóstolos e outros que o seguiam, mas também aos futuros, em cujo número estamos incluídos.

Nossa sorte, na verdade, não é inferior à deles. O que viam eles, para serem chamados de bem-aventurados? “*Teus próprios olhos hão de ver aquele que te ensina*” (Is 30,20), como já havia sido profetizado por Isaías. E, nesse mesmo texto, foi também predito, para todo o Povo de Deus, que “*teu Mestre não se esconderá mais*” (id.). Além disso, para nós, Cristo também prometeu: “*eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos*” (Mt 28,20). Por acaso, aqueles que conheceram “*Cristo à maneira humana*” (2Cor 5,16), serão mais felizes do que nós que, “*não o conhecemos assim*”? (id.). Pois eu leio assim: “*Felizes os que, sem terem visto, creram!*” (Jo 20,29).

Como, então, “*felizes os olhos que vêem*”? Porque dois são os modos com que se pode ver Cristo: com os sentidos e com a fé. No primeiro, Cristo foi visto até por inimigos. Contudo, tal visão, longe de torná-los felizes, transformou-os em seres dignos de compaixão. “*Se eu não tivesse vindo e não lhes tivesse falado – diz, a propósito, Jesus – eles não teriam pecado. Agora, porém, não têm desculpa para o seu pecado*” (Jo 15,22). Os Apóstolos viram Jesus Por ambos os modos, pelo sentido e pela fé. Por isso, seus olhos mereceram ser chamados de felizes. No segundo e mais perfeito, pela fé, vemos Cristo agora; todavia, se nos falta a visão sensível, nem por isso somos menos felizes do que eles.

Que felicidade a nossa, por Deus nos ter chamado “*para a sua luz maravilhosa*” (1Pd 2,9), “*com os santificados*” (At 26,18)! E que tenha “*iluminado os olhos de nosso coração*” (Cf. Ef 1,18) para sermos “*justificados pela fé em Jesus Cristo*” (Cf. Gl 2,16). Em síntese, como é consoladora nossa condição no Evangelho e na Graça! (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 20: “A Lei evangélica”, MS 818–831, PVC, pp. 23-25. Esta pregação foi feita aos 20-08-1803. Já pelo título, pode-se perceber como foi uma das mais

trabalhosas para Pe. Gaspar. De fato, é uma das mais ricas em conteúdo teológico. O biógrafo, Pe. Nello Dalle Vedove, julga-a como uma das “mais fundamentais e mais reveladoras de sua espiritualidade” (“Bertoni, 2”, p. 252). No sadio otimismo teológico que transparece em todo esse texto está provavelmente a raiz profunda da atitude prática de confiança em Deus, de santo abandono e de inalterável alegria, que caracteriza a vida e o ensinamento espiritual de Pe. Gaspar.

30. A glória de nosso estado

Na Lei evangélica, dois aspectos devem ser destacados: “O mais importante – afirma S. Tomás, seguindo S. Agostinho – é o da graça do Espírito Santo, que é concedida por meio da fé em Cristo. O outro são os escritos do santo Evangelho, que contêm tudo o que se relaciona com a graça”. (1) Ora, como tudo deriva e se define, a partir do mais importante, assim deve-se considerar que a Nova Lei concentra-se, sobretudo, na graça do Espírito Santo, oferecida aos fiéis. S. Paulo denomina-a “*Lei de fé*” (Rm 3,27), “*Lei de Espírito e de vida em Jesus Cristo*” (Rm 8,2). “Quais são estas leis, escritas por Deus mesmo nos corações – pergunta S. Agostinho – senão a presença do Espírito Santo?” (2). Veja a que ponto chega a honra de nossa condição.

Os Hebreus gozavam, na antiga Lei, de promessas temporais, riquezas terrenas e opulência externa. Para eles, isso era muito bom, porque se consideravam “servos”: Deus dava-lhes prontamente, a cada dia, seu salário. Nós, ao invés, somos “filhos”: nosso Pai celeste nos oferece, não o salário diário, mas a herança segundo nossa condição. Só porque o mercenário pode mostrar o salário em sua mão, significa que é mais rico do que o filho que espera a herança, ao qual o Pai diz: tudo o que é meu, é teu? Certamente não.

Não me causaria espanto se alguém, entre os cristãos, nesta vida, aprecie mais alguns bens terrenos do que a glória futura, porque, como diz S. Agostinho, na Lei evangélica existem muitíssimos que, cristãos de nome e não de espírito, continuam vivendo debaixo da lei, e não da graça. Fazem parte ainda do Antigo Testamento, que procria na escravidão (3). Os que pertencem realmente ao Novo Testamento compreendem bem e gostam de ouvir o que, a cada um deles, diz S. Agostinho: “tu não és chamado a abraçar a terra, mas a conquistar o céu; não à felicidade terrena, mas à celeste; não a sucessos temporais e prosperidades fugazes, mas à vida eterna com os Anjos”. (4)

1. S. TOMÁS, “Suma Teológica”, I.II, 106, 1.

2. S. AGOSTINHO, “Sobre o espírito e a letra”, c. XXI, 36: PL 44, 222.

3. Id., “Sermão III de Agar e Ismael”: PL 38, 32.

4. “Pregações à juventude”, n.º. 20: “A Lei evangélica”, MS 824-831; PVC, pp. 26-29. A última citação de S. Agostinho se encontra no “Sermão 296”, VI, 7: PL 38, 1356.

31. O Reino de Deus na terra

Nossa riqueza não está apenas no direito à herança futura, pois possuímos, aqui na terra, inúmeros outros bens.

“De fato, desfrutamos de algo que não tem preço, diante do qual nada valem o ouro ou a prata, ultrapassando em valor qualquer bem precioso cobijado e apreciado pelas pessoas” (Sb 7,9; Pr 8,11). Esta é a “Sabedoria”, própria de todos aqueles que receberam o Espírito, com a infusão de seus dons ou a unção do mesmo Espírito, como diz S. João (Cf. 1Jo 2,27).

O que diremos, então, da caridade derramada em nossos corações? (Cf. Rm 5,5). O Anjo do Apocalipse, dirigindo-se ao anjo de Laodicéia – que, na verdade, era pobre, embora bem dotado de riquezas temporais – assim se exprime: *“tu dizes: ‘sou rico e abastado e não careço de nada’, em vez de reconhecer que és infeliz, miserável, pobre, cego e nu! Dou-te um conselho: compra de mim ouro purificado no fogo para ficares rico”* (Ap 3,17.18). E, em outro lugar: *“se alguém oferecesse todas as riquezas de sua casa para comprar amor, com total desprezo o tratariam”* (Ct 8, 7).

Bem se pode dizer, portanto, a todos os que são fiéis à Nova Lei em Cristo: *“nele fostes enriquecidos em tudo, em toda palavra e em todo conhecimento. Assim, não tendes falta de nenhum dom, vós que aguardais a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo”* (1 Cor 1, 5.7). (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 20: “A Lei evangélica”, MS 832–834; PVC, p. 29s.

32. Para o cristão, todo dia é festa

Cristo nos convida: *“vinde a mim todos vós que estais cansados e carregados de fardos, e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo... pois meu jugo é suave e o meu fardo é leve”* (Mt 11, 28-30). “Não são pesados – comenta S. Agostinho – para quem ama, mas certamente muito pesados para quem não ama” (1). Para quem ama, tudo é fácil, tudo é leve.

Até as adversidades, por causa do amor que é fundamento da Nova Lei, são facilmente toleradas por aqueles que são fiéis seguidores dessa mesma Lei (2). De fato, o que há de mais doce e agradável do que o amor? Que coisa mais suave do que ser guiado e dirigido pelo Espírito de amor? Aí está o sinal característico dos que, na Nova Lei, receberam a adoção de filhos, pois *“todos aqueles que se deixam conduzir pelo Espírito de Deus são filhos de Deus”* (Rm 8, 14).

“Onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade” (2Cor 3,17). Liberdade autêntica, santa, pela qual *“Cristo nos libertou”* (Gl 5,1), conforme *“o juramento que fez a nosso pai Abraão, de nos conceder que, sem medo e livres dos inimigos, nós o sirvamos com santidade e justiça, em sua presença, todos os dias de nossa vida”* (Lc 1, 73-75).

Esta é, pois, a condição de felicidade de quem mora no monte santo de Deus ou em sua Igreja, plantada com o sangue de seu Filho, e que, portanto, pertence à Lei Nova de seu Evangelho. (3)

1. S. AGOSTINHO, “Sobre a natureza e a graça”, c. LXIX, 83: PL 44, 289.
2. S. TOMÁS, “Suma Teológica”, I-II, 107, 4, ad 2m.
3. “Pregações à juventude”, n.º. 20, c.s., MS 836–840; PVC, p. 31s.

SEGUIR A CRISTO

33. Santidade e seguimento de Cristo

A perfeição, que tem na caridade sua raiz e cumprimento, consiste na conformidade de nossa vida com a de Jesus nosso Senhor. Do momento em que este divino Mestre começou a agir e ensinar (cf. At 1,1), deve-se dizer que somos chamados, também, a imitar as atitudes que vêm de seus ensinamentos, mesmo que nele sejam singulares e de excelência incomparável.

A caridade que, em força do Espírito Santo, nos foi dada, está derramada em nossos corações (Cf. Rm 5,5). Desde seu início e durante seu crescimento, assemelha-nos a Cristo, conforme seus preceitos e as obras de virtude. Esta é a perfeição evangélica necessária a todos os filhos de Deus, membros da Igreja, regenerados à luz do Evangelho. A caridade, quando alimentada, robustecida e tornada adulta, nos configura a Cristo, de acordo com seus conselhos e o exercício de virtudes heróicas. Nisto consiste a perfeição própria dos Santos, dos heróis e dos homens apostólicos reconhecidos pela Igreja. (1)

Temos que reproduzir em nós os traços de Jesus Cristo (2). É preciso mostrar ao Divino Pai a imagem de seu Divino Filho em nós (3). Vamos, então, pedir a graça de segui-Lo e ser zelosos por sua glória e pela salvação das almas. “Se alguém quer servir-me, siga-me” (4). Realizar, por amor a Ele, algo do que antes Ele fez por nós, é nossa obrigação! (5)

1. “Panegírico de São Francisco”, MS 1797-1798. Este sermão foi feito, provavelmente, em dois períodos, de manhã e à tarde, aos 04-10-1808, na Igreja de S. Firmo Maior, em Verona. Ao tecer o elogio do Santo de Assis – a quem continuará sempre ligado, sobretudo depois que fundou seu Instituto, anexo à Igreja dos Estigmas de S. Francisco –, Pe. Gaspar aproveita

a oportunidade, para esboçar um trabalho sistemático sobre o tema do seguimento de Cristo (Cf. “Bertoni, 2”, p. 646ss).

2. “Diário Pessoal” [Memorial privado], p. 113: anotação de 26-02-1809.

3. O.c., p. 156: anotação de 30-7-1809.

4. O.c., p. 117: anotação de 29-02-1809.

5. O.c., p. 93: anotação de 25-12-1808 (Cf. acima, n°. 25).

34. Com Cristo, a qualquer preço

O mais alto grau de perfeição cristã consiste em assumir a seguinte disposição: pelo desejo sincero de imitar a Cristo Jesus e configurar-se a um Deus pobre, crucificado e exaurido, se prefira a pobreza às riquezas, o sofrimento aos prazeres, a humilhação à exaltação. Ainda que alguém seja obrigado a viver em um estado de grandeza humana, procure cultivar a atitude interior e contínua que leve a vivenciar a pobreza. Isto significa ter o espírito de Jesus Cristo.

Quão sublime, perfeito e excelente é chegar a esse ponto! Quem se entregar a Deus desse modo, jamais será julgado. No entanto, percebo que estou longe disso, meu Jesus! A comprovação está no horror que sinto pelas cruces e humilhações. Isso me convence de que ainda não vos amo verdadeiramente, ó meu Salvador. Se eu vos amasse, desejaria imitar-vos e amaria tudo aquilo que amais. Não, meu Deus, não é possível amar-vos, sem amar as cruces e humilhações. Do mesmo modo, não é possível amá-las, sem amar-vos, porque só vosso amor pode inspirar-nos sentimentos elevados e contrários à natureza.

Eu me ofereço, Senhor, para vos seguir. É preciso que me atraiais, apesar das resistências de minhas paixões e das contradições de minha orgulhosa razão e sentidos: *“Levai-me atrás de Vós. Corramos!”* (Cf. Ct 1, 4)

Fazei, meu Jesus, que vos ame, a fim de que ame também vossas companhias inseparáveis: o sofrimento, a humilhação e a pobreza. Seja meu prazer renunciar a todos os prazeres deste mundo, para não gloriar-me – com o vosso apóstolo S. Paulo – senão na humilhação de vossa cruz (Cf. Gl 6,14). Enfim, vossa pobreza e vosso sofrimento sejam minhas únicas riquezas e ocupem, em mim, o lugar de todas as demais coisas, meu adorável e amável Jesus. (1)

1. “Exercícios” e “Meditações”, MS 2577–2579; CS I, p. 210s.

35. Radicalidade evangélica

Desejo acentuado de seguir Nosso Senhor de perto, a custo da vida, na pobreza e na ignomínia (1). Ternura profunda para com o Filho, associada à fé muito viva. Grande desejo de união e de participação em suas dores e ignomínias. E mais: pedido da graça de padecer e de ser desprezado por Ele. (2)

S. Francisco assim seguiu a Cristo: não atrás, mas ao lado; não perto, mas unido; aliás, não somente unido, mas transformado. Ele não procura consolações, delícias, e os dons de Cristo, mas, unicamente, a Cristo. Cristo nu sobre a cruz, nas ignomínias e na pobreza. E isto desde o início de sua caminhada, começando exatamente onde outros somente conseguem chegar: *“essas coisas que eram ganhos para mim, considere-as prejuízo por causa de Cristo”* (Fl 3,7). Por isso, deixa, recusa, rejeita qualquer coisa, pois não queria nada, senão a Cristo, e somente Cristo. (3)

“Se alguém quer me servir, siga-me” (Jo 12,26), imitando meu modo de viver. Que se vislumbre, ao menos, algo do que foi a vida de Cristo, seguindo-o até a morte. Possui, certamente, a mais excelente disposição para a vocação sacerdotal o jovem ao qual o Espírito Santo abriu os olhos para sentir autêntico e ardente desejo: de glorificar a Deus, não só com palavras, mas com a vida; de confessar a fé no seu Filho exteriormente, com fatos; de seguir a Cristo, por meio da mais perfeita imitação de sua vida; de estar a seu lado até na Paixão, desdenhando o respeito humano e desprezando sua vida imperfeita. (4)

1. “Diário Pessoal” [Memorial privado], p. 52: anotação de 25-09-1808.
2. O. c., p. 55: anotação de 27-09-1808. Vale a pena observar a coincidência cronológica entre as duas citações do Memorial Privado e o período no qual Pe. Gaspar estava preparando o panegírico de S. Francisco.
3. “Panegírico de São Francisco”, MS 1869.
4. “Meditações sobre o I Livro dos Reis”, n.º. 14, MS 5350.

36. Configurar a imagem conforme o Protótipo

Caminha, sem dúvida, na presença de Cristo, aquele que em tudo se esforça para orientar a própria vida à luz de seu exemplo, reconhecendo que Ele veio à terra para nos oferecer, em sua humanidade, a imagem do Homem novo. (1)

O servo de Deus, fechada a porta, reza em segredo (cf. Mt 6,6). Com isso, Nosso Senhor ensina o modo de obter, conservar e aumentar o seu Espírito. Oportuna, a este respeito, é a imagem proposta por S. Gregório. Aquele que tem um pequeno braseiro aceso, mas muito fraco, e teme que se apague, o defende do vento e o alimenta com pedaços de madeira quando necessário, cortando lenha e dividindo-a em pequenos pedaços (2). Assim faizei também vós, mantendo recolhido o vosso coração e nele guardando o Espírito recebido na oração. Ao ler o Evangelho muitas vezes, procurai, frente às palavras e às ações de Cristo Senhor, esmiuçá-lo bem por meio da reflexão e meditação, aplicando a vós aquilo que mais ajuda nas circunstâncias em que vos encontrais. Procurai formar-vos, segundo o Modelo no qual todos os santos se inspiraram.

Como os principiantes em pintura, quereis também um modelo perfeito de inspiração? Lede a vida de um santo e achareis o melhor meio, para vos estimular entusiasmar e levar a traçar, com habilidade, a imagem do Protótipo, isto é, a vida de Cristo Nosso Senhor, autor da perfeição de nossa fé (Hb 12,2). E confiai muito em Deus, *“tendo os olhos fixos no Senhor, pois ele livra do laço o vosso pé”* (Sl 25,15). (3)

1. “Meditações sobre o I Livro dos Reis”, n°. 14, MS 5372: é um pensamento tirado de S. GREGÓRIO M., “Em I Livro dos Reis”, L. II, 41: PL 79, 107.
2. S. GREGÓRIO M., “Livros das Leis Morais em Jô”, XXV, c. 7, 15: PL 76, 328.
3. “Epistolário”, p. 313: carta ao Pe. Bragato, de 04-06-1836.

37. Um perfeito seguidor de Cristo: São Francisco

A perfeição, que nasce da caridade e nela se completa, consiste no configurar-se a Jesus Cristo, que é a característica da sublime santidade de Francisco.

Falar deste herói muito santo, é falar do perfeito espírito de penitência, da sublimidade da cruz e do inflamado espírito de amor para com Cristo crucificado. Aplicam-se-lhe perfeitamente, as palavras de Cristo no Evangelho (Mt 16,24): *“se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz, e siga-me”*: reside aí o autêntico espírito de penitência *“tome sua cruz”*: aí está o espírito da cruz; *“e siga-me”*: aí se encontra o espírito de amor. São estes o início, o desenvolvimento e a realização da santidade. Tudo isso resume bem quem é Francisco.

Ele chegou quase a ter um mesmo espírito com Cristo, a tal ponto que podia dizer também ele: *“eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim”* (Gl 2,20), por causa de uma inteira e perfeita transformação de amor. Ele renunciou totalmente a si mesmo para se encontrar em Cristo. Não é possível encontrar Francisco, senão com Cristo, ou melhor, em Cristo. Diria mais: não se distingue Francisco de Cristo: é desprezado como Cristo, pobre como Cristo, chagado como Cristo. Um santo profundamente transformado pelo amor não podia morrer senão de amor (1).

1. “Panegírico de São Francisco”, MS 1796-1871.

38. Vértice do seguimento de Cristo: um amor sponsal

Muitíssimos seguem a Cristo, tendo em vista um benefício temporal. Assim, o mercenário, ao chegar à porta do patrão, recebe o pagamento, mas permanece fora da casa. Muitos seguem a Cristo como servos, por temor, acompanhando-o, mas de longe e, permanecendo distante, não participando das confidências de seu Senhor. *“O servo não sabe o que faz o seu Senhor”* (Jo 15, 15).

Alguns seguem a Cristo como filhos, pelo amor interessado na herança. Assim os filhos são mais amados do que amam. Chegam, às vezes, a desprezar o pai, quando ordena algo contrário a seus interesses, mesmo sendo algo razoável e útil, porém difícil e árduo. *“Fiz crescer e prosperar filhos, porém eles se rebelaram contra mim”* (Is 1,2).

Poucos seguem a Cristo como amigos, os quais fundamentam seu amor no intercâmbio recíproco de bens. Quando, porém, cessam os benefícios, substituídos pela participação nos males do amigo, este é abandonado. Aqueles que eram chamados amigos de Cristo, *“o abandonaram e fugiram”* (Mt 26,56). *“Os outros buscam os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo”* (Fl 2, 21).

Pouquíssimos seguem a Cristo como amantes, onde quer que ele esteja, sobre o Tabor ou o Calvário e, embriagados por seu perfume, correm atrás, embora não consigam manter a mesma passada, nem competir em velocidade, pois Ele dá, não passos, mas saltos de gigante, ao percorrer seu caminho. *“Exulta como um herói”* (Sl 19, 6).

Somente a esposa, adulta na escola do amor, não é atraída pelo perfume, mas pela mão do Esposo e, estreitando-se fortemente e apoiando-se nele, caminha lado a lado. Com ele não corre, mas voa, *“apoiada no seu amado”* (Ct 8,5) (1).

1. “Panegírico de São Francisco”, MS 1866-1868.

O AMOR ESPONSAL

39. Um só espírito, com o Senhor

“A alma que ama a Deus é chamada esposa. Estes dois nomes, esposo e esposa, indicam o máximo de união entre duas pessoas. O esposo e a esposa têm tudo em comum: a casa, a mesa, o leito nupcial e a própria realidade pessoal: *“por isso deixará o homem o pai e a mãe e se unirá à sua mulher, e eles serão uma só carne”* (Gn 2,24). (1)

“Quem adere ao Senhor torna-se com ele um só espírito” (1Cor 6,17): por meio da caridade, pela união de vontades, pela graça e pela glória; por tudo isso o homem torna-se realmente divinizado. A alma fiel, esposa de Deus, chamada a formar um só espírito com o Senhor, é destinada a usufruir toda riqueza de virtude, de incorruptibilidade, de pureza, de paz e tranqüilidade.

Ora, isto exige um enorme empenho. A alma que se une ao Senhor, como esposa sábia e prudente da Sabedoria do Verbo de Deus, precisa ser ornada com a beleza da Sabedoria à qual está unida, eliminando de si, com assídua meditação das

coisas divinas, todo resíduo de humana insensatez, até que, unida totalmente com a eterna Sabedoria e feita um só ser com o Verbo, de corruptível se torne incorruptível, de mortal, imortal, manifestando a todos que está plenamente divinizada. (2)

1. S. BERNARDO, “Em Cântic., Sermão”, 7, 2: PL 183, 807.

2. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3399-4001.

40. A visita do Esposo

“*Meu amado fala-me assim: levanta-te, minha amada, minha rola, minha bela, e vem!*” (Ct, 2,10). Estas palavras são dirigidas à Igreja, Esposa de Cristo, não, porém, de modo exclusivo, pois cada um de nós – somos todos Igreja – pode também participar dos mesmos dons. De fato, todos nós, sem diferença alguma, somos chamados a receber esses dons como herança.

Feliz a alma que merece ouvir, como dirigidas a si, tais palavras. Feliz quem souber estar sempre vigilante e atento à visita do Esposo, para o acolher, imediatamente, quando chegar e bater à porta. Se alguém de nós “*empenha o coração em acordar cedo, dirigindo-se ao Senhor que o criou e orando em presença do Altíssimo*” (Eclo 39,5), e esforça-se por abrir “*caminho para o Senhor e estrada para o nosso Deus*” (Is 40,3), acaso não “*alcançará do Senhor a bênção, e justiça de Deus seu salvador*”? (Sl 24,5). É evidente que será visitado e jamais esquecerá o tempo da visita.

De fato, uma alma bem vigilante descobrirá logo o Esposo ainda distante; adivinhará seu desejo enquanto caminha com pressa; de imediato, o perceberá, quando estiver próximo e também presente. Saberá igualmente distinguir, com indizível alegria, seu olhar que a contempla e ouvir as palavras de incentivo e amor, com que é chamada. (1)

1. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3006-3011. O trecho é de S. BERNARDO, “Em Cântico dos Cânticos, Sermão 57, 3”: PL 183, 1051.

41. Visitas e provações, segundo o projeto de Deus

“*Já, pela manhã, o vigias e, a cada momento, o pões à prova*” (Jó 7,18). Assim, Deus nos faz compreender que, vindo até nós com suas visitas, está levando nossos corações ao progresso nas virtudes e, depois, retirando-se temporariamente, permite que sejamos tentados.

Procede desse modo porque, se depois que nos concedeu os dons das virtudes, não fôssemos tentados, seríamos induzidos a nos gloriar das virtudes, como se fossem apenas conquista nossa. Por isso, com a finalidade de fazer com que nosso espírito conserve firmemente os dons divinos e reconheça a própria fragilidade e fraqueza,

Deus, por meio das visitas de sua graça, o eleva às alturas das virtudes e, logo depois, retirando-se, o faz reconhecer que é fraco por si mesmo.

Isto é confirmado através de alguns episódios da S. Escritura. Elias, tendo sido visitado, pela manhã, por Deus, com uma palavra abre os céus. Logo depois, com medo da rainha Jezabel, sente-se totalmente fraco diante daquela mulher, a ponto de fugir para o deserto (Cf. I Rs 19,3). S. Paulo, elevado ao terceiro céu, chega a penetrar nos segredos do Paraíso. Depois, baixando à realidade, encontra-se às voltas com a luta da própria carne. Sente o peso de outra lei em seu ser. Este estado de rebelião leva-o a lamentar-se por causa dos tormentos do espírito. (Cf. 2Cor 12,1ss).

Portanto, Deus visita pela manhã e, logo depois da visita, coloca à prova. Concede seus dons que eleva a pessoa e, retirando-se por pouco tempo, revela quem ela é de fato. Vamos experimentar sempre esta condição até que, libertados radicalmente da mancha do pecado, cheguemos ao estado da prometida incorruptibilidade. (1)

1. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3038-3041. Este trecho foi tirado de S. GREGÓRIO, “Livros das Leis Morais em Jo”, VIII, c. XXIX, 48: PL 75, 831s.

42. Os segredos do Divino Amor

É preciso não esquecer jamais da palavra divina. Ela nos diz que Aquele, cuja delícia é estar conosco pelo extraordinário amor que nos devota (Cf. Pr 8,31), também com sua amorosa Providência se distrai conosco, porque muito nos ama, até “*brincando no globo terrestre*” (id.). Faremos bem, como nos adverte o Apóstolo Pedro, em voltar sempre nossa atenção, à Palavra da profecia, que como lâmpada brilha em lugar escuro (Cf. 2Pd 1,19).

Não nos devemos admirar, se o Senhor, ao mesmo tempo, se oculta e se revela, como faz o raio. O amável Salvador das almas está “*espiando pelas janelas e espreitando pelas grades*” (Ct 2,9). E, se desejamos ver sua face sem véus, ainda neste mundo – ou seja, ter claro conhecimento dele, de sua bondade e de sua Providência a nosso respeito – também ele deseja ardentemente ver a nossa, como está expresso no Cântico dos Cânticos: “*mostra-me o teu rosto*” (Ct 2,14). Se, de nossa parte, desejamos ouvir sua voz, ele deseja ouvir a nossa também: “*e tua voz ressoa aos meus ouvidos, pois a tua voz é suave e o teu rosto é lindo!*” (id.).

Ó admiráveis segredos do Divino Amor! Ó profundos abismos de caridade! Quando será que vamos realmente nos abandonar, como náufragos, neste mar imenso, a ponto de não mais enxergar as praias de nossa mísera terra? “*Feliz o homem que nele se abriga*” (Sl 34,9). (1)

1. “Epistolário”, p. 28: carta à L. Naudet, de 26-11-1812. Esta elevada reflexão mística se refere a uma situação concreta. O Bispo D. I. Liruti, que queria nomear Pe. Gaspar como Padre Espiritual do seminário, tinha pensado em tirá-lo da direção espiritual da obra de Leopoldina Naudet. Não havia ainda sido tomada uma decisão formal, mas o boato chegou aos ouvidos da Serva de Deus e produziu o efeito de uma autêntica bomba, pelo segredo que o cercava, deixando todos em uma dúvida atroz. Como testemunho, convém apresentar aqui também as poucas linhas, que se seguem ao texto citado, na mesma carta enviada a L. Naudet: “enfim, não tenho a menor dúvida de que o Senhor dará luzes copiosas à sua prudência, ao tratar deste assunto. Quanto a mim, sinto no Senhor, estar bem disposto a “ir”, onde ele me disser: “vai”; e a vir, onde me disser: “venha”. (id.).

43. Responder prontamente ao convite do Esposo

“Levanto-me para abrir a porta ao amado: minhas mãos destilam a mirra... Então abri: mas ele se afastara e passara adiante... e não o encontrei” (Ct, 5, 5.6).

Podemos reconhecer aqui, na esposa do Cântico, a alma atraída por Cristo a uma perfeição maior e à missão para a conversão dos irmãos. Não obedece prontamente, mas com hesitação e demora. Todavia no final, arrependida da apatia, se apresenta ao Esposo, oferecendo mirra, isto é, a mortificação e a penitência em reparação por sua indolência. O Amado, porém, se vai e lhe oferece não mais a graça heróica, mas uma graça bem menor por causa da rejeição no primeiro momento. Nega-lhe tanto alegrias e consolações espirituais como a possibilidade da conversão das almas, que teria conseguido, se tivesse obedecido prontamente ao convite de Cristo.

O Esposo, de um certo modo, pune a apatia e a demora da esposa, obrigando-a a permanecer alerta. E, como quando ele quis entrar, ela não foi rápida em acolhê-lo e em ir-lhe ao encontro, assim ele, por sua vez, não atende prontamente a seu desejo.

Percebem-se o dano da apatia, a fadiga que produz em quem a ela se entregou e as conseqüências que sofre a esposa do Cântico. Por ter hesitado e não ter imediatamente aberto a porta ao esposo é obrigada, não só a ir até a porta, mas a percorrer a cidade toda, vagando pelas praças, enfrentando guardas e sendo ferida por eles (Cf. Ct 5, 6.7). Só a duras penas acaba encontrando o esposo desejado. Se tivesse obedecido ao convite prontamente, evitaria todas essas desventuras. (1)

1. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3027-3031.

A ALEGRIA CRISTÃ

44. Servir ao Senhor na alegria

Deus ama aqueles que o servem com alegria e doam tudo o que podem (Cf. 2Cor 9,7) com boa vontade e satisfação, não com tristeza como os avarentos, nem por necessidade ou à força, como os contribuintes ao pagar impostos.

Normalmente, se é levado a servir de boa vontade e com alegria quando o senhor e patrão é pessoa de grande dignidade e valor, não ordenando coisas difíceis nem pesadas, pagando muito bem, recompensando generosamente os trabalhos prestados e tratando com bondade seus empregados. Ora, todas estas coisas se verificam, de modo mais perfeito, em Deus. Em particular, *“os seus mandamentos não são pesados”* (1Jo 5,3); mas, ao contrário, leves: *“meu jugo é suave e o meu fardo é leve”* (Mt 11,30). No serviço de Deus as dificuldades, tribulações e sofrimentos tornam-se fáceis e leves com o auxílio da graça divina e da esperança da glória celeste. Além disso, a recompensa que o Senhor nos reserva é bem maior do que podemos imaginar ou esperar. Além da riqueza de dons que nos concede durante esta vida, no futuro nos dará a si próprio, como prometeu a Abraão: *“não temas, Abrão! Eu sou teu escudo protetor; tua recompensa será muito grande”* (Gn 15,1).

Entretanto, quantos são os que servem a Deus com tristeza de espírito! Vivem de má vontade e vêem somente escuridão, prontos a julgar isto ou aquilo. Fazem comentários desagradáveis sobre tudo, abrem enormes processos e proferem duras sentenças. É um vício diabólico que traz muita perturbação!

O verdadeiro servo de Deus tem que empregar todo esforço para afastar de seu espírito a tristeza diabólica, que acaba com a consolação espiritual e leva-o a ser abominável aos olhos de Deus e do próximo, além de fazer mal a si mesmo. (1)

1. “Retiros para os Acólitos”, MS 4538-4554.

45. A consolação espiritual

A consolação espiritual é um dom gratuito de Deus, em força do qual praticam-se atos de virtude com facilidade, satisfação, gosto e coração inflamado pela doçura. As obras da carne, ao contrário, tornam insípidas e angustiantes.

A consolação espiritual engloba, antes de tudo, paz, sossego interior, alegria, luzes e clareza no conhecimento das coisas divinas, elevação do espírito, esperança voltada para Deus e caridade fervorosa.

Faz parte da consolação espiritual também a avaliação equilibrada das realidades terrenas, pela qual aprende-se a desprezar a fama, o luxo e a vaidade do mundo, e, ao mesmo tempo, a rejeitar os erros próprios da mentalidade mundana. Estes desviam a busca do verdadeiro sentido da vida, conforme o exemplo de S. Paulo, que os considerava como *“prejuízo deste bem supremo que é o conhecimento do Cristo Jesus, nosso Senhor”* (Fl 3,8). A alma visitada pela consolação do Espírito Santo despreza as ameaças do mundo, frutos de violência, de fraudes e de astúcia. A fé e a esperança são muito mais fortes do que todas as ameaças mundanas.

A consolação espiritual leva, ainda, a louvar a Deus por seus incompreensíveis caminhos e pelos desígnios de sua Providência, como também por todos os dons da graça. Incentiva o desejo de servir a Deus, não por dever, mas por devoção, com fortaleza e humildade, não procurando os próprios interesses, mas os de Cristo. Finalmente, acende nos corações um ardente zelo para buscar, com todos os meios, a maior glória de Deus e para lutar, com todas as forças, pela vitória de Cristo. (1)

1. “Meditações sobre o I Livro dos Reis”, n.º. 8, 9, 10, MS 5042-5178.

46. Fervor e alegria

A alma humana se fortalece no trabalho e se enfraquece no ócio, porque as boas obras são o alimento da alma: *“o meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e realizar plenamente a sua obra”* (Jo 4,34).

Por isso, vemos como todos os servos de Deus que se desdobram em rezar, meditar, pregar e em outras atividades voltadas para a glória de Deus e a salvação dos irmãos, são alegres, ricos espiritualmente e cheios de doçura celestial. Ao passo que os tíbios são aflitos, melancólicos, enfadonhos ao próximo e a si mesmos. Por causa da aridez de espírito, a oração, meditação e qualquer atividade espiritual são fastidiosas para eles. Por isso, buscam os prazeres mundanos.

São semelhantes aos filhos de Israel, que se lamentavam e murmuravam por causa do cansaço, e sentiam aversão ao alimento do maná, choramingando pelas cebolas do Egito.

Como aqueles ingratos desprezavam o alimento celeste desejando coisas sem valor, assim também são os tíbios que sentem aversão pelos alimentos e delícias espirituais, desejando apenas prazeres mundanos. Esses tais não poderão ser capazes de compreensão e compaixão pelo o próximo, porque são indiferentes e grosseiros.

Ah, miseráveis! Como vivem vazios de boas obras que, ao contrário, constituem a delícia das almas fervorosas! (1)

1. “Retiros para os Acólitos”, MS 4532-4537.

47. Como defender a paz interior

Permaneça sempre de bom humor. Ponde em Deus toda a confiança. Nele ela está bem ancorada e será muito frutuosa. Mais do que se possa esperar.

Afastai-vos, quanto possível, dos que impedem ou perturbam os momentos de vossa paz ou vossos deveres. Procurai encontrar, com prudência, lugar e oportunidade para repousar o corpo e o espírito. Que vós também possais dizer: *“eu durmo, mas meu coração vigia”* (Ct 5,2). Buscai manter, a todo custo, a tranqüilidade e a paz, não usando qualquer sorte de desprezo e amargura, segundo as recomendações de S. Paulo (Cf. Rm 12,18). Visai ao reino de Deus e sua justiça (Cf. Mt 6,33), deleitando-vos com a santíssima vontade de Deus e configurando-vos a ela.

No mais, que o Senhor vos console e recompense pelos trabalhos, esmolas e mortificações, cumulando-vos de merecimentos para a eternidade. Tudo acaba depressa. A eternidade, porém, jamais tem fim. O que não é eterno, nada é, diz S. Teresa. (1)

Façamos nossa parte, conforme a graça que Deus nos concede. Deus, certamente, fará a sua. Eu nem quero saber o que Ele pretende fazer. Fico tranqüilo ao crer que Deus pode fazer tudo o que quer. E sempre faz o melhor, mesmo quando parece agir de modo muito diferente, e até oposto ao nosso mesquinho ponto de vista. *“Bendirei ao Senhor em todo o tempo, seu louvor estará sempre na minha boca”* (Sl 34,2). (2)

1. S. TERESA DE JESUS, “Vida”, 20, 26, Obras, Roma, 1969, p. 200s.

2. “Epistolário”, p. 324s: carta ao Pe. Bragato, de 11-05-1841.

48. Um apóstolo da alegria: S. Zenão

O rosto de S. Zenão era sempre alegre, o semblante sempre sereno, o olhar sempre tranqüilo, os lábios sempre sorridentes, a fala sempre mansa, o aspecto sempre agradável e recatado, sempre contente e modesto, sempre amável e digno de reverência. A caridade autêntica em circunstâncias prósperas ou adversas é praticada sempre com alegria e júbilo. Aliás, esta é a verdadeira característica da caridade: a jovialidade, sinal de generosa e dedicada vontade. Por isso, é também flor e ornamento de toda virtude. E esta é a razão pela qual é muito querida por Deus. Sem ela nossos dons não serão bem aceitos por Ele (Cf. 2Cor 9,7). Ela é muito estimada por Deus e louvada por todos os homens. Com muito maior razão foi sempre apreciada de modo especial pelos veroneses por tê-la visto em Zenão. De fato, tendo eles, por natureza, índole alegre e agradável, não teriam-se adaptado facilmente a outro tipo de pessoa, com temperamento contrário ao deles. Além disso, nossos antigos

concidadãos, avessos aos espetáculos cruéis do paganismo e à brutalidade dos vícios, não podendo encontrar por si a paz e a alegria que lhes era peculiar, viram um modelo em S. Zenão. Sentiram-se imediatamente na obrigação de amá-la. Então, a ele se uniram, para melhor conhecê-la e conquistá-la. A alegria de S. Zenão era fonte perene. Contagiava os outros somente com sua presença.

Ora, este homem, por acaso, nunca sofreu tribulações? Oh, sim! E quantas! Nunca sentiu angústias? Certamente, e muito freqüentemente. Mas, tudo isso ficava em segundo plano, pois seu interior era alimentado pelo maná escondido, conhecido somente por quem o recebe. Aqueles que sabem esconder-se em Deus consideram as tribulações um nada, como se elas não os atingissem.

Como uma flecha atinge o alvo, assim a jovialidade do rosto de S. Zenão atingia os corações. Sua eficácia era notória. Podia-se perceber o efeito desta seta certa pelo grande número de pagãos que, todo ano, nas festas pascais, se deixavam batizar por ele. Ao final, a cidade toda foi levada ao batismo por sua ação apostólica. (1)

1. “Discurso em louvor a S. Zenão”, MS 2082-2085. Em agosto de 1839, foram realizados, em Verona, solenes festejos em honra de S. Zenão, para celebrar a redescoberta do corpo do santo Patrono, ocorrida em março do ano anterior. Pe. Gaspar foi, entre outros, orador designado para essa ocasião e apresentou seu panegírico no domingo 18-08-1839. Trata-se de um discurso de muito conteúdo, cuidadosamente preparado, apesar de suas condições de saúde bastante precárias. Sua homilia causou muita admiração (Cf. “Bertoni, 5”, p. 646ss.). Na ocasião, Pe. Gaspar teve oportunidade de dar também uma prova excepcional de sua humildade. Quando o secretário do Bispo se apresentou e pediu-lhe o manuscrito do panegírico, para que fosse publicado, ele procurou se esquivar, alegando ser indigno de tal honra. Cedeu somente por obediência ao Bispo. Ao entregar as folhas, seus olhos ficaram marejados de lágrimas (id. p. 659).

†

†††

†

A GRAMÁTICA DE PE. GASPAR: MEDITAÇÕES COTIDIANAS

PENITÊNCIA

49. Ao encontro do jejum com alegria

Com alegria, vamos preparar nosso espírito para viver o jejum e a abstinência quaresmais. É um convite que pode soar algo estranho. Contudo, ele é importante, porque tudo quanto nos vem proposto por lei, deve ser cumprido com jovial disponibilidade, como se fosse escolha pessoal. E tem que ser assim, pois não podemos nos deixar impressionar pelas aparências, mas refletir sempre sobre os motivos do que fazemos, com espírito tranqüilo. Veremos, então, que o jejum e a abstinência quaresmais, juntamente com outras práticas de penitência, que os acompanham, estão entre os meios seguros e válidos para preservar ou recuperar o bem-estar espiritual.

O caso de Nínive é prova bastante convincente do valor e da eficácia de tais meios. A situação da cidade estava de tal modo comprometida, que um profeta, expressamente mandado por Deus, havia predito que, dentro de quarenta dias, seria sepultada sob as próprias ruínas. Logo que os habitantes se convenceram de que o jejum era o remédio para seus males, tudo mudou. Deus se aplacou e eles conseguiram o perdão.

Conta-se no Evangelho que os discípulos, uma vez, vieram ao encontro de Jesus, tristes, depois de tentarem inutilmente expulsar demônios de um possesso. Jesus deu-lhes a seguinte razão: *“esta espécie não pode ser expulsada a não ser pela oração e o jejum”* (Mt 17,21). A oração, sumamente necessária, haure do jejum sua força para poder agir: *“é boa a oração com jejum”* (Tb 12,8). De fato, o jejum torna a mente ágil, ativa, desimpedida, emprestando-lhe asas para chegar até Deus.

Deixemos de lado a queixa de que nossas orações estão se tornando vazias, de que as tentações estão aumentando a cada dia, de que não sabemos mais a que meios recorrer para diminuir nossas fraquezas. É melhor convencer-se de que, quando os exorcismos mais poderosos tornam-se inúteis, é, exatamente aí, que o jejum torna-se meio eficaz e apropriado para se alcançar pleno êxito. (1)

Jejua, portanto, para não pecar; jejua, porque pecou; jejua, para receber os dons do Senhor; jejua, a fim de que o que recebeste, permaneça. (2)

1. “Pregações à juventude”, n.º 16; “Ao encontro do jejum quaresmal com alegria”, MS 740-742; PVC, pp. 262-266. Esta pregação é de 22 de fevereiro de 1803.
2. “Diário Pessoal” [Memorial privado], p. 162; anotação de 10-03-1810.

50. Remédio para a alma e também para o corpo

A eficiência do jejum não se limita à esfera do espírito, cabendo ao corpo experimentar apenas um pouco de amargor e repugnância, que habitualmente os remédios mais eficazes provocam. O jejum é também remédio útil, e até necessário, para manter o corpo sadio e prolongar a vida. *“Pela gula insaciável muitos pereceram, diz o Eclesiástico. Quem, porém, é sóbrio, prolonga a vida”* (Eclo 37,31). E é verdade. O prazer, o deliciar-se com banquetes e bebidas, o hábito de jamais dizer não aos desejos da gula, tudo isso debilita e corrompe o corpo, levando-o à morte prematura. Ao contrário, a mortificação, a sobriedade e a abstinência são meios que rejuvenescem, conservam e robustecem o corpo.

Torna-se evidente, portanto, que o jejum quaresmal é remédio não só útil, mas necessário para a salvação da alma e do corpo. Então, por que não abraçá-lo com satisfação e cheios de alegria?

Somos cristãos. Cristo com o seu exemplo nos animou a tomar, de boa vontade, este remédio. Ele observou por quarenta dias um jejum rigoroso. Observemos também os santos. Quantos trabalhos agüentaram e sofreram pela salvação da própria alma! Por isso, não imitemos as crianças que recusam remédios salutareos, porque deixam gosto amargo na boca.

À luz de tais critérios, portanto, vamos dispor nosso espírito a penetrar com muita alegria na santa Quaresma. Purificados por meio do jejum e da abstinência, e ornados com sólidas virtudes, tornemo-nos dignos de celebrar frutuosa e alegremente a Páscoa do Senhor aqui na terra, para sermos depois admitidos à Páscoa eterna no céu. (1)

1. “Pregações à juventude” n.º. 16: “O jejum quaresmal”, MS 748-754; PVC, pp. 266-270.

51. Condições indispensáveis para seguir a Cristo

“Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-me” (Mt 16,24).

“Renuncie a si mesmo”. Este é o espírito da penitência. Efeito deste espírito é a mudança do cristão por inteiro: exteriormente, renunciando a seus pertences; interiormente, renunciando a si mesmo. Renuncia a seus pertences, quem deles se afasta: esta é a atitude menos difícil. Renuncia a si mesmo, quem deixa de viver segundo a antiga vida carnal de Adão para viver segundo a nova vida espiritual da graça: este é o aspecto mais exigente. Tudo isso se realiza quando a pessoa, por espírito de penitência, é levada a deixar de lado o que antes amava e a amar o que antes punha à parte. O bom penitente e aquele que renuncia autenticamente a si mesmo são, por

exemplo, aqueles que antes eram intemperantes e depois se tornaram muito mortificados; antes se entregavam a impurezas, depois se tornaram castos; antes eram avarentos, depois se tornaram profundamente generosos.

“Tome a sua cruz”. O verdadeiro seguidor de Cristo a toma nos ombros não por imposição, como o Cireneu, mas por escolha plenamente livre e com total espontaneidade. Não a arrasta só por obrigação ou imposição, resignadamente e, talvez com lamentações e queixas, mas, louvando a Deus e com alegria interior, alimentando em si mesmo o amor de poder sofrer por Cristo.

“E siga-me”. É o espírito de amor no seguimento de Cristo. Cada um pode, de acordo com a própria capacidade, atingir esse objetivo; ou ao menos planejá-lo e visualizá-lo para lá chegar progressivamente, conforme o desígnio divino.

Estes critérios constituem o início, o crescimento e a meta da santidade. (1)

1. “Panegírico de São Francisco”, MS 1845-1846; 1856; 1865.

52. As três cruzes

Ninguém passa por esta vida sem cruzes. A escolha se faz diante de três cruzes: a primeira é a de Cristo; a segunda, a do bom ladrão; e a terceira, a do mau ladrão.

A primeira leva à glória e pertence aos inocentes, que, assim, se assemelham bastante a Cristo.

A segunda proporciona consolação e pertence aos penitentes que, por meio da paciência, não perdem nem a resignação, nem a paz.

Quem não toma sobre si uma destas duas, carregará certamente a terceira, a do mau ladrão. Sofrerá muito mais e sem merecimentos. Ou pior: essa cruz lhe servirá de escorregador para descer às profundezas do inferno. (1)

Aqui na terra, toda penitência é breve, passageira e eficaz. No inferno, porém, é longuíssima, duradoura e inútil. Quem não quiser penitenciar-se nesta vida, arrepender-se-á inutilmente na outra. (2)

A alma justa, uma vez obtida a glória, agradecerá imensamente a penitência praticada na terra. Em troca de pouco sofrimento alcançará felicidade sem fim na outra vida! Contrariamente, a alma condenada amaldiçoará seus prazeres, os falsos amigos e os pecados cometidos. *“Insensatos..., ficamos enredados nos caminhos da iniquidade e da perdição... e ignoramos o caminho do Senhor”* (Sb 5, 4-7). Teremos um dentre dois destinos. Insensato é quem conhece tais possibilidades pela fé, mas não se

preocupa em escolher bem, enquanto está com vida. Na eternidade o arrependimento só vai aumentar-lhe o desespero. (3)

1. “Diário Pessoal” [Memorial privado], p. 135: anotação de 18-03-1809.
2. O. c., p. 133; anotação de 15-03-1809.
3. “Exercícios espirituais de 1806”, MS 3981-3982. Trata-se de um curso de Exercícios dado por Pe. Gaspar nos últimos dias de carnaval, de quarta-feira 12 a terça-feira 18 de fevereiro, destinados “aos irmãos no sacerdócio e aos filhinhos da Congregação Mariana de S. Paulo em Verona” (cf. “Bertoni, 2”, p. 461ss.).

53. Mortificação

Realizar tudo para a maior glória de Deus e por seu amor. Como conseqüência vêm o desprezo pelo mundo e o abandono de todos os vícios (1). É preciso desacostumar-se a fazer a própria vontade e habituar-se a realizar tudo movido pela vontade de Deus, a fim de agradá-lo e honrá-lo (2).

Nossa mortificação tem que ser universal, exterminando todo tipo de paixão (3). Agir por instinto da natureza, mesmo que por um só instante, é impedir a ação de Deus, para dar lugar aos impulsos da criatura (4). “Não posso”, na boca de pessoas espirituais em matéria de mortificação, soa muito mal, porque em Deus tudo se pode. O que se quer é encobrir a falta de mortificação, com o pretexto de que vem do céu. Ou, então, fingir que se está contente com a esta vontade do céu, permanecendo prazerosamente nos próprios defeitos. (5)

Por outro lado, é preciso discernimento para não se sobrecarregar com muitas penitências e ocupações (6). Quanto à penitência, uma norma universal para todos os confrades é esta: na alimentação, no vestuário e nas outras coisas necessárias à vida, todos se contentem com o que for distribuído ou concedido pelos Superiores. Cada um, então, aceitará e agradecerá a penitência que o confessor ou o superior lhe impuser no Senhor. E as desejará e pedirá outras maiores, conforme a medida de suas forças e da graça. Cabe, pois, ao confessor ou ao superior determiná-las ou moderá-las. (7)

Aos que fogem da mortificação interna e desejam somente a externa é bom que esta lhes seja proibida. Pelo menos, assim, poderão ser levados à interna pelo próprio desejo de compensar a ausência da externa. (8)

1. “Diário Pessoal” [Memorial privado], p. 146: anotação de 14-07-1809.
2. O.c., p. 147: anotação de 16-07-1809.
3. O.c., p. 144: anotação de 02-05-1809.
4. O.c., p. 146 : anotação de 15-07-1809.
5. O.c., p. 40: anotação de 31-08-1808.

6. O.c., p. 45: anotação de 13-09-1808.

7. “Constituições”, nºs. 43-44. Pe. Gaspar, que havia colaborado intensamente com outros fundadores – especialmente com Pe. Antonio Rosmini e com Leopoldina Naudet – na preparação das Regras para os respectivos Institutos, por volta de 1840 resolveu prepará-las também para a sua Congregação. E o fez como um santo: colocou em primeiro plano a oração para obter as luzes do Espírito Santo. “Rezai muito por todos nós, e por aquilo que estou escrevendo gota a gota – escreve a Pe. Bragato aos 11-05-1841 – se o Senhor quiser que reverta para sua honra” (“Epistolário”, p. 325). Quanto ao fundamento jurídico, as Constituições de Pe. Gaspar inspiraram-se profusamente nas Regras da Companhia de Jesus. Mas, é notável o cunho espiritual e ascético com que ele enriqueceu seu texto legislativo (Cf. “Bertoni”, 6, p. 115ss).

8. “Diário Pessoal” [Memorial privado], p. 56: anotação de 28-09-1808.

54. Um grande penitente: S. Francisco

Vamos rever agora a profunda mudança que aconteceu na vida de Francisco. Era homem bastante rico. Tinha os olhos, as mãos e os esforços voltados apenas para o acúmulo de riquezas nas praças mais acreditadas do comércio. De um momento para outro, desfaz-se de tudo e coloca-se à porta de uma Igreja, em meio a uma multidão de pobres, com roupa de pobre, que recebera de um deles, em troca da sua. Passa a direcionar todo seu esforço, ardor e zelo para a pobreza. Mas, qual a razão para tamanha e surpreendente mudança de comportamento? Provem de uma insólita mudança de sentimentos: *“essas coisas, que eram ganho para mim, considere-as prejuízo por causa de Cristo”* (Fl 3,7).

Mais ainda. Iluminado pela luz divina, o santo progride tanto que chega a julgar como perda não somente o que antes considerava lucro (riquezas, prazeres, reputação mundana), mas tudo o que não era Cristo, como por exemplo, a elevada condição social, a esperteza nos negócios, a abundância de aptidões comerciais e a multiplicação de bens. Sempre pela mesma razão: Cristo.

Impressionante a mortificação austera de Francisco, imposta a si mesmo: comida escassa, apenas para garantir o sustento; sono brevíssimo, com o corpo deitado no chão, após um dia inteiro de pregação; corpo envolto em roupa pobre e grosseira, sofrendo tanto no frio como no calor; uso de cilícios atroz, flagelações e prolongados jejuns. Em síntese, Francisco assumiu viver a vida terrena como contínuo martírio, pregado em uma cruz, junto com Cristo. *“Por ele, o mundo está crucificado para mim como eu estou crucificado para o mundo”* (Gl 6,14). De fato, o amor jamais diz: basta. (1)

1. “Panegírico de São Francisco”, MS 1847-1859.

PENITÊNCIA E CARIDADE

55. O teu jejum se torne alimento para o pobre

A característica específica da verdadeira caridade é esta: *“não é interesseira”* (1Cor 13,5). Quem, de fato, ama, com autêntica amizade, deve procurar o que é útil para o amigo; enquanto que, quem só procura desfrutar do amigo, para realizar interesses pessoais, não ama o amigo, mas a si mesmo.

Quem de nós está disposto, não digo a dar a vida por amor ao próximo – como fazem os santos já perfeitos – mas, a se desfazer de boa vontade, do supérfluo de suas riquezas que muitas vezes são inutilmente dissipadas, e de alimentar o irmão que definha de fome? Estaria apenas concretizando o preceito! Há, quem, em vista do zelo pela salvação do próximo, preocupa-se em *“assistir o irmão segundo as próprias posses”* (Eclo 29,27), em usar com discrição a correção fraterna, ou em dar bom exemplo e rezar por ele? Estaria apenas observando – sem mudar nada – o preceito categórico com o qual *“Deus ordenou que cada um se preocupasse com o próximo”* (Eclo 17,12).

É preciso que nos empenhemos em observar tal preceito, para poder começar a viver a caridade que se caracteriza principalmente em procurar não os próprios interesses, mas tudo o que é útil ao próximo. (1)

1. “Pregações à juventude” n.º 6: “A caridade para com o próximo, sugerida pelo exemplo de São Luís”, MS, 533-534; PVC, p. 177s. Esta pregação é de 21-06-1801.

56. A caridade requer sacrifício

A caridade exige que eu saiba alegrar-me com os que estão alegres e chorar com os que choram (cf. Rm 12, 15). Mas, não é verdade que, neste ponto, eu a transgredi muito e talvez continuo transgredindo? Exijo que ela seja exercida a meu favor; mas, até que ponto eu a coloco em prática em prol das pessoas às quais, tantas vezes, devo favores?

Ao invés de fazer aos outros o bem que posso, talvez tenha inveja do que lhes é feito e, em certas ocasiões, procuro até me opor e colocar obstáculos. Ao invés de preveni-los, ajudando-os em ocasiões que não eram estritamente exigidas pelo dever, pode ter acontecido que, estando envolvido no exercício do meu dever, tenha me esquecido de lhes facilitar o cumprimento do que é obrigatório. Ao invés de interessar-me por aqueles que estão passando por momentos críticos, não aconteceu, às vezes, que eu tenha chegado a sentir uma perversa alegria, e de ser eu mesmo o causador dos males?

Jesus Cristo já nos advertiu que seremos tratados pelo Pai do mesmo modo como tratamos nossos e seus irmãos. Caso contrário e de acordo com tal exigência, que posso esperar de Deus e com qual confiança poderei pedir-lhe que derrame sobre mim a abundância de suas graças? (1)

1. “Missão de S. Firmo”, MS 4217-4221. No mês de maio de 1816, de 04 a 26, realizou-se uma grande Missão popular de caráter citadino, na igreja central de S. Firmo Maior, sob a orientação do célebre missionário apostólico Cônego Luís Pacetti (1761-1819). Pe. Gaspar recebeu o encargo de fazer uma meditação cotidiana. “A pregação de Bertoni - atesta o contemporâneo Pe. Camilo C. Bresciani - igualava-se à do Missionário Apostólico romano Pacetti, muito competente na condução das Missões, na clareza da exposição e o superava na unção e no levar o auditório a pôr em prática a conversão proposta” (cf. “Bertoni, 3”, p. 675). Os biógrafos ressaltam o grande valor que esta experiência teve para a vida de Pe. Gaspar e para o projeto de sua Congregação. Agraciado com o título de Missionário Apostólico, propôs para sua Congregação o “fim” de Missionários Apostólicos a serviço dos Bispos (“CF”, n.º.1; Cf. “Bertoni, 4”, p. 99ss).

57. Exigências da caridade fraterna

A caridade – diz S. Paulo – em primeiro lugar, é *“paciente”*, para poder suportar os defeitos do próximo. Depois, é *“prestativa”*, a fim de conquistar para Cristo, com doçura, as almas dos irmãos, desejando-lhes ardentemente a salvação eterna e todo tipo de bens. *“Não é invejosa”* diante da prosperidade. Para não estorvá-los no caminho da perfeição, *“nada faz de inconveniente”*. *“Não se incha de orgulho”*, por causa de alguma qualidade material ou espiritual, e evita absolutamente desprezar os irmãos. *“Não se ostenta”*, pretendendo ser superior ou dominá-los. Pelo contrário, para estar sempre a serviço e solícita em valorizá-los *“não procura seu próprio interesse”*. Provocada pelas injurias *“não se irrita”*, e jamais se vinga. *“Não guarda rancor”*, pois procura interpretar tudo do melhor modo, desejosa apenas de ajudá-los a emendar-se. *“Não se alegra com a injustiça”*, lastimando os pecados do próximo, como se fossem seus próprios. *“Regozija-se com a verdade”*, beneficiando-se das virtudes alheias.

Finalmente, a caridade, *“tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”* por amor ao próximo quando se trata de lhe proporcionar o verdadeiro bem. Sabe que, com isso, agrada a Deus, por cujo amor é suavemente levada a amar o próximo (Cf. 1Cor 13,4-7). (1)

1. “Pregações à juventude” n.º. 6. “A caridade para com o próximo”, MS 527-528; PVC, p. 175s.

PENITÊNCIA E ORAÇÃO

58. Meu Deus, meu tudo!

“Para ti levanto os olhos, para ti que habitas nos céus. Como os olhos da escrava olham para a mão da sua patroa, assim nossos olhos estão voltados para o Senhor nosso Deus, até que tenha piedade de nós” (Sl 123,1.2). Não afastemos os olhos do Senhor, continuando ininterruptamente a oração, enquanto ele não der a graça e não usar a misericórdia, enviando as luzes de que necessitamos.

“Piedade de nós, Senhor, piedade, pois estamos saturados de insultos” (id. v.3). Observemos como nossos defeitos, imperfeições e faltas nos tornam dignos de zombaria e de desprezo a nossos próprios olhos, pelo pouco que nos conhecemos. Contudo, aos olhos e ao coração de Deus, que tudo vê, aparecem como a razão mais eficaz para nos conceder suas graças e usar de misericórdia, *“pois estamos saturados de insultos”*. É a oração típica da alma verdadeiramente generosa, que vence e força o coração de Deus. E este, de fato, é o modo melhor de levar Deus a nos estimar mais, pois estamos reconhecendo a amplitude de nossas limitações. Em síntese, é oração digna de quem tem um coração conforme o coração de Deus, como era o de Davi.

Ó Deus imenso! Como sois bom, amoroso e condescendente para conosco, apesar de sermos vermes miseráveis! Quando será que vos amaremos de todo o coração e vos conheceremos como sois na realidade? *“Meu Deus e meu tudo!”* (Imitação de Cristo, L. III, c. 34). (1)

1. “Epistolário”, pp. 45-47: carta à L. Naudet, no final de 1812 ou no início de 1813.

59. A única coisa necessária

Nosso Senhor nos assegura que *“uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte* (isto é, cuidar só daquilo que é mais importante), *e esta não lhe será tirada”* (Lc 10,42). Tudo o mais é ocupação secundária.

Parece que o Senhor age como certos esposos deste mundo. Eles reservam para si as preocupações com grandes negócios. Deixam a administração dos afazeres domésticos a sua prudente esposa, pouco se interessando com eles. Diante da primeira observação delas, estão prontos a dizer: cuidem vocês mesmas, cuidem vocês e tudo estará bem feito.

De fato, observem a proverbial preocupação de Nosso Senhor. “Faz-nos viver em função das coisas do alto, espiritualizando tudo, de tal modo que não demos muita importância ao que diz respeito a nossos sentidos. Coloca-nos acima de tudo. Procuremos, pois, penetrar no coração de Deus, confiando em sua infinita misericórdia

e bondade, jamais nos afastando dEle, aconteça o que acontecer”. Isto é o que conta. É disto que o Senhor se ocupa solícita e plenamente. Apesar de nossa pouca prudência, como se não quisesse saber dos bens, permite-nos administrá-los, oferecendo-os e consagrando-os livremente a Ele.

“Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e sempre” (Hb 13,8). Ontem, nos advertia e nos preparava para carregar tudo com coragem. Hoje nos concede mais coragem e paciência ainda, tão necessárias para suportar qualquer tipo de tribulação, em vista de sua maior glória. *“Bendirei o Senhor em todo o tempo, seu louvor estará sempre na minha boca”* (Sl 34,2). (1)

1. “Epistolário”, p. 48s: carta à L. Naudet, de 09-01-1813. O trecho entre aspas no terceiro parágrafo é tirado de uma carta da própria Naudet, de cujo conteúdo ficaram vestígios no “Diário” da Serva de Deus, com data de “Janeiro de 1813”; Cf. A introdução de Pe. José Stofella.

60. Distrações, tentações, aridez

Se na oração e na meditação somos tentados por distrações, não devemos perder a coragem e deixar de rezar, mas perseverar sempre. Permanecemos na presença de Deus, apesar das distrações, e não reduzamos por isso o tempo destinado à oração. Durante a oração, é preciso saber reconhecer e apresentar humildemente a Deus a nossa condição de precariedade, que não nos permite elevar perfeitamente o coração a Ele, como gostaríamos. Repitamos com o salmista: *“meu coração desfalece. Digna-te, Senhor, livrar-me; vem depressa, Senhor, em meu auxílio!”* (Sl 40,13.14).

Também o demônio faz de tudo para perturbar as pessoas que rezam. Mas, nós, mesmo frustrados pela tentação, persistiremos no propósito e esforço de rezar, certos de que estes serão creditados como frutos da oração. Embora não se consiga libertar-se completamente dos pensamentos perturbadores insinuados pelo tentador, sem dúvida, receberemos de Deus o prêmio pelo esforço. Se não há consentimento na tentação, conseguir-se-á, na verdade, uma vantagem maior por causa de tal sofrimento.

Pode acontecer, que na oração e na meditação não se consiga encontrar nenhum sabor e prazer, e se venha a cair na aridez interior. Mantendo-nos, porém, fiéis às práticas de piedade e procurando cumpri-las do melhor modo possível, podemos contar com a bondade do Senhor, que sempre as acolhe com benevolência. Não há dúvida de que o Senhor fica satisfeito toda vez que seus eleitos procuram estar em sintonia com Ele, por meio do empenho. (1)

1. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3420-3422.

O PECADO

61. Graça e pecado

Quem somos nós, cristãos? Não olhemos ao redor e fora de nós. Entremos em nosso interior, na parte mais íntima de nós mesmos.

Por natureza, somos imagem fiel da face de Deus. Além disso, somos, por Deus, constituídos os senhores da terra, a fim de que todas as criaturas nos sirvam. O próprio céu está destinado a nos servir, com o esplendor de sua luz.

Pela graça, fomos elevados à mesma ordem da natureza divina, da qual somos participantes. Somos filhos de Deus. Cristo é nosso irmão. Somos declarados herdeiros de Deus. Nossas almas são esposas do Espírito Santo. Não nos deu Ele um penhor riquíssimo de preciosos dons? Não foram os anjos, príncipes do céu, destinados a cuidar de nós aqui na terra? Por acaso, o próprio Filho de Deus não desceu do céu, revestindo-se de nossa natureza para viver conosco?

Como é que podemos ficar indiferentes e com a consciência tranqüila, sabendo que estes senhores da terra, herdeiros do céu, filhos de Deus e almas-esposas do Espírito Santo, submetem-se à torpe escravidão do pecado e do demônio? Não nos envergonha essa escravidão tão indigna? Onde fica a nobre e divina origem de nosso ser, o amor transcendente de nossa liberdade? Até quando permaneceremos presos a estas cadeias, suportando a dominação de tiranos monstruosos?

Pensem seriamente como recuperar nossa liberdade, dignidade e esplendor.

(1)

1. "Pregações à juventude", n.º 23; "A libertação do pecado e do demônio", MS 901-903, 913; PVC, pp. 33-36.

62. A ofensa a Deus

O pecado, como injúria à majestade infinita de Deus, possui tal amplitude de malícia e profunda deformidade, que não pode ser adequadamente reparado por nenhuma ação de qualquer criatura. Assim, não podendo criatura alguma quitar esta dívida incalculável, o Senhor veio pagá-la por nós. Fez-se homem e assumiu, em sua imensa bondade, o resgate da dívida por um ato de mérito infinito. A rigor, sabemos que bastaria para tanto um simples suspiro de Cristo, Homem-Deus, enviado ao céu. Ele fez muito mais. Para nos fazer ver melhor a aversão ao pecado e levar-nos a perceber a gravidade do mal, pago com preço alto, carregou-se de tantos sofrimentos internos e externos, que não há mente humana capaz de compreender isso plenamente.

Contemplemos, pois, o Crucificado, Jesus que possuía um corpo perfeito e sensível, sofrendo dolorosamente em todos os seus membros e sentidos, sendo desprezado por todo tipo de pessoas. Poder-se-ia pensar que Cristo não iria poder suportar tanto sofrimento. Contudo, ele o abraçou com a finalidade de padecer muito, Ele que havia feito tantos milagres para abrandar os sofrimentos dos outros!

O pecado não é, pois, um mal qualquer ou uma espécie de passatempo. Quando pecamos, voltamos a crucificar Cristo, porque, para compensar uma ofensa de forma justa possível requer-se uma satisfação não menor do que a oferecida sobre o Calvário. O pecado, portanto, é uma tentativa de anular a força da Paixão de Jesus e torna-a ineficaz, em vista da salvação. (1)

Quem quiser saber o que é realmente o pecado, coloque-se diante do Crucificado, e aí aprenda. (2)

1. “Missão de São Firmo”, MS 4101-4107.

2. “Pregações à juventude”, n.º. 4: “A Paixão”, MS 497; PVC, p 288. Pe. Gaspar pregou duas vezes sobre a Paixão na tarde da Sexta-feira Santa; a primeira, aos 03-04-1801; a segunda, com o mesmo texto, um pouco mais ampliado, aos 04-04-1806. Dentre as “Pregações à juventude”, esta se apresenta como uma das mais elaboradas e pode ser considerada como um documento da sabedoria da Cruz, característica de Pe. Gaspar, lembrada por seu biógrafo, Pe. Caetano Giacobbe: “atesto, de minha parte, que ele jamais quis se desviar da ciência sublime de conhecer unicamente o seu Senhor Crucificado” (“SA”, p. 518, Cf. mais adiante os n.ºs. 87-96 e 292-300).

63. A morte da alma

Como a alma é a vida do corpo, assim Deus, mediante a graça, é a vida da alma: “*Ele é tua vida*” (Dt 30,20). Como o corpo morre se a alma o abandona, assim morre a alma se pelo pecado mortal Deus é dela afastado.

Vamos refletir mais a fundo sobre a realidade desta morte. A vida se manifesta especialmente na forma de movimento e atividade. Ora, o que pode fazer de meritório, na ordem sobrenatural, a alma em pecado? E como poderá se mover na caminhada que conduz à felicidade eterna? O pecado elimina até mesmo a capacidade de agir na ordem da graça, e, portanto, também o direito a todo merecimento, pois, neste caso, tudo é feito sem Deus. “Como a alma – diz S. Agostinho – enquanto está no corpo confere-lhe vigor, beleza, movimento e funcionamento dos diversos membros, assim também, enquanto Deus está na alma confere-lhe sabedoria, piedade, justiça, caridade”. (1) A caridade é a raiz do merecimento. “*Se eu gastasse todos os meus bens no sustento dos pobres e até me entregasse como escravo, mas não tivesse amor – já dizia S. Paulo - de nada me aproveitaria*” (1Cor 13,3).

Refletamos, além disso, sobre o fato de que o pecado conduz, gradativamente, a uma segunda morte, ainda mais funesta, a de perder a vida eterna para a qual o homem foi criado, sepultando-o na Geena, no fogo inextinguível (Cf. Mc 9,43), *“onde haverá choro e ranger de dentes”* (Mt 8,12).

Condição frustrante é a de quem permanece no pecado! A alma está morta. Quem a poderá libertar? A penitência, só a penitência. (2)

1. S. AGOSTINHO, *“Tratado em João”*, XIX, 12; PL 35, 1550.

2. *“Pregações à juventude”*, n.º. 33: *“O fruto suavíssimo da penitência”*, MS 1196-1200; PVC, p. 97s. Pregação feita aos 22-12-1805.

64. Conseqüências do pecado

Quem introduziu todos os males que imperam no mundo? O pecado de Adão. *“Deus fez reto o ser humano”* (Ecl 7,29), senhor de si e das demais criaturas. Mas, o homem, rebelando-se de maneira tola contra Deus, perdeu a posse pacífica sobre elas. Se, portanto, o pecado foi desde o princípio o traidor que saqueou o mundo, colocando-se à frente do inumerável exército de desgraças que o afligem, é lógico pensar que, em seguida, também foi ele quem veio introduzir todos os males em nossas casas. O pecado atual gera em cada pessoa, proporcionalmente, os mesmos efeitos que o pecado original produziu no gênero humano. Aí está a verdadeira fonte de todos nossos males. Por isso, nos custa muito retornar às fontes deste turvo Nilo, que nos inunda com uma enchente de angústias.

Com isso não se quer afirmar que haja correlação entre cada pecado e nosso sofrimento. O principal dano que o pecado provoca, diretamente, é a perda dos bens espirituais, pois tolhe, de imediato, a graça santificante que é a vida da alma. E, com a graça, retira também as virtudes infusas, o merecimento pelas obras realizadas e o direito à vida eterna. Acaba com a tranqüilidade e a paz, deixando um doloroso remorso, que envenena toda a alegria do pecador.

A verdade é que a *“justiça exalta uma nação, enquanto o pecado é a vergonha dos povos”* (Pr 14,34). Em meio a uma multidão, não é, na realidade, quem está ao nosso lado que nos empurra, mas os que estão distantes, porque pretendem conseguir um lugar para si. Assim, os pecados. Como dão origem a grandes males e destroem povos e impérios inteiros, têm muito mais força para derrubar uma casa. Quando introduzimos numa casa a piedade, aí semeamos o bem. Quando tiramos o pecado, tiramos todo mal. (1)

1. *“Missão de São Firmo”*, MS 4109-4131.

65. Luta contra o pecado

“Filho, tu pecaste? Não tornes a fazê-lo; e suplica pelas faltas passadas” (Eclo 21,1).

Se tu caíste no pecado, ferida mortal para tua alma, o primeiro remédio necessário para curá-la é não cometê-lo mais. Infelizmente, há muitos que, quando cometem o pecado, se desesperam pela perda da inocência e da graça, e se deixam levar por todo tipo de transgressões, revolvendo-se na lama dos prazeres desregrados.

“Não tornes a fazê-lo”. Porque a recaída no pecado é novo ferimento na alma e quem recebeu um ferimento tem que se cuidar bem para não sofrer outro. Porque é mais fácil curar um só ferimento do que dois, três, ou mais. Porque, recaído-se no pecado, há uma espécie de arrogância e acomodamento do espírito, que ofende gravemente a Deus, dificultando, quer a cura de quem caiu, quer o perdão da culpa.

“Suplica pelas faltas passadas”. É o que vale para reparar o pecado. Não basta, de fato, evitar a repetição do pecado e corrigir a conduta de vida como se a penitência não fosse outra coisa senão um simples arrependimento. Este é importante, mas o fundamental é pedir perdão com humildade e contrição. Os pecados permanecem se não forem perdoados. (1)

1. “Exercícios” e “Instruções”, MS 2994-2997.

66. O pecado venial deliberado

Em relação à alma, o pecado venial é um tipo de mancha que não tira a beleza intrínseca da graça santificante. Priva-a, porém, de seu esplendor. E se pensarmos como é bela a alma em estado de graça, como considerar que ser coisa pouca qualquer diminuição de tal esplendor?

O pecado venial, portanto, se opõe à vontade de Deus porque, mesmo não estando em contraste com o fim da lei, que é a caridade, não observa essa lei com a devida perfeição. Portanto, atenuará o ardor da caridade. Um mal, que se opõe ao cumprimento perfeito dos desígnios de Deus, não pode, certamente, ser chamado de mal secundário. Nosso Senhor não o considerou assim. Ele ofereceu à divina justiça sofrimentos, sangue e até a própria vida, não só para apagar os pecados mortais de todos os seres humanos, mas também os veniais.

Além disso, o pecado venial é relevante por causa de seus efeitos. E o efeito mais pernicioso é o de dispor a pessoa para o pecado mortal. Indiretamente, mina as defesas e destrói os diques que seguram a enchente perniciosa. Debilita a prática das virtudes e acostuma a vontade a ferir a lei divina com falhas consideradas de pouca importância. É tropeço que leva a infrações mais graves. Diretamente, direciona afetos

e atitudes para coisas vãs, que conduzem a pessoa a realizar o que é efetivamente mau. Isto se nota, sobretudo, nos casos em que o pecado venial tem algo em comum com o mortal: a matéria, diferenciada apenas pela quantidade. Como acontece, por exemplo, no furto e nas calúnias.

Em síntese, o pecado venial, na prática, distingue-se do mortal só como o pequeno do grande. É uma centelha. Se o demônio começar a soprar, o fogo será inevitável. (1)

1. “Missão de São Firmo”: MS 4123-4158.

A TIBIEZA

67. A doença e os remédios

“Não acho perfeitas aos olhos de meu Deus as tuas obras” (Ap 3,2), obras vazias de espírito, caridade e zelo. És como árvore florida, mas estéril (Cf. Mc 11,13ss) que tem aparência de fé convicta, mas não produz frutos e obras. Não és constante nem perseverante quanto à realização do bem. Quando fazes alguma boa obra, não a executas com reta intenção, mas por interesse ou vanglória, com preguiça e fadiga, manchando-a com atitudes nada recomendáveis.

Um pouco de Deus, um pouco do diabo. Um pouco de Cristo, um pouco do mundo. Um pouco de materialismo, um pouco de espiritualidade. Um pouco de vaidade, um pouco de devoção. Um pouco de maldade, um pouco de caridade. Um pouco de oração, um pouco de imprecações contra Deus. O espírito de Cristo obscurece misturando-se com o espírito do mundo; a fé, com as máximas da secularização; a caridade cristã, com a máscara da honestidade pagã. Obras que poderão parecer boas a seus próprios olhos, aos do mundo e aos dos homens. Não, certamente, aos olhos de Deus.

Para superar esta ambigüidade, procura aplicar-te à escuta da Palavra de Deus e a não dar muita importância às máximas do mundo. Mantém-te fiel à tradição cristã e aos ensinamentos do Magistério da Igreja, sem deixar-te levar por falsas novidades. Procura, pois, vencer respeitos e temores mundanos, raciocínios alienantes das filosofias que se levantam contra a Igreja. Pratica fielmente a humilde doutrina de Cristo, pregada pelo sucessor de Pedro. Tem os olhos sempre abertos diante das realidades. Faze penitência, porque muitos são os pecados e muitos os perigos que levam a pecar.

“Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas” (Ap 3,6). Não é a carne, nem o mundo ou certas filosofias, mas é o Espírito quem repousa sobre *“o pobre, o de espírito abatido”* (Is 66,2), ajudando a evitar todo tipo de fingimento ou hipocrisia (Cf. Sb 1,5). (1)

1. “Missão de São Firmo, A carta de Deus”, MS 4019-4027. É um comentário ao Ap 3,1-6, isto é, à carta endereçada “ao anjo da Igreja de Sardes”. Segundo o último biógrafo de Bertoni, isso se enquadra bem na pregação da Missão de S. Firmo (“Bertoni, 3”, p. 672ss.).

68. Oxalá tu fosses frio ou quente!

“Ao Anjo da igreja que está na Laodicéia escreve: conheço a tua conduta” (Ap 3,14.15). Tu não a conheces, nem quiseste conhecê-la. Mas, eu irei mostrá-la como é, e não como teu amor próprio pensa que é. Não és nem frio nem quente. Quem vive oscilando entre virtude e vício, provavelmente gostaria de viver santamente. Todavia, não se decide, com generosidade, a sair definitivamente desse estado e teme a necessidade do empenho em adquirir as virtudes. *“Oxalá fosses frio ou quente! Mas porque és morno, nem frio, nem quente, estou para vomitar-te da minha boca”* (id. v.15.16).

A tibieza é bem pior do que a frieza do pecador que está disposto a reconhecer seu pecado. Frequentemente houve casos de pessoas indiferentes e pecadoras que se converteram e chegaram a níveis de verdadeiro fervor. O que não aconteceu com aquelas que viveram na tibieza. De fato, encontrando-se nelas a negligência da alma tibia unida à falsa tranqüilidade em que vivem, facilmente passam da sonolência espiritual ao estado de letargia mortal. Além disso, em certo sentido, a tibieza revela-se ainda mais perigosa do que a própria frieza do pecado, porque tem sua raiz no pior de todos os vícios: a soberba, aliada à presunção.

Dizes: *“sou rico e abastado e não careço de nada”* (ibid. v.17). É próprio dos tíbios confrontar-se, não com o Evangelho, nem com a doutrina e o exemplo dos santos, mas com o modo de pensar dos mundanos. *“Senhor, Senhor, não foi em teu nome que profetizamos? Não foi em teu nome que expulsamos demônios? E não foi em teu nome que fizemos tantos milagres?”* (Mt 7,22). Mas, o Senhor responderá: *“jamais vos conheci. Afastai-vos de mim, vos que praticais a iniquidade”* (id. v.23).

“Dou-te um conselho: compra de mim ouro purificado no fogo, para ficares rico, e vestes brancas para vestires e não aparecer a tua nudez vergonhosa; e compra também um colírio, para curar os teus olhos, para que enxergues” (Ap 3,18). O ouro purificado pelo fogo é a caridade expurgada de todo tipo de hipocrisia e contaminação das paixões humanas. As vestes brancas significam a inocência e a pureza de vida. O colírio é a humildade, que faz a pessoa ver claramente seus males, manifestando-lhe a necessidade do auxílio divino e, portanto, a exigência de procurar merecer este auxílio por meio de vida santa e fervorosa. (1)

1. “Exercícios” e “Instruções”: MS 3201-3216.

A TENTACÃO

69. Como acontece a tentação

Deus permite que sejamos tentados pelo espírito mau, pelo espírito carnal e mundano, pelo amor próprio, tendo sempre em vista o bem.

Convém não esquecer que, geralmente, o espírito maligno procura aliar-se com o espírito humano e carnal, com o nosso amor desordenado pelos prazeres, com a atração mundana pelos bens e honrarias, com o orgulho. Se o demônio encontra um ponto de apoio consistente em nossa alma a ser tentada, então começa a promover uma guerra interior muito intensa. Mas, se não encontra o ponto de apoio – porque nossa alma está procurando constantemente purificar-se, colaborando com a obra da graça de Deus – o maligno sai à procura de outros cúmplices: de preferência as pessoas que estão mais próximas de nós, mesmo aquelas às quais estamos mais intimamente unidos por laços particulares de amizade, confiança e obediência.

Pode, por exemplo, suceder que, para desviar um jovem de seu propósito de consagrar-se inteiramente a Deus, o maligno se sirva de algum sacerdote, pouco fervoroso ou mundano, do qual o jovem se aproxima com simplicidade no intuito de receber conselho e orientação.

Senhor, por meio destas provas, tendes sempre uma finalidade boa, enquanto o demônio visa o oposto. Tendes a intenção de purificar-nos de nossos defeitos e fazer-nos corresponder melhor à nossa vocação. O demônio, ao contrário, quer nos levar a cair na infidelidade e colocar-nos em atrito com vosso chamado. Fazei, Senhor, que possamos conhecer tão bem os desígnios de vossa amorosa Providência e desvendar as tramas do maligno, de modo a obter, através destas provas, que nosso espírito se fortaleça na fidelidade a Vós e empenhe-se em corresponder melhor à vocação que nos foi proposta. (1)

1. “Meditações sobre o I Livro dos Reis”, n°. 11, MS 5186-5205.

70. Deus sabe como tirar vantagens da tentação

Se a Providência Divina que em tudo concorre para nosso bem consente que o demônio nos tente, limita, entretanto, a intensidade da tentação, não permitindo que sejamos tentados acima de nossas forças (Cf. 1Cor 10,13). Concede auxílios espirituais e aumenta as defesas externas, a fim de que, cooperando com a graça, possamos vencer. Além disso, há a maternal vigilância da Igreja, Esposa de Cristo. O Senhor lhe concede zelo para proteger seus filhos e luzes para guiá-los na luta. Por isso, Deus, com sua amorosa Providência, e a Igreja, com seu cuidado maternal, com nossa cooperação, sabem conduzir a experiência das tentações a um êxito feliz: *“junto com a provação ele providenciará o bom êxito”* (1Cor 10,13).

Uma primeira vantagem é a firmeza nas virtudes, a conquista de maior estabilidade no bem e o empenho para vivenciar um estilo de vida mais perfeito e puro. Tudo isso sustentado pelo sólido exercício da mortificação.

Outra vantagem deriva da própria experiência da tentação. É a ciência da discricção. A alma adquire-a durante a tentação mesma, tomando consciência das próprias forças, sendo capaz de determinar o grau de virtude que possui, usando-o como termo de comparação. *“Quem não tem experiência, pouco sabe”* (Eclo, 34,10).

Há, ainda, uma terceira vantagem proveniente da tentação. É a plenitude de consolações que Deus acrescenta à vitória da alma fiel, além do bom exemplo oferecido aos outros. Deus sabe, muito bem, como recompensar o esforço despendido para vencer a tentação, concedendo, sobretudo, o dom especial da humildade e do fervor espiritual. (1)

1. “Meditações sobre I Livro dos Reis”, n.º. 11 e 12; MS 5206; 5242-5265.

71. Convém sempre estar preparado para a tentação

Quem na vida procura sinceramente a Deus deve saber que sua conduta é uma contínua provocação à malícia do “Leviatã” (Cf. Jó 3,8).

De fato, os que, com o pecado se sujeitaram à vontade do Maligno, são por ele dominados, pois este orgulhoso tirano subjuga seus corações com poder total e consciente segurança. Quando, porém, um espírito dedica-se à busca de Deus, abandona o torpor da sua negligência e, lembrado da primitiva liberdade, se rebela contra a escravidão do inimigo, este se sente desprezado. Não consegue tolerar que seu escravo se volte contra ele. Por isso, irrita-se e prepara-se para a luta, criando tentações, de toda a espécie, contra o rebelde Procura, com todas as armas e ataques, penetrar no coração, que há tempos atrás, julgava ser o proprietário.

Assim, o “Leviatã”, que parecia estar dormindo, repousando tranqüilo no coração do pecador, é despertado. É provocado para o combate ao ver minado seu direito à perversa dominação. *“Meu filho – adverte a Escritura -, se te apresentas para servir ao Senhor, prepara tua alma para a provação”* (Eclo 2,1). Quem se entrega a Deus deve estar preparado para sofrer duros golpes na luta contra aquele a quem, antes, servia tranqüilamente como escravo. (1)

1. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3000-3002.

72. Sugestões práticas

“Foge dos pecados como de uma cobra” (Eclo 21,2). Se tivesses tido coragem de resistir, a esta altura as tentações não existiriam. (1)

Elas voltam, quando cedemos pela primeira vez, pois Deus quer nos oferecer ocasião de colher o fruto que não colhemos antes. (2)

É preciso, pois, estar sempre preparado para tentações mais fortes, quer para reparar os defeitos que nos venceram, quer para chegar aonde Deus nos convida. (3)

Quem não segue as inspirações que Deus sugere para evitar algum perigo, merece cair nele. (4)

Grandes tentações são meios eficazes para uma santidade mais perfeita, se houver coragem e fortaleza para enfrentá-las. (5)

É possível que existam certas tentações, passíveis de serem afastadas através da dissimulação, fingindo consentimento. Por exemplo, se uma pessoa boa e fervorosa, está sendo tentada a deixar seu Instituto religioso para entrar em outro mais austero, dê-se a ela licença para isso. (6)

1. “Diário Pessoal” [Memorial privado], p. 56: anotação de 29-07-1808.

2. O.c. , p. 143: anotação de 27-03-1809.

3. O.c. , p. 44: anotação de 19-09-1808.

4. O.c. , p. 32: anotação de 09-08-1808.

5. O.c. , p. 41: anotação de 31-08-1808.

6. O.c. , p. 21: anotação de 18-07-1808.

A CONVERSÃO

73. A volta do filho pródigo

Imaginemos o filho pródigo aos pés de um carvalho, enquanto vigia uma vara de porcos. Ele contempla pensativo, aborrecido, esfarrapado e sujo, meditando na possibilidade de voltar.

É, aí, que decide retornar à casa paterna movido, principalmente, pelo sentimento de sua atual e mísera condição. Compara o passado, com o presente. Rico, que era, tornara-se miserável. Para chegar a tal pobreza, ou melhor, à miséria foram necessários poucos meses. Está chafurdado no abismo do mal. Sente-se impulsionado a voltar, movido pelo remorso e pelo arrependimento das falhas cometidas. Em seu coração, busca a lembrança da bondade paterna e a compara com a indignidade de sua conduta.

Antes de se pôr a caminho, ele medita. E planeja melhor modo para o reencontro. Propõe-se, então, a apresentar-se perante o pai, fazendo a confissão sincera de suas culpas, sem justificativas: *“vou voltar para meu pai e dizer-lhe: pai, pequei contra Deus e contra ti”* (Lc 15,18). O desprezo que mostra por si mesmo leva-o a humilhar-se: *“já não mereço ser chamado teu filho”* (id. 19). Promete, daquele momento em diante, vida austera e penitente: *“trata-me como a um dos teus empregados”* (ibid. 19). Que mudança num jovem antes indócil, presunçoso e mergulhado em prazeres! O arrependimento transforma a alma penitente. É o que a contrição deve fazer em mim também.

Eu tenho que me levantar e voltar, não a meu superior ou a meu juiz, mas a meu Pai. Seu eu perdi o título de filho, ele não perdeu o de Pai. Encontrá-lo-ei cheio de bondade e ternura por mim. Estou certo de que ele mesmo virá a meu encontro para facilitar a volta, conceder-me-á prontamente o perdão dos pecados e sustentar-me-á depois, constantemente, no caminho da perfeição. Muitos, depois de ter vivido como eu no pecado e na tibieza, tornaram-se santos e modelos de perfeição.

Finalmente, confio que ele derramará sobre mim incontáveis graças, mesmo sem as pedir, e saberá recompensar-me, premiando-me pela vitória conquistada. (1)

1. “Exercícios” e “Meditações”, MS 2434-2446.

74. A ressurreição

Se o pecado é a morte da alma, a penitência é sua ressurreição. Ela, de fato, reconcilia nossa vida com Deus, e, assim, restitui-nos a verdadeira vida. O que pode haver de mais preciosa e estimável do que a vida reconstituída - participação na própria vida de Deus - pela penitência?

A sentença de morte eterna, que antes fulminara o pecador, transforma-se, agora, em direito à vida eterna. Sim, a vida eterna é o fruto saborosíssimo da conversão. O próprio Deus o assegura: *“não tenho prazer na morte do ímpio, mas antes que ele mude de conduta e viva”* (Ez 33,11). A penitência torna o homem, *“na esperança, herdeiro da vida eterna”* (Tt 3,7). De escravo do pecado, torna-o filho de Deus. Torna-o filho porque o faz justo, e, de inimigo de Deus, o reconduz à sua amizade, por intermédio de sua graça.

Tal quadro está apresentado muito bem na parábola do filho pródigo. Quando o pecador, depois de seus inúmeros desatinos, volta arrependido aos pés de Deus, e diz: *“Pai, pequei contra Deus e contra ti”* (Lc 15, 21), Deus o acolhe como o pai amoroso da parábola. Beija-o com o ósculo da paz. Manda que lhe seja restituída imediatamente a veste nupcial do amor e da graça. Recoloca em sua mão o anel, que é penhor da fé e a marca indelével do Espírito Santo. Prepara, depois, um banquete

celestial e substancial: o corpo e o sangue de Cristo, seu Filho e nosso Salvador, com o qual o nutre, fortalece e recia.

Muitas vezes a penitência frutifica de tal modo que a pessoa, ressuscitando do pecado, recebe graça maior do que a anterior. Por isso está escrito que *“onde se multiplicou o pecado, a graça transbordou”* (Rm 5,20). Aliás, pode-se até dizer que, pela penitência, o pecador acaba recebendo de Deus maior número de graças do que o justo, conforme diz o Evangelho: *“assim, os últimos serão os primeiros”* (Mt 20,16). (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 33: “O fruto suavíssimo da penitência”, MS 1200-1203; PVC, p. 99s.

75. Arrependimento e confiança

Leio no Evangelho que um leproso pede: *“Senhor, se queres, tens o poder de purificar-me”* (Mt 8,2) e, tocado pelo Cristo, é curado imediatamente. Leio também que um centurião se aproxima de Jesus, e diz: *“Senhor, o meu criado está de cama, lá em casa paralisado e sofrendo demais... Dize uma só palavra e o meu criado ficará curado”* (Mt 8,6-8) e, conforme sua fé, naquele mesmo instante o servo sarou. Estes dois milagres fazem-me refletir que não existe doença que, mediante o recurso da graça do Salvador, não possa ser pronta e prodigiosamente curada, por mais grave e aparentemente insanável que seja.

Se não se consegue tirar de nós a lepra do vício e se nosso coração não sabe levantar-se do leito dos prazeres mundanos em que jaz, talvez há muitos anos, a causa está em nós mesmos, em nossa fraqueza, comodismo e falta de confiança. Como é deplorável ver que tantos cristãos, mesmo estando ciente de sua triste condição, não sabem decidir-se a abandoná-la de vez. Eu gostaria de tentar incutir nestes ânimos abatidos – apesar de ser um tanto quanto difícil – a confiança e a fé.

Por que retardar o abandono dos próprios pecados, porque não subir mais alto de onde se caiu, para conseguir ser perfeito cristão e, até mesmo, santo? Nada é impossível ou difícil para Deus. Se o demônio pôde induzir à queda no pecado, não poderá Deus ressuscitar e reparar essa desgraça? Pensemos bem e não desconfiemos de Deus. Erramos mais desconfiando de Deus do que cometendo pecados.

Quem caiu em culpas gravíssimas e as multiplicou sem medidas, mas não chegou a ponto de negar a misericórdia e o poder de Deus, não tem motivo para desespero. Pelo contrário, sabe que pode manter os olhos confiantes na bondade do Senhor, até que Ele se mova de compaixão. (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 27: “O desespero em se converter”, MS 992-996; PVC, pp. 37-39.

76. Acreditar sempre no perdão de Deus

Os artifícios do Maligno têm, como finalidade, tirar-nos a confiança, porque ela pode nos salvar: *“é na esperança que já fomos salvos”* (Rm 8,24). Alguém pode admitir que Deus perdoe, levantando, porém a questão: será Ele sempre justo e está disposto a voltar para nós seu olhar compassivo e benevolente após tantas culpas, com as quais provocamos sua ira?

Entendo e respondo. Quem deseja medir a ira de Deus, com o metro, incorrerá em erro, seriamente perigoso para si e injurioso para Ele. Se a ira divina fosse uma paixão igual à que domina as pessoas, haveria motivo suficiente para temer a impossibilidade de se apagar o enorme incêndio de ira que provocam nossos pecados. Mas, como em Deus não há sombra de paixão e, mesmo nos punindo, não o faz com ira, tendo sempre um olhar amoroso para conosco, podemos, em qualquer circunstância, criar coragem e confiar no valor da penitência. Acreditemos, sempre, que Deus nos ama, mesmo quando se mostra irado. Se nos ameaça, porque nos afastamos dele, significa, então, que, com muito mais razão, nos quer atrair para si.

É preciso ter um conceito mais claro de Deus, considerando que não poupou, por nosso amor, nem mesmo seu Filho unigênito, mas o entregou aos mais cruéis sofrimentos e à morte ignominiosa para nos redimir. Se por trinta e três anos o Verbo feito homem correu atrás dos pecadores que fugiam dele, se ele continua, ainda hoje, a enviar mensageiros, advertindo, exortando e oferecendo sua misericórdia, como poderá rejeitar-me? Não, não é possível!

Deus jamais rejeita a penitência sincera, mesmo que a pessoa tenha ido a fundo em todos os males. Pelo contrário, acolhe-a, abraça-a, ajuda-a a levantar-se e a recuperar sua primitiva dignidade. (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 27: “O desespero em se converter”, MS 997-1000; PVC, pp. 39-41.

77. Conversão e paz do coração

“Pois agora, então, voltai para mim de todo o coração – diz o Senhor pela boca do profeta Joel – e eu estou devolvendo os anos de colheita comidos pelo gafanhoto, o grilo, o saltão e o louva-deus” (Jl 2, 12.25), quando as paixões dominavam em vós.

Que consolação, para um pecador arrependido, perceber que está tão enriquecido, depois de tantas faltas! Que alegria sentir que está circundado de tanta glória após de tanta ignomínia! Como deve receber com alegria a saúde espiritual depois da triste experiência doentia do pecado. Como é diferente a vida, depois das

dificuldades, angustias e agonia de morte, sem remorsos, tristezas ou medo! Paz eterna no coração, serenidade imperturbável de ânimo, tranqüilidade inefável no espírito: estes são os frutos da penitência, consoladores para a alma e vividos com agradável experiência!

Convertamos, pois, imediata e sinceramente nosso coração a Deus. Ao rever nossos erros e falhas, experimentemos o mais profundo desprazer, a mais desagradável abominação e a aversão mais repugnante. Assumamos resolutamente e com desejo de continuidade a reviravolta de nossa vida e mudança de nossas atitudes. Com alegre esperança, com a grande confiança em obter o perdão, confessemos ao sacerdote todas as culpas cometidas, dispostos a dar a devida satisfação a Deus e aos homens.

Assim lavada e purificada a alma no sangue do Cordeiro imaculado, Cristo Jesus, que veio tirar os pecados do mundo (Cf. Jo 1,29), seremos dignos de sair ao seu encontro e de ser admitidos por Ele à feliz posse de todos os dons que traz consigo e de sua própria herança: *“essa vai andar comigo, vestida de branco, pois é digna”* (Ap 3,4). (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º 33: “O fruto suavíssimo da penitência”, MS 1206-1210; PVC, p. 101s.

78. A conversão é menos difícil do que parece

Se S. Paulo considerava leve qualquer tribulação sofrida por ele, em comparação com o imenso penhor de glória a que aspirava (Cf. 2Cor 4,17), não será muito mais simples dominar nossas paixões?

Não somos cercados pelos perigos, morte cotidiana, açoites, cárceres, dissabores que ele teve de enfrentar. Temos, somente, que nos livrar da escravidão do pecado e voltar à vida da graça.

Por que desanimar e nos deixar dominar pela desconfiança? Os negociantes, que procuram além oceano suas riquezas, sofrem, muitas vezes naufrágios e, contudo, recomeçam com coragem, do princípio, prosseguindo em suas viagens incertas e perigosas. Nós, que temos garantia de feliz êxito, por que não recomeçar a viagem interrompida? Permaneceremos de braços cruzados, refletindo sobre nossas perdas sem repará-las com solicitude? Muitos santos também pecaram, e até gravemente. Davi, S. Pedro e outros. Mas, por causa disso, ficaram abatidos e sentiram-se fracassados? Pelo contrário. Levantaram-se com maior ardor e tornaram-se mais santos do que antes.

Se nas doenças corporais não se deve perder a esperança, porque perdê-la em enfermidades da alma, que não são absolutamente irremediáveis, como as do corpo comumente são? Se fosse verdade que quem peca gravemente não pode recuperar-se jamais, eu deveria acreditar que pouquíssimos entrariam no Paraíso. Todavia, acontece o contrário. Os santos mais ilustres foram os que antes caíram em pecado, como S. Pedro, Madalena e S. Paulo. O ardor que antes eles tinham usado para fazer o mal foi empregado, posteriormente, para praticar o bem. É, por isso, que o Maligno articula tantas tramas para impedir nossa conversão. Ele sabe muito bem que, quem começa a caminhada rumo à santidade, a partir da conversão, não vai parar quando se dispõe a servir Cristo com todo fervor. E cientes da dívida que têm, chegam a sobrepujar os justos que viveram inocentemente: *“muitos que são os últimos, serão primeiros”* (Mt 19,30). (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 27: “O desespero em se converter”, MS 1009-1012; PVC, p. 44s.

79. Deus dá apoio desde os primeiros passos da conversão

Deus manifesta, em sumo grau, sua benignidade logo que uma pessoa dá os primeiros passos, ainda que incertos e imperfeitos, no caminho da conversão. Não a rejeita, mas a recompensa com inúmeras retribuições. Assim Ele fala ao seu povo pelos lábios de Isaías: *“fiquei indignado com a covardia de sua cobiça, e eu o feri escondendo-me indignado. E ele, rebelde, continuava pelo caminho que queria. Estou vendo o caminho por onde vai. Vou curá-lo, reanimá-lo, deixá-lo totalmente restabelecido, a ele e aos seus que estão sofrendo”* (Is 57,17.18).

O rei Acab chegara ao máximo da impiedade. O sangue do inocente Nabot, traído enquanto se preparava para tomar posse da sua vinha, ainda escorria quente pelo chão. Deus sumamente indignado mandou seu profeta ao encontro do pérfido rei. *“Isto lhe dirás: ‘Assim fala o Senhor: Tu mataste e ainda por cima roubas!’ E acrescentarás: ‘Assim diz o Senhor: No mesmo lugar em que os cães lamberam o sangue de Nabot, lamberão também o teu... Farei cair sobre ti a desgraça: varrerei a tua descendência. Eliminarei da casa de Acab todo o macho de qualquer categoria... porque provocaste a minha ira”* (1Rs 21,19ss). E acrescenta a Escritura que não houve quem superasse Acab na iniquidade: *“não houve ninguém que se vendesse como Acab para fazer o mal aos olhos do Senhor. Portou-se de modo abominável”* (id. 25s).

Este ímpio, ao ouvir as ameaças do profeta, ficou tomado de terror, deu alguns sinais de arrependimento e humilhação: *“quando Acab ouviu estas palavras, rasgou as roupas, pôs um cilício sobre a pele e jejuou”* (ibid. v.27).

Deus, diante disso, não conseguiu reter o ímpeto de seu coração. Chamou imediatamente o profeta e disse-lhe afetuosa e compassivamente: *“viste como Acab humilhou-se diante de mim? Já que ele assim procedeu, não o castigarei durante a sua vida”* (ibid. v.29). Ó piedosas entranhas de misericórdia! (1)

1. O.c., MS 1000-1002; PVC, pp. 41-42.

80. Não adiar o propósito de conversão

Adiar continuamente decisões, dar tempo ao tempo é sempre algo muito perigoso, em qualquer circunstância. Mas, torna-se mais perigoso ainda, quando se trata da conversão do pecado a Cristo.

“Não digas – admoesta a Escritura – ‘pequei, e que de mal me aconteceu?’, pois o Altíssimo é um retribuidor paciente. Não percas o temor por causa do perdão, acrescentando pecado a pecado... Não demores em voltar para o Senhor e não adies de um dia para outro, pois sua ira vem de repente e, no dia da vingança, serás arrebatado” (Eclo 5,4ss). Aí está porque é perigoso adiar a conversão. Por isso, a S. Escritura nos impele à conversão sem perda de tempo. Uma verdade bem acatada basta para salvar uma alma.

Acrescenta, ainda, S. Paulo: *“ou será que desprezas as riquezas de sua bondade, de sua tolerância, de sua paciência, não entendendo que a bondade de Deus te convida à conversão? Por causa de teu endurecimento e de teu coração impenitente, estás acumulando ira para ti mesmo, no dia da ira, quando se revelará o justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um segundo as suas obras... Tribulação e angústia para todo aquele que faz o mal, primeiro para o judeu, mas também para o grego, ...pois Deus não faz acepção de pessoas”* (Rm 2,4ss). (1)

1. “Retiros para os acólitos”, MS 4598-4605.

A PENITÊNCIA SACRAMENTAL

81. A confissão: dom divino

Deus, desejoso de perdoar nossos pecados e restituir-nos sua graça, nos chama e convida ao sacramento da reconciliação. Mas, pode acontecer, às vezes, que a simples idéia de ter que se aproximar da confissão desperte em nosso coração um certo sentimento de medo e temor. O próprio demônio aumenta e exagera estas falsas apreensões. Ele, que antes havia eliminado todo pudor para nos induzir mais facilmente ao pecado, redobra, então, o sentimento de confusão e de vergonha para nos impedir a confissão de nossas culpas.

Ora, Deus nos garante que – quando decidimos colocar nossas culpas aos pés de um ministro, com sinceridade e verdadeiro arrependimento – afastará de nós toda confusão, transformando-a em verdadeira glória. De fato, não se pode negar, a não ser que renegássemos a fé, que, por intermédio da reconciliação, Deus perdoa inteiramente a mancha de culpa. E cancela totalmente a vergonha, por mais grave que seja, fazendo reflorir na alma a vida espiritual que havia sido congelada pelo pecado.

Na confissão, novamente a alma é lavada, purificada e adornada com um raio de puríssima luz, que o Verbo de Deus nela infunde. Ele reveste-a com o traje precioso da graça. Coloca-lhe sobre a cabeça uma coroa esplêndida cravejada de todas as virtudes e, no dedo, o anel de ouro da caridade. Deste modo, a alma recupera dons preciosos e ricos tesouros de merecimento, existentes antes do pecado. Aliás, pode acontecer que ressurgindo renovada, adquira um grau ainda maior de graça do que tinha, antes de cair no pecado.

Por que temer ou sofrer confusão e vergonha, se nos espera honras verdadeiras e um triunfo inigualável? (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 10: “O pecador convidado à conversão”, MS 616-618; PVC, p. 57s.

82. Arrependimento e propósito

Sabemos que o demônio e o pecado estão sempre nos atacando com subterfúgios mil, ameaçando-nos e nos tentando por todos os lados. Querem nos dar a impressão de que é impossível fugir de suas garras, quebrar as correntes dos maus e fortes hábitos, superar dificuldades intransponíveis para, então, viver na graça de Deus.

Sabemos muito bem, porém, que o Senhor mesmo, por meio do sacramento da reconciliação, vem nos libertar das mãos de nossos inimigos, combate por nós contra eles e é o fiador responsável de nossa glória e liberdade recuperada.

De nós exige-se apenas o “quero”, assumido com todo o ardor do coração, para, de imediato, ficarmos livres da culpa, graças à onipotência divina. Cabem-nos resolução, determinação e propósito, pois Jesus Cristo, já ressuscitou triunfante, vencendo com sua morte o pecado e o demônio. Aumentemos ainda mais a glória de seu triunfo, fazendo com que Ele vença o pecado e o demônio, também em cada um de nós. Digamos em nosso coração: Maldito pecado, eu te detesto! Maldito demônio, eu te renuncio! Malditas cadeias, odiosos correntes, quero vos romper para sempre. E a vós, meu Jesus, meu Deus, eu me submeto, me entrego, e em vós me abandono. (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 23: “A libertação do pecado e do demônio”, MS 913-918; PVC, pp. 35-37.

83. O fruto suavíssimo da penitência

A reconciliação com Deus abre-nos o tesouro dos maiores e mais desejáveis bens.

Compreende, antes de tudo, a remissão de todos os pecados. Não existe delito, por enorme que seja quanto à malícia e ao número, que a penitência não deixe de apagar, não uma só vez, mas sempre e infinitas vezes. Deus mesmo nos garante: *“se o ímpio se arrepender de todos os pecados cometidos, guardar todas as minhas leis e fizer o que é direito e justo, viverá com certeza e não morrerá. Nenhum dos crimes cometidos será lembrado contra ele. Viverá por causa da justiça que praticou”* (Ez 18, 21.22).

Estas são promessas infalíveis do Senhor, pela boca do profeta Ezequiel. E, pela boca de Miquéias, Deus confirma aplacar-se ainda mais, em vista de nossa penitência, a tal ponto que promete calcar sob os pés todas as nossas iniquidades e arremessar todos os nossos pecados ao fundo do mar, para serem sepultados com esquecimento eterno (Mq 7, 18.19).

Depois disso, continuaremos duvidando ainda das promessas divinas? Impossível, pois a Verdade não pode enganar-se a si mesma. É o que afirma S. João: *“se reconhecemos os nossos pecados, então Deus mostra-se fiel e justo, para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça”* (1Jo 1,9).

São frutos da penitência: o perdão instantâneo de todas as culpas, quantas possam ter sido cometidas em muitos anos de vida irregular; a graça do perdão total, mesmo que alguém tivesse abusado muitas vezes da divina misericórdia; a purificação completa da alma, de tal modo que não apareça sombra de mancha alguma, nem mesmo da mais recôndita e escondida. Isso não é algo realmente admirável? Não deve ser para todos nós, algo sumamente estimável e desejável? (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 33: “O fruto suavíssimo da penitência”, MS 1189-1194; PVC, pp. 95-97.

84. O confessor e o penitente

O sacerdote, que se assenta no tribunal da penitência, representa a pessoa do próprio Cristo e o substitui. Jamais o ministro de Cristo poderá deixar de tratar, com espírito de doçura e mansidão, os penitentes que dele se aproximam. O próprio Cristo não rejeitou pecador algum que a Ele recorreu, demonstrando verdadeiros sinais de arrependimento. Recebe sempre com muita afabilidade os publicanos. Acolhe amorosamente as lágrimas das pobres Madalenas. Despediu, absolvidas, as adúlteras já condenadas à morte. Prometeu levar consigo ao paraíso um ladrão que a Ele

recorreu pouco depois de havê-lo insultado. Acaso, poderá o sacerdote mostrar repugnância por alguém que se apresente ferido, com inúmeras chagas, sobre as quais o Médico Divino sempre se dignou derramar, como bálsamo celeste, seu preciosíssimo Sangue, com suavidade e eficácia?

O confessor é homem como todos os demais, sujeito aos mesmos perigos do pecado, sujeito a fraquezas, capaz de se compadecer diante da experiência das quedas pessoais e alheias, obrigado, também ele, a apresentar-se ao sacramento da penitência para purificar-se dos próprios pecados. Conhece a fundo a fragilidade humana. Sabe que as pessoas mais espiritualizadas e santas estão sujeitas a pecar até gravemente. Encontra-se, pois, em situação de entender bem o gesto de humildade que transforma o pecador em justo a partir do instante em que reconhece seu pecado, conforme a sábia expressão de S. Ambrósio: “já que somos todos pecadores, é muito mais digno de louvor quem se mostra humilde, e é muito mais justo aquele que se reconhece indigno”. (1)

Por isso, é evidente que o confessor tem muito mais motivos para se consolar, vendo a eficácia da graça, quanto mais graves são as culpas confessadas e quanto maiores as dificuldades a serem superadas. Além disso, tem sólida convicção de que o penitente pertence ao número dos eleitos que S. João contempla vestidos de branco diante do trono de Deus, porque *“lavaram e alvejaram as suas vestes no sangue do Cordeiro”* (Ap 7,14). (2)

1. S. AMBRÓSIO, “Sobre a Penitência”, L. II, c. 10: PL 16, 540.

2. “Pregações à juventude”, n.º. 10: “O pecador convidado a confessar-se”, MS 620-623; PVC, p. 59s.

85. Nada de angústia para se confessar

Depois que o Senhor lavou a alma dos pecados, quer tirar também os defeitos, as imperfeições e, por fim, as inclinações naturais desordenadas.

Mas, isso não deve provocar angústia alguma a quem deseja aproximar-se da confissão. Quando se tratar de defeitos e negligências, mesmo que seja sempre útil e aconselhável confessá-los, não é necessário fazê-lo, conforme a doutrina do Concílio de Trento. (1) Aliás, a própria comunhão os perdoa, conforme ensina a Igreja.

Além disso, qualquer ato de caridade sincera é suficiente para lavá-los, porque, sendo eles somente o efeito de uma diminuição da caridade, qualquer ação boa os apaga completamente (2). Amemos, portanto, o Senhor com todo o entendimento, com toda a alma, com todo o coração e com todas as forças, conforme o primeiro mandamento do Evangelho. Assim, o Senhor não terá nada contra nós, nem nós contra Ele. (3)

O sarmento não fica destacado da videira. O agricultor deve podá-lo, por estar na videira dando frutos, a fim de que produza ainda mais (Cf. Jo 15,2). Quando Pedro ouviu a repreensão, *“homem de pouca fé, por que duvidaste?”* (Mt 14,31), não se sentiu distante, nem na iminência de ser afastado, mas próximo dEle e pronto para aproximar-se ainda mais, atraído por sua especial amizade. Estava, naquele momento, ansioso, como a esposa dos Cânticos: *“leva-me atrás de ti”* (Ct 1,4). (4)

1. “Sessão XIV, C. 5: Sobre a Confissão”, Denzinger 1680.
2. S. TOMÁS, “Summa Theologica”, II-II, 79, 4.
3. “Epistolário”, p. 39: carta à Naudet, dezembro de 1812.
4. O.c. , p. 23s.: carta à mesma de 16-11-1812.

86. Pe. Gaspar, confessor

O bem que Pe. Gaspar realizou, através do ministério da Confissão, foi excepcionalmente enorme. Na orientação das almas tinha particular habilidade e o acompanhamento do Senhor, unido a grande prudência. (1) Não havia pessoa que, por mais enleada pelas paixões e vícios, não encontrasse, ao recorrer à caridade de Pe. Gaspar, o piedoso samaritano com o óleo da bondade e da prudência, cicatrizando feridas profundas. Inúmeros párocos e sacerdotes julgavam a melhor solução, para certos casos particularmente difíceis e intrincados, enviar seus penitentes a Pe. Gaspar. (2)

No confessionário, Pe. Gaspar manifestava admirável doçura e delicadeza para atender. Além disso, sabia apresentar reflexões oportunas, conselhos e soluções, de acordo com as condições das pessoas. Orientava sacerdotes, pessoas de origem nobre ou humilde, gente do povo. Sabia sempre dizer o que convinha melhor a cada um. Particularmente notáveis eram nele a reverência e o respeito para com os padres. Uma vez, não podendo ir pessoalmente confessar um sacerdote, por estar imobilizado na cama, mandou um jovem confrade, recomendando-lhe: *“Vá tu, então, mas lembre-se de tratá-lo com todo respeito, humildade e reverência”*.

Pe. Gaspar teve a consolação de poder ver, por seu intermédio e por ação de seus companheiros, inúmeras almas conquistadas para Deus, reconduzidas ao bom caminho, e muitas endereçadas para a perfeição. (3)

1. “Miscelânea Lenotti”, SA, p. 157s.
2. GIACOBBE G., “Vida”, SA, p. 487.
3. “Miscelânea Lenotti”, ,SA p. 158.

NA ESCOLA DE CRISTO CRUCIFICADO

87. Dispor-se a sofrer com Cristo para reinar com Ele

Muitas vezes e em diversas ocasiões, Cristo quis revelar a seus Apóstolos os sofrimentos de sua paixão e morte. A primeira, quando Pedro fez sua esplêndida profissão de fé, confessando quem Ele era: *“tu és o Messias, o Cristo, o Filho do Deus vivo”* (Mt 16,16). A segunda, depois de haver curado o epilético endemoniado, porque *“todos ficaram maravilhados com o poder de Deus”* (Lc 9,43). A terceira, quando, caminhando a sós com os Apóstolos, disse-lhes: *“eis que estamos subindo para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos sumos sacerdotes e aos escribas. Eles o condenarão à morte... Mas no terceiro dia, ressuscitará”* (Mt 20,17-19).

Com isto, o Senhor quis preparar seus discípulos para enfrentar, com coragem e constância, seus próprios sofrimentos. É significativo o fato de que Ele lhes revelou a paixão próxima, no momento em que mais se viu elogiado e exaltado, ou pela confissão de Pedro ou pela grandeza de seus milagres. Preparava, assim os Apóstolos, em dias de glória e alegria, para o que depois viria acontecer em dias de dor. Queria dizer-lhes: *“já que me quisestes seguir, preparai-vos também para sofrer comigo, a fim de não fracassar na fé e no amor”*. Jesus, Mestre afável, para onde ireis subir também quero subir. Padecer convosco é o mesmo que subir e caminhar, jamais descer. Além disso, se eu estiver em vossa companhia, nada tenho a temer, porque terei sempre vosso auxílio junto de mim. Convosco quero sofrer durante esta Jerusalém terrestre, para reinar convosco na Jerusalém celeste. (1)

1. “Sobre a paciência, Reflexão 2”: MS 4402-4407. Nos MS são apresentados três textos relevantes sobre o tema da paciência: “Sobre a paciência, reflexão 1”; “Sobre a paciência, reflexão 2”; “Paciência”. É provável que Pe. Gaspar se tenha servido delas para as instruções domésticas, iniciadas em setembro de 1840, às quais ele acena quando escreve a Pe. Bragato: “Comunico-lhe que, de segunda-feira até hoje, eu prego todo dia em casa, no oratório novo depois do Ofício da Manhã” (“Epistolário”, p. 324, carta de 26-09-1840; “Bertoni, 6”, p. 69).

88. A mais perversa das traições

Não é coisa nova no mundo que um inocente, um homem de virtude, um benfeitor, seja traído por um amigo, especialmente o que mais recebeu benefícios. Todavia, assim como não se pode encontrar pessoa mais inocente e bondosa do que Jesus, também não houve alguém mais beneficiado e mais íntimo dele do que o traidor Judas. Por isso, é que se diz que não houve antes, nem haverá depois, uma traição mais perversa do que essa.

Que enorme ferimento deve ter sido este para o coração de Jesus. “*Estou – disse ele - numa tristeza mortal*” (Mt 26,38). “*Se fosse um inimigo que me insultasse, eu agüentaria*” (Sl 55,13). Mas, de uma pessoa que me é tão querida, ao qual sei ter feito tanto bem, isso me transpassa o coração.

Desse modo, Jesus, sem dúvida o ser humano mais forte e invencível, por livre escolha se sujeita, como homem, a carregar o peso dos sofrimentos, que também nós provamos para remir nossos pecados. Por ser o conhecimento de sua mente muito mais profundo, a sensibilidade do seu coração muito mais refinada, seus sofrimentos tornam-se muito mais dolorosos. A fortíssima resistência que Ele opõe aos ímpetos da dor, que o aflige, tira-lhe das veias sangue com tal força que o faz suar em grande quantidade. Sinal inaudito de uma dor diferente, dor imensa.

“*Amigo, para que viestes?*” (Mt 26,50). Judas se aproxima com ar de amigo e estende a mão em direção a Jesus para abraçá-lo. Que fará agora o coração de Jesus? Que momento excepcional para o acolher afável e serenamente, garantindo-lhe o perdão! Na verdade, não o rejeita e deixa-se beijar, acrescentando: “*Judas, com um beijo tu entregas o Filho do Homem?*” (Lc 22,48). Procuremos compreender a enorme perversidade da traição. Judas havia combinado com os soldados exatamente este modo para prender Jesus. Ao sinal combinado, eles se atiraram sobre Jesus, amarraram-no e levaram-no embora. (1)

Após tantos sinais de amor, é traído perfidamente por um discípulo favorecido, familiar, privilegiado! Traído por seus mais cruéis inimigos, por uma quantia tão insignificante de trinta moedas! Jesus entrevê, então, que será traído também por muitos cristãos e sacerdotes por Ele imensamente agraciados! Que dor e angústia, para aquele coração! (2)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 4: “A Paixão”, MS 432- 445; PVC, pp. 272-276.

2. “Exercícios” e “Meditações”, MS 2604.

89. A sentença mais injusta

Não é fácil imaginar Jesus inocente, sozinho, abandonado até mesmo pelos discípulos, diante dos juízes, seus inimigos, sem experimentar profunda comoção. Estão à procura de testemunhas contra Jesus para que possam ser subornadas com dinheiro e para que deponham falsamente. Interrogam Jesus e, ao mesmo tempo, lhe negam o direito de falar. Se ele cala, consideram o silêncio como uma declaração de culpa. Se ele fala fecham-lhe a boca com uma bofetada. É um tribunal onde a justiça se apresenta às avessas, onde dominam somente ira, furor e desordem.

Sigamos agora Jesus diante do tribunal do governador romano, presumivelmente imparcial e racional. Pilatos, ao interrogar Jesus por causa das

acusações, e percebendo sua inocência, conclui que os judeus querem levá-lo à morte somente por inveja. Então, sai fora do tribunal e declara que não encontra em Jesus culpa alguma. Além disso, Herodes, ao qual, nesse meio-tempo, o havia enviado, também o tinha proclamado inocente. Por isso, determina que, após a punição com chicotadas, o colocasse em liberdade.

Como assim? Cristo é declarado inocente e tem que ser chicoteado para ser libertado? Por incrível que pareça, Pilatos fez exatamente isso. Não só lhe nega justiça, apesar de inocente, condenando-o. Torna-se execrável quando lhe nega a justiça devida a um réu, pelo modo como lhe dá a punição. Naquele tempo os juízes estabeleciam os detalhes da flagelação. Para Jesus, não. É simplesmente deixado ao bel-prazer critério dos carrascos.

É-nos muito chocante ter que relatar o atroz castigo a que foi submetido o inocente Jesus. Os soldados, colocando em sua cabeça uma coroa de espinhos, o escarnecem com irônicas adorações como a um rei burlesco. Não se sabe dizer se é maior a dor ou a ignomínia.

Sabe-se que muitos inocentes foram condenados. Mas, quando e onde houve um juiz que, antes afirmara não existir no réu causa de morte e, depois, o condena à morte? (1)

Ao rezar a Via Sacra, diante da primeira estação, ouvi Jesus dizer: se eu, inocente, me deixo condenar, por que tu, réu de culpas mil, desejas, com tantos argumentos, passar por justo em tudo diante dos homens? (2)

1. "Pregações à Juventude", n.º. 4: "A Paixão", MS 447- 456; PVC, pp. 276-279.

2. "Diário Pessoal" [Memorial privado], p. 71: anotação de 24-10-1808.

90. O suplício mais atroz

O suplício de Jesus excede e sobrepuja a todos os sofrimentos. Não só nas mãos e nos pés. Em todas as partes do corpo, dilaceradas, ele sofre, simultaneamente, dores agudíssimas. Esse dilúvio de dores, que brota e provém de todo o corpo e da alma, faz naufragar seu coração.

Tais sofrimentos sobrepujam qualquer tipo de experiência e avaliação humanas, porque os sentidos de Jesus são os mais perfeitos e sensíveis. Seu corpo, formado pelo Espírito Santo no seio da Virgem, era o mais delicado e aprimorado. A alma, pela excelência do espírito e imensa brandura de coração, era capaz de receber com total intensidade qualquer tipo de tristeza.

Mas, a força do amor – é uma pergunta que brota espontaneamente – não diminui as dores de Jesus, ou, pelo menos, suas tristezas interiores? Um amor tão

intenso que o faz exclamar: *“tenho sede!”* (Jo 19,28), sede de salvação em relação a todas as pessoas, sede de sofrer justamente por sua salvação?

Não, não! Pelo contrário, fazem aumentar suas dores. Se, de fato, ele as assumiu voluntariamente para nos libertar do pecado, as assumiu de maneira tal que fossem proporcionais à grandeza da satisfação que, por nossos pecados, ele aceitava oferecer. Foi por isso que derramou todo o seu sangue como se estivesse sob a ação de uma prensa. Este é, certamente, o suplício mais atroz.

Ó vós todos que passais pelo caminho marcado por minhas manchas de sangue – parece ser o convite de Jesus –, fixai em mim o olhar de vossa contemplação e vede se há dor igual à minha (Cf. Lm 1,12). (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 4: “A Paixão”, MS 478-487; PVC, p. 284s.

91. Os sofrimentos morais de Cristo

Enquanto Jesus sofre terrivelmente, os carrascos lhe preparam um tormento especial. Este, eu considero o tormento dos tormentos. Diante de seus olhos insultam sua desgraça, escarnecem de seus gemidos e ridicularizam sua dor. Chegam, desse modo, a ferir as profundezas de seu espírito.

Que ferida, cruelmente dolorosa para um coração que ama, sentir que não somente se busca sua morte! Sentir, nos últimos momentos da existência, insultos por parte daqueles a quem Ele, com sua morte, proporcionará a salvação! Que chaga profunda se abre naquele coração ferido pelos pecados de todos os seres humanos! Um coração que, com profunda contrição, aceitou para si os pecados dos outros como se fossem seus!

Até mesmo os ladrões que estão crucificados ao seu lado, o insultam. E Jesus? Assim que um deles se retrata e reconhece o erro cometido, Jesus está pronto para lhe dizer: *“em verdade te digo: hoje estarás comigo no paraíso”* (Lc 23,43). Até isto agrava suas dores. O ladrão se salva, mas meu povo, minha nação escolhida e meu querido discípulo Judas se condenam! Qual a utilidade de tanto sangue que estou derramando? Para muitos este sangue servirá de julgamento e esta cruz será de escândalo! Assim pensando, suspira em direção ao céu. Depois inclina aflito o olhar. Ah! Vê sua mãe.

Com aquele olhar as águas sangrentas da compaixão amorosa, que haviam inundado o coração da Mãe, como um mar cheio de amargura, voltam-se com jorro impetuoso em direção ao Filho, que está desfigurado pelo sofrimento. Transbordam. Chora Maria e, com ela, chora também João. *“Mulher – diz Jesus – eis o teu filho”* (Jo 19,26). Voltando-se ao discípulo, acrescenta: *“Eis a tua mãe”* (Jo 19,27). (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 4: “A Paixão”, MS 479-483 PVC, p. 282–284.

92. Contemplação da Paixão

Na oração, comece por Cristo e Sua Paixão, e depois, se Deus se dignar atraí-lo, deixe o espírito livre. (1)

Um, dentre outros frutos – e são muitos – que deves colher da meditação da Paixão, seja este: não basta apenas arrepende-te dos pecados passados; procure também te preocupar com a presença de paixões desordenadas presentes em ti, as quais muito contribuíram para crucificar o Senhor.

Outro fruto. Peça perdão pelas culpas cometidas e a graça de contínua aversão por ti mesmo, a fim de nunca mais o ofender. Peça que ele te conceda amá-lo como merece, e servi-lo, no futuro, da melhor maneira possível, em vista de tantos sofrimentos padecidos em teu favor.

Terceiro fruto. Com bastante empenho, procure extirpar toda e qualquer inclinação desordenada, por menor que seja.

Quarto. Empenhe-te, com todas as forças, para imitar as virtudes do Salvador, que sofreu, não só para nos resgatar, cancelando nossas iniquidades, mas também para nos dar exemplo e nos estimular a seguir suas pegadas.

O que devemos fazer por Aquele que tanto padeceu por nossa causa, *“que nos amou e se entregou por nós”*? (Gl 2,20). (2)

1. “Diário Pessoal” [Memorial privado], p. 35; anotação de 17-08-1808.

2. “Exercícios” e “Meditações”, MS 2631. Este trecho é tirado da clássica obra de SCUPOLI LOURENÇO, “Combate espiritual”, c. 52, à qual Bertoni remete, no final de sua meditação. Cf. CS 1, p. 228s.

93. Sempre com Cristo Crucificado

É digno da máxima atenção o que aconteceu a Pedro, depois que o Senhor fez o primeiro anúncio de sua Paixão. O generoso apóstolo havia apenas enunciado, à luz de especial iluminação do céu, sua profissão de fé em Cristo, Filho de Deus vivo. Em seguida, manifestou enorme imaturidade, presente em sua natureza humana. Quando Cristo anunciou a proximidade de sua Paixão, Pedro protestou veementemente: *“Deus não permita tal coisa, Senhor! Que isso nunca te aconteça!”* (Mt 16,22), demonstrando que não havia compreendido absolutamente nada sobre o mistério da Paixão.

A resposta de Cristo foi muito contundente: *“afasta-te de mim, satanás! Tu estás sendo para mim uma pedra de tropeço, pois não tens em mente as coisas de Deus, e sim, as dos homens!”* (Mt 16,23) É o mesmo que dizer: tu que há pouco me honraste, afirmando que eu sou o Filho do Deus vivo, agora te tornas meu adversário e

tentador, opondo-te à minha Paixão, e querendo afastar-me dela, contrariando a vontade de meu Pai que deseja que eu a sofra. Tu estás ainda muito longe da sabedoria celeste, que conhece e aprecia as coisas ordenadas por Deus. Tu te encontras, ao contrário, muito preso à sabedoria humana e terrestre, que julga segundo os critérios dos homens. Siga-me e aprendas a julgar as coisas conforme meus critérios.

Diante disso, é que se pode avaliar quanta consideração e apreço tinha Cristo por sua Paixão e morte, porque ordenadas pela vontade do Pai em vista da salvação do mundo. E pode-se entrever, também, como ele deseja que valorizemos bastante os sofrimentos e as humilhações, que iremos encontrar na vida de serviço e obediência a Deus. Assim, se alguém nos quisesse desviar das cruzes – mesmo sendo nosso bom amigo e, talvez, até iluminado por Deus em outras áreas – vamos ter que considerá-lo como tentador e pedra de escândalo. É preciso, então, apreciar e amar muito aquilo que Deus ama e estima, evitar e recusar o que Deus abomina e rejeita. (1)

1. "Sobre a Paciência": "Reflexão 2", MS 4412-4414.

94. Tenham em vocês os mesmos sentimentos que havia em Jesus Cristo

Os Evangelistas, referindo-se às profecias da Paixão feitas por Cristo aos Apóstolos, observam que *"eles nada compreenderam de tudo isso: o sentido da palavra lhes ficava encoberto e eles não entendiam o que lhes era dito"* (Lc 18,34). Mais. *"Tinham medo de fazer perguntas sobre o assunto"* (Lc 9,45), e *"ficaram muito sentidos"* (Mt 18, 31).

De fato, nem todos os que lêem o relato da Paixão ou ouvem falar dela, chegam a entendê-la, a aprofundá-la e a formar dela uma justa idéia. Assim como não a entendiam, nem a aprofundavam, naquele momento, os Apóstolos, por serem ainda imperfeitos. Ter idéia exata da Paixão, aprofundar seus mistérios, colher frutos e riquezas que ela encerra, é dom que Deus, gradativamente, concede a seus eleitos.

Os Apóstolos, então, não podiam entender, porque ainda eram imperfeitos. Possuíam uma idéia muito confusa do sofrimento e das humilhações. Tinham muito medo delas. Na verdade apreciavam e amavam demasiadamente as honrarias e o prestígio mundano (Cf. Mt 20,20ss). Quando Cristo anunciava-lhes sua Paixão, entristeciam-se muito e desanimavam, porque julgavam coisa indigna, para o Cristo, assumir algo do gênero.

Daqui deriva o fato de, também eu, quando medito sobre a Paixão, ficar indiferente e sem sentimento, pois me preparo para meditar este mistério com disposição contrária a ele. Terei que pedir ao Senhor que me conceda o dom de compreender sua Paixão, que me dê o justo conceito que ela encerra, de modo a realizar também em mim, o desejo de São Paulo: *“haja entre vós o mesmo sentir e pensar que em Jesus Cristo”* (Fl 2,5). (1)

1. “Sobre a Paciência: Reflexão 2”, MS 4409-4411.

95. O verdadeiro sentido da compaixão

Ó Jesus, nosso amor, queremos nos aproximar de teu corpo coberto de sangue para reparar, com o justo obséquio de nossas lágrimas, a injúria cruel que te foi infligida.

Estamos vendo teu corpo dilacerado por tantas chagas, que não somente lhe tiraram a beleza, mas até mesmo a aparência humana. Tua cabeça está coberta de muitos espinhos. Tuas mãos e teus pés perfurados, teu lado aberto pela lança. Queremos fixar aí nosso olhar e, com a dor que provoca tal visão, saciaremos o desejo ardente de nosso coração, convictos de que não poderemos jamais chorar o quanto mereces.

Jesus, essa é a compaixão que desejamos demonstrar por ti. Agora, fala e mostra-nos o que devemos fazer, para consolar teu coração aflito. Sabemos bem que nada pode oferecer-te tanto conforto quanto produzir em nós os frutos provenientes da Paixão: destruir o pecado e reavivar em nós o amor por ti.

Estamos desejosos de te oferecer um coração livre de qualquer afeto desordenado, afastando completamente de nós o pecado e os defeitos que mais te desagradam. Almejamos ter uma conduta virtuosa de vida, conforme a tua vontade. Não, não queremos que nossa compaixão acabe no pranto. Desejamos nos empenhar em consolar-te com nossas obras.

Dá-nos agora, com tua bênção, um sinal de que nossas lágrimas te são agradáveis. De ti esperamos inúmeras graças, bem eficazes, a fim de que, vindo beijar tuas chagas e misturar nossas lágrimas com teu sangue, possamos compreender melhor e colocar em prática, em nossa vida, aquilo que nos pedes para teu consolo. (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 4: “A Paixão”, MS 490, 464-466.

96. A Paixão de Cristo no íntimo do coração

Cristo revelou aos Apóstolos os sofrimentos e a morte, que o esperavam, para mostrar como ele tinha sempre presente no coração sua Paixão e continuava a saborear internamente suas amarguras, bebendo sem cessar este cálice tão penoso. Deste modo, quando comia e bebia, pregava e conversava, fazia milagres e realizava prodígios, tinha sempre presente no espírito o pensamento da Paixão. Em sua gloriosa Transfiguração, Ele falava dela com Moisés e Elias, aparentando ser conversa agradável, embora fosse certamente muito dolorosa (Cf. Lc 9,30s).

Ele fez tudo isto com a finalidade de mover-me com seu exemplo, a fim de que eu também possa ter sempre presente, no espírito, sua Paixão, e procure pensar nela, dela falar de boa vontade e fazer dela o pão que se come com todos os outros alimentos.

Meu bom Jesus, como não sentir gosto em poder pensar naquilo que Vós sempre pensastes e em poder falar daquilo que tantas vezes falastes? Meu desejo, ó meu amado Bem, é fazer um ramalhete de flores com vossos sofrimentos. Quero colocá-lo diante dos olhos e no peito, recordando-me sempre dele, movendo-me à compaixão e ao amor por Vós, mais que por mim mesmo (Cf. Ct 1,13). Não vou unir num só feixe vossos sofrimentos, mas meditar neles um a um, enquanto caminho por esta vida mortal, consolando-me com seu perfume, até que consiga conquistar a vida eterna. (1)

1. "Sobre a Penitência: Reflexão 2", MS 4404-4406.

†
†††
†

A GRAMÁTICA DE PE. GASPAR: MEDITAÇÕES COTIDIANAS

A PÁSCOA DO SENHOR

97. Da morte à vida

Completados, nos dias anteriores, os eventos da Paixão, que realizaram nossa redenção, celebramos hoje a Páscoa. Estamos alegres porque também ressuscitamos com Cristo, caminhando na vida nova e desejando, como os discípulos, ver Jesus na Galiléia.

Do temor e contrição, passamos agora, com firmeza, à confiança na divina misericórdia. Da alegria do século e consolação do mundo estamos nos elevando – pela compunção e recolhimento, conforme Deus deseja – a uma santa e devota exultação, e a um vibrante júbilo espiritual no Espírito Santo. Por isso, não nos causa tristeza a lembrança das culpas passadas. Pelo contrário, muito mais nos alegra e anima o desejo dos prêmios eternos. Felizes somos nós, portanto, que vivemos hoje a experiência da alegria.

Vamos procurar, então, dar continuidade à nossa caminhada para o céu. Atinjamos a meta feliz cujo rumo tomamos, sem retroceder um passo sequer, e nem mesmo volver o olhar para esta mísera terra, da qual temos que nos desapegar.

“Se ressuscitastes com Cristo – proclama solenemente S. Paulo -, buscai as coisas do alto, onde Cristo está entronizado à direita de Deus; cuidai das coisas do alto, não do que é da terra. Pois morrestes, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus” (Cl 3,1-3). (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 38: “A vida espiritual”, MS 1297-1300; PVC, p. 289s. Esta pregação – feita aos 15-04-1807, 2º domingo da Páscoa – é notável, sobretudo, porque mostra a que profunda compreensão do Mistério Pascal de Cristo chegou Pe. Gaspar, graças aos estudos da Palavra de Deus, em particular de São Paulo. Escreve a propósito Pe. Nello Dalle Vedove: “a ressurreição de Cristo era tida pelos pregadores da época, como um fato histórico de capital importância e, portanto, todo o empenho deles visava salvaguardar seu valor apologético, em vista da fé. Bem diferente, ao invés, é o kérigma contido no mistério da Páscoa de Cristo, que se torna a nossa páscoa. Neste sentido, Pe. Gaspar parece já estar precedendo os atuais critérios de evangelização” (“Bertoni, 2”, p. 534).

98. Contemplação de Cristo Ressuscitado

Imaginemos vê-lo, como apareceu aos discípulos: muito glorioso e luminoso, com as cicatrizes das chagas, enquanto nos chama para o céu, para onde se dispõe a retornar. Peçamos a graça de participar da alegria imensa do Salvador.

A vida gloriosa, assumida por Cristo em sua ressurreição, foi realmente uma vida nova. Se, realmente, desejamos a ressurreição verdadeira e perfeita, é preciso que nos transformemos de acordo com esta vida nova, e realizemos mudança e reforma do interior para o exterior: *“como Cristo foi ressuscitado dos mortos pela ação gloriosa do Pai, assim também nós vivamos uma vida nova”* (Rm 6,4).

Convém copiar de Cristo ressuscitado, não mais sensível às coisas que passam, a completa insensibilidade a todos os condicionamentos da vida humana, além da inalterável tranqüilidade de espírito e profunda paz do coração.

A deslumbrante luminosidade, que reveste a nova vida de Cristo, deve injetar, em nosso intelecto, a sabedoria cristã que o eleva ao ápice de toda a criação e o faz perceber Deus em si. Daí provém, mediante a oração, um claríssimo e sólido conhecimento de tudo o que diz respeito à nossa salvação e perfeição.

Como o dom da agilidade levava, imediatamente, o Ressuscitado de um lugar para outro, assim também deve ser nossa prontidão e ardor nas ações para fazer o bem e agradar a Deus.

Como o dom da subtileza tornou espiritual o corpo do Ressuscitado e o faz penetrar em qualquer lugar, assim também deve ser nossa vida, segundo o espírito: vida de fé convicta e independente das influências dos bens terrestres. Ela deve ser o resultado da morte infligida pelo espírito a tudo o que é material. (1)

1. “Exercícios” e “Meditações”, MS 2637-2640. Para esse trecho adotamos a adaptação já feita por Pe. José Stofella na edição dos Exercícios e Meditações em CS I, pp. 230-232.

A NOSSA PÁSCOA

99. Mortos ao pecado

Ensina S. Paulo: *“acaso ignorais que todos nós, batizados em Jesus Cristo”* – ou, acrescentem, *lavados pelo Sangue de Cristo na Penitência, e que, por isso, é um árduo Batismo – é na sua morte que fomos batizados? Pelo batismo fomos sepultados com ele na morte, para que, como Cristo foi ressuscitado dos mortos, pela ação gloriosa do Pai, assim também nós vivamos uma vida nova”* (Rm 6,3-4).

O que significa estar morto ao pecado? Jamais servir ao pecado em coisa alguma. O Batismo já o fez uma vez e a Penitência o renovou. Estamos mortos para o pecado. Agora é necessário que o façamos com nosso empenho. Fiquemos totalmente surdos a algo que nos sugira o pecado ou a paixão desordenada ou a afeição perversa. Não sejamos submissos a estas coisas e a elas permanecemos indiferentes, como se estivéssemos mortos.

Uma pessoa morta não fala de ninguém, a ninguém faz injúrias ou causa violência, não calunia ninguém, a ninguém oprime, não inveja os bons, não insulta os maus, não se dobra aos prazeres da carne, não se consome nas chamas do ódio, não adula os ricos e poderosos do mundo, não se abala por qualquer curiosidade, não procura os aplausos do mundo que a rodeia, não se preocupa com as honras, nem sofre com as injúrias. A soberba não a envaidece, a ambição não a atrai, a vanglória não a agita, as falsas riquezas da vida não a enganam, o furor insano da ira não a perturba, a beleza frágil de um rosto não a arrebatava.

Tudo isso significa estar mortos ao pecado: não apreciar as coisas terrenas, os afetos desordenados, os desejos do mundo e da carne. (1)

1. "Pregações à juventude", n.º 38: "A vida espiritual", MS 1304-1308; PVC, pp. 291-293.

100. Ressuscitados para a vida nova

Após haver lembrado a ressurreição futura, S. Paulo exige de nós uma outra ressurreição, isto é, um novo estilo de vida mediante a mudança dos costumes. De fato, quando um dissoluto se torna casto, um avarento misericordioso, um irascível manso, está acontecendo a ressurreição, que é início da vida futura.

Ao ouvir falar de vida nova, cada um tem que visar a uma grande transformação, à mudança completa. Seria lamentável se, pensando sobre as virtudes que o Apóstolo exige de nós, viermos a constatar as múltiplas falhas em que caímos! Realmente, depois do batismo, voltamos a envelhecer nos vícios; depois do maná celeste, voltamos a procurar os desprezíveis alimentos do Egito. Depois de rejuvenescidos tantas vezes pela penitência e libertados da escravidão, tornamos a cair na deplorável corrupção do pecado e, livremente, colocamos as mãos nos elos destas infames correntes.

Agora, que nesta Páscoa ressuscitamos para a graça e estamos mortos para o pecado, porque abusar novamente de tamanha misericórdia? Por que não perseverar com todo empenho? A penitência não existe só para apagar pecados cometidos, mas para nos fortificar contra os futuros. Como neste sacramento fizemos nossa parte com o arrependimento, com a acusação dos pecados, com a vontade de satisfazer, coloquemos também nosso empenho para não sermos novamente contaminados.

Acrescenta ainda São Paulo: *"se fomos, de certo modo, identificados a Ele por uma morte semelhante à sua, seremos semelhantes a Ele também pela ressurreição"* (Rm 6,5). Como o corpo de Cristo, sepultado na terra, produziu fruto para a salvação do mundo, assim também nós, sepultados novamente na penitência, conseguiremos o fruto da justiça, da santificação e de inumeráveis dons. Conseguiremos, ainda, a graça da ressurreição. (1)

1. O.c., MS 1305-1308; PVC, p. 293s.

101. Escondidos, com Cristo, em Deus.

“A vossa vida está escondida com Cristo em Deus”, diz S. Paulo (Cl 3,3). Vejamos um pouco, em que sentido se entende o “estar escondido” de nossa vida com Cristo em Deus.

A vida nova, a nós concedida, é a vida da graça que possuímos, e é a vida da glória que esperamos. Uma e outra estão escondidas aos olhos do mundo.

O mundo desconhece este novo gênero de vida interior, espiritual e santo. Por isso, o detesta e o considera sem atração e insípido. Além disso, a vida interior se apresenta, às vezes, encoberta pelo humilde véu de mortificações, aparentes tristezas e tribulações. A graça, as virtudes e os dons divinos, que são como que a alma desta vida, estão escondidos no âmago do coração e do espírito. “Os bons parecem estar escondidos – afirma S. Agostinho – porque o bem de cada um está oculto e o que eles amam não é visível, nem corpóreo. Por isso, tanto seus méritos como suas recompensas permanecem em segredo”. (1) E S. Gregório Magno esclarece ainda mais diretamente que, quem cultiva a virtude, está escondido em Deus: “qualquer pessoa que goste de se mortificar alegra-se muito com a paz encontrada na contemplação. Ela assemelha-se a um morto, escondido do mundo e distante de todas as perturbações humanas, para somente viver no seio do amor interior”. (2)

Podemos, assim, ter uma justa idéia do homem ressuscitado com Cristo. Por acaso, terá ele prazer em apreciar as desprezíveis baixezas da terra? Ou, ao contrário, não vai procurar com afincos os bens sobrenaturais e celestes, entre os quais desejará viver eternamente? “Se ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas do alto, onde Cristo está entronizado à direita de Deus; cuidai das coisas do alto, não do que é da terra. Pois morrestes, e a vossa vida está escondida, com Cristo, em Deus” (Cl 3,1-2). (3)

1. S. AGOSTINHO, “Considerações sobre os Salmos”, 53, 3. PL, 36, 621.

2. S. GREGÓRIO MAGNO, “Livros das Leis Morais em Jó, L.V, 5-6”: PL 75, 682.

3. “Pregações à juventude”, n.º 38: “A vida espiritual”, MS 1309-1312; PVC, pp. 294-296.

102. Direcionados para a vida de glória

A vida de glória, para cuja direção caminhamos, é menos conhecida ainda pelo mundo, porque este não vê a vida gloriosa para a qual Cristo ressuscitou e na qual vive junto ao Pai. É por isso que S. Paulo diz: “a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, vossa vida, se manifestar, então vós também sereis manifestados com ele, cheios de glória” (Cl 3,3.4).

S. Agostinho elucida esta passagem com uma comparação. Durante o inverno, também a árvore, cheia de seiva, se apresenta, à primeira vista, como seca. Quando chega o verão, porém, a raiz, que permanece viva, faz brotar de novo as folhas e a

reveste de frutos. Assim também é nossa vida. Assemelha-se ao inverno no tempo em que nosso sol, que é Cristo, está mais distante de nós e permanece oculto a nossos olhos, envolto em densas nuvens. Então, parecemos ser plantas externamente áridas, sem folhas e sem o brilho da beleza. Todavia, guardamos no interior uma raiz viva, que é a caridade, apoiada e vivificada em Deus, seu “húmus” vital. E, quando chegar o verão, ao resplandecer a glória de Cristo, então, nos contemplarão revivificados na ressurreição. Produziremos folhas e frutos, que são as promessas gloriosas da felicidade eterna. (1) “Avante, pois – exclama S. Agostinho – avante, e que seja selada por mim esta aliança contigo, meu dulcíssimo Jesus. Que eu morra inteiramente a mim mesmo, a fim de que só tu vivas em mim”. (2)

“Eu vivo, mas não eu; é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20), exclama S. Paulo. E, em outra passagem: *“somos cidadãos do céu”* (Fl 3,20), pois *“vós não viveis segundo a carne”* (Rm 8,9). E insiste: *“desejo ardentemente partir para estar com Cristo”* (Fl 1,23). Sublimes anseios de um homem morto para o pecado e que não aprecia mais os valores terrenos. Sublimes sentimentos de um espírito, que já vive escondido com Cristo em Deus e que não procura senão os bens superiores e celestes, onde está Cristo sentado à direita de Deus. Suaves arroubos de um coração extasiado em doce júbilo, com santos pensamentos! (3)

1. Cf. S. AGOSTINHO, “Sermões sobre as Escrituras do Velho e Novo Testamentos”, XXXVI, 4: PL 38, 216.
2. Ibid.
3. “Pregações à juventude”, n.º. 38: “A Vida espiritual”, MS 1313-1316; PVC, p. 296s.

103. Ao Céu, ao Céu!

Ao Céu, portanto, nossos pensamentos. Ao Céu, nossos afetos. Ao Céu, nossos corações, onde estão o nosso tesouro e a nossa vida. Lá encontraremos delícias sem amarguras, prazeres sem tristezas, honras sem invejas. Seremos inebriados por um rio de consolações divinas (Cf. Sl 36,9).

No entanto, enquanto nossa vida ainda está escondida, mantenhamo-nos crucificados para o mundo e o mundo crucificado para nós. Mortifiquemo-nos. S. Paulo prossegue esse discurso: *“mortificai os vossos membros, isto é, o que em vós pertence à terra”* (Cl 3,5). Quer dizer: estais já mortos para o pecado. Então, perseverai nesta morte, por meio da mortificação. Mortificai as paixões que, mesmo depois da penitência, renascem com atos, que ele explicita em seguida: *“imoralidade sexual, impureza, paixão, maus desejos, especialmente a ganância, que é uma idolatria. Estas coisas é que provocam a ira de Deus. Foi assim que vós também procedestes outrora, quando vivíeis nestas desordens”* (Cl 3,5-7). *“Que frutos colhíeis, então, de ações das quais hoje vos envergonhais?”* (Rm 6,21).

Ainda queremos, novamente, voltar atrás? Desenterrar o pecado? Reassumir a escravidão? Esvaziar a redenção tão copiosa de Jesus Cristo e anular o preço de seu sangue? Ah! Não, não. Ao Céu, ao Céu, somos chamados à vida eterna. Estamos já a caminho e muito bem encaminhados. Vamos, portanto, prosseguir até ao fim, até à pátria celeste. Desde toda a eternidade Deus nos inscreveu como cidadãos do Céu, seus servidores e herdeiros. Apressemos o passo nesta direção com toda coragem e vigor. Cristo nos espera e nos prepara, desde já, um lugar. Ou melhor, um trono.

Ao Céu, ao Céu! *“Se ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas do alto, onde Cristo está entronizado à direita de Deus; cuidai das coisas do alto, não do que é da terra. Pois morrestes, e a vossa vida está escondida, com Cristo, em Deus”* (Cl 3,1-2). (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 33: “A vida espiritual”, MS 1318-1322; PVC, pp. 297-299.

A EUCARISTA, PÁSCOA PERENE

104. O sacrifício da Nova Aliança

“Em todo lugar se oferece a meu nome um sacrifício puro, um incenso puro” (Mt 1,11). É o sacrifício totalmente puro e santo oferecido, em todo lugar da terra, por todos os povos. Sabemos, pela fé, que esta oblação pura e santa é o sacrifício do corpo e do sangue de Cristo na Eucaristia. Não há nada, em todo o mundo, que engrandeça tanto o nome de Deus e celebre a sua glória, como o sacrifício eucarístico, no qual o próprio Cristo se oferece como vítima a Deus Pai, pelas mãos de seus sacerdotes.

Primeiramente, a Eucaristia é chamada “incenso”, porque é o sacramento do Corpo e do Sangue de Cristo, consumado no fogo da caridade sobre o altar da cruz. Ele, por meio de agradabilíssimo perfume, aplacou a ira de Deus e o reconciliou com os homens. A Eucaristia, não somente representa, mas contém realmente Cristo imolado por nós, consumado na dor e no amor, em sacrifício a Deus.

Incensos são também, simbolicamente, as orações fervorosas e as aspirações, tanto dos sacerdotes que consagram a Eucaristia, como dos fieis que a recebem e dela se nutrem. Os anjos oferecem a Deus *“taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos”* (Ap 5,8). Portanto, saiamos da mesa eucarística como leões emanando fogo, capazes de incutir terror aos demônios, com o coração e a mente transbordantes do amor com o qual Cristo, nossa Cabeça, nos inflamou.

O corpo de Cristo é uma oblação totalmente pura e santa, que não pode ser manchada por nenhuma indignidade ou malícia, nem pelo sacerdote, nem pelos fiéis. De fato, a Eucaristia mantém sempre intacta sua pureza, sua força sacramental e

purificadora, mesmo quando o celebrante não é pessoa digna. (1) Ela tem, em si mesma, a capacidade de purificar do pecado, concupiscências, tentações e paixões. Além disso, é capaz, até mesmo, de remover ocasiões de pecado ou comunicar vigor suficiente para superá-las. (2)

1. Cf. “Concílio de Trento”, Sess. XXII, c. 1: Denz. 1742.
2. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3438-3443.

105. O banquete sagrado

“*Vinde comer*” (Pr 9,5), assim nos convida o Senhor. Eis a mesa que apresento a vós, peregrinos e exilados aqui na terra. Eu vos preparo o mesmo alimento do qual se nutrem os anjos e os bem-aventurados no céu. “*Tomai, comei, isto é o meu corpo; bebei dele todos, pois este é o meu sangue*” (Mt 26,26s). Com eles, vos resgatei de vossos pecados e da escravidão de vossos inimigos.

Contemplai os sofrimentos e a morte que me custaram para vos preparar esta mesa. O melhor modo de expressar vossa gratidão é o de corresponder ao meu desejo, aproximando-vos habitualmente dela. A quem ireis para receber vida, se não vierdes a mim, que sou o único que a pode dar? Quem vos poderá dar paz de espírito ou saciar os desejos do coração, senão eu, que sou vosso princípio e último fim? Eu sou Pai, Mestre, Amigo, Irmão. Se vós estais enfermos, sou também vosso Médico e Saúde. E, um dia, vossa Beatitude e Glória.

Se eu me sentasse aqui num trono, com todo o esplendor de minha majestade, iria compreender vossa timidez. Mas, se estou escondido no Sacramento e totalmente familiarizado com os homens, por que não vos aproximais, com toda confiança, sabendo que a minha delícia é a de estar convosco? (Cf. Pr 5,31).

Quem de nós não gostaria de ouvir tais palavras amorosas e acolher tão agradável convite no mais profundo do coração? Bem-aventurados os que ouvem a palavra divina. Duplamente bem-aventurados se a guardarem para observá-la. (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 17: “A comunhão freqüente”, MS 770-772; PVC, p. 110s.

106. Remédio espiritual

Se cada um de nós se reconhecesse digno – dizem alguns – certamente, se aproximaria, com mais freqüência, da Eucaristia. Mas, somos pecadores, cheios de imperfeições, sem o fervor que se vê em tantos cristãos comprometidos. Por isso, temos medo de comungar. Talvez, estejamos mais preocupados com nossa condenação do que com nossa salvação.

Quem raciocina desse modo, apóia-se na expressão de S. Paulo: *“todo aquele que comer ou beber do cálice do Senhor indignamente, come e bebe sua própria condenação”* (1Cor 11,27.29). É preciso, pois, refletir também no conselho que o Apóstolo acrescenta, em seguida, para colocá-lo em prática: *“examine-se cada um a si mesmo e, assim coma do pão”* (id.). Tais palavras foram sempre interpretadas com muita convicção pela prática constante de toda a Igreja, tendo o seguinte sentido: o fiel deve examinar a própria consciência e, se descobre que está em culpa grave, apresse-se em purificá-la com o sacramento da confissão, com o propósito firme de não mais pecar. Feito isso, comungue, sem nenhum temor o pão, do qual diz S. Agostinho: *“recebei-o tranquilamente, pois é pão e não veneno”*. (1)

Procuramos lembrar o acolhimento afetuoso que o pai deu ao filho pródigo. Este, ao se prostrar aos pés do pai, depois de haver, com uma vida dissoluta, dissipado toda a fortuna, confessa seu pecado, recebe imediatamente gestos do mais terno afeto. É revestido com roupas novas e belas, sendo homenageado na casa paterna com um banquete festivo.

Quanto àqueles que se mantêm afastados do sacramento, porque não sentem fervor algum, estão procedendo, na verdade, como pessoas, que, passando frio, evitam aproximar-se do fogo. Elas se esquecem de que a Eucaristia, como diz S. João Damasceno, *“é um carvão aceso que afasta o frio e a tibieza”* (2). E, assim, como os que se afastam do fogo tornam-se cada vez mais frios, assim também, aquele que, com alguns pretextos, mantém-se longe do fogo celestial, acaba por tornar-se espiritualmente gelado e enrijecido.

“É coisa saudável e útil ao homem - afirma S. Boaventura - que se disponha a utilizar, com freqüência, deste remédio, procurando tomá-lo com muita confiança. Mesmo que, sintase frio e com falta de fervor, confiante na divina misericórdia, tome-o assim mesmo. E, se alguma vez se julgar indigno, pense que é tanto mais urgente procurar o médico quanto mais se está doente”. (3)

1. S. AGOSTINHO, *“Tratado em João”*, XXVI, 11: PL 35, 1611.

2. S. JOÃO DAMASCENO, *“Sobre a fé ortodoxa”*, L. IV, c. 13: PG 94, 1150.

3. *“Pregações à juventude”*, n.º. 17: *“A comunhão freqüente”*, MS, 764-769; PVC, pp. 107-110. O trecho de São Boaventura se encontra em *“Sobre o crescimento dos religiosos”*, 2, 77.

107. Disposições requeridas

Pensemos na mesa da Eucaristia! Nutrirmo-nos do que os anjos vêem com assombro, não ousando nem sequer fixar o olhar no esplendor que dele se irradia. Assimilamos o alimento eucarístico e nos tornamos um só corpo e uma só carne com Cristo. (1)

Efeito próprio deste sacramento - como ensina S. Tomás - é transformar o homem em Deus e uni-lo a Ele por amor (2). De que fé, então, deve estar embebido, de que esperança, reforçado, de que caridade, inflamado, de que inocência, adornado, quem recebe o Senhor e nele misticamente se transforma?

Se, é verdade que a disposição deve estar na mesma proporção da forma, como dizem os filósofos, logo se requer, indubitavelmente, uma disposição divina para poder receber um alimento divino. Além disso, requer-se esforço muito grande para tornar a vida santa, de tal modo que seja sobre-humana e divina, radicalmente oposta à carnal e mundana. Deus, unicamente, é quem vai ocupar a inteligência e a vontade. É Ele quem vai estar presente nos colóquios. E é quem vai estar nas ações. Nada haverá, pois, que tenha sabor de mundo ou sabor da carne ou dos sentidos.

Examinemos, pois, nossa vida. Se constatarmos que não é assim, porque ainda impregnada do mundo, vamos, então, nos esforçar para melhorá-la continuamente, mediante o incansável exercício das virtudes, a fim de chegar ao nível divino, ao qual nos impele a Eucaristia. (3)

1. Cf. S. JOÃO CRISÓSTOMO, "Homilias sobre Mateus", 82, 5: PG 58, 743.
2. S. TOMAS, "Suma Teológica", III, 73, 3 ad 3m; 75,1.
3. "Exercícios" e "Instruções", MS 3469-3472.

108. O ímã do amor é o amor

Jesus entrega aos discípulos seu corpo e seu sangue, todo Ele, por inteiro, para demonstrar a grandeza de seu amor. Do mesmo modo como Ele uniu misteriosamente nossa carne à sua Divindade, assim na Eucaristia une sacramentalmente a mesma carne e Divindade a cada fiel que comunga, a fim de que se torne pessoa divinizada, quase um outro Cristo e Deus.

Cristo nos amou "*até o fim*" (Jo 13,1). Amou os homens com imenso e eterno amor, deixando na Eucaristia a si mesmo todo inteiro, para que o tenham sempre presente, vivam com Ele, conversem com Ele, consultem-no e Lhe exponham todas as dificuldades, tentações e tribulações, pedindo e impetrando-Lhe auxílio. "*Eu me alegrava em estar com os filhos dos homens*", diz Ele mesmo nos Provérbios 8,31.

Temos nós tal alegria com Ele, ou a temos com o mundo? Cristo nos amou com a finalidade de nos alegrar, de nos impelir a amá-lo ardentemente. O ímã do amor é o amor. Portanto, vamos nos abandonar a Ele inteiramente, porque Ele, sendo Deus, entregou-se inteiramente a nós, e ainda continua a fazê-lo todos os dias. Entreguemo-nos sem reserva, pois Ele se doa a nós sem reservar nada para si.

S. Cipriano escreveu, em tempo de perseguição: "agora está iminente uma luta mais árdua e difícil. Para ela, os soldados de Cristo devem preparar-se com inquebrantável virtude e fé robusta, considerando que bebem todo dia o cálice do sangue de Cristo para poder, também, derramar o sangue por Cristo". (1) Foi este cálice que deu forças a S. Lourenço ao enfrentar as chamas; S. Sebastião, as flechas; S. Inácio, os leões; os demais mártires, todo tipo de tormentos. Isso tudo, para retribuir amor com amor, vida com vida, morte com a morte de Cristo. Era a Eucaristia que fornecia, aos mártires, força e coragem. Por isso é que, em tempo de perseguição, os cristãos estavam acostumados a comungar todos os dias e levavam o pão eucarístico para casa. (2)

1. S. CIPRIANO, "Sobre a Exortação ao martírio", c. 6: PL 4, 686.
2. "Exercícios" e "Meditações", MS 2594-2599.

109. Pela freqüência à Eucaristia, tem-se a ganhar tudo

Leio no Evangelho, de um lado, o maravilhoso fervor das multidões que seguiam Jesus, deixando para trás todos os demais cuidados e, por outro lado, a providente liberalidade com que o divino Mestre lhes concedia o alimento prodigioso, por meio do pão multiplicado. Logo vêm-me à mente, como agradável comparação, primeiramente a devoção dos verdadeiros fiéis ao Santíssimo Sacramento, e, depois, a louvável freqüência com a qual estão acostumados a aproximar-se do altar, para encontrar o Mestre e Senhor, presente entre nós, sob as sagradas espécies.

Se naquelas multidões se admira o fervor, nestes fiéis se aprecia a fé, que lhes garante, com absoluta certeza, encontrar o que os sentidos não vêem. É também lógico que é bem maior o dom da graça, com que Cristo corresponde a sua amizade, já que não multiplica mais o pão terreno, mas se dá como alimento para nutrir com superabundância o espírito de cada um. Parece-me muito justo ter salientado o exemplo dos fiéis autênticos, para poder edificar outros cristãos que, tíbios e quase frios, muito raramente, e quase forçados, se aproximam de Cristo na Eucaristia.

Uma das mais costumeiras desculpas, inventadas por estes cristãos pouco edificantes, é a de que as ocupações de seu estado e o governo da família, de que estão sobrecarregados, não lhes dão nem tempo e nem facilidade para poder freqüentar assiduamente os sacramentos. Ora, vem-nos, de imediato, uma pergunta: tais afazeres e cuidados impedem-lhes, por acaso, de sentar-se cada dia à mesa da refeição familiar? E a Eucaristia não é, por acaso, o pão da alma? "*Minha carne - diz o Senhor - é verdadeira comida e meu sangue é verdadeira bebida*" (Jo 6,55).

Quanto mais se aproximam de Cristo, muito mais recursos vão conseguir para seus afazeres e negócios terrenos! Unindo-se à verdadeira Sabedoria, que é Cristo,

suas mentes seriam mais iluminadas, para tratar, com prudência e sagacidade, de seus negócios. Ao se re-carregarem de energia, junto à fonte da fortaleza, poderiam sentir-se mais robustecidos para sustentar o peso das preocupações, que pesam sobre seus ombros, sem ficarem deprimidos, conforme a promessa de Cristo: *“vinde a mim todos vós que estais cansados e carregados de fardo, eu vos darei descanso”* (Mt 11,28). Tanto isso é verdade, que nosso amoroso Senhor não só se compraz em conceder graças às almas, mas preocupa-se também, com atenção toda especial, com os interesses terrenos daqueles que fielmente dele se aproximam. (1)

1. “Pregações à juventude”, n°. 17: “A comunhão freqüente”, MS 756-762; PVC, pp. 102-105.

110. A Missa de Pe. Gaspar

Pe. Gaspar celebrava a santa Missa com muita devoção e lamentava-se quando, por doença, não podia celebrar. Mesmo acamado, gostava de participar diariamente da santa Missa, que era rezada na capela contígua a seu quarto. Todos os dias, infalivelmente, recebia a comunhão. (1)

A celebração eucarística era a alegria mais deliciosa de seu coração. Nela, seu espírito encontrava a fonte de graças e dons celestes, que o transformavam em outro homem. Ele aguardava ansiosamente pelo momento feliz de celebrar. E, uma vez chegado, o saboreava demoradamente. (2)

Os que tiveram a felicidade de participar de sua Missa confessavam que sua modéstia e devoção eram admiráveis, como também seu recolhimento e arrebatamento em Deus, a ponto de não se poder contemplá-lo sem sentir-se levado à unção e ternura de coração. Sem dúvida, a compostura e modéstia com que celebrava, a clara, pausada e devota recitação das orações, a elevação de seu espírito que transparecia exteriormente, apresentavam, verdadeiramente, a imagem do sacerdote perfeito, autêntico *“mensageiro do Senhor”* (Mt 2,7). (3)

1. “Apresentação sobre as virtudes” p. 121.
2. GIACOBBE G., “Vida do Servo de Deus Pe. Gaspar Bertoni”, Verona, 1858, SA, p. 332.
3. Id.

111. Eucaristia e contemplação: experiências vividas

Na Missa, durante a Prece Eucarística, provei como que uma iluminação da inteligência para conhecer com quem falava, grande ternura e caridade na oração. Depois, certos impulsos do coração para Deus, como ímpetos do espírito, como de uma pessoa que recebe um grande amigo que há muito não via, e, ao vê-lo, sente vontade de lançar-se em seus braços.

Então, desejei que se tornasse mais clara a visão e mais forte o ímpeto para alcançar o Sumo Bem. Mas, temendo alguma vaidade, por estar em público, ative-me à consideração de meus gravíssimos pecados. Como conseqüência, pude conhecer melhor a bondade divina e o amor, que me provocaram lágrimas muito suaves, prosseguindo até depois da comunhão.

Entretanto, a fé e a confiança cresciam muito mais, juntamente com a humildade e a reverência afetuosa. Finalmente, na comunhão, intensa devoção e sentimento como no dia da primeira comunhão, quando criança, e que nunca senti posteriormente. O recolhimento durou até uma hora depois, permeando a tarde toda. (1)

Na Missa, inspirações breves, mas intensas. Grande sentimento da presença divina, confiança e amor, desejo de transformar-me nEle. Que Jesus viva em mim, não mais eu. Depois da Missa não durou muito esta graça de união. Retornou, quando estava na igreja e durante a caminhada para realizar os afazeres da família. (2)

No Cânon da Missa, sensação muito intensa, reverencial e amorosa da presença do Pai. Confiança viva e amor para com o Filho. Ainda sentimento da dignidade sacerdotal na consagração, como representante da pessoa de Cristo diante de seu Pai. Grande ternura e profunda humildade ao ter Cristo em minhas mãos, logo depois da consagração. Eis a suma Bondade unida à suma malícia, o mais puro ao mais imundo, o mais Santo ao mais pecador. O sentimento durou até depois da comunhão. A elevação do espírito, até o fim da tarde. (3)

1. "Diário pessoal" [Memorial privado], p. 60s: anotação de 09-10-1808, dia de São Dionísio, aniversário natalício de Pe. Gaspar.

2. O.c., p. 72: anotação de 25-10-1808.

3. O.c., p. 64: anotação de 11-12-1808.

VIDA DE FÉ

112. Sublimidade da fé

Quero soltar minha voz como uma trombeta (Cf. Is 58,1), e tornar conhecidas, ao mundo, as razões pelas quais eu me glorio de minha fé. São razões comuns para todos os que participam desta glória. Primeiramente, porque o fiel, por meio da fé, ama e glorifica seu Criador. Em segundo lugar, porque, mediante a mesma fé, é, por sua vez, amado e honrado pelo Criador.

De fato, graças à fé, tem-se conhecimento de Deus e apreço digno da própria natureza divina, superior à capacidade da natureza humana. Olho não viu, ouvido não

ouviu e nem no coração humano jamais apareceu o que Deus esconde aos sábios e aos prudentes do mundo. Todavia, revela, por meio da fé, aos humildes e pobres de coração que o temem, e o glorificam e, acreditando, o amam (Cf. Mt 11,25). Só a Deus compete o conhecimento e a compreensão de si mesmo. A nós, cabe caminhar humilde e docilmente sob as luzes que ele se digna comunicar. De Deus devemos aprender o que dEle devemos compreender, porque não se conhece senão o que Ele mesmo nos manifesta.

A fé, portanto, é um obséquo que a criatura inteligente presta a seu Criador. Um obséquo, todavia, não ingênuo ou insensato, mas, racional. Logo, glorioso, para quem reconhece na razão a mais bela dignidade e ornamento de sua natureza. A inteligência, ao acreditar, torna-se serva da fé (Cf. 2Cor 10,5). Tal servidão, porém, não procede nem da fraqueza, nem da ignorância. Não, porque isto é próprio da disponibilidade generosa, do pensamento verdadeiramente racional e da capacidade realmente sublime e superior ao modo ordinário de pensar. Para se crer nos apelos de Deus, superiores à inteligência humana, é preciso grande fortaleza de ânimo, além de sincera e genuína caridade.

Certamente, já honra a Deus quem, mediante a razão, atém-se aos preceitos que Ele propõe, e que estão inscritos, por assim dizer, na natureza. Contudo, honra-O muito mais, aquele que a Ele se eleva por meio da fé. (1)

1. “Fragmento do sermão sobre a fé”, MS 1552-1557. Trata-se de um texto de pregação - que deveria ter sido pronunciada no terceiro domingo de novembro de 1812, cuja redação ficou incompleta pela doença grave que naquele ano levou Pe. Gaspar à beira da morte (“Bertoni, 3”, p. 404).

113. Dificuldade da fé

Quanto mais crescer a glória da virtude, muito maiores serão as dificuldades contra ela. Quem, então, acredita, precisará de grande coragem para combater e afastar-se, quer dos pensamentos, quer dos raciocínios contrários à fé. É batalha árdua e perigosa a se enfrentar contra os raciocínios pessoais. A fé reprime a arrogância de querer compreender o incompreensível. Ela nos alerta para estarmos vigilantes quando se estudam e meditam os mistérios revelados por Deus. Que honra é, portanto, para a fé, conduzir o espírito humano ao porto da verdade, guiando-o, a salvo, entre tantos escolhos!

Estas são dificuldades intrínsecas ao ser humano. Mas, se, no íntimo de cada um, a fé é combatida por raciocínios vazios, externamente desencadeia-se a luta contra inumeráveis adversários. Na verdade, - lembra S. Paulo – *“é necessário que haja até divisões entre vós para que se tornem conhecidos os que, dentre vós, sejam comprovados”* (1Cor 11,19). Contra a fé humilde arma-se, pois, a mais deslavada

descrença, que, muitas vezes, usa força e prepotência para oprimir o fraco, ou, então, astúcia e fraude para enganar os simples.

E estes, não são ainda os inimigos mais terríveis, porque são visíveis e aparecem às claras. Temos que combater também contra os espíritos iníquos (Cf. Ef 6,12), os demônios, que ocultamente semeiam as heresias no campo da Igreja, como deplorável cizânia (Cf. Mt 13,24s). Deles, pois, procedem, como de fonte contaminada, inúmeros erros, ilusões e enganos.

É necessário, entretanto, admitir que a maior dificuldade que o cristão encontra para crer está no próprio objeto da fé: Deus. Poderá parecer paradoxal, mas, é exatamente daí que deriva a glória maior que damos a Deus com nossa fé. Santo Tomás ensina que, o que é mais certo em si mesmo, torna-se menos evidente por causa da fraqueza de nosso intelecto. Este, diante das verdades mais evidentes da natureza, assemelha-se à visão do morcego, diante da luz do sol. (1) Eis o motivo que leva, a muitos, duvidar dos artigos da santa fé, que, em si mesmos são certíssimos. Isto acontece não pela pouca certeza da coisa em si, mas pela fraqueza do nosso intelecto.

Quem será a águia generosa e de pupilas fortes, que suportará o impetuoso rio de luz incandescente? Ou quem penetrará, com olhar perscrutador, a profundidade deste oceano inacessível? O espírito da fé. *“O Espírito sonda tudo, mesmo as profundezas de Deus”* (1Cor 2,10). (2)

1. S. TOMAS, “Suma teológica”, I, 1, 5, ad 1m.

2. “Fragmento do sermão sobre a fé”, MS 1558-1568.

114. Agir com espírito de fé

Procurar só a Deus, ver Deus em todas as coisas. Isso significa tornar-se superior a todas as coisas humanas. (1) Procure-se a Deus só. Nada mais, nem consolações, nem complacências. (2)

Não fiquemos escutando a voz de nossa fraca natureza, pois Deus nos fez participantes da natureza divina para que não vivamos, nem façamos coisa alguma segundo a nossa natureza. Assim, não devemos medir nossas forças segundo a primeira natureza, mas de acordo com a segunda, que nos foi comunicada pela adoção de filhos de Deus. Procuremos, então, vigiar bem os pensamentos superficiais e afetos da primeira natureza, para não impedir a ação dos perenes e estupendos efeitos da segunda.

Deixemos que Deus entre livremente para tomar posse da alma, que ele tanto ama e procura unir a si. Reconheçamos o tempo de sua visita. Supliquemos a todas as criaturas e a nossos sentidos para que não perturbem a alma, quando se

encontra repousando no tálamo de seu Senhor. Nada mais se requer. No momento certo, ela vai produzir frutos preciosos, ricos e nobres, dignos de núpcias santas e sublimes. (3)

1. “Diário pessoal” [Memorial privado], p. 29: anotação de 30-07-1808.
2. Id., p. 91: anotação de 23-12-1808.
3. “Epistolário”, p. 65 s.: Carta a L. Naudet em fevereiro de 1813.

ESPERANÇA CRISTÃ

115. Confiança em Deus, que confiança!

Como os caminhos do Senhor são diferentes dos caminhos dos homens! É preciso conhecê-los bem para não nos perder quando urge acreditar, como Abraão, pai de todos os fiéis, *“esperando contra toda esperança”* (Rm 4,18). Felizes os que fecham os olhos da visão míope logo que a mão sapientíssima de Deus toma as suas, para os dirigir e governar! A caminhada aqui em baixo é breve, enquanto que a permanência na casa de Deus será eterna e imutável: *“os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que há de ser revelada em nós”* (Rm 8,18). (1)

Deus faz sempre o melhor. Ó mãos sapientíssimas, como trabalham em segredo! Confiemos sempre nEle e jamais ficaremos decepcionados. Quanto ao sofrimento, lembremo-nos da palavra de Cristo: *“eu vou lhe mostrar o quanto ele deve sofrer por meu nome”* (At 9,16). Coragem! Coragem! Esta é a melhor porção que Deus reserva a seus queridos, e não é manjar para todos. (2)

Confiemos em Deus. Vale a pena confiar. Desconfiemos sempre de nós. *“Minha felicidade é estar perto de Deus. Ponho no Senhor Deus o meu refúgio”* (Sl 73,28). Quando chegar o momento em que *“é necessário passar por muitos sofrimentos”* (At 14,22), teremos também nós, com firme esperança, a porta aberta de sua glória, pela qual continuamente suspira nosso coração, pois não consegue ter sossego, se não repousar em Deus, para o qual foi criado. (3)

1. “Epistolário”, p. 322: Carta a Pe. L. Bragato, de 27-08-1840.
2. O.c., p. 37 s.: Carta a L. Naudet, de 14-12-1812.
3. O.c., p. 323: Carta a Pe. L. Bragato, de 26-09-1840.

116. Um abismo chama outro abismo

Infindável deve ser nossa esperança em Deus! Não só infindável, mas sem limites. *“Os que esperam no Senhor renovam suas forças, criam asas como águias, correm e não se afadigam, andam, andam e nunca se cansam”* (Is 40,31). (1)

Relembremos a palavra da Escritura, *“um abismo chama outro abismo”* (Sl 42,8). O abismo da luz lembra o abismo das trevas; o abismo da misericórdia o de nosso nada. Se enorme é nossa iniquidade, imensa é a piedade do Senhor. *“Como é grande a bondade, que reservaste aos que te temem”* (Sl 31,20). O Senhor a esconde tanto aos olhos do mundo, como aos olhos dos que a devem receber. Às vezes não a enxergam, embora esteja bem perto deles e a ponto de ser derramada em seus corações com superabundância. Mas, a partir do instante em que a possuem, a saboreiam no Espírito com prazer indescritível. Sentem-na como experiência inefável, mas não a compreendem, nem a podem intuir por causa das débeis luzes de seu intelecto.

O Senhor nos ama com caridade imensa. É tão rico e poderoso que ultrapassa a medida do que dele podemos imaginar em relação a sua bondade, liberalidade e amor. Nossas palavras, mesmo as mais perfeitas, são tolices. Chegam mesmo a confundir-nos diante de tamanha Majestade. É preciso procurar elevar-se muito acima de tudo isso e abrir nosso coração sem reservas, pois, como diz São Bernardo, "o Esposo vem ao encontro dos grandes espíritos e se deliciará em realizar, neles, grandes coisas". (2)

1. “Epistolário”, p. 24: Carta a L. Naudet de 16-11-1812.
2. O. c., p. 40: Carta a L. Naudet de dezembro de 1812. A citação de São BERNARDO é tirada do “Sermão 32 sobre o Cânt. 8”: PL 183, 949.

117. A vida terrena como "esboço do céu"

Nosso Senhor quer que façamos sua vontade na terra, como se faz no céu, não parcial, mas completamente, e sem que algo o impeça. Assim, neste breve tempo em que esperamos nossa assunção a seu reino temos que viver como anjos, embora sejamos ainda humanos, fazendo de nossa permanência na terra um esboço do céu. Foi para mostrar como devemos começar a viver estando, ainda, na terra que Nosso Senhor desceu do céu:.

“Que retribuirei ao Senhor por todo o bem que me deu?” (Sl 116,12). Eis a resposta: *“erguerei o cálice da salvação e invocarei o nome do Senhor”* (id.). Eis o fruto que imediatamente brotará da paciência generosa e confiança amorosa na oração: *“cumprirei meus votos ao Senhor diante de todo o seu povo!”* (id.). Depois, no devido tempo, *“é preciosa aos olhos do Senhor a morte dos seus fiéis”* (id.).

Convém, pois, exclamar, em meio a nossas tribulações, com alegre surpresa: *“sim, sou teu servo, filho de tua serva”* (id.). Em seguida, libertados da tribulação, livres dos laços de nossos defeitos e dos impedimentos gerados pelas inclinações, poderemos prosseguir, com louvores de gratidão: *“quebraste as minhas cadeias. Vou te oferecer um sacrifício de louvor”* (id.). Desse modo, reforçada a esperança com as primeiras experiências do cumprimento das promessas divinas, com o coração inebriado de amor e já preparado para a busca da glória divina, poderemos repetir, mais com fatos do que com palavras: *“vou cumprir minhas promessas ao Senhor diante de todo o seu povo, nos átrios da casa do Senhor, no meio de ti, ó Jerusalém!”* (id.).

Seja bendito e glorificado seu santo Nome, por nossas palavras e por nossa vida, para sempre. (1)

1. “Epistolário”, p. 44: Carta a L. Naudet, de 21-12-1812.

118. Bens terrenos e bens eternos

Os bens terrenos são certamente importantes; porém, não adequados a nosso coração. Por isso, não podem jamais saciá-lo.

Somente o Bem infinito pode ser objeto do coração que, em seus desejos, é quase infinito. Como, então, podemos pretender que bens de tão pouco valor e tão limitados o satisfaçam? Se nosso coração é tão grande, quase como um oceano, como poderão pequenos regatos preencher a imensidão de seus desejos? Ah! No céu, no céu encontraremos o objeto adequado a nosso coração, o Deus infinito.

Meu Deus, só Vós podeis *“saciar-me com tua presença”* (Sl 17,15). Foi por isso que me destes um coração insaciável, a fim de que eu entenda que só para Vós ele foi criado e sempre estará inquieto enquanto não repousar em Vós. (1)

Mesmo que fosse o caso de renunciar a todos os bens terrenos, para conquistar os eternos, seria loucura antepor a satisfação presente à futura. Não é isto que se exige. Deus não proibiu a Adão todos os frutos do Paraíso terrestre. Proibiu apenas uma árvore. Assim também para nós. São honestos os bens que possuis, inofensivos os prazeres que gozas? Continue a desfrutá-los em paz. O que se pede é privar-se dos bens falsos e prazeres que são maus em si mesmos. Quando se trata unicamente de renunciar a um prazer vil, que desonra a razão por sua malícia, grande será tua insensatez se vieres a perder outros bens prometidos, podendo usá-los à saciedade. (2)

1. S. AGOSTINHO, “Confissões”, L. I, c. 1: PL 32, 661.

2. “Pregações à juventude”, n.º. 5: “A Ascensão”; PVC, pp. 11-13.

119. Depois das trevas, espero a luz

Nosso amorosíssimo Senhor mostra sempre que, com certeza, seus verdadeiros servos devem repetir confiantemente com o santo Jó: *“depois das trevas vem logo a luz”* (Jó 17,12). E com o santo Davi: *“nem as trevas são escuras para ti e a noite é clara como o dia”* (Sl 139,12). Oh! como Deus é glorificado por seus dons e pela fé humilde de seus servos! Que língua poderá efetivamente louvar a Deus como Ele merece e agradecer o amor com que nos ama, assim como o cuidado diligentíssimo que tem para conosco, muito maior do que aquele da mãe por seus filhos?

Nos dias de luz, em que Deus nos consola, resplandecendo sobre nós sua bondosa face, procuremos nos habituar a isso, para confiar totalmente nele nos momentos em que se esconde, como a mãe que brinca com seus filhinhos, divertindo-se em fazer-se procurar até os suspiros e as lágrimas. Oh! Bendito este nosso Pai! Que não fará conosco no céu, depois de passadas todas as provas, se, agora nos demonstra tamanha e tão terna benevolência, com que brincando sobre o globo terrestre? (Cf. Pr 8,12). (1)

“Feliz o homem que põe no Senhor sua esperança” (Sl 40,5). Oh! Como a palavra de Deus consola as almas fiéis! Sua bondade, sabedoria, poder, Deus inteiro se oferece como auxílio de quem nele confia. Que felicidade ele experimentará! O que pode faltar a quem está *“sob a proteção do Altíssimo?”* (Sl 91,1). Leiamos com atenção redobrada todo o salmo para concluir com São Paulo: *“é na esperança que fomos salvos”* (Rm 8,24). (2)

1. “Epistolário”, p. 320-322: Carta ao Pe. L. Bragato, de 27-08-1840.

2. O. c., p. 323: Carta ao Pe. L. Bragato, de 26-09-1840.

AMAR A DEUS SOBRE TODAS AS COISAS

120. O nosso coração foi feito para Deus

Deus é o sumo Bem. Nós, miseráveis pecadores. Ora, o que mais poderia condizer com a Bondade infinita, desejosa de comunicar suas perfeições sem limitação alguma, do que encontrar uma alma que, por um lado é capaz de receber o bem supremo e, por outro, é carente e indigente ao máximo? Também entre os seres humanos há os que são verdadeiramente generosos e gostam de se encontrar, não apenas com os que, como eles, são ricos, mas também com os mais pobres e necessitados, para poder partilhar, prazerosamente, com eles suas riquezas. Muito mais Deus!

De fato, Deus, não contente em atender e encontrar-se com os mais necessitados, sai em busca deles e os chama, clamando forte pela boca de Isaías: *oh! Todos que estais com sede, vinde buscar água! Quem não tem dinheiro venha também! Comprar para comer, vinde comprar sem dinheiro vinho e mel. Escutai, ouvi bem o que eu digo e comereis o que há de melhor*”(Is 55,1.2). Também Cristo declara: *“O Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido”* (Lc 19,10), *“para que tenham vida, e a tenham em abundância”* (Jo 10,10).

Nosso coração, por sua vez, foi feito para Deus. Fora dEle, nada há que possa satisfazê-lo. De fato, o que significam nossos desejos ardentes, ou o anseio ilimitado pelo bem com novas modalidades, senão a desproporção existente entre os bens do mundo e a imensidão de nosso coração, tão amplo e quase infinito em seus desejos, que só o bem infinito pode satisfazê-lo? (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 12: “O amor a Deus, para se imitar em São Luís”, MS 658-661; PVC, pp. 170-172.

121. Corresponder ao amor com amor

Refletirei sobre como o Homem-Deus, desde o primeiro momento de sua vida até a morte, consagrou-se inteiramente à causa da salvação da humanidade, obedecendo ao mandato do Pai e ao impulso de seu amor, doando-se a si mesmo por nós. Encarnou-se, agiu, falou, viveu, padeceu e morreu, derramando até a última gota de seu sangue, porque quis que tudo fosse entregue por nós para que *“os que vivem já não vivam para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou”* (2Cor 5,15).

Desse modo, recordarei em meu coração todas as graças particulares que recebi de Deus ao longo de minha vida. Reconhecerei os inúmeros benefícios da Providência divina, que me manteve afastado de tantos perigos, preservando-me dos pecados ou ocasiões, não permitindo que, mesmo me encontrando em pecado, viesse a morrer e fosse réu de uma sentença de condenação eterna. Ele deu-me a oportunidade de continuar sendo objeto de sua misericórdia.

Com indizível gratidão considerarei também o que Deus nosso Senhor fez e sofreu por mim, comunicando-me os tesouros de suas graças: perdão, adoção, herança, fé, esperança, amor: *“Deus que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como é que, com Ele não nos daria tudo?”* (Rm 8,32).

Ao meditar em todas estas graças, procurarei entrar em mim e propor o que devo fazer de minha parte. Não há dúvida de que eu estou obrigado a oferecer tudo o que me pertence, e eu mesmo, com a maior unção.

Toma, Senhor, e aceita minha liberdade inteira, minha memória, minha inteligência, toda a minha vontade, tudo o que tenho e possuo. Tu me deste tudo, Senhor, e eu o restituo. Tudo é teu e dispõe de tudo conforme teu agrado. Dê-me somente teu amor e tua graça, e isso me basta. (1)

1. “Exercícios” e “Meditações”, MS 2654-2658. O texto faz parte da “Contemplação para excitar o amor espiritual”, transcrita livremente com base do texto de S. INÁCIO, “Exercícios Espirituais”, nºs. 230-234.

122. Amar a Deus nas criaturas

Não contente por se ter doado a nós, por meio de tantas graças, Deus continua a se oferecer, mediante as demais criaturas. A estas não cessa de comunicar o ser, a vida e todas as perfeições que possuem.

Primeiramente, Deus está nas criaturas através de sua essência, que é muito mais unida a cada uma delas do que nossa alma o é para o corpo. Depois, por meio de seu poder, não somente concedendo-lhes o operar, mas age nelas mesmas como causa principal. Através de sua bondade e providência as governa e orienta a serviço do homem, dirigindo todas as suas operações a nosso favor. É Ele que dá luz ao sol, para nos iluminar, calor ao fogo para nos aquecer, sabor aos alimentos, para nos nutrir.

Ora, se Deus torna-se presente em todas as criaturas, cabe a nós o dever de contemplá-lo e procurá-lo nelas. É, por isso, que temos que usá-las corretamente, para a glória de Deus e seu serviço. E como Deus não age nas criaturas senão para nosso bem, assim também nós devemos, de nossa parte, servirmo-nos delas como Ele o faz. Quando percebemos em nós os bons efeitos das criaturas - por exemplo, a beleza da luz, os benefícios do calor, o sabor dos alimentos -, somos obrigados atribuir tudo isto a Deus e agradecer-Lhe os benefícios obtidos por meio delas.

Desta forma, somos chamados a cultivar a gratidão por todos os bens que recebemos e a render graças a Deus, por nós mesmos, e inclusive por tantos ingratos que nem pensam nisto. Convém, além disso, que sejamos sempre vigilantes em não abusar das criaturas, apegando-nos a elas de modo excessivo e servindo-nos delas como meio para o pecado. Seria o cúmulo da ingratidão voltar-se contra Deus, abusando dos benefícios que Ele nos concede. Não nos esqueçamos de oferecer a Deus algum sacrifício, privando-nos, às vezes, do uso das criaturas por seu amor. “*Nós amamos, porque Ele nos amou primeiro*” (1Jo 4,19). (1)

1. “Exercícios” e “Meditações”, MS 2659-2662. É um outro trecho da “Contemplação para excitar o amor espiritual” (Cf. Nota ao nº. 121).

123. Dar-se a Deus sem reserva

Se Deus me amou tanto assim, por que ser mesquinho para com Ele daqui por diante? Sinto-me horrorizado, só em pensar nisso. Porque não me entregar inteiramente a Deus pela misericórdia que Ele usou para comigo? Como reservar algo para mim depois que dEle recebi tudo? Meu coração jamais consentirá em uma escolha tão mesquinha.

Quando considero o pouco que sou e o que posso fazer pela glória de Deus, colocando-me inteiramente a seu serviço, envergonho-me só de pensar que posso subtrair-Lhe algo. Não teria segurança se optasse por uma vida acomodada, pois, reconheço que bem depressa cairia nos vícios mais deploráveis.

Somente aqueles que se entregam a Deus inteiramente podem confiar que vão morrer em paz, porque usufruem uma vida tranqüila e serena. Para realizar muito por Deus, é preciso ser totalmente dEle. O pouco que dEle tiramos, diminui nossa possibilidade de fazer grandes coisas para o próximo.

Esta é a maneira, pela qual se pode conservar viva a fé e firme a esperança, virtudes que devem ser pedidas a Deus confiantemente, a fim de serem obtidas infalivelmente.

Se, no paraíso fosse possível sofrer decepção e desgosto – é pensamento de S. Teresa – seria por não ter feito por Deus tudo o que se poderia. Ter feito tudo, será a maior consolação para a alma bem-aventurada. Quem se entregou a Deus deste modo, julgará os outros e não será julgado.

O grande mandamento do amor a Deus, de todo o coração, só poderá ser cumprido perfeitamente no céu. (1) Por que, então, Deus no-lo ordenou sem limites? Para, nesta vida, nos empenharmos em galgar, o mais alto possível, os degraus da perfeição. (2)

1. Cf. S. TOMÁS, “Suma Teológica”, II, II, 184, 2, ad 2m.
2. “Exercícios” e “Meditações”, MS 2580. Este trecho foi tirado de um retiro espiritual de S. Cláudio de la Colombière (Cf. “Bertoni, 3”, p. 159).

124. Amemos a Deus, amemos a Deus!

Nossa alma é filha adotiva de Deus. Por isso, traz impressos seus traços e sua imagem. Por meio da graça é elevada acima de sua natureza, é divinizada e deificada. Os anjos se orgulham em lhe prestar serviços. Cristo é seu irmão, e com Cristo tem em comum a herança e o reino. A quem daremos por esposa uma alma de tão elevada origem e adornada com estas inefáveis qualidades? A quem, senão ao amor divino?

Deus nos pede para amá-lo e promete a vida eterna, que é Ele próprio, como prêmio a quem o ama. Precedeu-nos no amor, pois, antes que existíssemos, Ele nos amou. Nem ainda podíamos pensar nEle e Ele já desvelava a mais terna atenção para conosco. Derramou sobre nós, em grande quantidade, bens da natureza e graças, antes mesmo que fosse possível, para nós, reconhecer qualquer benefício e, menos ainda, a fonte redentora de onde procedia.

Finalmente, pudemos conhecê-lo e, então, sua bondade foi retribuída com a mais profunda ingratidão. Jamais, entretanto, Ele cessou de nos amar, embora continuássemos ingratos e inimigos. Pelo contrário, seu amor pareceu crescer ainda mais. Olhemos rapidamente para a cruz. Ela nos dirá bem claramente como o Homem-Deus conquistou nosso coração com o preço altíssimo de todo seu sangue. E a quem vamos entregar nosso coração, senão a Deus? Amemos a Deus, amemos a Deus! (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 12: “O amor a Deus em S. Luís a ser imitado”, MS 669-671; PVC, p. 173s.

125. S. Luís Gonzaga, um apaixonado por Deus

Pode-se muito bem dizer de Luís que, ao conhecer a Deus, nos primeiros anos do uso da razão, já começou a amá-lo. Era visto, ainda pequenino e sozinho, procurando Deus em algum canto da casa. Como Deus está pronto para manifestar-se claramente a quem o procura na simplicidade do coração, Luís esmerou-se em fazer com que nenhum outro pensamento e afeição pudessem distraí-lo ou ocupar seu coração, mantendo rigorosamente vigilantes todos os sentidos.

Desde jovem, seu espírito se eleva rápido a uma altíssima contemplação da beleza divina. Ao crescer esse conhecimento, paralelamente cresceu também o amor. A primeira comunhão acende, em seu coração, a chama do amor a Deus, que resplandece e se irradia a ponto de transparecer em seu rosto e em seus olhos. Que rápido progresso tal chama causou em Luís! A sociedade fez de tudo para mantê-lo na vida da corte. Mas, seu amor intenso e vigoroso lhe abre, em pouco tempo, o caminho para voar e unir-se mais intimamente a seu Bem, na vida religiosa.

Seu amor cresceu de tal modo que, nos poucos anos em que viveu aí, não se saberia dizer se era Luís que vivia ou se era Deus a viver nele. Na verdade, em sua vontade e sentimentos só existia Deus. Mesmo suas atividades exteriores não só eram feitas por amor a Deus, mas nelas transparecia algo de divino, que movia o coração de quem o observava para pensar nas coisas do alto. Isto superava em eficácia qualquer outro meio que pudesse provocar o fervor. Eis como a Luís amava a Deus! (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 12, c. s., MS 662-666; PVC, p. 172s.

ABANDONO EM DEUS

126. Como é grande tua bondade, ó Senhor!

O Espírito Santo chama algumas pessoas para uma caminhada de maior perfeição, o total abandono em Deus. (1)

Pouquíssimos são os que compreendem o quanto Deus neles realizaria, se Ele não encontrasse obstáculo a seus desígnios. (2) Isto não acontece só com as pessoas, individualmente, mas também no conjunto das comunidades. Requer-se, de nós, uma diligência aprimorada nos afazeres para não impedirmos o que Deus pode e deseja fazer. *“Aprendi a respeitar tuas obras, ó Senhor”* (Hab 3,2), dizia o profeta. Ao caminhar com diligência, fazendo outros também caminhar igualmente, poderíamos contemplar as magníficas obras realizadas pela destra onipotente de Deus. Não só ficaríamos maravilhados, mas, envolvidos pela estupefação e pelo ímpeto de admiração, sairíamos de nós mesmos. *“Como é grande tua bondade, que reservaste aos que te temem, que demonstras para os que em ti buscam refúgio diante dos filhos dos homens”* (Sl 31,20).

O amor de Jesus nosso Senhor seja, pois, o motivo que nos estimule e atraia continuamente. *“O amor de Cristo nos impele”* (2Cor 5,14), já que ele corre ao nosso encontro a passos largos. *“Eis que venho em breve”* (Ap 22,12). *“Vem, Senhor Jesus!”* (id. v.20). *“O Espírito e a Esposa dizem: “Vem!”*. *“Aquele que ouve também diga: “Vem”* (id. v.17). (3)

Lembre-mos de duas expressões do Senhor. A primeira, *“sem mim nada podeis fazer”* (Jo 15,5). A outra, *“tudo posso naquele que me dá força”* (Fl 4,13). Saibamos confiar na riqueza do Espírito e no amor, segundo o mandamento de Cristo (Cf. Lc 24,49). Revestidos, então, da força do alto, acharemos fácil, o impossível. (4)

1. “Diário pessoal” [Memorial privado], p. 63: anotação de 12-10-1808.
2. A respeito desta afirmação, que ocorre com bastante freqüência nos escritos de Pe. Gaspar, diz Pe. José Stofella: “É uma das bases do ensinamento espiritual de Bertoni e vem de S. Inácio (Cf. BARTOLI DANIEL, “Vida de S. Inácio”, L. IV, c. 37: “pouquíssimos são os que compreendem o quanto Deus neles realizaria se, inteiramente, se colocassem em suas mãos e se deixassem moldar por sua graça”). Pe. Gaspar tenta sintetizar a doutrina de seu grande mestre. Dá, porém, a seu pensamento um sentido bastante pessoal, exigindo de todos plena correspondência sob o impulso do amor, e concluindo, em seguida, com um fervoroso salto para o alto” (“Epistolário”, p. 61s., nota 2).
3. “Epistolário”, p. 61s.: Carta a L. Naudet, sem data.
4. O. c., p. 96s: Carta à mesma, de 31-08-1813.

127. Feliz de quem se perde neste abismo

O Senhor deseja que nos recordemos dele e que nossos pensamentos e afeições sejam sempre fiéis e voltadas para Ele. E, se, porventura, nos esquecemos de algo muito importante, Ele saberá como nos lembrar, ou sua Providência saberá nos conduzir até o objeto esquecido, muito melhor do que teríamos feito com nossa memória e pensamento. Na verdade, somos sempre mais diligentes, quando “amamos a Deus”. (1) Feliz aquele que se esquece de qualquer outra coisa pessoal para se lembrar “de Deus, somente!”. (2)

Feliz daquele que se perde neste abismo, lançando-se com vontade e por completo neste oceano! Nunca está tão segura uma criança quando, adormecida no colo da mãe, abandona toda preocupação. Parece nada ver, ouvir e falar. A mãe vê, ouve, fala e age por ela; e, quando quer, pode e sabe como acordá-la, por estar-lhe ao lado.

Não é suficiente a alegria de nos deixarmos atrair pelos perfumes de Nosso Senhor, mas temos que pedir, com fé e confiança: “*leva-me atrás de ti*” (Ct 1,4). Então, sustentados por sua mão sentiremos nosso espírito unido ao de Deus e transformado em uma só coisa com Ele. Não somente caminharemos e correremos, mas daremos saltos de gigante. (3)

Um homem de oração vai ao encontro das coisas, conforme o Senhor as dispõe com sua Providência. Não se previne, não se antecipa. Tudo está predisposto, tudo é tranqüilo. Não é precipitado, nem apressado. Aguarda o tempo e as circunstâncias. Tudo, seguindo Deus. Muita oração é necessária para se obterem estas luzes que vislumbam, confirmam e aperfeiçoam o conhecimento dos desígnios de Deus. (4)

1. “Epistolário”, p. 96: Carta a L. Naudet, de 31-08-1813.

2. O.c., p. 31: Carta à mesma, de 01-12-1812.

3. O.c., p. 96: Carta à mesma, de 31-08-1813.

4. “Meditações sobre o I Livro dos Reis”, n°. 32, MS 6192.

128. Nós estamos em Deus e Nele vivemos

Quem, por acaso, poderá agradecer dignamente, não digo todos, mas mesmo um só dos benefícios divinos?

O primeiro de todos eles, certamente é nosso existir. Foi-nos dado uma vez para sempre na criação e é renovado constantemente por meio de sua conservação. Deus mantém as criaturas na existência que lhes deu – afirma S. Tomás – e continua a sustentá-las. Caem no nada quando Deus tira sua ação contínua e necessária. (1) Portanto, a mesma onipotência que Deus usou para nos criar do nada, a empregou conosco, depois, para nos conservar até este momento. Desejamos, portanto, abrir os

olhos para agradecer esse dom, talvez não reconhecido ou não suficientemente apreciado pelo valor que possui em si.

Com nossa existência, a vida. Já observamos, alguma vez, as múltiplas e ocultas causas, das quais depende a vida de nosso corpo? Não existe máquina alguma, que disponha de tão complexa harmonia de engrenagens tão perfeitas e delicadas! Já notamos alguma vez, os inumeráveis perigos que ameaçam o curso da vida e podem provocar a morte? Imaginemos, por um instante, a contínua e vigilante assistência do Artífice supremo para conservar nossa vida temporal. E se a vida, mantida até agora por Ele, é reconhecida como dom, tenhamos a consciência, também, das obrigações que devemos assumir para cuidar dela com dedicado e incansável zelo.

Ó imenso e excelso benfeitor! Quanta solícitude tem para conosco vossa Bondade! Agora entendemos a força das palavras do Apóstolo: *“nele vivemos, nos movemos e existimos”* (At 17,28). Estamos em Deus como em quem nos conserva, mantendo-nos o ser a todo instante. Não só estamos nele, mas nele vivemos, desde o momento em que conserva em nós a vida que nos doou junto com o ser. (2)

1. S. TOMÁS, “Suma Teológica”, I, 9, 2.

2. “Pregações à juventude”, n.º. 21: “Os benefícios divinos”, MS 843-851; PVC, p. 129-132.

129. Os principais dons de Deus

Os principais dons de Deus são aqueles que se referem ao espírito e conduzem à vida eterna.

O primeiro é a fé, que Deus maravilhosamente conserva ainda hoje em nós. De fato, não é prodígio de gratuita misericórdia que, açoitado por ondas borrascosas do mar agitado, ao sopro de ventos poderosos, em meio a tantas iniquidades, este excelso dom não tenha ainda sofrido um naufrágio? Ao comparar os costumes de nosso tempo, com aqueles dos povos que perderam a fé, devemos reconhecer que merecemos, mais do que eles, sermos privados de tal graça. Por isso, somos obrigados a considerar, como especial benefício de Deus, o fato de que ela nos seja ainda conservada.

O outro dom é a pregação da palavra de Deus. Basta lembrar que este é o meio mais comum e eficaz para a conversão dos pecadores e a santificação dos justos. E parece que, nos tempos atuais, Deus tem redobrado o dom do Espírito com seus proféticos pregadores. Realmente, jamais foi lhes dado falar com tanto interesse, fervor e liberdade, como hoje em dia.

Procuremos não menosprezar dons tão singulares. Convém respeitá-los muito, porque se não houver conversão de nossa parte, será bastante triste sentirmo-nos

abandonados após longa e paciente atenção que nos foi prodigalizada. Porém, se estivermos decididos a nos converter totalmente a Deus, e fizermos o que nos é possível para que também os outros se convertam, poderemos ter a certeza de que receberemos dons ainda maiores. Se Deus beneficia até seus inimigos, quanto mais os que se convertem, os que com Ele se reconciliam e tornam-se seus amigos!

Elevemos, pois, nosso coração e unamos nossas vozes para agradecer e bendizer tão excelsa, amorosa e infinita Beneficência! (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 21: “Os benefícios divinos”, MS 866-870; PVC, pp. 134-136.

130. Deus nos beneficia, embora indignos

Refletamos, um pouco, sobre a quem Deus concede benefícios tão imensos e contínuos. Talvez, a filhos obedientes? A amigos que prezam a própria honra? A súditos que observam suas leis?

Se assim fosse, suscitaria, no mínimo, grande admiração, pois, um soberano tão poderoso e excelso, estaria se rebaixando para cuidar de criaturas pobres e vis. O fato de que ele derrame dons e favores sobre filhos que dele se afastaram com ingratidões, ou súditos que se rebelaram contra suas leis, isto supera qualquer tipo de admiração.

Por acaso, não somos nós exatamente assim? Honramos como se deve o Pai celeste quando, publicamente, nas praças, ruas e esquinas se desonra “*seu santo e terrível nome?*” (Sl 111,9). Onde está a obediência às suas leis? Mesmo nós, cristãos comprometidos, procuramos fugir muito sornateiramente do grupo dos culpados. Não pecam só os que fazem o mal. Pecam, também, os que descuidam o dever da correção fraterna e àqueles a quem cabe, de alguma forma, a tarefa de impedir o mal, nada fazendo para impedi-lo.

Todos, portanto, devemos, com humildade, reconhecer-nos pecadores Mesmo diante de nossa fraqueza saibamos que Deus vai continuar a nos conceder graças. Embora sejamos indignos e merecedores de muitos castigos, Ele, no entanto, nos cumula, assim mesmo, de seus maiores dons. (1)

1. O. c., MS 856-864; PVC, p. 133s.

131. Tudo concorre para o bem dos quem amam a Deus

Deus dá talentos suficientes, segundo a finalidade da vocação. Jamais devemos duvidar disto, mesmo diante dos mais difíceis compromissos. Para Ele, não há diferença em nos ajudar em pequenas ou grandes obras. Sob um certo aspecto, essas últimas são mais dignas dEle, mesmo sendo verdade que, diante de um Ser infinito e

perfeito, tudo é pequeno e de pouca monta. Por outro lado, tudo o que é pequeno e de pouco monta, torna-se imenso quando é feito para Ele. (1)

Feliz aquele que confia na Providência divina! Nada têm a temer, mesmo quando algo dificulte os seus anseios ou tende a impedi-los. É próprio da Providência dispor tudo, em vista do fim pretendido, suave e vigorosamente ao mesmo tempo. Ela se serve de tudo, quer das coisas favoráveis ou adversas, quer da boa ou má vontade dos homens. *“O Senhor realiza tudo quanto quer no céu e na terra”* (Sl 135,6). *“Não há quem possa resistir à tua majestade”* (Est 4,17c). *“Sabemos que tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus”* (Rm 8,28). (2) Não causa admiração alguma tudo o que Ele vai fazendo em nosso favor, considerando-se que se deixou elevar na cruz, por nosso amor. (3)

Oh! Quão bom é o Senhor! Quanto supera todo nosso louvor! Por isso, nós, vermes miseráveis, não devemos jamais cessar de louvá-lo. E, por incrível que pareça, precisamos acreditar que nossa miséria será transformada, um dia, em glória imensa, pois seremos semelhantes a Ele. Seja louvado, bendito, amado para sempre. (4)

1. “Epistolário”, p. 46: Carta a L. Naudet, de 09-01-1813.

2. O. c., p. 53: Carta à mesma, de 15-01-1813.

3. O. c., p. 85: Carta à mesma, de 15-04-1813.

4. O. c., p. 54: Carta à mesma, de 15-01-1813.

132. Caminhar sobre as ondas

Quem está no meio das ondas, lembre-se de que o Senhor está com ele, mesmo dormindo no barco. Lembre-se também do *“vem”* dirigido a S. Pedro (Mt 14,29), que o fez caminhar sobre as águas. Ó amorosíssima, embora ocultíssima, Providência de Deus! Quem poderá ter medo, permanecendo em suas mãos e sob sua proteção? (Cf. Sl 91,1).

Vivemos sempre envolvidos por um mar de afazeres e dificuldades. Não obstante, devemos continuar caminhando, ainda que, tantas vezes, nos encontramos na escuridão, aguardando sermos conduzidos à claridade pelo bom Deus que nos guia, como e quando quer. (1) Vós, também, colocai a confiança em Deus. Ele pode, com um pão assado nas cinzas, alimentar Elias, aflito e debilitado, para agüentar uma longa caminhada (Cf. 1Rs 19,7-8). (2)

Façamos, com total liberdade, o que nos aconselha a prudência em quaisquer circunstâncias, confiados sempre na amorosa Providência de Deus. Isto é o que importa para sua glória. Além disso, procuremos estar sempre, com todas as nossas atenções e desejos, voltados para Ele. Se tivermos a paciência de esperar, veremos, não somente realizados, mas enriquecidos, os nossos desejos. (3)

Quem confia em Deus, jamais será confundido ou envergonhado. Às vezes, Deus Nosso Senhor faz as coisas saírem de modo diferente do que se havia projetado, a fim de que se saiba que *“se o Senhor não constrói a casa, em vão labutam os seus construtores”* (Sl 127,1). (4)

1. “Epistolário”, p. 326: Carta ao Pe. L. Bragato, de novembro de 1842.
2. O. c., p. 327: Carta ao mesmo, de 11-04-1848.
3. O. c., p. 156: Carta a L. Naudet, de dezembro de 1822.
4. O. c., p. 253: Carta à mesma, de 21-03-1829.

133. À noite, o Senhor faz brilhar as estrelas

As obras divinas têm, também, suas provações. Com isso, Deus quer mostrar que é Ele quem as dirige e conduz a bom termo, afastando a mão do homem, mediante as dificuldades que permite. Assim, o ser humano cede humildemente o passo ao da divina Providência, porque vê claramente que todo êxito e crescimento, apenas depende dela.

É por isso que, quando é noite para nós, é dia para Ele, pois bem sabe o que deve fazer. Cabe a nós, portanto, levantar as mãos ao céu, quando não sabemos onde colocá-las, nem o que é melhor pedir a Deus. *“Vós que durante a noite estais de serviço na casa do Senhor, levantai as mãos para o santuário”* (Sl 134,1-2). Esta é uma lição que Deus ensina a todos os que estão em sua escola. *“E a noite é clara como o dia”* (Sl 139,12). É uma outra lição que nosso bom Pai nos deu desde o princípio, quando tirou a luz das trevas. E, em sua bondade, está disposto, ainda hoje, a continuar nos concedendo, quando transforma a incerteza, em que nos deixam nossas obras, no esplendor admirável de sua glória. Portanto, *“espera no Senhor e faze o bem”* (Sl 37,3). (1)

Jamais percamos o ânimo! O paraíso será sempre dia claríssimo. Lá, de modo algum, perderemos de vista nosso Senhor. Enquanto, porém, estamos nesta terra, os dias e as noites se revezam. Mesmo assim, prosseguimos nosso caminho, porque, até à noite, o Senhor fará brilhar alguma estrela. Pode acontecer que, em alguma noite tempestuosa, tenhamos que diminuir as passadas, talvez caminhando com hesitação sobre as águas e forçados a olhar para as ondas. Isto não quer dizer que saímos do caminho, mas que apenas vacilamos, por um instante. Certamente, o Senhor, então, irá nos repreender naquele momento: *“homem de pouca fé, por que duvidaste?”* (Mt 14,31). Mas, ao mesmo tempo nos sustentará com sua destra, colocando-nos, logo, sob sua proteção Seja bendito, portanto, o Senhor. (2)

1. “Epistolário”, p. 256s.: Carta a L. Naudet, de 22-05-1829.
2. O. c., p. 31: Carta à mesma, de 01-12-1812.

134. A Igreja, modelo de abandono em Deus

É este o modo correto de proceder: dar um passo para onde se vê com clareza, esperando para dar o segundo, conforme o aumento da claridade. Se quando vamos agir, estamos envolvidos pela escuridão, o Senhor, com os dons da esperança, caridade e consolação, nos mantém firmes para aguardar a hora da luz plena, a fim de poder começar a agir. Se, ao contrário, já estamos em plena luz, ele nos impele para a ação.

Parece ser, também esta, a prática de sua Esposa, a Igreja. Mesmo, ancorada pela promessa divina, que promete a assistência do Espírito Santo, não deixa de buscar luzes para agir. Ainda que veja com clareza, não deixa de investigar, estudar, consultar, para prosseguir ainda mais na claridade e na atuação. Por outro lado, quando se vê impedida de agir, aguarda o melhor momento, confiando em Deus. Em ambos os casos, ela é sempre coerente com seu abandono em Deus. Reside aí, sem dúvida, o perfeito modelo para nosso abandono no Senhor.

Grande virtude é abandonar-se nos braços onipotentes da Divina Providência, quando não sabemos como agir. Todavia, muito mais perfeita e consumada virtude é - quando podendo e devendo agir com nossas mãos, segundo a ordem estabelecida pela Providência - nem por isso cessamos de nos abandonar, totalmente, em suas mãos para agir.

Assim parece que se comportava aquele que dizia: *“eu vivo (ou, estou agindo), mas não eu: é Cristo que vive (ou, age) em mim”* (Gl 2,20). *“Quem fala, seja porta-voz de Deus”* (1Pd 4,11). (1)

1. “Epistolário”, p. 98 s., MS 9262-9265: Carta a L. Naudet, de 26-10-1813.

A CARIDADE FRATERNA

135. As raízes profundas da caridade cristã

A caridade é, primeiramente, a perfeita amizade existente entre nós e Deus. Todavia, em vista de Deus, estende-se também ao próximo, porque um ser totalmente de Deus, pertencente só a Ele, criado à sua imagem, feito seu filho, remido com seu sangue, capaz, juntamente conosco, de obter igual felicidade eterna.

“Vós todos sois o corpo de Cristo e, individualmente, sois membros desse corpo” - ensina S. Paulo (1Cor 12,27). Portanto, como membros, devemos ser solidários uns com os outros pelo bem temporal de cada um e, mais ainda, pela salvação eterna de todos.

Experimentamos em nosso corpo como um membro ajuda, carrega, sustém, orienta, defende, alimenta o outro. É desta recíproca solicitude que deriva a saúde completa do corpo e a de cada membro. Vamos supor, entretanto, que cada membro só visasse ao que lhe pertence: o pé se detivesse em um preguiçoso repouso, recusando a transportar os demais membros; a mão não apresentasse o alimento ao paladar; este, por sua vez, satisfeito com seu sabor, não o enviasse ao estômago; e o estômago, muito guloso, guardasse tudo para si, negando aos outros membros o sustento necessário. O que aconteceria? Morreriam o corpo e seus membros.

Visto que somos um só corpo, em Cristo, e seus membros, tudo isso aconteceria conosco se cada um só procurasse o que lhe interessa. Estupendo ensinamento! Solidarizemo-nos, pois, uns dos outros (Cf. 1Cor 12,25). (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 6. “A caridade para com o próximo sugerida pelo exemplo de S. Luís”, MS 525 e 544; PVC, p. 175 e 181.

136. A caridade cristã é suave

“Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei (Jo 15,12). A caridade de Cristo apresenta algumas qualidades específicas, que me devem servir de modelo. É suave, benéfica e universal. Se faltar uma destas características não é cristã.

Primeiramente, a caridade de Cristo é suave em tudo. A partir de suas maneiras exteriores, já se pode observar nele um inalterável equilíbrio e moderação. O que não teve que suportar de um povo rude e incrédulo? Com enorme paciência tratava inúmeras pessoas hostis e a eles procurava se adaptar, para persuadi-las e conquistá-las. Numa palavra, *“para todos eu me fiz tudo”* (Cf. 1Cor 9,22). Quantos despezos sofreu, sem se queixar! Quantas resistências e contradições de seus apóstolos, pobres pescadores, sem cultura e de escassa educação! Quanto não lhe custou formá-los! Muitas vezes se envolveram em conflitos e altercações entre si. Ele procurava fazer de tudo para pacificá-los, convivendo junto e estabelecendo comunhão com eles, apesar de certo desgosto que isso lhe pudesse causar.

Por isso, Jesus pôde dizer com toda veracidade: *“aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração”* (Mt 11,29). Aprendei como deveis vos comportar também.

E eu, já aprendi a suportar as fraquezas dos outros? Embora seja necessário que os outros também saibam suportar as minhas fragilidades, seria enorme injustiça pretender compreensão e perdão dos outros e não lhes oferecer nada de minha parte. Os eventuais defeitos dos outros têm que aperfeiçoar e purificar minha caridade e jamais enfraquecê-la. Além disso, devo aprender a conviver com pessoas que possuem

idéias próprias, mal-humores, caprichos, preconceitos e defeitos pessoais, como eu os tenho também. Não me cabe mudar tais pessoas. Além do mais, não o conseguiria. Pela promoção da paz e manutenção da caridade não me resta senão procurar me adaptar a elas, conquistando-as pela ternura.

“Felizes os mansos, porque receberão a terra por herança” (Mt 5,5). Ou seja, saberão reconciliar os corações. Um razoável domínio sobre mim mesmo poderá prevenir tantos males. Vale a pena impor-se algum sacrifício para conquistar corações. (1)

1. “Missão de S. Firmo”, MS 4211-4216.

137. A caridade cristã é benéfica

Cristo usou seu poder divino, para acumular de graças aqueles, cujas imperfeições teve que suportar com tanta doçura: *“por toda parte ele andou fazendo o bem”* (At 10,38), expulsando demônios, consolando aflitos, curando enfermos, ressuscitando mortos, anunciando o reino de Deus e doando-se continuamente pela salvação das almas.

Eu não posso, como Jesus Cristo, fazer milagres em favor do próximo. Porém, existem, todo dia, ocasiões de prestar serviços e de ajudar os outros. É o que faz a caridade cristã. Para isso, tenho eu usado todo ardor e empenho necessário? Ou sou, por acaso, uma daquelas pessoas indiferentes, preocupadas apenas com os próprios interesses, incapazes de impor-se um sacrifício para agradar os outros?

Se, em força de meu encargo, tenho obrigação pessoal de prestar socorro ao próximo e de prover às suas necessidades, como estou me desempenhando nisso? Faço-o com perfeição, de boa vontade e com amor?

Jesus Cristo nos advertiu, bem claramente, que seremos tratados pelo Pai do mesmo modo que o fizermos com nossos e seus irmãos. De acordo com tal critério, o que posso esperar de Deus, e com que certeza poderei pedir-lhe que derrame sobre mim a riqueza de suas graças? (1)

1. “Missão de S. Firmo”, MS 4217-4222.

138. A caridade cristã é universal

A caridade de Cristo é admirável, quanto à sua extensão. Fora enviado por seu Pai para todos os homens. Porque os amava por causa de seu Pai, ofertou-se igualmente em prol de todos e a todos indistintamente se dirigia, sem exceção alguma. Hebreus e pagãos recebiam dele os mesmos ensinamentos e as mesmas curas, quer para a alma como para o corpo. Jamais foi visto manifestar alguma repugnância pela

miséria e pobreza de alguns, e muito menos dar preferência a outros, por motivo de riqueza ou poder.

Mesmo aqueles que se declaravam abertamente e injustamente contra ele, o encontravam sempre disposto a prodigalizar-lhes todo o bem que se podia esperar do divino Salvador. Dependia apenas deles obter as graças de que Ele era dispensador. Por seu lado, Jesus não só se mostrava sempre disponível, mas, para tal fim, os procurava, convidava e chamava.

E eu? Se não me esforço para fazer chegar a este ponto a minha caridade, exerço apenas uma caridade imperfeita ou falsa. A genuína caridade cristã faz com que amemos o próximo em consideração a Deus Pai e por causa dEle. Ora, essa motivação não estabelece limites. Querer restringi-la a certos indivíduos sem estendê-la a outros, significa destruí-la por completo ou aniquilá-la. Por isso, o Filho de Deus e, depois dele os apóstolos, recomendando-nos o exercício da caridade, como um dos empenhos mais fundamentais, usaram uma expressão bem geral: amai vossos irmãos, vosso próximo. (1)

1. “Missão de S. Firmo”, MS 4224-4225.

139. A caridade fraterna: o melhor investimento

Oh Deus! Hoje em dia todos procuram somente os próprios interesses, o prazer pessoal e o que lhes è útil: *“buscam os próprios interesses, e não os de Jesus Cristo”* (Fl 2,21). Também nós, vivemos somente à procura do que nos é interessa. E, no entanto, pensando bem, deve-se dizer que jamais possuiremos o bem autêntico, se não mirarmos em nosso coração, o bem de nosso próximo.

Temos que nos convencer, porém, de que todas as nossas possibilidades estão nas mãos de Deus e dependem dEle. Ora, será que já nos esquecemos de que Deus condiciona tais possibilidades ao cuidado que devemos ter para com nosso próximo?

É o que acontece, conforme se pode verificar na Sagrada Escritura. Já no Antigo Testamento está escrito: *“quem dá ao pobre não vai passar necessidade”* (Pr 28,27). E, vice-versa, quem despreza os pedidos do próximo necessitado, sofrerá penúria (Cf. id.). Quanto às vantagens espirituais, que são as mais desejáveis, o próprio Deus diz, pela boca de Isaías, que o coração bondoso para com o próximo, será como um lindo jardim, irrigado por fonte de água viva (Cf. Is 58,11). E ainda nos Provérbios: *“quem tapa os ouvidos ao clamor do pobre, também clamará, e não será ouvido”* (Pr 21,13).

Quanto ao Novo Testamento, diz o Evangelho: *“a mesma medida que usardes para os outros, servirá para vós”* (Mt 7,2). E São Tiago em sua carta: *“orai uns pelos outros para serdes curados”* (Tg 5,16). Em seguida, após haver demonstrado a eficácia

de tal oração, conclui com a afirmação: *“quem faz voltar um pecador do seu caminho errado, o salvará da morte e cobrirá uma multidão de pecados”* (Tg 5,20).

O que podemos desejar de mais claro, lógico e explícito do que isso? Retenhamos bem em nossa mente que, quem quer fazer algo útil na vida, deve procurar também o bem de seu próximo. Quem *“não procura o próprio interesse”* como ensina a caridade, encontrará o verdadeiro e o único caminho para consegui-lo.(1)

1. “Pregações à juventude, n.º. 6: “A caridade para com o próximo”, MS 535-542; PVC, pp. 178-181.

140. Não julgueis e não sereis julgados

“E tu, por que julgas teu irmão? Ou tu, por que desprezas teu irmão? Pois é diante do tribunal de Deus que todos compareceremos... Portanto, não mais nos julgemos uns aos outros” (Rm 14,10.13). Devemos, pois, evitar suspeitas em relação aos outros, que é o veneno da amizade. Pode-se dizer que é pior ainda. As suspeitas assemelham-se à peste escondida e muito grave, capaz de provocar o afastamento de Deus e destruir a caridade fraterna.

Trata-se, substancialmente, de uma forma de soberba. Talvez, por isso, as pessoas espiritualmente mais à frente na perfeição, sejam as mais tentadas. Da humildade, ao contrário, deriva a simplicidade que, primeiramente, leva a prestar muita atenção aos próprios defeitos ou àquilo que nos falta. *“Por que observas o cisco no olho do teu irmão – adverte Jesus -, e não reparas na trave que está no teu próprio olho?”* (Mt 7,3). Se descobrires no outro algo que te desagrade, olha bem se não existe em ti algo semelhante. Então, elimine-o. Se, ao contrário, descobrires no outro algo que te agrada, olha se tu também o possuis. Então, cuide bem disso. Se por acaso não o possuis, procure adquiri-lo.

Quem quer cultivar a caridade autêntica para com o próximo chora pelas culpas que comete e se alegra pelas graças que recebe, bem como pelo proveito que consegue. Neste campo é muito louvável haver competição na busca da estima mútua (Cf. Rm 12,15). Procure, o quanto possível, falar sempre bem de todos, considerando, com muita humildade, os outros superiores a si mesmo, evitando procurar apenas os interesses pessoais, para valorizar unicamente os dos outros (Cf. Fl 2, 3.4). (1)

1. “Resumos de Rodriguez”, MS 8853-8956.

141. Caridade e reconciliação

Pela caridade, Deus nos une ao próximo e a Ele, de modo que nosso melhor bem e o do próximo é a glória de sua Divina Majestade. *“Que todos sejam um”* (Jo 17,20). Unidos à multidão dos irmãos, como um só ser, a caridade faz com que cheguemos a nos tornar um só ser com Deus: *“como tu, ó Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós”* (id.). (1)

Se pela fragilidade humana surgisse entre os irmãos alguma discórdia ou desavença, deve-se logo procurar que, superada qualquer animosidade, se reconciliem cordialmente e com a devida compreensão reatem a amizade recíproca. S. Paulo diz: *“não se ponha o sol sobre vossa ira”* (Ef 4,26). E o Senhor, no Evangelho: *“quando estiveres levando a tua oferenda ao altar e ali lembrares que teu irmão tem algo contra ti, deixa a tua oferenda diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão. Só, então, vai apresentar a tua oferenda”* (Mt 5,23 s). (2)

Amar-se-ão, todos, mutuamente com santa caridade, evitando sempre qualquer ocasião que cause a menor ofensa, ou com palavras injuriosas, ou pior ainda com fatos. Se alguém for ofendido por algum irmão, procure suportar o desacato com serenidade, por amor a Jesus. E, se, por fragilidade qualquer, ofendesse alguém, procure reparar o mal prontamente, pedindo desculpas e usando todos os meios para afastar, definitivamente, qualquer possibilidade de ressentimento ou mágoa. (3)

1. “Epistolário”, p. 74: Carta a L. Naudet, de 06-03-1813.
2. “Constituições do Fundador”, n.º. 191.
3. Do opúsculo “Constituições e Regras para a Congregação dos jovens”, adotado por Pe. Gaspar para seus Oratórios Marianos: “Bertoni, 2”, pp. 319-325.

142. Um mártir da caridade: São Luís Gonzaga

“O amor não é interesseiro” (1Cor 13,5). Entre as notas características da caridade, indicadas por S. Paulo em seu hino, na primeira carta aos Coríntios, esta é a mais notável e específica.

São Luís deu exemplo justamente deste tipo de caridade de maneira contundente. Ao surgir, em Roma, uma peste mortífera, demonstrou ele cuidar muito pouco da própria vida ao expor sua saúde para ajudar os irmãos atingidos pela doença, especialmente nos hospitais públicos, onde com maior força ela se propagava. Em breve período de tempo veio a falecer, atingido pela epidemia. Provou, assim, que a caridade não procura seu próprio interesse.

Bem antes disso, esta mesma caridade o havia levado a abandonar a idéia de entrar, seguindo à sublime inclinação de seus desejos, em um convento de religiosos contemplativos. Preferiu, ao invés, ingressar na Companhia de Jesus, na qual, através de perpétuo exercício do apostolado, novos combatentes se preparavam para sair em campo aberto. A finalidade deles era sustentar o peso das mais árduas e cansativas expedições missionárias, visando ao bem do próximo e à maior glória de Deus. Escolha de caridade esta, digna do fervoroso coração apostólico de um São Paulo!

Acendei em nosso coração, caro santo, uma só centelha de vossa ardente caridade. Despertai em nós uma viva chama que, ao irradiar-se para o próximo, mereça elevar-se até o céu, onde, unindo-se a Deus, por essência o imenso fogo de caridade, encontre o feliz descanso por todos os séculos. (2)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 6: “A caridade para com o próximo”, MS 529-546; PVC, pp. 176-183.

143. A caridade apostólica de S. Zenão

Como pôde este homem sozinho, em tão pouco tempo, erradicar e destruir males enormes, que haviam, então, dominado o mundo? Eu o digo, em síntese: com a caridade. Ele a demonstrou logo que chegou a Verona com gestos de mansidão e jovialidade, desbaratando a idolatria. A caridade, vivenciada através do decoro e esplendor de sua santidade arrasou as heresias da época. Não se pode esquecer que a caridade foi acompanhada pelo acervo de todas as virtudes heróicas e dons celestes, especialmente a sabedoria, que brotava continuamente de seus lábios.

S. Zenão transferiu a caridade de seu coração para aqueles dos fiéis. Isso, até certo ponto, contribuiu para tirar qualquer resquício dos males passados, renovando totalmente e reestruturando a sociedade de seu tempo. Este notável Padre e Doutor realizou, na prática, o que ele mesmo resumira, com muita perspicácia, com uma belíssima frase: *cáritas transit in populum: a caridade passa para o povo* .

De fato, amava seu povo e esforçou-se para que o povo amasse seu pai. Os veroneses, admirados, acabaram descobrindo, em seu bispo, tantas virtudes, sabedoria e caridade, que foram impelidos a abandonar-se inteiramente a seus cuidados e governo. Este sábio deixou uma lei a seu rebanho: a amizade constitui o fim e o escopo último de toda e qualquer legislação sábia e une, com vínculo forte e suave, a sociedade toda. (1) O amor mútuo, de fato, fundamentado sobre o relacionamento social, interliga, com vínculo sólido, os membros entre si e todo o corpo social à sua cabeça.

Bem se pode afirmar, portanto, à luz da imagem de Isaías, que S. Zenão foi o Serafim, inflamado de caridade ardente, iluminadora, ativa e eficaz que, por meio da brasa da palavra divina, tocou os lábios de seu povo, contaminado e dividido pela idolatria e heresia ariana. (2) Graças à ação do fogo ardente da caridade, renovou a sociedade e, ao mesmo tempo, a congregou na profissão do nome de Cristo. As tenazes, com as quais nosso Doutor mantinha a brasa próxima aos lábios, foram as Sagradas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento, que ele explicava, convocando sua grei à fé genuína. Com isto, conseguiu que a igreja de Verona, orientada por sua doutrina, se tornasse gloriosa, renovada e sem mancha de vício, erro, defeito. (3)

1. Cf. S. TOMÁS, “Suma Teológica”, I-II, 99, 2.
2. Cf. Is 6, 6s.
3. “Sermão em honra de S. Zenão”, MS 2110-2121.

O ESPÍRITO DE AMOR

144. O hóspede da alma

“O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5).

O Espírito Santo nos é dado com toda a riqueza de seus dons. Não só. Mas também com a própria presença de sua Pessoa e, portanto, com a presença da SS. Trindade. A amizade estabelecida, com a graça, entre Deus e o homem exige a presença do amigo, o Espírito Santo, na alma do justo, com a finalidade de se unir a ela de maneira íntima, e de habitar nela como em um templo, onde possa receber nossa homenagem de amor, culto e adoração.

Assim, o Espírito Santo, juntamente com o Pai e o Filho, vem habitar na alma do justo como em seu templo, para poder aí permanecer com profunda intimidade. As três Pessoas divinas, Pai, Filho e Espírito Santo, vêm a nós, desde que nos aproximemos delas. Vêm com o esplendor da luz, para que nos aproximemos mais, abrindo bem os olhos do espírito, permitindo que nos iluminem interiormente. Vêm com o poder do auxílio divino, para que nos aproximemos ainda mais, preparando nossos corações para a obediência filial. Vêm com a riqueza de seus dons, para que nos aproximemos com humildade, dispostos a recebê-los.

Segundo o desígnio divino, tal habitação da SS. Trindade em nossos corações quer ser uma realidade concreta, não passageira e provisória, mas duradoura e eterna. (1)

1. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3332-3396.

145. Como acolher o Espírito Santo e suas inspirações

O Espírito do Senhor, como se apossou de Sansão (Cf Jz 14,6), assim o faz também com todo o justo, a fim de realizar obras espirituais e heróicas. Portanto, que o Espírito domine e dirija nossa vida, como o piloto governa o navio, e o cocheiro a carruagem. Não só o corpo, mas a alma também precisa estar sujeita à condução do Espírito, pois o Senhor quer que ao Espírito estejam sujeitas todas as potencialidades da alma. Não são suficientes o batismo e os sacramentos. Se não te deixas conduzir pelo Espírito, perdes a adoção. (1)

As divinas inspirações são como mensageiros, que precedem a chegada das pessoas importantes deste mundo. De fato, os mensageiros de sua Divina Majestade querem ser bem acolhidos e ouvidos, cabendo a nós realizar o que nos indicam. Depois deles, e quando tivermos preparado tudo, de acordo com seus conselhos, virá nos visitar o Senhor dos céus e da terra, em pessoa. Preparemos, portanto, preparemos uma digna habitação para tal Hóspede!

“Ao ser humano cabem os projetos” (Pr 16,1), diz a Escritura. Logo, procuremos não só nos esmerar, para preparar com o auxílio divino nossa alma, tendo em vista as visitas de sua Divina Majestade, mas com esmero redobrado temos que estar sintonizados, sempre e constantemente, com o Senhor.

“Não deixes que te impeçam de pagar a promessa no tempo oportuno” (Eclo 18,22), diz ainda o Espírito Santo. De fato, o recolhimento, a atenção para não alongar demais as conversações e o cuidado em evitar toda frivolidade significam ter sempre o ouvido atento às palavras suavíssimas de nosso Criador. (2)

1. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3232.

2. “Epistolário”, p. 68: Carta a L. Naudet, de 28-02-1813.

146. O vento de Pentecostes

“Desperta, vento norte e vem vento sul: sopra no meu jardim, para que se difundam os seus aromas” (Ct 4,16). No vento norte ou vento frio, que faz congelar e entorpecer tudo, está caracterizado o espírito do mal que se apossa dos malvados e bloqueia os germes do bem. O vento sul, entretanto, ou vento quente, simboliza o Espírito Santo que, atingindo as almas dos eleitos, as liberta de todo torpor e as impele a realizar, com entusiasmo, tudo o que é bom e perfeito.

Que se vá, pois, o vento norte e venha o vento sul, soprando e espalhando, no jardim do Esposo, suaves aromas. Que se vá, também da Igreja e de qualquer alma, o espírito maligno e venha o Espírito Santo. Que Ele, com sua vinda, infunda o fogo da caridade nos corações e os liberte do torpor da indiferença.

Como conseqüência, os aromas se elevam e se difundem, porque com a vinda do Espírito Santo, o coração, que antes se mostrava gélido e entorpecido, passa a aquecer-se de verdade, sendo induzido à prática do bem. Que a voz do bem chegue rapidamente ao próximo, de modo que, ouvindo estas coisas, sintam-se estimulados também a fazer o bem. Desse modo, vai se propalar, por toda parte, com a efusão do Espírito Santo, o perfume das virtudes e o místico jardim se abrirá à floração, produzindo, posteriormente, frutos saborosos e abundantes. (1)

1. “Exercícios” “Instruções”, MS 3013-3014. O trecho é tirado de S. GREGÓRIO MAGNO, “Sobre o Cântico dos Cânticos”, c. IV, 21: PL 79, 515s.

†
†††
†

A IGREJA

147. A Igreja, Esposa de Cristo

Senhor, atraís vossa Esposa, dando-lhe a mão direita (Cf. Ct 1,3), enquanto, de nossa parte, correremos atrás da fragrância de vossos perfumes (id.), ao seguir os ensinamentos que a Igreja nos oferece, por meio de palavras, obras e disciplina, que são os frutos de vossa graça.

Senhor, atraís, todas as coisas através da suavidade e da eficácia de vossa graça, segundo os desígnios de vossa adorável Providência: *“quando eu for elevado da terra atrairei todos a mim”* (Jo 12,32). Assim também, atraís vossa Esposa, a Igreja nossa Mãe, os vossos e seus filhos, que somos nós.

Atraís vossa Esposa, com a mão direita. Por isso, ela não apenas Vos segue, mas, acompanha lado a lado, partilhando conosco, por meio de seu cuidado materno, os bens de vossa paterna Providência. Como simples filhos, não podemos correr convosco, pois dais não passos, mas saltos de gigante (Sl 19,6). Correremos, então, atrás de Vós, incentivados pela fragrância de vossas graças e seguindo os ensinamentos de nossa Mãe. E se, assim mesmo, não conseguirmos Vos seguir com a imensa afeição da esposa adulta, formada na escola do amor, Vos seguiremos por meio das primícias de nosso mais terno e juvenil fervor. (1)

1. “Meditações sobre o I Livro dos Reis”, n.º 7, MS 5004-5006.

Note-se, nas meditações do presente capítulo, a profundidade teológica com que Pe. Gaspar analisa a realidade da Igreja, considerada prioritariamente como Esposa de Cristo e mistério de comunhão, antes de tratar dos aspectos institucionais e jurídicos. Observe-se ainda ao que se acenou anteriormente sobre o Mistério Pascal de Cristo (n.º 97, nota 1). A familiaridade com a Bíblia, especialmente com S. Paulo, permitiu a Pe. Gaspar ter intuições verdadeiramente proféticas.

148. A Igreja, mistério de comunhão

A Igreja, esposa de Cristo, é uma imagem viva da divindade, especialmente quanto a seus traços principais, a começar pela unidade: *“Pai santo, guarda-os em teu nome, o nome que me deste, para que eles sejam um, como nós somos um. Que todos sejam um como tu, Pai, estás em mim, e eu em ti. Que eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste”* (Jo 17, 11.21). Esta unidade, através da união e elo das partes, constitui a beleza imutável e a força invencível da Igreja, linda como a lua, fulgurante como o sol e terrível como um exército em ordem de batalha.

O Espírito de Cristo desce abundantemente da Cabeça, e vai crescendo à medida que cada um se dispõe a acolhê-lo. Se uma das mãos está separada do corpo,

o Espírito, que procede da cabeça e chega a cada um dos membros, passando através do próprio corpo, não vai animá-la, permanecendo ela sem vida. Se quisermos receber o Espírito que procede da Cabeça, procuremos permanecer unidos uns aos outros.

Sejamos, por isso, zelosos em conservar a unidade do Espírito, por meio do vínculo da paz. (1) *“Com amor sincero”* (2Cor 6,6), não fingido, como é o daqueles que, tendo nos lábios palavras de perfeita caridade, na realidade provocam divisão entre si e tentam afastar os demais da unidade. (2)

Não haja entre nós diversidade de doutrinas, divisões em partidos. Um só espírito de fé nos anime a todos, pois somos um só corpo. Um só é o fim sobrenatural a que tendemos, como uma só é a esperança a que somos todos chamados. Um só é aquele que nos propôs tal fim e para ele nos orienta. Se há muitos pastores que nos conduzem, façam-no por causa da investidura e título em nome de um *“só Senhor”* (Ef 4,5). (3)

1. *“Exercícios” e “Instruções”, MS 3656-3675.*

2. O. c., MS 3311.

3. *“Pregações à juventude”, n.º 35: “A regra de nosso pensar e de nosso agir”, MS 1238-1239; PVC, p. 261.* Esta pregação – feita em 06-01-1806, solenidade da Epifania – se apresenta como um orgânico e completo tratado sobre o tema da Palavra de Deus. A partir do título já se percebe a posição fundamental assumida por Pe. Gaspar diante da Palavra de Deus: atitude que é de total dependência, tanto no seu ensinamento, como na conduta da própria vida. Afirma Pe. Divo Barsotti: *“É muito difícil encontrar outros escritores espirituais que façam os livros sagrados falar tanto, e sempre com propriedade. Toda sua vida interior depende dos textos: guiam-no, são normas de sua ação,; ele se modela sobre eles, deles obtém luz e sentido para o próprio caminho”* (*“Magistério dos Santos”, Roma, 1971, p. 14*). Sobre este tema, Cf. Furlani Giuseppe, *“A Palavra de Deus, regra do pensamento e da ação do Bem-aventurado Gaspar Bertoni”, Roma, 1983.*

149. A Igreja, mestra da fé

A Igreja católica, apostólica, romana, minha Mãe, é a única que me ensina. E Deus ensina minha Mãe. Posso ter alguma dificuldade; por exemplo, há o dogma da predestinação divina e o da liberdade humana. Não interessa à minha fé como se conciliam estes dois dogmas. Deixo a solução para os teólogos. Como fiel, basta-me crer, adorar o mistério, respeitar as sentenças das escolas teológicas e refutar as heresias.

Na Igreja, o Pastor supremo corrige os defeitos de fé e costumes com base na interpretação segura das Sagradas Escrituras e da Tradição. S. Jerônimo, encontrando-se perplexo diante do problema de como reconhecer em Deus três hipóstases, não recorre à luz de sua mente, nem mesmo à sua vasta erudição, mas se orienta à luz da autoridade da Cátedra de Pedro. (1)

Pedro cuida de todo o rebanho. Se, por acaso algum dos pastores venha a falhar, corre para corrigi-lo e recuperá-lo. A Pedra não falha: “tu és Pedro, e sobre esta pedra construirei a minha Igreja, e as forças da morte não poderão vencê-la” (Mt 16,18). Não vão prevalecer nem contra a construção, nem contra a pedra sobre a qual está alicerçada, pois, se a pedra fundamental viesse a falhar, toda a construção falharia. Pedro está autorizada a advertir com franqueza e poder: “ampara os teus irmãos” (Lc 22,32), mas o faz com mansidão, para dar lugar ao arrependimento.

Se viesse a bater contra esta pedra, quebraria a cabeça; se, ao contrário, nela me apoiar, estarei bem seguro. (2)

1. Cf. S. JERÔNIMO, “Carta 15, a Damaso”, 2: PL 22, 355.

2. “Meditações sobre o I Livro dos Reis”, nºs. 50 e 51, MS 6789-6824.

150. Como Cristo governa a Igreja

O meio fundamental, com o qual Cristo sustenta sua Igreja, são as Sagradas Escrituras, as profecias e os milagres: “esta é a vida eterna: que conheçam a ti, o Deus único e verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que enviaste” (Jo 17,3). Assim, o estudo das Escrituras torna-se o caminho seguro para se conhecer a Deus e a Jesus Cristo, pois, mediante elas, o Senhor ofereceu à sua Igreja armas eficientes, como os divinos mandamentos, e inúmeros meios, como os conselhos que conduzem à santidade.

Em seguida, Cristo passa a orientar sua Igreja, por meio do magistério dos pastores, pregação dos sacerdotes e administração dos sacramentos. Meios estes, que são eficazes em si mesmos, ainda que, nem sempre, as pessoas, a quem são confiados, sejam exemplares. Os sacerdotes, mesmo se alguma vez celebrem indignamente, embora corram o risco de, espiritualmente, se perderem, cumprem, no entanto, a vontade amorosa de Deus, ao apascentar seus fiéis e transmitir o dom vida. Há certos sacerdotes vaidosos e gananciosos, que pregam, celebram missa, dirigem paróquias, estudam com afinco. Mesmo assim, servem a Deus ainda que suas intenções os levem à condenação.

Enfim, Cristo guia e governa sua Igreja, também através da experiência das tribulações: “em verdade, em verdade vos digo: chorareis e lamentareis, mas o mundo se alegrará. Ficareis tristes” (Jo 16,20). Nosso Salvador confiou à santa Igreja o peso e o sofrimento de sua cruz, com a finalidade de poder enriquecê-la no céu, por meio de dons excelentes: “vossa tristeza se transformará em alegria” (id.). (1)

1. O. c., n. 3, MS 4890-4904.

151. Os sofrimentos da Esposa de Cristo

A Igreja, governada de maneira enérgica e, ao mesmo tempo, suave pelas graças de seu Esposo, procura cooperar ativamente com elas, de modo que também ela se governe e se oriente. Ela tem como objetivo de atuação a perfeição da graça nesta vida e a glória na outra, especialmente, por meio das tribulações. Reflitamos, pois, sobre como conduz este tipo admirável de governo, no qual sobressai-se quer a ação da Providência divina de seu Esposo que a governa, quer as virtudes singulares dela mesma. É, graças a isso, que ela sempre consegue orientar-se de conformidade com seu espírito.

Convém relevar que as tribulações jamais não de faltar à Igreja. Não apenas por causa das perseguições acontecidas no tempo de guerra, mas, porque existem muitos outros tipos de sofrimentos que a afligem até em tempo de paz. Assim, por exemplo, a dureza do coração de tantos pecadores, a pertinaz obstinação de grande parte do povo eleito, os inúmeros incrédulos, os sacerdotes que se proclamam modernos, colocando-se contra a Igreja ou contra os presbíteros que permanecem fiéis.

Mas, em meio a seus sofrimentos, a Igreja também oferece estupendo ensinamento. Vive aflita, porém não se deixa abater pela tristeza, pois, ouvindo a voz de seu Esposo, consegue amenizar suas aflições por meio das consolações internas. Além disso, vemos que, tais aflições produzem na Igreja uma reação de renovado fervor na pregação e a mais viva confiança na oração. Pode-se mesmo dizer que delas brota o resultado de maior crescimento quanto ao desapego das riquezas e honras mundanas.

Fazei, Senhor, que saibamos nos conformar ao espírito do Esposo e de sua Esposa, a fim de que, encarando os sofrimentos que afligem a Igreja e tendo os olhos fitos nos adoráveis desígnios de vossa Providência, saibamos tirar delas os frutos desejados por vossa misericórdia. (1)

1. O. c., n.º. 4, MS 4909-4930

152. A perseguição na vida da Igreja

Senhor, tendo-nos chamado à casa de vosso Filho e previsto muitas perseguições, segundo as palavras do Apóstolo: “todos os que quiseram viver piedosamente no Cristo Jesus serão perseguidos” (2Tm 3,12), fazei que possamos seguir o exemplo da santa Igreja, a fim de nos configurar a ela, para chegar a sermos filhos não ingratos ou indignos, mas fiéis imitadores, como ela o é de seu Esposo. Fazei que possamos conhecer o espírito de vossa Esposa, a Igreja, para que, conhecendo-o, amemos mais, amando-o desejemos sempre mais, e desejando-o, abramos os lábios para Vo-lo pedir e o coração para atrair seu favor.

Consideremos, agora, qual a causa e os princípios das perseguições. De um lado, há, na Igreja, um zelo enorme para converter a humanidade, segundo o evangelho; de outro, a obstinação dos pecadores. A Igreja vai à luta, através da oração e uma firme pregação, fruto da oração. O pecador combate, alimentando o desejo de prejudicar a Igreja e com a astuta busca de colhê-la em erro. Ela não oferece motivo algum para tal fim: “felizes sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós por causa de mim” (Mt 5,11).

A perseguição agrava-se quando a Igreja intensifica a luta, através da pregação, aliada à caridade ardente e à confiança na proclamação do evangelho, custe o que custar, enquanto que a parte contrária aposta na intolerância e na proibição da pregação.

Há também êxito nas perseguições. A história demonstra que não poucos perseguidores se converteram devido à paciência da Igreja. Por isso, volta a crescer o desejo da Igreja expandir o Reino de Deus, pois a obstinada resistência de alguns é largamente recompensada com a conversão de muitos. (1)

1. O. c., n.º. 5, MS 4933-4955

153. Conduta da Igreja durante a perseguição

Os inimigos da Igreja alimentam a perseguição, principalmente através da calúnia. Afirmam que a Igreja é ambiciosa, apegada aos bens terrenos e contrária à verdadeira religião e ao Evangelho. Ela, porém desmente essas calúnias, mostrando, nela mesma, um absoluto desprezo pelo espírito do mundo, suportando com paciência tribulações, comportando-se com desinteresse, sinceridade e pureza de intenção, provando que, todo o seu trabalho e ministério estão voltados para a realização do Reino de Deus. O próprio fato de, mesmo em meio às dificuldades da perseguição, a Igreja persistir na fidelidade à tarefa de pregar o Evangelho, com amor e intrépida coragem, é comprovação irrefutável de que ela caminha na verdade e na justiça.

Esta maravilhosa liberdade da Igreja é um enorme escândalo para seus inimigos, porque, muitas vezes, acabam usando-a como pretexto para agravar a perseguição. A Igreja, porém, continua impávida seu caminho e, através de sua inalterável liberdade interior, comprova sua mansidão, aprofunda a humildade, aperfeiçoa seu espírito de desinteresse, prudência e pureza de intenção.

Senhor, conhecemos as tribulações de vossa Igreja, destacando-se nela, igualmente, a admirável Providência de vosso Esposo, a prudente e virtuosa conduta de vossa Esposa. Adoramos vosso sapientíssimo governo, e vos suplicamos que nos façais imitar vossa Esposa, configurando-nos em tudo a vosso convite: “se alguém quer vir após mim, tome sua cruz” (Mt 16,24). Fazei que carreguemos a cruz, não a

arrastando, mas de boa vontade, para poder chegar a nos gloriar, afirmando: “quanto a mim, que eu me glorie somente da cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo” (Gl 6,14). (1)

1. O. c., MS 4942-4964.

A PALAVRA DE DEUS

154. Deus falou

Toda pessoa humana é ordenada a Deus como sua meta final, embora isto pareça superar a compreensão da razão. Por isso, essa meta final deve ser conhecida pelos seres humanos, para que possam orientar suas intenções e ações nesta direção. (1) Logo, somente Deus pode instruir as pessoas sobre tais verdades, pois superam e transcendem a razão humana, mesmo sendo necessárias, pois nelas é que se fundamenta a salvação. “esta é a vida eterna: que conheçam a ti, o Deus único e verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que enviaste” (Jo 17,3). Quando se trata da salvação da alma – diz Tertuliano – toda pessoa humana deve voltar-se para Deus e comportar-se segundo as regras de Deus. Não se pode encontrar melhor mestre de salvação do que o próprio autor da salvação. (2)

Ora, Deus falou. Falou de muitos modos desde os profetas até os antigos Pais. Ultimamente, por intermédio de seu Filho, aos apóstolos. A estes o Espírito Santo falou de maneira mais direta, instruindo-os sobre toda e qualquer verdade atinente à salvação: “quando ele vier, o Espírito da Verdade, vos conduzirá na verdade plena” (Jo 16,13). Temos, então, os livros dos Profetas e os Evangelhos dos apóstolos: eis a Palavra de Deus revelada nas Escrituras.

Os apóstolos, por sua vez, comunicaram, a seus discípulos, muitas destas verdades reveladas e as confiaram à Igreja, como depósito sagrado. Além disso, elas são reconhecidas, em âmbito universal e eclesial, pelo consenso comum dos santos Padres e pelas autênticas definições dos concílios ecumênicos ou dos Sumos Pontífices: eis a Palavra de Deus revelada na Tradição.

Deus falou. O que mais procuramos? Temos a Verdade eterna que nos orienta. Vamos continuar nos deixando enganar pelas opiniões falazes dos homens? (3)

1. Cf. S. TOMÁS, “Suma teológica”, I, 1, 1.
2. TERTULIANO, “Sobre a Alma”, c. I: PL 2, 689.
3. “Pregações à juventude”, n.º. 35: “A regra de nosso pensar e agir”, MS 1216-1221; PVC, pp. 252-255.

155. Cristo nossa luz

Seguimos Cristo, verdade e vida: “eu sou a verdade e a vida” (Jo 14,6). Porém, verdade e vida, último fim de nossos desejos, estão acima da inteligência humana: “olho algum jamais viu deus igual a ti que tanto faça por aqueles que nele esperam” (Cf. Is 64, 3).

Convém, portanto, que evitemos as opiniões e os julgamentos da sabedoria terrena se quisermos chegar a esta meta feliz, se quisermos encontrar a estrela-guia, que é a regra infalível apontando para tal meta. De fato, esta é o próprio Cristo que, sendo verdade e vida, também é o caminho que conduz à verdade eterna e à vida a que aspiramos: “eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6).

S. João diz, ainda, que Cristo é a luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo. Verbo de Deus, sendo a Sabedoria por excelência, possui palavras de vida eterna: “a quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna” (Jo 6,68).

A palavra do Verbo exige muita aplicação para a razão humana (Cf. Jo 6,60), pois, muitas vezes, nem chega a compreendê-la. É preciso, então, afastar-se e abandonar os raciocínios humanos, para poder entendê-la. A estrela-guia apareceu aos magos fora de Jerusalém e longe das cortes repletas de política mundana. É por isso que, nem a razão humana, nem as opiniões dos seres humanos ou as máximas do mundo, são a regra única e infalível de nosso pensar e agir, capaz de nos conduzir rumo ao fim sobrenatural e divino, a que somos chamados. Só a Palavra de Deus o é. (1)

1. O. c., MS 1211-1214; PVC, p. 251 s.

156. A Sagrada Escritura

Encontramos nas santas Escrituras não só o que é necessário, mas também o que nos é mais útil, para conhecer o bem, descobrir o mal, corrigir nossos costumes e tornar nosso espírito equilibrado. Há algo mais? Sim, fazer-nos santos e bem preparados para toda boa obra (Cf. 2 Tm 3,16s.). (1)

As Sagradas Escrituras, meditadas em profundidade, mostram a dimensão exata de cada coisa, assim como sua organização correta, segundo a ordem inspirada pela sabedoria divina. Formam o espírito, desenvolvem-no e o educam. Primeiramente, ensinam a conhecer a Deus, em toda a sua grandeza e onipotência. Em seguida, a conhecer os deveres da criatura, começando pela obediência ao Criador. (2)

A Palavra de Deus, nas Escrituras, deve ser a regra de nosso pensar e agir, se desejarmos conhecer a verdade e chegar à salvação. Adverte-nos o Apóstolo: “não vos deixeis extraviar por qualquer espécie de doutrina estranha” (Hb 13,9). (3)

O escopo da leitura da Bíblia é levar à prática das verdades nela contidas. É preciso, então, meditá-las e encará-las como guia de nossos comportamentos. Para ler bem a Sagrada Escritura, é preciso prestar muita atenção, a fim de não distorcer a Palavra de Deus, segundo nosso próprio modo de ver. Devemos procurar sempre adaptar nossa visão à Palavra de Deus. (4)

1. O. c., MS 1222; PVC, p. 255.
2. “Meditações sobre o Gênesis, n.º. 3”; MS 4650.
3. “Pregações à juventude”, n.º. 35, c. s”; MS 1223; PVC, p. 255.
4. De MABILLON JEAN, “Tratado sobre os estudos monásticos”, a clássica obra do estudioso beneditino do século 16, que Pe. Gaspar compilou para L. Naudet (Cf. “Bertoni, 3”, p. 473s.): MS 8944.

157. Como ler a Bíblia

A S. Escritura não é fácil de entender. São inumeráveis as palavras de Deus que o intelecto humano não atinge, porque, mesmo sendo palavras de Deus, mais claras que a luz do sol, nelas estão presentes as trevas da concupiscência humana. A condição necessária se obtém, então, através da mortificação de todas as paixões desordenadas. E, sendo muito difícil consegui-la, urge a força da oração, além da diligência em mortificar tais paixões e o esforço para observar fielmente a lei divina. Com o auxílio da oração e da caridade, a verdade se revela a nossos olhos.

As principais disposições para a boa leitura da Bíblia são a humildade, a simplicidade e a fidelidade. Humildade, renunciando a toda ambição de fama ou prestígio pessoal: “revelaste estas coisas aos pequeninos” (Lc 10,21). Simplicidade, contentando-se com os conhecimentos que o Pai das luzes se digna nos conceder. Muitas vezes, ao ler a Bíblia, somos atrapalhados por nossas pretensões intelectuais, querendo compreender e discutir tudo. Na verdade, bastaria simplesmente aceitar. Fidelidade, venerando sempre a verdade, quer quando permanece oculta, quer quando se manifesta com toda clareza. S. Pedro não ficou escandalizado, como alguns discípulos em Cafarnaum, diante da aparente dureza das palavras de Jesus (Cf. Jo 6,68). Teria, por acaso, compreendido o segredo daquelas palavras? Mesmo não as tendo ainda compreendido, todavia acreditava plenamente que eram dignas de aceitação.

Dois defeitos, bastante comuns, têm que ser evitados: a curiosidade e a exagerada pressa na leitura. Esta nasce daquela. Lendo, acreditamos encontrar o alimento pronto. Não é assim. É preciso prepará-lo. O trigo bom contém palha. A massa do pão precisa ser assada; às vezes não é o momento exato de comê-lo, pois é necessário o fogo do Espírito Santo para cozê-lo. Numa palavra, é a oração que o condimenta e o faz crescer. (1)

1. O trecho é de MABILLON J., o. c., MS 8940-8943.

158. Meditar a Sagrada Escritura

“Toda a escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para argumentar, para corrigir, para educar conforme a justiça. Assim, a pessoa que é de Deus estará capacitada e bem preparada para toda boa obra” (2Tm 3,16). Então, deve ser estudada com humildade e admiração, por causa de sua sublimidade divina. Supera os gênios humanos mais ilustres, porque são bens inferiores a Deus e nada conseguem vislumbrar da sublimidade sobrenatural; só o que a divina bondade se digna revelar-lhes. Ninguém, portanto, é tão perfeito em conhecimentos, que não possa progredir ainda mais, pois todo progresso do ser humano permanece sempre abaixo da grandeza de Deus, que inspirou a Escritura.

A Sagrada Escritura se nos apresenta como uma enorme floresta, na qual, à primeira vista, tudo parece igual. À medida que se penetra em seu interior, descobrem-se planícies e vales, além de inúmeras outras realidades, que antes não se podiam imaginar.

Por outro lado, está tão admiravelmente disposta que, enquanto se avança em sua exploração, fica sempre alguma área escura a ser esclarecida. Além disso, não há perigo de que, pelo conhecimento adquirido, ela leve ao desinteresse. Pelo contrário, passa a ser lida com mais gosto, à medida que sugere, a cada dia, algo para ser aprendido como novidade. (1)

1. Meditações sobre o I Livro dos Reis, n. 1, MS 4855-4861.

159. Pe. Gaspar e a Sagrada Escritura

Como clérigo, Bertoni leu e repassou a Escritura divina várias vezes. Como sacerdote, tornou-a seu principal e mais agradável estudo. Sempre tinha à mão os textos mais apropriados da Sagrada Escritura, transformando-os em guia e inspiração. Estes, em várias circunstâncias da vida levaram-no a agir com segurança e tranqüilidade.

O que ele vivia, na prática, costumava aconselhar também aos outros, incentivando-os por meio de exortações, diretrizes e conversações. Os ouvintes ficavam tão impressionados com o entusiasmo e eficácia de suas palavras e citações da Escritura, que lhes parecia ser o próprio Deus a falar.

Tal comportamento se lhe tornara tão natural e espontâneo, que parecia tê-la absorvido em sua natureza e sangue. Não é de admirar, pois, que, até os últimos anos de vida, tivesse sempre entre as mãos os livros da Escritura ou os escritos dos Padres. Esta é uma das grandes heranças que legou a seus filhos. Não só lhes recomendava o

estudo ardoroso da Palavra de Deus, contida na divina Escritura e na Tradição, mas recomendava que sempre a lessem e consultassem, em qualquer circunstância, usando-a como texto habitual de meditação. (1)

Passou a vida, lendo obras de quase todos os santos Padres, e estudando a Sagrada Escritura à luz dos mais renomados comentaristas. Parecia que eles tivessem se transformado em seu sangue, podendo-se dizer que sua conversa era uma linguagem totalmente fundamentada na Escritura. (2)

1. GIACOBBE CAETANO, "Vida do Servo de Deus, Pe. Gaspar Bertoni", Verona, 1858, SA, p. 462.
2. "Miscelânea Lenotti", SA. p. 182.

160. Deus fala por intermédio da Tradição apostólica

Tudo o que Deus fala nas Escrituras, também o faz na Tradição, que se encontra nos livros dos Padres da Igreja, venerandos por doutrina e santidade.

Deus nos concedeu estes Padres, santíssimos e sapientíssimos, como pastores e doutores, para aperfeiçoar seus eleitos, para completar o imenso plano da salvação e edificar a Igreja como corpo místico, para não sermos como crianças inconstantes, deixadas à deriva por qualquer sopro de doutrina produzida pela malícia dos homens, e pela astúcia que conduz a erros (Cf. Ef 4,14). Diz ainda S. Paulo: "a alguns Ele concedeu serem como pastores e mestres. Assim ele capacitou os santos para a obra do ministério, para a edificação do Corpo de Cristo" (Ef 4,11-12).

Quem, de fato, é sábio ou quer sê-lo, "busca a sabedoria de todos os antigos" (Cf. Ecl 39,1), como diz o Espírito Santo. As palavras dos sábios ferem: "as palavras dos sábios são como agulhões" (Ecl 12,11), levando o pecador à conversão; "os autores da compilação são como balizas bem fincadas; as palavras nos foram dadas pelo único pastor" (id.). As doutrinas que têm origem no conselho dos santos são firmes e bem alicerçadas, como pregos fincados fortemente. Foram proclamadas, com unânime consenso de todos os mestres e doutores, por Cristo que é Deus e nosso único pastor. De fato, embora sejam muitos os que ensinam, entretanto o autor da doutrina é um só: Deus.

"Meu filho, nada procures mais do que estas coisas" (Ecl 12,12). Segue as pegadas dos mestres e não te afastes de sua autoridade. (1)

1. "Pregações à juventude", n.º. 15, o. c., MS 1224-1226; PVC, pp. 255–257.

161. O Magistério da Igreja

Não se pode duvidar de que a Palavra de Deus, revelada nas Escrituras e na Tradição, é a única regra infalível de nossa fé, esperança e caridade, se desejarmos encontrar a verdade e conseguir a salvação. Que acontecerá, então, ao povo pobre e iletrado, que não sabe ler a Escritura? Aos letrados, bastaria somente ler as Escrituras? É evidente que não. Para os letrados e analfabetos é necessário, então, o Magistério da Igreja.

A Igreja tem autoridade para ensinar a palavra de Deus, explicá-la e definir seu sentido verdadeiro. O iletrado, portanto, não se desespere. A Igreja católica é mestra visível e universal. O letrado não seja presunçoso. A Igreja apostólica, romana, é a juíza igualmente infalível e suprema. Poderá alguém, por acaso, achar que é suficientemente sábio, bastando-lhe a perspicácia de seu raciocínio? “Nós - diz S. Agostinho - cremos para poder conhecer e não conhecemos para poder crer”. (1) Ora, o que é a fé, senão acreditar naquilo que não se vê?

Poderá alguém, por acaso, pensar que é suficientemente santo, bastando-lhe apenas suas inspirações particulares? “Procuremos evitar estas orgulhosas tentações, exclama ainda S. Agostinho; o próprio Apóstolo Paulo, embora instruído pela voz de Deus e do Espírito Santo, foi enviado a um homem para aprender o que deveria fazer; como também, Cornélio foi confiado a S. Pedro, para ouvir de sua boca o que deveria crer, esperar e amar”. (2)

Devemos depender dos pastores legítimos, que o Espírito Santo colocou para orientar a Igreja de Deus, e deles esperar que a palavra de Deus revelada ou nas Escrituras ou na Tradição seja explicada e definida, em seu sentido autêntico, como regra única e infalível de nosso pensar e agir. Ao segui-las fiel e constantemente, chegaremos ao conhecimento da verdade e à posse da bem-aventurança sobrenatural e eterna, que esperamos em Deus e com Deus. (3)

1. S. AGOSTINHO, “Tratado em João”, XL, 9: PL 35, 1690.

2. Id., “Sobre a Doutrina Cristã, Prólogo”, 6: PL 34, 18.

3. “Pregações à juventude”, n.º. 35, c. s., MS 1227-1234; PVC, pp. 257-260.

162. A Palavra de Deus, fonte de toda sabedoria

O estudo e a reflexão sobre a palavra e as obras de Deus são a fonte de toda e qualquer sabedoria. Se alguém reflete, dando mais atenção às coisas efêmeras, descuidando do Mestre da verdade que é Deus, comporta-se como os meninos que, enquanto o professor dá aula, se distraem com seus brinquedos, e nada aprendem. Quantos filósofos havia em Atenas e em Roma! Todavia, à semelhança das formigas -

que parecem inteligentes e vivem numa bem estruturada organização social - não conheciam o verdadeiro sentido da vida.

Deus é ordem e suas obras todas são bem ordenadas: “dispões tudo com justiça” (Sb 12,15). Deus é verdade: “seja Deus reconhecido como veraz” (Rm 3, 4). Deus é onipotente: “o Senhor é poderoso” (Sl 24,8). A pessoa que peca, ao contrário, é desordenada e mentirosa (Cf. Rm 3,4), fraca e reduzida a nada (Cf. Gl 6,3).

Se dermos total atenção a Deus, vamos conseguir colocar em ordem nosso espírito, mente e coração. Conheceremos a verdade e caminharemos sob resplendorosa luz. Procuremos permanecer em pé, mesmo quando tudo viesse a desabar a nosso redor. Se, ao invés, confiarmos demais nos seres humanos, em filósofos e teólogos falsos, que não têm a Deus por pai e nem a Igreja por mãe, cairemos no caos, em desordens e em perturbações, caminhando nas trevas e na sombra da morte.

Se considerarmos tudo sob a ótica divina, aprenderemos a olhar, equilibradamente e com o devido respeito, as coisas próprias do céu e da terra, obras dignas de Deus. (1)

1. “Meditações sobre o Gênesis, n°. 4”, MS 4666-4672.

163. A Palavra de Deus e a unidade da Igreja

Caminhemos sempre com dignidade, rumo à meta a que somos chamados. S. Paulo nos exorta, mesmo atado às cadeias que o fizeram sofrer durante seu apostolado: “eu, prisioneiro do Senhor, vos exorto a levardes uma vida digna da vocação que recebestes; com toda humildade e mansidão, e com paciência, suportai-vos uns aos outros no amor, solícitos em guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (Ef 4,1-3).

“Com toda humildade” caminha-se dignamente na vocação, submetendo nosso intelecto com a aceitação de quem acredita na Palavra divina. “Com mansidão”, não nos opondo ao juízo autorizado dos pastores legítimos que, de Deus mesmo, receberam a missão de no-la propor e explicar em seu verdadeiro sentido. “Com paciência”, suportando calúnias, escárnios e contraposições, que procedem dos inimigos da fé, da paz e da Igreja. “Suportai-vos uns aos outros no amor”, ajudando-vos, com amor, levando cada um o fardo dos outros, pois respondemos juntos ao mesmo chamado. “Solícitos em guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz”, com a graça de Deus, pela qual conservamos sempre intacta a unidade do Espírito ou a fé, que possuímos. É preciso, então, muita vigilância, cuidado e diligência, para mantê-la efetivamente. O vínculo da paz e da caridade perdura se estivermos bem unidos e

interligados no amor, dóceis aos pastores da Igreja, aos quais devemos obedecer, especialmente ao Pastor supremo, o Romano Pontífice, centro da unidade.

Há um só Deus e Pai de todos, objeto de nossa felicidade. Ele nos convida a conquistá-la. Está acima de todos com sua verdade, iluminando-nos para conhecê-la. Permanece em todas as coisas para nos conduzir até ela. Habita em todos nós com sua graça como princípio interior, impelindo-nos a procurá-la (Cf. Ef 4, 6). (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 35, c.s., MS 1235-1240; PVC, pp. 260-262.

A LITURGIA

164. Fé e culto

A religião é a virtude, pela qual se presta o culto devido e supremo a Deus como Criador e Senhor de todas as coisas. Testemunha a grandeza divina e, ao mesmo tempo, expressa a submissão de todo o nosso ser a Ele.

Somos compostos de alma e corpo, e Deus, como criou a alma, também formou nosso corpo. Por isso, se o espírito reconhece seu Criador, não convém que também os sentidos testemunhem sua grandeza? E, se a mente tem a feliz sorte de poder descobrir as infindáveis belezas da realidade divina, quem vai impedir que a língua cante seus louvores, proclame sua glória e bendiga seu santo nome? Elevemos, pois, o coração a Deus e os olhos para os montes, de onde virá nosso auxílio (Cf. Sl 120,1), e, quase sem perceber, nossas mãos se encontrarão erguidas para rezar. Enche-se de satisfação meu espírito em poder se oferecer a Deus como sacrifício de suave odor, e exulta meu corpo ao apresentar seus membros como hóstia viva para servir ao seu Deus: “meu coração e minha carne exultam no Deus vivo” (Sl 84,3).

Quando Cristo afirma que “Deus é Espírito, e os que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade” (Jo 4, 24), certamente, não quis condenar o culto externo, mas esclarecer que o interno é prioritário e é aquele, para o qual tende a religião, de modo especial. Uma devoção exterior, sem o apoio do coração, é como um cadáver, porque sua alma é o coração. Isto é o que Cristo quis dizer com as palavras acima. (1)

1. “Pregações à juventude, n.º. 36: O culto exterior”, MS 1243-1249. A defesa do culto exterior, apresentada nesta pregação - que é de 05-10-1806 - tinha também um caráter de particular atualidade para aquele tempo, devido à mentalidade jansenista, largamente difundida na região vêneta. Pe. Gaspar esmerou-se, com notável esforço, na luta contra o jansenismo, passando por não poucos sofrimentos. Pe. Nello Dalle Vedove chega a afirmar que ele se encontrava “no centro da resistência ao jansenismo”, em Verona (“Bertoni, 3”, p. 554).

165. A linguagem dos sinais

A mente humana, para se unir a Deus, tem necessidade de ser conduzida, como que pela mão, mediante coisas sensíveis. Daqui, deriva a necessidade de, no culto divino, nos servirmos de coisas materiais, para que, por meio delas, em forma de sinais, a mente humana seja impelida a atos espirituais próprios da alma, por intermédio dos quais estabelece união com Deus.

Deus mesmo quis se tornar corporalmente visível em Cristo, vindo à terra, para, através dele, reconciliar o mundo, com a finalidade de penetrar mais facilmente em nossos corações mediante os sentidos. Por isso é que Cristo instituiu os sacramentos, através dos quais, sob sinais materiais e sensíveis, Ele pudesse espargir a graça e a caridade em nosso espírito, restituindo-as quando perdidas pelo pecado, e confirmando-as ou aumentando-as em quem já as possuísse. Abolidos os sacrifícios antigos, estabelece um novo e perene sinal sensível, em força das espécies sacramentais, que, se por um lado, escondem o mistério, por outro, dão-lhe significado de modo mais eloqüente.

Cristo promulga no Evangelho uma nova lei, repleta de espírito e amor, que consiste essencialmente na graça do Espírito Santo. Todavia, ordena que, aos afetos internos do coração, se juntem expressões verbais e obras bem visíveis através de ações. Por isso, S. Paulo, como pregador do Evangelho, proclama: “é crendo no coração que se alcança a justiça, e é confessando com a boca que se consegue a salvação” (Rm 10,10). O próprio Cristo afirma: “todo aquele que se declarar por mim diante dos homens, também eu me declararei por ele diante de meu Pai que está nos céus” (Mt 10, 32). (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 36, c.s., MS 1252-1256.

166. Participação e testemunho

“Assim brilhe a vossa luz diante das pessoas, para que vejam as vossas boas obras e louvem vosso Pai que está nos céus” (Mt 5,16). Eu fui agraciado, em segredo, por meu Deus. Não devo cobrir com o manto do silêncio seus favores secretos; pelo contrário, “bendirei o Senhor em todo o tempo, seu louvor estará sempre em minha boca” (Sl 33,2). Convidarei também meu próximo, para exaltá-lo e agradecer-lhe junto comigo (id. v.4). Já que acredito, também devo falar (Cf. Sl 115,10), e não posso manter prisioneira a verdade, por mim conhecida, mediante uma injusta dissimulação ou um tímido e vergonhoso silêncio.

A cada um de nós o Senhor confiou o cuidado para com o próximo. Então, começemos por professar externamente nossa religião, fé e devoção. É o que exigem a glória de nosso Senhor, o bem do próximo e nossos deveres. Trata-se de defender a

honra de nosso Pai, ajudar a superar a fraqueza dos irmãos e fazer crescer em nós o grande tesouro da graça.

Nada de respeito humano. Não temamos os seres humanos, nem seus eventuais escárnios. Temamos, sim, “aquele que pode destruir a alma e o corpo no inferno!” (Mt 10,28). Sirvamos, de boa vontade, aquele que, por inúmeros títulos, é Senhor nosso e conquistou o direito à nossa fidelidade, porque foi o primeiro a servir-nos com imensos sacrifícios, humilhações e sofrimentos. É a Ele que devemos servir, pois, além de tudo, promete recompensar tal serviço, fazendo-nos sentar a seu lado, sobre um trono de glória (Cf. Mt 19,28). (1)

1. “Pregações à juventude”, n°. 36, c.s., MS 1257-1266.

167. Valor das cerimônias litúrgicas

Os ritos e cerimônias, com que a Igreja adornou as celebrações litúrgicas, são realidades plenas de significado, muito úteis e jamais indiferentes. De fato, são sinais exteriores da piedade e do afeto interior, que, ao mesmo tempo, nos auxiliam e alimentam. Além do mais, as cerimônias ajudam não só a alimentar o afeto e o sentimento, mas também o entendimento da fé. S. Agostinho reconhece publicamente ter sido induzido a aceitar o dogma da presença do pecado original nas crianças, antes do batismo, pelo fato de que, segundo o rito antigo do sacramento, os indivíduos eram exorcizados e, pela profissão dos presentes, renunciavam ao demônio e suas obras. (1)

A grandeza da religião cristã, essencialmente espiritual, não é facilmente percebida, porque somos feitos de corpo, além do espírito. É por isso que os mistérios são apresentados não em sua essencialidade, mas, por assim dizer, revestidos e ornados, para que possam aparecer aos sentidos com a luz de um certo esplendor externo. Através deste, podem ser percebidos pela mente com maior facilidade e espontânea adesão. Poder-se-ia dizer que as cerimônias representam, para o culto religioso, o que o sal é para o alimento ou a casca para o miolo.

Finalmente, é sempre bom lembrar que as cerimônias fazem parte integral do culto divino. Todo ser humano deve prestar culto a Deus, mediante a alma e o corpo, no modo instituído pela Igreja. “Imaginemos - diz S. Cipriano - que nos encontramos na presença de Deus. Diante de seus olhos, temos que agradá-lo, também com a expressão do corpo e a entonação da voz”. (2)

1. S. AGOSTINHO, “Sobre os méritos e a remissão dos pecados”, c. XXXIV, 63: PL, 44, 146.

2. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3590-3595. O trecho citado é tirado de S. CIPRIANO, “Sobre a oração dominical”, IV: PL 4, 538.

168. Edifícios e paramentos litúrgicos

“Senhor, gosto da casa onde moras e do lugar onde reside a tua glória” (Sl 26, 8). Davi fez questão de acumular muita prata e ouro para a construção de um majestoso templo, construído mais tarde por seu filho, tornando-se uma das maravilhas da antiguidade. Nossas igrejas, com muito mais razão devem ser ornadas e enriquecidas, pois nelas os altares tingem-se do sangue, não mais de animais imolados, mas do próprio Cristo, divino Cordeiro imaculado!

Nenhuma comparação é possível entre o grandioso palácio de um magnata e a casa de Deus. Todavia, o que é feito para acolher um punhado de pó, resplandece, muitas vezes, com enorme magnificência e suntuosidade externa e interna, enquanto a casa, onde habita o Rei dos Reis, revela, tamanha pobreza e miséria, a ponto de, para se esconder a nudez das paredes, usam-se trapos esfarrapados e amontoados em qualquer guarda-roupa.

O próprio Cristo nos mostra como gosta do esplendor das moradas sagradas: “então vos mostrará uma grande sala arrumada, no andar de cima. Preparai ali” (Lc 22,12). (1)

Por causa disso, Pe. Gaspar jamais deixava faltar algo para a beleza e o decoro de tudo o que deveria ornar a igreja dos Estigmas. Amava a frugalidade à mesa, a pobreza no vestir e na mobília, que ele e seus companheiros adotavam. Queria, porém, que a mesa divina fosse suntuosa e esplêndida, ricamente paramentado o sacerdote que devia subir ao altar, de material precioso os vasos sagrados. Exigia que as velas, vestes, roupas brancas, alfaias sagradas e paramentos de todo tipo, tudo o que fosse ligado ao altar e necessário para a celebração, refletissem elegância, decoro e tratamento adequado. (2)

1. “Exercícios” e “Instruções”, Ms 3582-3584.

2. GIACOBBE GAETANO, o. c., SA, p. 512.

169. O papel das imagens

“À tarde, contemplando diante de uma imagem da SS. Trindade, fui tomado de grande respeito e amor para com as Três Pessoas Divinas. O eterno Pai, que estava com os braços abertos, explicava-me a sua misericórdia e a fácil comunicação de suas luzes”. (1)

As imagens servem para incentivar à prática das virtudes, segundo as explicações dada por pessoas espirituais. E o que melhor poderá comprovar a grandeza, a multiplicidade e a necessidade das virtudes, senão imagens visíveis que as apresentam, por intermédio de sua muda e eficaz eloquência, como que querendo

fazê-las penetrar no coração através dos olhos? Tornam-se, por isso, uma verdadeira escola de todo tipo de virtude, para todas as idades, condições sociais, tempos e circunstâncias.

Para que uma imagem favoreça a devoção, é necessário que possua beleza e expressão suave. A este propósito, nos fazem corar de vergonha os Orientais que, em fato de pinturas, cultivam rigorosa modéstia e extraordinária devoção. Certas imagens nossas, pintadas ou esculpidas em estilo muito mundano, longe de favorecer a devoção, provocam distrações, fomentam a vaidade e suscitam, às vezes, até escândalo.

Seja como for, a benéfica influência de imagens bem confeccionadas é atestada pelo senso comum, quer de ilustres letrados e pessoas simples, quer de justos e pecadores. Todos recebem estímulos eficazes para repudiar o mal, refrear as paixões e amar as virtudes. (2)

1. “Diário pessoal” [Memorial privado], p. 39: anotação de 24-08-1808.

2. “Homilia acadêmica sobre o culto especial às imagens”, MS 1517–1519. Trata-se de um sermão - pronunciado aos 18-04-1806, sempre na igreja de S. Paulo in C. M. - em defesa do culto especial às imagens de N. Senhora e Santa Ana, veneradas naquela igreja., culto esse que era contestado veementemente pelos Jansenistas (“Bertoni, 3”, p. 484ss.).

O PAPA

170. Onde está Pedro, aí está a Igreja

Deve-se reverenciar, ao mesmo tempo, o Espírito invisível da Igreja e sua Cabeça visível, o Espírito de Jesus Cristo. Jamais o espírito humano ou a razão humana, e, sim, o espírito da fé. A Igreja é visível, portanto, deve também ter uma Cabeça visível. Sem espírito, o corpo é somente um cadáver. Sem a cabeça, o corpo é só tronco. Temos que acreditar no Espírito de Jesus, evitando raciocínios humanos, e submeter-nos à Cabeça, eliminando toda humana presunção, Só assim poderemos viver e sobreviver. Sem espírito não se vive, e sem cabeça nem se vive nem se sobrevive. Um membro sem espírito não vive; mas, se está unido ao corpo e à cabeça, se fortalece e pode manter a vida.

Os membros, que se separam do corpo e da cabeça, não podem nem viver, nem se sustentar, pois se deterioram, se corrompem e se perdem. Existem, ainda hoje, os que possuem um vasto conhecimento de pessoas conservadoras e trazem sempre à baila os tempos vividos no passado, não reconhecendo nem o Espírito da Igreja, nem sua Cabeça visível. Bem diferente é citar coisas antigas, com o Espírito de Deus, pois, através desse espírito vivificador, elas tornam-se novas. Sem o Espírito de Deus, permanecem velhas, sem sabor e rançosas. É o Espírito de Deus, que tudo renova, (1)

A fé romana é a fé viva da Igreja católica. Onde está Pedro, aí está a Igreja. (2) Onde está a cabeça, aí está o corpo todo. Quem está apoiado no erro vacila, cambaleia e cai. Quem se alicerça na verdade divina permanece firme e tranqüilo. Não foram os poderes terrenos que fundaram a cátedra de Pedro, nem mesmo os Concílios, mas o Verbo de Deus, criador do céu e a terra. (3)

Ah! Senhor, fechai os ouvidos de nosso coração às vozes da serpente maligna, abrindo-os às vozes de Pedro, a fim de que jamais sejam deturpados nossos sentidos, nem desfeita a pureza de nossa fé, mas possamos apresentar nosso espírito, qual virgem casta a Vós, o Esposo das almas fiéis. (4)

1. "Meditações sobre o I Livro dos Reis", n.º. 18, MS 5608-5647.
2. S. AMBRÓSIO, "Comentários dos Salmos", XI, 30: Pl 14, 1134.
3. "Meditações sobre o I Livro dos Reis, n. 30", MS 6150.
4. O. c., n. 35, MS 6311.

171. Ouçamos Cristo e o seu Vigário

Quando se trata de verdades de fé, não de controvérsias metafísicas e políticas, devemos crer na autoridade da Cabeça da Igreja, sobre a qual se fundamenta a casa de Deus, coluna e alicerce da verdade. Ouçamos Cristo e seu Vigário. Se ficássemos somente nós com Noé, que agiu só contra todos, mesmo sendo poucos e sozinhos nos salvaríamos dentro da arca, fora da qual, como sabemos, não há salvação. Cabem aqui as palavras de São Paulo: se até um anjo vier pregar uma doutrina diferente daquela que ensina Pedro, através de seus sucessores, não acrediteis, porque o castigo será a morte eterna e a separação de Deus (Cf. Gl 1,8).

Roma está calada, porque já falou, reprovou, anulou e cassou todas as doutrinas galicanas vindas da França, pois são apenas opiniões de seres humanos, mesmo a de Bossuet. Está calada, porque sabe muito bem o que já falou por intermédio de dez ou doze Pontífices, não lhe restando agora, senão recorrer à excomunhão. Esta vem sendo protelada, como faz Deus, à espera de uma retratação do erro e penitência. "Não tendes medo daqueles que matam o corpo, mas são incapazes de matar a alma! Pelo contrário, temei Aquele que pode destruir a alma e o corpo no inferno!" (Mt 10, 28).

É por isso que precisamos ser bem cautelosos, para não nos deixar seduzir e viver enganados, por causa da simplicidade de coração. Procuremos tapar nossos ouvidos, para não escutar afirmações mentirosas e falsas. A verdade, de fato, custa. Para Cristo nosso Senhor custou muito mais. E o servo não deve estar em melhores condições que as de seu Senhor: "o servo não é maior do que seu senhor" (Jo 13, 16). (1)

1. “Epistolário”, p. 262 s.: carta a L. Naudet, provavelmente de setembro de 1829. Em fevereiro de 1829 apareceu na Revista diocesana de Paris uma declaração do Arcebispo D. Quélen, claramente inspirada nos princípios do galicanismo. Foi esta a circunstância que deu origem à carta de Pe. Gaspar e explica seu tom fortemente vibrante (Cf. Introdução à carta, “Epistolário”, p. 261).

172. O Sucessor de Pedro, modelo dos Pastores

O ensinamento e a conduta do primeiro pastor é a norma de retidão do bom governo espiritual de todos os pastores da Igreja e a fonte da comum felicidade dos fiéis. A bondade dos demais pastores e o feliz êxito de seu governo dependem, em grande parte, da conformidade de suas vidas com a forma de virtude vivenciada pelo pastor supremo.

A Santa Sé falou sempre com clareza e liberdade, condenando ou fazendo conhecer o mal. Se, às vezes, escolheu o caminho de uma prudente e temporária dissimulação, jamais, porém, se deixou seduzir pelos poderosos do mundo, nem mesmo em momentos de fraqueza evidente. Eis uma norma concreta para os pastores: quem se afasta do critério de prudência, ao avaliar as coisas, mesmo se no início consiga obter algum sucesso, em breve tempo perceberá ter sido vítima de ilusão. Quem, portanto, se afasta da fé professada por Roma, está fora da comunhão da Igreja, porque ela nada mais é do que a união de pastores e fiéis junto com Pedro.

Não se pode nem mesmo permanecer neutro, já que, a forma de virtude e a conduta da S. Sé, quanto ao governo das consciências, são a norma de retidão do bom governo, proposta a todos os pastores, os quais só agem bem quando concordam com ela. As opiniões não são dogmas de fé. A verdade nos é proposta por Pedro, a qual deve ser professada firmemente e sem dúvidas.

Senhor, dai-nos a graça de aderir a Pedro com fé autêntica e de todo o coração. É melhor perder a vida do que a obediência, como fez Cristo. (1)

1. “Meditações sobre o I Livro dos Reis”, n.ºs. 47-48; MS 6634-6707.

173. O Papa e a renovação do ministério pastoral

Por meio da indefectível firmeza da primeira Pedra, se manifesta, como convite ou vocação geral do Espírito criador, a profissão pública de Cristo diante do mundo, com palavras e fatos, e sem respeito humano ou temor: “todo aquele que se declarar por mim diante do povo, o Filho do Homem também se declarará a favor dele diante dos anjos de Deus” (Lc 12,8).

Diz Cristo: quem quer ser meu ministro, siga-me (Cf. Jo 12, 26), imitando meu modo de viver. Há de ser como que uma reprodução do que Cristo vivenciou e

transmitiu a seus Apóstolos, que tiveram a coragem de segui-lo até as últimas conseqüências, inclusive até à morte. “Se alguém vem a mim, mas não me prefere até à própria vida, não pode ser meu discípulo” (Lc 14,26).

Possui verdadeira disposição para ser chamado ao sacerdócio o jovem a quem o Espírito Santo abriu os olhos e está solidamente apoiado na indefectível firmeza da primeira Pedra. Ele sente um enorme, forte e caloroso desejo de glorificar a Deus, não só com palavras, mas com a vida, de confessar publicamente a fé em seu Filho através dos fatos, de servir Cristo seguindo-o mediante a fiel imitação de sua vida, de estar junto dele, até na Paixão, superando o respeito humano e chegando a odiar a própria vida.

Senhor, “renova em mim um espírito resoluto” (Sl 51,12); retira de nós velhos hábitos e desregramentos, que acumulamos com pecados e aceitação das máximas do mundo. Jamais corramos o risco de perder o Espírito divino que queres comunicar. (1)

1. O. c., n°. 14, MS 5348-5350.

174. Em nome do Papa, um projeto prático de reforma

Por meio da indefectível firmeza da primeira Pedra, o Espírito inovador manifesta seu projeto de reforma ou renovação espiritual para o ministério pastoral, a qual prevê a destruição do antigo espírito, especialmente mediante a formação de novos ministros e, em seguida, abrindo a porta para o antigo ministério pastoral, a fim de que se renove através do novo.

Serão necessários ministros diferentes, imbuídos de espírito novo e chamados pelo Espírito Santo, restaurador de todas as coisas, para reavivar o ministério pastoral. E, por meio dele, dar vida à Igreja pela destruição da mentalidade antiga e criação de espírito humano alicerçado sobre a indefectível retidão e firmeza da primeira Pedra. A formação dos novos ministros, segundo o Espírito de Deus, requer que os jovens sejam educados na fé operante e no cultivo assíduo da contemplação, de modo que se tornem capazes de ter diante dos olhos não mais a terra, mas o céu, colocando Cristo como escopo de suas intenções, configurados totalmente a Ele, a fim de agradá-lo e torná-lo modelo de comportamentos.

Para que o antigo ministério pastoral seja reformado e se plasme à luz do novo, o Espírito Santo vai agir, através da indefectível firmeza da primeira Pedra, fazendo com que os ministros mais antigos se empenhem, mediante:

- a visível confissão de fé, sem fraquezas e temores;
- a imitação da Paixão de Cristo, sem as comodidades da vida, chegando mesmo a desprezar a morte;

- a união com sacerdotes autênticos, procurando, de comum acordo, a glória de Deus, sem jamais se isolar em seu amor próprio ou apego aos parentes;
- o desejo do céu, evitando os deleites da terra ou as honras do mundo. (1)

1. O. c., nºs. 14 e 16, MS 5365-5373 e 5511.

175. Como colocar em prática este projeto de reforma

Requer-se, antes de tudo, oração assídua e profunda por parte daqueles que Deus escolhe para implantar a reforma do ministério pastoral. Em seguida, verdadeiro espírito de conselho e prudência perspicaz para definir o modo de proceder, até esclarecê-lo perfeitamente, a fim de não arruinar o projeto e suas metas. Por trinta anos o Senhor permaneceu escondido, antes de manifestar ao mundo sua divina missão. Com isso, quis ensinar como devemos nos preparar, evitando o risco de construir e destruir.

Depois que, mediante a oração e prudência, se fixou o modo de proceder, deve-se aguardar o momento oportuno estabelecido por Deus. Empenhemo-nos, enquanto isso, em preparar os ânimos dos demais, com suavidade, imitando o comportamento do Senhor e da Providência, seguindo-o em tudo. Organizemo-nos para mostrar a beleza das virtudes e os valores espirituais, com a finalidade de envolver e atrair as pessoas que se aproximam. Só depois, revistamo-las do espírito novo. Usemos também de muita misericórdia para fortalecer o ânimo dos que têm respeito humano, procurando afastar deles o risco do desânimo.

O momento oportuno para empenhar-se, de fato, na atuação do projeto de reforma será indicado, normalmente, por uma enorme efusão de caridade e crescimento de amor: “permaneeci na cidade até que sejais revestidos da força do alto” (Lc 24,49). Esta caridade, que vem do céu, é bem distinta do zelo falso e imprudente, que vem da terra.

A caridade, que é prudente, generosa e discreta, não executa as obras de modo imaturo e precipitado. E como é muito poderosa, escolhe o momento oportuno, não retardando a ação por causa de receios e temores humanos. No momento exato, coloca-se junto às pessoas corretas e justas, que a admiram, refreando a arrogância dos perversos, que aprendem a temê-la e a respeitá-la. O espírito humano é tímido e vil diante da verdadeira virtude e do Espírito de Deus. Por isso a caridade se revela como grande dom e autêntica testemunha de Deus. (1)

1. O. c., n. 16b, MS 5515-5537.

176. O Papa e a reprovação dos abusos na Igreja

O Vigário de Cristo na terra é o instrumento para reprovação e destruição do espírito mundano na Igreja. “Eu orei por ti, Pedro, para que tua fé não desfaleça. E tu, uma vez, convertido, ampara os teus irmãos” (Lc 22, 32). Esta primeira Pedra é reta e firme. Revela retidão indefectível. Reprova a irregularidades ou deficiências de virtudes e a falta do bom espírito presente em outros ministros da Igreja. Por sua firmeza inquebrantável, renova-os e confirma neles o Espírito divino, quando vacilante e esmorecido.

As outras pedras fundamentais do edifício hierárquico da Igreja possuirão solidez e firmeza, quando se apoiarem sobre a primeira, que costuma reprovar abusos cometidos contra os dons divinos, causados pela negligência e fraqueza de certos pastores, com escandalosas condutas por parte de não poucos sacerdotes. Quando, graças à manifestação do Espírito divino, torna-se conhecida, de um lado a grandeza da dignidade sacerdotal e do outro, o abuso que alguns fazem dele, os fiéis todos passam a sentir um renovado sentimento de veneração pelo sacerdócio e dolorosa compaixão por aqueles que não correspondem dignamente à vocação. Percebe-se, então, que, quanto mais alta é a dignidade do sacerdote, tanto mais desastrosa é a queda de quem a desrespeita.

Senhor, protegei-nos com a luz do Espírito Santo, a fim de que, entre as trevas do mundo, possamos manter fixos os olhos na retidão da primeira Pedra, que colocastes como fundamento e, sobre a qual, todas as outras pedras possam se alicerçar. Nós Vos agradecemos por ter posto, em vossa Igreja, esta primeira pedra como regra indefectível, a fim de que, nas incertezas de nossos raciocínios, possamos ter argumentos de defesa contra os erros e a garantia segura da verdade. (1)

1. O. c., n. 13, MS 5309-5356.

177. Jamais contra o Papa

Sempre existiram, e continuam existindo ainda hoje, pretensiosos reformadores que, aparentemente, combatem contra o espírito do mal, mas, na verdade, agem contra a Igreja, apelando, em geral, para tempos passados. Declaram querer permanecer na Igreja e, por isso, reagem contra a ameaça de excomunhão. Ora, eles mesmos é que se separaram da fé viva da Igreja católica. Deus permitiu que se colocassem fora dela.

Recorrem aos melhores séculos da história da Igreja, voltando sua atenção e estudos a eles, afirmando que a Igreja de nosso tempo está ultrapassada. Na verdade, eles estão cegos, não querendo enxergar a luz e agindo exatamente como cegos, ao afirmarem em plena luz: abram as janelas! Há muito tempo já estão contra a retidão

da Pedra, sobre a qual se apoiavam, afastando-se dela e separando-se da unidade da Igreja. Declaram-se santos e perfeitos, confiando em seu pretensioso conhecimento das antigas tradições dos Padres, dizendo-se os únicos depositários da verdadeira luz. Diante disso, resistem à voz dos autênticos pregadores do Evangelho, e até à voz de Pedro, mesmo sabendo que, em toda a antiguidade, nela se depositava enorme respeito, considerando-a decisiva nos debates realizados nos Concílios. Roma falou, a causa está definida. (1)

Para realizar a verdadeira renovação de sua Igreja, Deus se serve, sobretudo, de santos pregadores, inspirados pelo Espírito Santo e alicerçados solidamente sobre o fundamento da primeira Pedra. Por intermédio de suas obras, Deus dispõe tudo para a edificação de novo espírito, eliminando os impedimentos à novidade evangélica e prevenindo os riscos de envelhecimento.

Ó Maria, formosa como a lua, eleita como o sol, terrível como um exército em ordem de batalha, eis aqui as milícias vossas e de vosso Filho. Sede-lhes propícia, a fim de que não se amedrontem diante dos inimigos, mas saibam confiar nas armas e na força do Cristo. (2)

1. S. AGOSTINHO, “Sermão CXXXI, 10”: PL, 38, 734.

2. “Meditações sobre o I Livro dos Reis, n.º. 17”, MS 5571-5702.

OS SACERDOTES

178. Sacerdotes e fiéis

Não saberia dizer quem, sobre esta terra, Deus quis exaltar mais do que seus sacerdotes. Afirma S. Paulo: “que as pessoas nos consideram como ministros de Cristo e administradores dos mistérios de Cristo” (1Cor 4,1). Esta é a idéia exata que o povo cristão deve formar a respeito dos sacerdotes. Então, quando vemos um deles, devemos dizer: eis um ministro de Cristo, dispensador dos mistérios celestes e embaixador do grande Soberano. É o que diz ainda o Apóstolo: “somos embaixadores de Cristo; é como se Deus mesmo fizesse seu apelo através de nós” (2Cor 5,20).

Os sacerdotes nos regeneraram no Batismo e, por meio deles, nos revestimos de Cristo, tornando-nos membros do Corpo, do qual ele é a Cabeça. Se, depois, crescemos e nos tornamos capazes de nos locupletar das riquezas do Espírito, somos devedores a eles, pois nos nutriram, e continuam nutrindo, com o alimento salutar da palavra de Deus. Preparam, cada dia, o Banquete supersubstancial e, pelas suas mãos, nos é oferecido o pão dos anjos. Deus conferiu somente a eles a autoridade de perdoar os pecados: “a quem perdoardes os pecados, serão perdoados; a quem os retiverdes, ficarão retidos” (Jo 20,23). Se nós repousamos seguros na paz do coração, se não prevalece o domínio do maligno sobre nosso espírito e se, mesmo entre as

ameaças de uma justiça irritada, se nos apresenta o rosto propício da misericórdia, o devemos aos sacerdotes que elevam até Deus, por dever quotidiano, a oração oficial e eficaz da Igreja, obtendo-nos paz e tranqüilidade.

O sacerdote, superior aos leigos, por dignidade, quase um anjo em força de seu ministério, é um homem igual a todos os outros, por natureza e condição. Por isso, vive pressionado de todos os lados por tribulações, assediado por inimigos e ameaçado por perigos, os mesmos ou até maiores do que os fiéis. Assim, ao mesmo tempo em que o sacerdote ajuda os fiéis a conseguir a salvação, deve ser também auxiliado, por eles, a obtê-la, através de orações. Rezemos, portanto, e rezemos muito pelos sacerdotes. (1)

1. “Pregações à juventude, n.º. 13: Respeito aos sacerdotes”, MS 674-694; PVC, pp. 183-190.

179. Escolhidos do meio do mundo

“Eu vos escolhi do meio do mundo” (Jo 15, 19). Este fato, de nos haver separado do mundo, comprova que não somos mais do mundo: “não sois do mundo” (id.). Os sacerdotes devem ser separados, destacados, crucificados e mortos para o mundo. Separados, não só por domicílio ou habitação, mas por espírito e sentimento. Não basta que se tenha uma veste que distinga do mundo; é preciso ter espírito de renúncia. Quantos sacerdotes possuem ainda espírito totalmente mundano, assumindo, prazerosamente, vestes ou insígnias do mundo!

Separados do mundo! Seria muito infeliz o sacerdote que, embora devendo ser diferente e separado do mundo em força do caráter da ordem, permanecesse apegado a ele. Não teria as consolações de Deus e nem as do mundo. Seria a quimera do século: nem secular nem clérigo. Nem secular, porque separado do mundo em força da ordem sagrada; nem clérigo, porque pertencente ainda ao mundo.

Crucificados para o mundo! “O mundo está crucificado para mim como eu estou crucificado para o mundo” (Gl 6,14). Se as idéias do mundo, mesmo sendo eu padre, facilmente concordam com as minhas e eu com as suas, sou padre somente de nome. “Se ainda quisesse agradar aos homens, não seria servo de Cristo” (Gl 1,10). Se eu quiser me comportar como verdadeiro sacerdote e estar crucificado para o mundo, é preciso que ele seja minha cruz, como eu serei, com certeza a sua, por causa da discordância de sentimentos e princípios existente entre ele e eu.

Mortos para o mundo! Não basta estar crucificado, porque pode-se estar na cruz, mas vivos. É preciso estar mortos para o mundo por fora e por dentro. O mundo, para o qual devo, de modo especial, estar morto, é aquele que está dentro de mim mesmo, mais perigoso do que aquele que está fora, embora se alicerce nas três

concupiscências, citadas por S. João: “a concupiscência humana, a cobiça dos olhos e a ostentação da riqueza” (1Jo 2,16). É o mundo que mais deve ser temido, porque está em mim e faz parte de mim. É bom lembrar que, um morto não vê, não ouve, não sente, não fala, não se irrita e nem se comove. Por isso, eu deveria estar morto para todas as paixões do mundo interno e exterior. (1)

1. “Exercícios” e “Meditações”, MS 2264-2270; cf também: “Meditações sobre o I Livro dos Reis, n. 5”, MS 4964.

180. Enviados ao mundo

É opinião, comum entre o povo, que a vida dos sacerdotes é cômoda, tranqüila e pouco cansativa. Na verdade, quem pretende seguir a vocação sacerdotal deve estar disposto a renunciar a todos os benefícios e comodidades, empenhando-se numa vida laboriosa e difícil. Convém insistir: quem se alista na milícia do Senhor, está sendo chamado não para uma vida ociosa e cheia de prazeres, mas repleta de fadigas e preocupações.

Vejamos o exemplo dos santos e o testemunho da grandeza dos apóstolos. Com eles aprendemos que nossa herança é o resultado de enormes fadigas. Feliz o Apóstolo Paulo que pôde exclamar: “tenho trabalhado mais que todos” (1Cor 15,10). É um elogio sem sombra de vaidade ou fraqueza. Ora, se é verdade que trabalhou mais que todos, todavia não completou toda a amplitude da missão apostólica, pois há ainda muito por fazer. Entremos na seara de nosso Senhor e observemos atentamente como ainda está repleta de abrolhos e espinhos. Encaremos o mundo confiado à nossa missão como seara imensa a ser trabalhada. Consideremo-lo não como donos, mas operários, preparados para a fadiga, esforço, inúmeras vigílias, fome, sede e freqüentes jejuns (Cf. 2 Cor 11,27).

Na verdade, aonde chegamos? Onde ficou o espírito dos apóstolos? A simplicidade, humildade, laboriosidade e o zelo da Igreja primitiva? Esta foi a vocação dos apóstolos e a dignidade dos príncipes da Igreja. Mas, graças a Deus, não está ela totalmente extinta, nem mesmo em nossos dias. Nosso século tem ainda um Pio VII!

Eu, sacerdote, não posso hesitar em imitar estes exemplos, para, como eles, me aproximar dos pobres, visitar hospitais e cárceres, confessar gente simples, prover necessitados, instruir pessoas humildes e rudes, fazer-me tudo para todos e zelar pela salvação de todos. (1)

1. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3756-3762.

181. A imposição das mãos

A imposição das mãos significa que o ordenando é consagrado e oferecido como vítima a Deus. De fato, no Antigo Testamento os sacerdotes impunham as mãos sobre a vítima, exatamente para oferecê-la a Deus (Cf. Ex 29, 10), significando, com este rito, que pela própria mão e poder, transferiam seu direito a Deus. Os filhos de Israel também impunham as mãos sobre os levitas, como que os separando da comunidade, para oferecê-los e consagrá-los a Deus (Cf. Nm 10,11).

Lembrem-se, pois, os sacerdotes de que, com a imposição das mãos, são consagrados ao Senhor para se dedicar totalmente a Ele e viver não mais para si mesmos, mas para se doar e oferecer a vida toda no serviço dos divinos mistérios (Cf. 2Cor 12,15), especialmente esmerando-se pela da salvação dos irmãos.

Além disso, mediante a imposição das mãos, se deseja salientar a proteção de Deus, graças à qual os consagrados são por ele inteiramente assumidos como filhos diletos. Tal proteção derrama sobre eles força e vigor, mantendo-os longe das potências malignas.

A imposição das mãos recorda que, os que recebem as ordens sacras, cumprirão todas as funções de seu ministério sob o impulso do Espírito Santo, do mesmo modo como aqueles que o têm como guia e diretriz de suas ações. (1)

1. “Exercícios” e “Meditações”, MS 3801-3803.

182. Santidade sacerdotal

O desapego do mundo, a crucifixão e a morte espiritual são aspectos de uma santidade muito elevada. Todavia, deve-se dizer que tudo isto constitui apenas uma parte da vocação dos sacerdotes: a mesma que, de certo modo, têm em comum com os religiosos. Também o religioso é chamado à santidade, com a seguinte diferença: o religioso satisfaz sua vocação ao aspirar e tender à santidade, enquanto que o sacerdote só a satisfaz tornando-se verdadeiramente perfeito e santo. Um está a caminho e o outro já está em estado de perfeição.

Há ainda uma outra diferença: os religiosos se beneficiam de muitos meios como a solidão, os votos e a disciplina regular. O sacerdote, ao invés, encontra, no mundo, perigos, distrações enormes e veementes, que se contrapõem à finalidade de seu ministério. A perfeição, mesmo assim, continua sendo, para o sacerdote, um mandamento. Eu era livre de escolher ou não o sacerdócio; mas, desde o momento em que me tornei padre, não sou mais livre para renunciar à obrigação de ser perfeito.

Deus me escolheu, como sacerdote, separando-me do mundo, elevando-me como a distância existente entre o céu e a terra, comunicando-me o poder sobre o Corpo de seu Filho. Eu chamo Deus sobre o altar e Ele me obedece. Que santidade se requer para isso! Como devem ser puras as mãos e puros os olhos que contemplam tão grande mistério, santa a língua que profere as palavras divinas e santo o coração que recebe o seu Deus! (1)

1. “Exercícios” e “Meditações”, MS 2271-2277.

183. União com Cristo

Toda a atividade do sagrado ministério, cumprida em força da vocação e da consagração sacerdotal, é obra de Cristo. É Cristo que batiza, que absolve e que consagra por meio do sacerdote.

Por isso, o consagrado deve juntar-se ao operante principal, como instrumento eficaz e escolhido, pois Cristo é o modelo primordial e absoluto da perfeição sacerdotal. Exorta S. Paulo: “sede meus imitadores como eu o sou de Cristo” (1Cor 11,1). Assim, o sacerdote é como um sagrado sinete, que deve reproduzir ao vivo a imagem de Jesus Cristo, de modo que ele, por sua vez, a possa imprimir nos outros. Ora, não é compatível a imagem de Cristo com a do mundo corrupto. Se o desejo é imprimir uma, é necessário cancelar e apagar a outra.

Coloquemos Jesus como “a força do coração”, o centro do amor e o escopo de toda e qualquer intenção. O sacerdote é marcado pelo caráter indelével de Cristo, para que reconheça estar submetido ao domínio dEle, em relação a todas as coisas. Seja, portanto, princípio, meio e fim de nossa devoção o que é princípio, meio e fim de toda função e poder sacerdotal.

Olhemos para Ele como caminho. Procuremos acatá-lo como verdade. Amemo-lo como vida. Aproximemo-nos dEle, e por meio dEle, como caminho. DEle façamos a fonte da verdade e da sabedoria, e abeirando-nos da água da vida, bebamos e nos inebriemos: “eu vivo, mas não eu; é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). (1)

1. “Exercícios” e “Meditações”, MS 3426-3428.

184. Trabalhar com todos os meios

“Tu, vigia em tudo, suporta as provações, faze o trabalho de um evangelista, desempenha bem o teu ministério” (2Tm 4,5). Isto significa que o sacerdote deve pregar e evangelizar seja com a palavra, seja com a santidade da vida. Os fiéis percebam que o sacerdote não tem como finalidade a busca das comodidades e vantagens pessoais, mas que, pelo Evangelho, está pronto a enfrentar corajosamente

até os sofrimentos mais penosos e dolorosos, impulsionado pelo amor de Deus. De S. Cipriano foi dito que era tão forte nele a paixão pela pregação, a ponto de desejar sofrer o martírio no momento em que estivesse falando de Deus. (1)

Imitemos Cristo, nossa Cabeça, e os apóstolos, nossos guias. Incendiemos o mundo, decrépito e enrijecido, mediante um zelo ardente e uma caridade ardorosa, a fim de que, com os apóstolos, possamos ouvir, um dia: “quando o mundo for renovado e o Filho do Homem sentar-se no trono de sua glória, também vós, que me seguistes, haveis de sentar-vos em doze tronos” (Mt 19,28).

Quando o Juiz divino assentar-se para examinar a vida de cada um e decretar sua sorte eterna, não nos vai perguntar quantos bens, posses ou cultura possuímos, mas que uso fizemos deles, quantas pessoas convertemos mediante estes meios, de quantos famintos saciamos a fome e matamos a sede, quantos visitamos, até onde nos empenhamos na propagação do Evangelho e na consolidação da fé, de que maneira enfrentamos os perigos, os escárnios, as perseguições e tribulações.

O mundo tem necessidade de ver os traços autênticos de uma vida verdadeiramente evangélica. (2)

1. S. PONTIUS, “Vida e paixão de S. Cipriano, c. XIV”: PL 3, 1554.

2. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3763-3775.

185. Missão e santidade

Fomos escolhidos não somente para servir a Deus, mas para fazer com que também os irmãos louvem e sirvam a Deus. Assim, todos juntos poderemos conseguir a salvação.

Mas, como pode tornar os outros santos, aquele que não o é por si mesmo? Como poderá tirar as pessoas do modo de ser do mundo, aquele que não está bem apoiado na santidade? O mundo e o demônio fazem particularmente guerra contra aqueles que têm a missão de salvar os seres humanos. Como poderá escapar de suas ciladas e tentações, quem não está totalmente fortalecido por uma sólida virtude?

Por outro lado, devemos nos dedicar não somente ao bem das poucas pessoas que estão ao nosso redor, mas de todos. Para isso se requer muita oração. Diz S. Gregório Magno: “ninguém sonhe chegar ao sacerdócio, se não tiver adquirido, com a oração, muita familiaridade com Deus, a ponto de poder dobrá-lo à sua vontade, como Moisés e Elias”. (1) Exclama o Senhor: “procurei entre eles alguém que construísse um muro e ficasse firme na brecha diante de mim em favor do país, para eu não o destruir, mas não encontrei” (Cf. Ez 22,30).

“Recebei o Espírito Santo. A quem perdoardes os pecados, serão perdoados; a quem os retiverdes, ficarão retidos” (Jo 20,22). Eis aí um poder totalmente divino: “Só Deus pode perdoar pecados” (Mc 2,7). Deus, portanto, nos constituiu em estado de mediação entre Ele e os seres humanos, para que, junto dEle, sejamos representantes de todas as pessoas e, junto delas, representantes de Deus. Os sacerdotes devem ser homens celestes ou anjos terrestres. É dever nosso viver à altura das tarefas exigidas por nossa vocação. A grande facilidade com que se assumem as tarefas e o pouco empenho espiritual com que são executadas são motivos suficientes para que, no juízo de Deus, nos seja exigida a prestação de contas que tais tarefas exigiam.

Para desenvolver bem nossa missão, temos que pôr um ponto final na busca de nós mesmos, procurando caminhar corretamente na via do Senhor e andando, com toda solicitude, como pessoas que levam nos ombros um compromisso sério: o peso de nossos pecados e o cuidado de mundo todo. (2)

1. S. GREGÓRIO MAGNO, “Regra Pastoral, P. I, c. 10”: PL 77, 23.
2. “Exercícios” e “Meditações”, MS 2278–2284.

186. Responsabilidade do sacerdote

“A dignidade sacerdotal faz tremer” (1). “Façamos um balancete de nosso trabalho, antes que o Patrão nos chame” (2). Examinemos bem como ocupamos a cátedra de mestres do povo de Deus, porque não é a cátedra que dignifica o sacerdote, mas é o sacerdote que dignifica a cátedra, como não é o cargo que santifica uma pessoa, mas é a pessoa que santifica o cargo.

O pecado do sacerdote é de culpa redobrada, pois arrasta atrás de si muitos pecados cometidos pelos fiéis. Quem pode calcular o dano ocasionado às pessoas? A tendência à imitação está alicerçada sobre certa fraqueza de quem é levado a imitar. Há maior inclinação para se imitar os maus exemplos do que os bons. Como o martelo que age mais rápido para abater e destruir uma estátua do que para burilá-la, assim, o exemplo traz consigo mais força quando se trata de destruir a verdade do que quando se trata de promovê-la.

Esta eficiência, comum a todo mau exemplo, torna-se particularmente deletéria, quando procede de pessoas muito estimadas pela dignidade e influentes pela doutrina, porque não só promovem o pecado que fazem, mas tiram dele também a vergonha, isto é, o dique fortificado que freia a expansão do mal. Um leigo escandaloso é como uma grande pedra que rola na superfície plana. Mesmo que faça algum mal a alguém, o dano é pequeno. Contrariamente, um sacerdote, que dá mau exemplo, é como uma grande pedra que rola do alto, devido à sublimidade de sua missão. Quem poderá avaliar o dano que vai provocar?

Entremos, então, em nós mesmos, para examinar nossa conduta e se, por acaso, cooperamos, de algum modo, para prejudicar a obra da graça em nossos irmãos, vamos nos empenhar na reparação, trabalhando para a edificação de cada um deles, restaurando o templo que, com palavras e comportamentos incautos, contribuímos para destruir. (3)

1. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 49: anotação de 15-09-1808.
2. O. c., p. 48: mesma data.
3. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3348-3371.

187. O sacerdote e a Eucaristia

Recebemos Cristo, todos os dias, com a finalidade de poder nos divinizar. Na verdade, não somos ainda homens divinos e nem mesmo espirituais. Ao contrário, certos padres se envergonham destes títulos e não lhes interessa senão ser padres oradores, poetas, filósofos, homens de talento, pessoas com boa aparência e de negócios. Em síntese, padres do mundo e da carne. Oh! Infelizes! Ai de nós, que não reconhecemos o corpo do Senhor! Que prestação de contas por tantas missas!

Certos sacerdotes não se entretêm, de boa vontade, com Cristo. Não estão com Ele nem mesmo no altar. Preferem deixar o colóquio com Cristo para os fiéis piedosos e falam muito mais do mundo e com o mundo. Se eles falam de Cristo, não o fazem por amor a Ele, mas por obrigação. Não o consultam através da oração, e nem lhe pedem auxílio e proteção. Estão mais preocupados em procurar para si somente proteção e ajuda dos seres humanos. Confiam mais em quem não os ama, ou até os odeia, mas não em Cristo, o amigo por excelência.

Os apóstolos permanecem com Cristo. João repousa sobre seu peito. Eles o escutam no sermão e o seguem até o horto. Eis os efeitos da missa nos bons sacerdotes: permanecem com gosto junto com Cristo; encontram em Cristo repouso e contentamento. Eles prestam atenção às inspirações divinas, fazendo calar, em si mesmos, a voz das paixões e do mundo; seguem Cristo, mesmo nos perigos. Os apóstolos não teriam caído na tentação, se não tivessem deixado de lado a oração. (1)

1. “Exercícios” e “Meditações”, MS 2595-2600.

188. Não só conhecer, mas fazer a vontade do Pai

Fiéis na mente e nas obras como Abraão, eis como devem ser aqueles que são chamados a se tornar progenitores espirituais e convivas de Jesus Cristo, pois o geram nos seres humanos, mediante a pregação e a administração dos sacramentos. Como os Patriarcas: prudentes, justos, ardorosos e moderados. Não basta a ciência moral e teológica, humana e divina. São necessárias virtudes humanas e divinas, morais e

teológicos: “todo aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mt 12, 50). Pedro era ignorante; Paulo tinha um discurso sofrível (Cf. 2Cor 10,10). Ambos, porém, souberam derrotar filósofos e reduzir, ao silêncio, mestres de retórica.

Infelizmente, muitos sacerdotes estão contaminados pela esterilidade apostólica, porque nunca atingem a idade madura no caminho da perfeição, “o estado de adultos, a estatura de Cristo em sua plenitude” (Ef 4,13). Não têm entranhas de caridade, ou elas são estéreis, porque não se nutrem com a oração: “pisado como a erva, meu coração está secando; pois até me esqueço de comer meu pão” (Sl 102,5). Tornam-se áridos para si e seus filhos. As mães e amas de leite que amamentam, têm que se alimentar bem; por isso, são dispensadas do jejum. Os sacerdotes morrem de fome: como poderão nutrir seus filhos? (1)

Oração, queridos eclesiais, oração! Sejamos sempre fiéis à meditação, para que possamos saber como nos comportar na casa do Senhor. (2)

1. “Meditações sobre o I Livro dos Reis, n. 2”, MS 4876-4881.

2. O. c., n. 5, MS 4962.

189. Como Jesus no templo

O menino Jesus ficou em Jerusalém, no templo. Afora os momentos que dedicava ao debate com os doutores, devia ter passado o restante de seu tempo em uma prolongada vigília e oração, diante do Pai eterno, rezando pela salvação do mundo e por todo o povo que ali entrava. Jesus responde a seus pais, que, ao encontrá-lo após três dias, manifestam-lhe sua angústia: “não sabíeis que eu devo estar naquilo que é de meu Pai?” (Lc 2, 49). Quer nos ensinar que, sua ocupação e esforços deviam estar sempre a serviço do Pai celeste, sem se deixar distrair por outras coisas.

Assim também, o sacerdote. “É preciso que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia” (Jo 9,4). Não devo ocupar-me com o mundo, com satisfações da carne e com meu amor próprio. Nem procurar meus interesses e gostos pessoais, mas o interesse da glória de Deus e sua vontade. Por exemplo, ao confessar, sobretudo, gente simples e ignorante, o sacerdote não encontra muito interesse ou gosto. Mas deve saber que Deus os tem.

Jesus permaneceu no templo, para se ocupar, de fato, com tarefas referentes à glória de Deus, como foi o debate com os doutores, por ele mantido com admirável modéstia, humildade, discernimento e zelo. Deu o exemplo das virtudes, que devem acompanhar a execução de nossas obrigações sacerdotais na Igreja.

É necessário apegar-se a estas obrigações desde jovem. Se estas não são observadas desde a juventude, mais tarde o desânimo triunfará. É preciso renovar-se sempre. Também os anciãos dizem: “irei ao altar de Deus, ao Deus que alegra a minha juventude” (Sl 43, 4). Deus nos quer sempre jovens, não em idade, mas em fervor.

Por outro lado, quem é jovem não deve julgar, mas respeitar os anciãos. Cristo sabia muito mais que os doutores. Todavia, não ensinava, mas interrogava e respondia. Há clérigos tão orgulhosos que, confiantes demais em seus estudos, desprezam os idosos, considerando-os ignorantes. Quantos padres agem sem discernimento e prudência. Fazem e desfazem. Sem zelo algum. Apenas por interesses pessoais! Se não vos tornardes como o menino Jesus, não entrareis no reino dos céus (Cf. Mt 18, 3). (1)

1 “Exercícios” e “Meditações”, MS 2489-2493.

190. O sacerdote e a humildade

Aprendamos com Cristo a ceder sempre e a buscar o último lugar. O prestígio, a honra e a glória do sacerdote é a humildade. Perguntaram a S. Tomás de Aquino qual era o sinal, para reconhecer quem, de fato, é santo e perfeito. Respondeu: a humildade, o desprezo de si mesmo, das honras e do louvor, a aceitação das ignomínias e injúrias.

O humilde está sempre em paz com todos. O soberbo, ao invés, em litígio. Quantas divisões, invejas e ciúmes entre confessores pelo cargo, pelo confessorário, pelos penitentes e pelo direito à precedência, com escândalo para as pessoas.

Cumpra a justiça autêntica quem sabe se antecipar a todos na manifestação de estima e respeito pelos outros, e quem suporta os defeitos do semelhante: “carregai os fardos uns dos outros; assim cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6,2). A mais elevada justiça e santidade consistem em que, possuindo alguém o mais alto grau de virtude, sabe ser o último, por causa da humildade. (1)

Cristo quis reprovar em nós o desejo de aparecer, muito natural em nós, porque está na raiz de inúmeras desordens. O meio mais eficaz para moderar em nós o desejo ardente de aparecer e sobressair é o exemplo de um Deus solitário e voluntariamente desconhecido ao mundo. É um exemplo que freia os pretextos provenientes do amor próprio, o qual sabe habilmente sugerir desculpas, como: persuadir-se de que estão em jogo a glória de Deus e a salvação dos irmãos; argumentar que é só exigência em algumas ocasiões; apresentar a razão da conveniência; mostrar que serve somente para manter a caridade; invocar a necessidade da sociabilidade na vida; afirmar que solidão nos torna inúteis e impede de fazer valer os talentos recebidos... Pretextos

estes razoáveis, mas inúteis. Posso contribuir a favor da glória de Deus mais do que Jesus Cristo? Ao contrário das máximas, que me sugere o espírito mundano, Cristo veio me ensinar um caminho totalmente diferente, isto é, o valor de passar como desconhecido. (2)

1. "Exercícios" e "Meditações", MS 2551-2554.
2. O. c., MS 2502-2503.

191. O sacerdote e seus parentes

Jesus ficou no templo sem dizer nada aos pais (Cf. Lc 2,43), para que não o impedissem de realizar, livremente, o que estava estabelecido para glória do Pai celeste.

Há sacerdotes que, na aceitação dos encargos e desenvolvimento de seu trabalho, se deixam condicionar pelos interesses humanos dos parentes. Ora, se a ambição dos parentes pode prejudicar a fidelidade aos deveres sacerdotais, convém, então, recordar o que disse Jesus: "se alguém vem a mim, mas não me prefere a seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos, suas irmãs, e até à sua própria vida, não pode ser meu discípulo" (Lc 14,26).

Jesus nos quis mostrar como devemos estar desapegados da carne, do sangue e do amor carnal aos parentes, deixando-os à parte e não hesitando em lhes dar um certo desprazer quando for necessário, para nos dedicar, com maior diligência, à vontade do Pai celeste. Mostrou-nos, ainda, que não devemos ficar com eles mais tempo do que aquele que está de acordo com a vontade de Deus.

Se há motivo para pensar que os parentes ou qualquer outra pessoa do mundo se tornem impedimento - por ignorância, ou de boa fé, ou também com más intenções - na execução da vontade de Deus, convém, então, deixá-los de lado sem dizer nada, mesmo que isso lhes possa causar desprazer e provocar queixas. Neste caso, enfrente-se tudo, com ânimo resoluto e viril, desde que seja feita a vontade de Deus: "quem ama pai ou mãe mais do que a mim, não é digno de mim" (Mt 10,37).

E com mais razão ainda, se meus parentes, ou qualquer outra pessoa, que eu deva amar e respeitar como se fosse meu pai, cheguem a exigir algo que seja contra Deus e a Igreja: "é preciso obedecer a Deus antes que aos homens" (At 5,29). (1)

- 1."Exercícios" e "Meditações", MS 2483-2486.

192. Tentações do sacerdote

“Jesus ia crescendo em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2,52). O sacerdote é chamado ao seguimento de Cristo e a crescer na perfeição: “quem põe a mão no arado e olha para trás, não está apto para o reino de Deus” (Lc 9,62). Todas as pessoas têm o direito de perceber nosso esforço para a perfeição.

Como está, de fato, nosso progresso na perfeição? Talvez busquemos mais o progresso na carreira e cargos, enquanto que, no campo das virtudes, demos passos para trás em relação ao tempo em que éramos ainda clérigos. Naquele tempo, quantas promessas e esperanças! Até mesmo no campo da ciência devamos reconhecer que sabíamos muito mais naquela época.

Hoje, muitos padres julgam desonra desprezar, na prática, o mundo, mesmo se o condenam na pregação. Oh! Deus, que baixeza! Com isso, este mundo enlouquecido ganha em honra, pois muitos ainda o seguem servilmente. Para um ou outro padre até poderia soar como escândalo se ele escarnecesse do mundo. Felizes serão estes escândalos, gritaria S. Teresa.

A ambição de honrarias e dignidade são vícios dos padres. Em um sacerdote, a vanglória e a inveja são terríveis paixões. E os padres não as confessam.

É preciso entender, de uma vez por todas, que a grande tentação é a roupa à qual ficam apegados tantos eclesiásticos. É um interesse sutil que, dificilmente, o sacerdote chega a perceber. Feliz é quem pode desvencilhar-se dele!

Três são as principais tentações: riquezas, honras e soberba. Quem se deixa levar por elas corre o risco de cair em todos os outros tipos de vícios. Os mártires eram fortes diante da violência, livres no espírito e na confissão da fé, porque desapegados do interesse de amar demasiadamente o mundo e a vida. (1)

1. “Exercícios” e “Meditações”, MS 2496-2623.

193. O mundo secular e o mundo clerical

Se considerarmos a terra como uma passagem, como um rio que corre sem parar e desemboca diretamente no mar, quais valores nela contidos devo eu escolher? Vejo muita agitação, grandezas, pompas, fortunas e prosperidade, cujo esplendor deslumbra.

Até mesmo no estado eclesiástico me deparo com certos graus, cargos, distinções e diversidades de atividades que, embora estranhos para o mundo secular, não deixam, porém, de gerar sentimentos mundanos.

A este respeito, devo lembrar o que dizia um santo: tudo isto não é Deus, não é o céu e nem é o meu objetivo. Portanto, devo permanecer insensível a tudo isto e não lhe dar a mínima atenção. Que simplicidade e liberdade de coração me proporcionaria tal atitude! Poderia, então, viver como sacerdote autêntico, porque seria como homem morto para o mundo e como um “daqueles de que o mundo não era digno” (Cf. Hb 11,38). (1)

“Obedeça - é o conselho de Pe. Gaspar a um recém ordenado - obedeça a seus pais e seja exímio imitador de suas virtudes. Obedeça, com submissão de mente e afeto de coração, ao seu bispo. Obedeça ao pároco da igreja a que for designado. E, qualquer coisa a carne venha a sugerir ou o mundo a insinuar, escute e siga apenas Cristo, de cujos mistérios és, agora, feliz dispensador. Não te preocupes, nem com o mundo secular, nem com o mundo clerical”. (2)

1. “Exercício” e “Meditações”, MS 2643-2644.

2. GIACOBBE GAETANO, o. c., SA, p. 558.

A COMUNIDADE RELIGIOSA

194. Comunidade e comunhão

Todos tenham como escopo e sinal de sua vocação o que disse Nosso Senhor Jesus Cristo: “nisto conhecerão todos que sois meus discípulos se vos amardes uns aos outros” (Jo, 13,35).

Assim, se devemos ter amor para com todos, de modo especialíssimo o devemos ter para com nossos irmãos espirituais, como diz o Apóstolo: “quem não cuida dos seus e, principalmente, dos de sua casa, renegou a fé e é pior que um infiel” (1Tm 5,8).

Cada qual tenha diante dos olhos, como norma de concórdia, o que nos Atos dos Apóstolos se lê a respeito da conduta dos primeiros fiéis, de onde cada ordem de religiosos teve origem e forma: “a multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava suas as coisas que possuía, mas tudo entre eles era posto em comum” (At 4, 32); “diariamente... partiam o pão pelas casas e tomavam a refeição com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e eram estimados por todo o povo” (At 2, 46-47).

Cada um procure, com muito empenho, tal união e concórdia de caridade. Decididamente afaste-se de tudo o que lhe é contrário, como a animosidade e as discórdias, evitando-as com o maior cuidado e considerando as palavras do salmo 133: “oh! como é bom, como é agradável os irmãos morarem juntos” (Sl 133, 1). (1)

1. “Constituições”, n^{os}. 187-190.

195. Valor da perfeita observância

No mosteiro, onde mesmo as prescrições mínimas são observadas, o ânimo dos monges permanece inabalável e a paz reinará entre os irmãos. Onde, porém, tais prescrições são negligenciadas, toda disciplina, progressivamente, se dissipa e esmorece. (1)

Tanto nas Congregações fervorosas, como nas relaxadas, existem defeitos; porém, nas primeiras, tais defeitos são corrigidos e considerados como abusos, enquanto que nas segundas, são dissimulados e passam a ser usos e costumes. (2)

Quando em uma Congregação religiosa cada membro não se esforça para a sua perfeição, tal Congregação não pode progredir, e, se realiza algo, o faz sem vida e languidamente. (3)

1. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 167: anotação de 24-05-1810.

2. O. c., p. 22: anotação de 22-07-1808.

2. O. c., p. 62: anotação de 11-10-1808.

196. Comunhão fraterna e vida de fé

O crescimento da comunhão fraterna depende, sobretudo, do progresso na vida espiritual. À medida que a caridade teologal, isto é, o amor a Deus e a Cristo Nosso Senhor cresce, também a união entre os confrades se aperfeiçoa, porque há comunhão com Deus e com nosso Salvador.

Este vínculo de união se reforça grandemente, com a oração e a meditação, conforme as palavras “a meditação faz arder meu coração” (Sl 39,4). Sem dúvida, este é o caminho mais eficaz para se conseguir tal união.

É incomparável o amor da verdadeira caridade. Este faz descobrir nas pessoas dotes especiais de virtude e dons do Espírito Santo, faz contemplar as pessoas como imagem de Deus, ornada com coloridos tons da graça divina. Com certeza, aumentará de modo admirável a caridade recíproca naqueles que se esforçarem por crescer nestas virtudes e nestes dons, contemplando-os, amiúde, presentes nos outros. Ela também florescerá neles se existir o desejo de considerar, em seus corações, os outros como superiores a si, alegrando-se e dando graças a Deus pelos dons espirituais descobrirem nos outros. (1)

1. Constituições, nºs. 221-223.

197. Votos religiosos e caridade

Uma virtude jamais exclui outra e, menos ainda, elas combatem entre si. Quando, pois, parece que a prudência ou a caridade exija uma determinada escolha, não há motivo para temer que isto seja contrário à pobreza, nem que comporte falta contra os votos religiosos. Estes são apenas meios em relação à caridade, que é o fim. Ora, é o fim que determina a ordem, o modo e a medida a todos os meios. (1)

A comunhão fraterna, em grande parte, se concretiza com o vínculo da obediência. O mesmo se diga da pobreza, da humildade e do desapego dos bens temporais. As honras, as dignidades, as riquezas e as comodidades da vida fazem parte dos bens temporais. O desprendimento de todos estes bens provém do amor a Deus. Os pobres em espírito e os humildes respeitam todas as pessoas, por elas são acolhidos no íntimo do coração.

Meio particularmente eficaz para promover a comunhão fraterna é a pobreza em grau elevado, que é característica do religioso, em razão do voto. No estado religioso tudo é comum: os corações, as mentes, os corpos e o que é necessário à manutenção e ao teor de vida. Nos Atos está escrito que “a multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma (At 4,32). Imediatamente é acrescentado que “tudo entre eles era posto em comum” (id.). (2)

1. “Epistolário”, p. 174: carta a L. Naudet, sem data.

2. “Constituições”, n^{os}. 224-226.

198. Diálogo e conversação fraterna

Todos os dias após as refeições, os confrades, reúnam-se, possivelmente, no mesmo local, para familiar e amigável conversação. Convém que isto seja observado por todos sem exceção, em atenção à saúde, mas principalmente, para promover a caridade. A amizade – diz Aristóteles - cresce com a mútua comunicação, mas é destruída pelo comportamento taciturno. Santa Teresa afirma que a comunicação faz crescer a caridade. (1)

Assim, quando as visitas dos confrades se realizarem de modo freqüente, os bons religiosos devem não só tolerá-las com paciência, mas acolhê-las com alegria. A conversação entre confrades contribui grandemente para o necessário descanso. (2)

Visto que o objetivo da conversação das almas, em boa parte, se obtém mediante a conversação com o próximo, ao se tratar, com delicadeza e discrição, de temas espirituais, recordem-se os confrades religiosos que, para tal fim, devem se exercitar primeiramente entre si. (3)

Lembre-se, amiúde, que a diversidade de opinião é algo humano. Quando feita com discursos serenos e moderados, com ânimo desarmado, não ofende ninguém. Ao contrário, as desavenças, as controvérsias movidas pelo espírito de animosidade, a defesa obstinada da própria idéia, desagradam em demasia. Estes comportamentos devem ser evitados a qualquer custo. (4)

Santo Agostinho adverte em sua Regra: “evitai sempre as contendas, ou terminai-as o mais rápido possível, a fim de que a ira não se mude em ódio e um graveto não se transforme em uma trave”. (5)

1. “Constituições”, nºs. 250-251.
- O. c., n. 253.
- O. c., n. 255.
- O. c., n. 202.
- O. c., n. 205.

199. A correção fraterna

Sentes a obrigação de corrigir um irmão? Começa por ti mesmo, recriminando teus próprios pecados e rezando ao Senhor. Depois, chama o irmão à parte e procura adverti-lo, aconselhá-lo e exortá-lo.

Pautemo-nos pelo exemplo de São Paulo, escrevendo aos Coríntios: “receio que, quando aí chegar, não vos encontre tais como vos desejo encontrar, e que eu me apresente a vós numa forma que vós não desejais. Receio que haja, entre vós, contendas, ciúmes, iras, disputas, maledicências, murmurações, insolências, desordens. Receio ainda que, na minha próxima visita, o meu Deus me humilhe a vosso respeito, e que eu tenha que chorar por causa de muitos que pecaram, e ainda não se converteram da imundície, da libertinagem e da devassidão (2Cor 12,20-21).

Declara tua consideração pela pessoa que desejás corrigir, procurando persuadi-la de que, ao alertá-la de suas culpas, queres ajudar e curar, e jamais julgar ou denunciar. Se, pretendes, realmente, curá-la, não tenhas medo de abraçá-la e beijá-la, como fazem, às vezes, também os médicos quando têm que tratar de doentes difíceis, e conseguem fazer com que tomem o medicamento prescrito. (1)

O cuidado recíproco, pelo proveito espiritual entre confrades, comporta a propensão e a disposição de ânimo para bem acatar a correção de outrem e para cooperar também, com a devida caridade, na correção dos demais. (2)

1. “Exercícios” e “Instruções”, MS 2791-2792. O trecho é extraído de S. JOÃO CRISÓSTOMO, “Homilias sobre as imagens”, III, 5: PL 49, 54.
2. “Constituições”, nº. 264.

200. As ciladas da comunhão

Ninguém desagrade ou ofenda o próprio confrade, nem em público e nem em particular, nem mesmo por brincadeira. Ao contrário, empenhe-se para que nem mesmo no coração se nutram sentimentos maldosos ou contrários ao próprio confrade.

Elemento fundamental da caridade é a preocupação de não visar a honras na prestação de serviço. Por outro lado, o espírito de dominação e de poder ou qualquer manifestação desse tipo separa enormemente as pessoas. Todos evitem o desejo de mandar e de se apresentar como superior, porque estas atitudes indicam soberba e não favorecem a caridade.

Se alguém, por algum cargo, for obrigado a mandar, faça-o como quem não impõe, mas como quem indica o que deve ser feito. Todos, conforme o conselho do Apóstolo, estejam a serviço uns dos outros (Cf. Gl 5,13), de modo que se verifique o que dos antigos monges escreveu muito bem São João Crisóstomo: “não se pode dizer que algum deles proferisse ou recebesse injúrias, desse ou recebesse ordens, e sim que todos se colocavam na condição dos que serviam”. (1)

1. “Constituições”, nºs. 193, 195.

201. Não murmureis uns dos outros

Muitas vezes o amor próprio disfarça a murmuração em zelo, caridade, meio necessário para precaver-se a si ou aos outros. O verdadeiro motivo é a paixão. É preciso então pedir perdão a Deus e chorar muito. (1)

Que utilidade pode advir do jejum se, abstendo-nos de comer carne de animais, depois mordemos e devoramos nossos irmãos? Quem inventa calúnias come a carne dos irmãos e morde a do próximo. Por isso, S. Paulo dirige aos fiéis a impressionante admoestação: “se vos mordeis e vos devorais uns aos outros, cuidado para não serdes consumidos uns pelos outros” (Gl 5,15).

E ninguém venha dizer que se inventa calúnias, só quando se fala o que é falso e se difama. Quando se murmura do irmão, mesmo dizendo coisas verdadeiras, comete-se a mesma falta. O fariseu da parábola disse a verdade comentando a respeito do publicano, que era verdadeiramente pecador. Todavia, não tirou proveito algum disto, porque o publicano “voltou para casa justificado, mas ele não” (Lc 18, 14). (2)

Não haja murmuração entre os confrades por motivo algum, com nenhuma palavra ou aceno. Nem mesmo no coração se nutram sentimentos maldosos ou contrários ao confrade. (3)

1. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 33: anotação de 09-08-1808.
2. “Exercícios” e “Instruções”, MS 2786-2790. O pensamento é extraído de S. JOÃO CRISÓSTOMO, “Homilias sobre as imagens”, III, 5: PL 49, 53.
3. “Constituições”, n^{os}. 193-194.

202. Não dar ouvidos às murmurações

Não somente deve-se evitar falar mal dos outros, mas é preciso, também, precaver-se para não dar ouvidos a quem murmura do próximo. Deve-se fechar os ouvidos a tais palavras, recordando o que diz o salmista: “quem calunia em segredo seu próximo, vou reduzi-lo ao silêncio” (Sl 101, 5). Diga a teu irmão: quer louvar ou falar bem de alguém? Abrirei, de boa vontade, os ouvidos, para escutar estas coisas maravilhosas. Se, desejas falar mal, vou trancar a porta a tal gênero de conversa, pois não consigo tolerar vilipêndios.

Que lucro eu tenho ao saber que alguém não é bom? Parece-me que isto me causa grande mal e verdadeira desgraça. Procuremos falar com quem erra. E, ao mesmo tempo, enfrentemos nossas fraquezas com o propósito de examinar nossas culpas. Voltemos para nós mesmos e nossa vida a curiosidade e o desejo de investigar. Quais desculpas encontraremos? Como receberemos o perdão, se nossas culpas nem, sequer, vêm à nossa mente e preferimos perscrutar curiosamente as atitudes alheias?

“Ouviste algo contra o próximo? Guarda-o contigo, e tem certeza de que não te prejudicará” (Eclo 19,10). O que significa: “guarda-o contigo?” Quer dizer: destrua-o, enterre-o e não permita que saia de ti e se espalhe. De modo especial, não tolere que outros sejam maledicentes. Se os detratores perceberem que os desprezamos mais do que seus acusados, desistirão, de uma vez por todas, deste mau costume, e corrigirão seu pecado. É verdade que, como a murmuração e a calúnia geram ódio e discórdia, assim também falar bem e louvor corretamente o próximo é princípio de amizade e paz. (1)

1. “Exercícios” e “Instruções”, MS 2793-2798. O trecho é de S. JOÃO CRISÓSTOMO, o. c.

203. A comunidade de Pe. Gaspar

Alguns piíssimos sacerdotes de Verona reuniram-se, para buscar a perfeição espiritual, através da vida comunitária, à maneira de religiosos, e dedicar-se, segundo suas possibilidades e circunstâncias, ao cuidado pastoral do próximo. E, embora, tenham escolhido, como principal característica de vida e atividades o recolhimento e a humildade, todavia o esplendor das virtudes e a eficácia de seu zelo são tais que toda a cidade os ama e venera como sacerdotes santos.

Seu superior, Pe. Gaspar Bertoni, homem de inigualável bom senso e piedade, conduz a comunidade com tal suavidade de maneiras e firmeza, que um só espírito os anima e uma só vida, por assim dizer, difunde-se em todos.

Se falas com eles, percebes que cada um, no pensamento, sentimentos do coração e comportamento exterior, é retrato fiel do outro. Quer saber o que neles se torna, principalmente, digno de nota? Direi que é a humildade, a caridade e o trato afabilíssimo.

Vivem muito pobremente e são bem mortificados. Bastante simples é o quarto de cada um, assim como a mobília. Em toda a casa existe a preocupação com a ordem e limpeza. Dá gosto de ver. Em particular, a igreja, que foi magnificamente reformada, sobressai-se pelo decoro e limpeza. Nela, os padres da comunidade pregam semanalmente e se aplicam continuamente ao ministério da confissão. Eles mantêm, em seu prédio, uma escola ou ginásio público, onde, gratuitamente, educam um bom número de jovens.

Não aceitam ofertas de quem quer que seja ou de qualquer espécie. Tal despojamento, que tanto convém a sacerdotes, atrai sobre eles grande admiração por parte de todos. E, verdadeiramente, não saberia que nome mais apropriado poder-se-ia dar-lhes, do que pérola escondida do clero veronês. (1)

1. SCHLÖR LUIS, "Filantropia da fé", Roma, 1840: citado em SA, p. 66 s.

OS LEIGOS NA IGREJA

204. Os leigos e a santidade da Igreja

Muitos leigos na Igreja estão mais empenhados do que inúmeros sacerdotes em responder à vocação divina, que chama todos à santidade. A vida deles é imaculada e repleta de boas obras. Muito se deve aprender de leigos tão exemplares. "Surgem os simples e roubam o reino dos céus. E nós, com toda nossa doutrina sem coração, nos entretemos mais com a carne e o sangue!". (1)

Que motivo de vergonha e de temor, para um sacerdote saber que inúmeros leigos, no meio do mundo, estão mais preocupados com a busca da perfeição espiritual do que ele, e são mais perfeitos do ele! Quantos são, na realidade, mortificados, castos, humildes e caridosos!

Pode acontecer que um jovem, desejoso de tornar-se sacerdote, sofra a tentação, na vocação, pelo mau exemplo de algum sacerdote realmente mundano. Mas, aí aparece a Providência divina e proporciona, em muitos casos, um enorme auxílio, mediante o constante testemunho e perfeita caridade de muitos leigos. Quem,

aproveitando-se deste incentivo, vence o escândalo provocado por padres mundanos e esforça-se para não se deixar superar pelos leigos no caminho da perfeição, comprova ótima disposição para o sacerdócio. (3)

É lastimável ver tanta santidade nos leigos e tantas imperfeições e vícios em um sacerdote”. (4)

1. S. AGOSTINHO, “Confissões”, L. VIII, C. 8: PL 32, 757.
2. “Exercícios” e “Meditações”, MS 2240-2276.
3. “Meditações sobre o I Livro dos Reis”, n.º. 11, MS 5226-5228.
4. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 78: anotação de 02-12-1808.

205. Os leigos e a missão apostólica

Os leigos, sob a direção dos sacerdotes podem trabalhar em prol da fundação de Oratórios Marianos e cooperando para seu bom andamento. Pe. Gaspar Bertoni deu exemplo, servindo-se de leigos virtuosos para um eficiente andamento dos Oratórios constituídos, exortando-os a serem fermentos de novos núcleos. (1)

Por meio de alguns jovens bem preparados, Pe. Gaspar jogava a isca para atrair os indiferentes e afastados, conseguindo, com isso, boa pescaria. Aos poucos, aproximava-se dos que tinham abandonado a fé. Com boas maneiras, os induzia a participar do Oratório. Os que aceitavam o desafio eram levados à prática das virtudes, após uma boa conversa com Pe. Gaspar. Confessavam-se, mudavam de vida e, não raramente, tornavam-se cristãos fervorosos. (2) Muitos daqueles jovens apóstolos, bastante zelosos, vivendo no mundo, transmitiam um espírito missionário de tal maneira o espírito missionário que não precisavam ter o que invejar dos religiosos. (3)

Havia um grupo seleta, verdadeira elite e alicerce dos Oratórios, dotado de virtudes extraordinárias, com o qual Pe. Gaspar podia contar a qualquer momento para ser destinado, com invejável disponibilidade cá e acolá, onde a necessidade o exigisse. O grupo compunha-se de jovens e adultos, que gostavam de se reunir para experiências de formação, mesmo durante o tempo em que os outros se dedicavam a divertimentos. Procurava dedicar-se a leituras da vida de santos ou a outros livros espirituais, a conversações sobre temas instrutivos ou edificantes e a ensaio de cantos sacros. (4)

1. Cardeal LUÍS DE CANOSSA, “Carta pastoral sobre os Oratórios”, Verona, 1898; Cf. “Bertoni, 2”, p. 384 s.
2. “Miscelânea Lenotti”, SA, p.146.
3. GIACOBBE CAETANO, o. c., SA, p. 346.
4. O. c., SA, p. 351.

206. Pe. Gaspar e a formação dos leigos

Após haver passado todo o domingo com os rapazes nas diversas atividades do Oratório, Pe. Gaspar se reunia à noite, em sua casa, com um grupo de jovens e adultos, que lhe estavam mais próximos. Mais tarde começou a recebê-lo não somente nas noites de domingos e dias santos, mas também em todas as noites dos dias da semana, após a jornada de trabalho, passando horas dedicadas a leituras e assuntos espirituais. Cada um dos presentes podia colaborar com as próprias observações ou pedir explicações. A todos Pe. Gaspar respondia pronta e familiarmente, esclarecendo dúvidas, deixando-os bem instruídos e, verdadeiramente, preparados. (1)

Nos Estigmas, o Oratório floresceu tanto, a ponto de não haver mais espaço para acolher os rapazes na igreja, e na capela de Nossa Senhora da Conceição. Ali se formou um grupo, com cerca de trinta membros, entre jovens e adultos. Era uma elite fervorosa que se distinguia pelo recolhimento, freqüência aos sacramentos, devoção e piedade. Ela recolhia-se na capela interna, chamada da Transfiguração, onde eram ministrados ensinamentos e instruções especiais, que tratavam da perfeição cristã.

A capela estava bem próxima do quarto de Pe. Gaspar. Muitas vezes, na ausência do sacerdote encarregado, por razões de saúde ou de impedimento, ele mesmo, embora bem idoso e enfermo, se dirigia até o altar e fazia a pregação. Ou, então, os chamava a seu quarto e lhes dirigia breves palavras, com enorme edificação e satisfação dos presentes. (2)

1. GIACOBBE GAETANO, o. c., SA, pp. 351–353.

2. “Miscelânea Lenotti”, SA, p. 149 s.

VOCAÇÃO PARA O MINISTÉRIO NA IGREJA

207. Eu vos escolhi

“Não fostes vós que me escolheste; fui eu que vos escolhi e vos designei para dardes fruto e para que o vosso fruto permaneça” (Jo 15,16). Não fostes vós por primeiro – diz Jesus – a me escolher como mestre e senhor, mas eu, antes de qualquer vossa iniciativa, vos escolhi e chamei. Mediante minha vocação e graça, vos tornastes meus amigos, discípulos e apóstolos. Na parábola da videira e dos ramos, insiste: assim como o agricultor escolhe as melhores videiras para plantar na vinha, também vos escolhi, ó apóstolos, para vos plantar em minha Igreja, como as melhores videiras, transformadas pela minha graça, a fim de que produzais uma boa colheita de uvas, ou seja, todo um povo de fiéis, numeroso e bem formado (Cf. Jo 15,1ss).

Cristo fala desse jeito, para mostrar a grandeza de seu amor para com os apóstolos, pois, dentre todos os outros seres humanos, até mais nobres, doutos e

eloqüentes, preferiu escolher, como seus apóstolos, exatamente aquele grupo, tornando-o seus amigos especiais e príncipes de sua Igreja. Com isto, os incentivava a lhe retribuir tamanha graça por intermédio de um amor dedicado e de uma constante veneração.

Quis levar os apóstolos a considerar a enorme dignidade de sua condição e da tarefa apostólica, para que se empenhassem, do modo mais adequado, ao seguimento radical. Além disso, em razão da escolha realizada por sua própria iniciativa, Cristo propôs aos apóstolos uma lição de humildade, como se dissesse: eu vos chamei amigos e vos coloquei a par de meus segredos mais íntimos, mas não deveis, por isso, vos orgulhar, porque tal distinção não é merecimento vosso e, sim puro dom de minha parte.

O Senhor, finalmente, insiste em relevar que ele mesmo constituiu os apóstolos em sua dignidade, a fim de que sintam ilimitada confiança. Se, o que possuem vem dEle, logo ninguém jamais poderá impedir a missão de conseguir uma grande multidão de almas no mundo. Em síntese, Ele permanecerá sempre com eles e será contínua garantia de sua fecundidade na produção dos frutos para o Reino de Deus. (1)

1. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3238-3243.

208. Há muito tempo Deus nos ama

Desde toda a eternidade Deus nos amou e decidiu nos chamar. Conseqüentemente faz um bom tempo que nos ama, embora ainda não o conheçamos o suficiente. E nos chamou mediante uma vocação tão santa, que torna capazes de chegar à santidade, também os pecadores e inimigos.

Se, portanto, é assim tão poderoso ao chamar, e o faz por intermédio de um dom gratuito de sua bondade, não existe motivo para temor. Se, mesmo quando éramos pecadores e inimigos, nos salvou com sua graça, muito mais agora permanecerá próximo de nós, percebendo que estamos fazendo nossa parte!

Deus nos salvou, não por causa de nossas obras, mas por um desígnio de amor, movido unicamente por bondade. E nós, hoje, estamos sendo chamados a colaborar com tal desígnio de salvação, através do auxílio que Ele nos dá. O anúncio do Evangelho é difícil, porque atacado por todos os lados pelos inúmeros interesses do mundo, que tende a ofuscá-lo ou marginalizá-lo. Por amor ao Evangelho devemos, então, estar dispostos a sofrer, suportar adversidades de todo gênero com paciência e coragem. E, ao invés de fugir das aflições, desejá-las, confiantes não em nossas pobres forças, mas no poder de Deus, que sempre triunfa, mesmo quando somos fracos.

Estejamos certos de que Deus, que nos chama a combater e vencer pela causa da fé estará sempre a nosso lado, sustentando-nos com sua própria força. Por amor ao Evangelho conseguiremos, então, suportar, com generosidade e alegria, todo tipo de adversidade, mesmo as mais graves. Animados pela confiança, não em nós mesmos ou em nossas forças, mas em Deus, vamos mergulhar nEle com a oração. Ele nos acolherá e nos tornará mais fortes do que todos os inimigos, tribulações e perseguições. (1)

1. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3297-3300.

209. Deus escolheu o que no mundo é fraco

“Irmãos, reparai em vós mesmos, os chamados” (1 Cor 1,26) o motivo e o modo de vossa vocação. “Não há entre vós muitos sábios de sabedoria humana, nem muitos poderosos, nem de família nobre” (id.), escreve São Paulo aos Coríntios. Também nós somos pobres, sem poderes, privilégios, nobreza e cultura mundana. Aprendemos apenas um pouco de teologia e direito. Sabemos só pregar, com simplicidade, a doutrina de Cristo e explicar sua lei. Não temos a eloquência dos grandes oradores, nem o prestígio dos cientistas.

Afirma S. Paulo: “de fato, Cristo me enviou para anunciar o Evangelho sem sabedoria de palavras - isto é, sem a eloquência e a arte da oratória - para não esvaziar a força de Cristo” (1Cor 1,17). Com isso, Cristo quis que a pregação não fosse distorcida e se tornasse inútil, o que aconteceria se as pessoas julgassem ter alcançado a fé e a salvação por força da eloquência humana, ao invés da Paixão de Cristo.

Em seguida, o Apóstolo julga justo admitir, na comunidade cristã, também pessoas letradas e ilustres. Na realidade o fez, não porque tivesse necessidade, e, sim, para evitar qualquer forma de discriminação.

“Onde está o sábio? Onde o escriba? Onde o disputador desta era?” (1Cor 1,20). Quem, dentre os filósofos, pôde conceder a salvação ou ensinar a autêntica verdade? Tudo isto foi obra de pobres pescadores. O que não puderam realizar os filósofos com silogismos, o fez a “pregação estulta”, convencendo a todos acerca das verdades mais sublimes e transformando gente ignorante em verdadeiros sábios. Os pobres e ignorantes crêem e se salvam. É testemunho de elevada sabedoria do pregador, que consegue fazer com que os ignorantes sejam instruídos nas verdades mais sublimes e cheguem a orientar a própria vida por meio delas. (1)

1. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3266-3272.

210. A vocação: uma corrente de graças

Deus não despreza ninguém que queira combater sob o estandarte do seu Filho e que se vale dos meios por Ele propostos: a oração e a mortificação. Na verdade, a cada um deles está reservado um final glorioso (1). Recolhimento e sentimento do grande benefício da vocação. É grande vantagem nos esquecermos e despojarmo-nos de tudo para procurar a Deus só. (2)

A graça da vocação é uma série imensa de graças, que pode romper-se. Para rompê-la, é preciso muita coisa? Basta começar a não corresponder. A corrente e série de graças do Senhor rompem-se logo em uma alma que não corresponde, E o que vai acontecer? Tudo o que se refere à vocação causa aborrecimento e desperta desinteresse. Com o andar do tempo, ou é deixada de lado ou é abandonada completamente. É algo a se pensar e temer, pois, na verdade, pode-se, até, perder a vocação.

Ai daquele que costuma dizer: ah, eu não quero saber de tantos escrúpulos, muitos compromissos ou grande perfeição. Seria sinal de que não se tem conhecimento real da própria vocação. Pior ainda, quando se começa a gostar dos prazeres mundanos, como as riquezas, as honras e as comodidades. Seria sinal de que há completo desinteresse pelos valores e deleites espirituais. (3)

1. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 155: anotação de 29-07-1809.

2. O. c., p. 93: anotação de 25-12-1809.

3. “Retiros para os Acólitos”, MS 4445–4446.

211. Fortalecer cada vez mais a própria vocação

De sua parte, Deus fez tudo. Chamou. Em seguida, concedeu a graça e continua oferecendo a possibilidade de segui-lo. Agora, é preciso que cada pessoa, de sua parte e com a graça divina, também realize o que lhe cabe fazer, correspondendo, renegando-se a si mesma, carregando voluntariamente sua cruz e, por obediência, seguindo seriamente nosso Senhor até à morte.

É evidente que cada um será também ajudado em sua fraqueza e confortado em suas tribulações. Apesar disso, tem que ser cauteloso para empenhar-se com toda diligência. Deve agir com temor e tremor, consolidando sua escolha mediante boas obras e a prática de sólidas virtudes, conforme a afirmação da S. Escritura: “cuidai cada vez mais de confirmar a vossa vocação e eleição” (2Pd 1,10). É por isso que, S. Inácio colocou alguns anos de tirocínio, antes da admissão definitiva na Companhia de Jesus, com a finalidade de esclarecer, através de provas e testemunhos comprovados, e consolidar por parte dos indivíduos, a vocação que, da parte do Senhor, se apresenta como definida e certa.

Cabe, pois, ao indivíduo, de sua parte, trabalhar com tenacidade sua vocação e escolha. Ao se pensar bem sobre a questão, praticamente tudo se reduz a isto: que a pessoa saiba desconfiar de si e confiar em Deus, trabalhe e reze, tema e ame. (1)

1. “Epistolário”, p. 42: carta a L. Naudet, sem data.

212. A Igreja prepara as vocações consagradas

A vocação é efeito da escolha gratuita do Esposo: “não fostes vós que me escolhestes; fui eu que vos escolhi” (Jo 15,16). Com relação a ela, a divina Providência, fornecendo meios, com vigor e suavidade (Cf. Sb 8,1), exige tanto a dedicação maternal de sua Esposa, a Igreja, como a cooperação plenamente livre dos escolhidos.

Quanto à vocação consagrada, Deus, antes de tudo, se serve de preparação remota. Assim, a divina Providência nos fez vir ao mundo, dotando-nos de vários dons naturais. Chamou-nos à fé, fazendo-nos nascer em ambiente permeado de fé. Ele nos fez entrar na Igreja mediante o Batismo. Enriqueceu-nos com virtudes e dons apropriados ao ministério a que nos destinou. Por isso, temos motivos reais para adorar e agradecer ao Senhor e, ao mesmo tempo, rezar para sermos purificados de vícios, pois fomos regenerados para uma vida nova em Cristo. Deus, que chama a um determinado estado de vida, concede tudo o que é necessário para isso e jamais deixa de fazer sua parte.

Por outro lado, há também a responsabilidade da Igreja, Esposa de Cristo, oferecendo sua prudente e oportuna colaboração, que se expressa, mediante uma dedicação toda especial pelo progresso do escolhido com a ação e a oração. Adota o estilo próprio de mãe que, no começo, dá leite ao filho e, depois, conforme vai crescendo, procura dar-lhe alimento sólido.

Quanto ao crescimento, a mãe Igreja oferece ao candidato o leite dos ensinamentos e exemplos mais simples, para que comece a praticar as virtudes morais. Depois, o prepara para ser adulto, fazendo-o progredir nas virtudes religiosas. Posteriormente o confirma na perfeição, mediante o exercício das virtudes divinas e teológicas.

Quanto à oração, amamenta-o, fazendo-o meditar sobre os mistérios da Humanidade de Cristo. Dá-lhe alimento mais forte e leva-o a refletir sobre a Paixão do Senhor. Mais tarde, o conduz ao templo, para que aí permaneça, fazendo-o meditar sobre os mistérios da Ressurreição e Divindade, a fim de que possa pregar com unção.

A nós, cabe o empenho em corresponder a tanta solícitude. (1)

1. “Meditações sobre o I Livro dos Reis”, n.º. 6, MS 4961-4991.

213. A Igreja faz amadurecer as vocações consagradas

Se a preparação remota à vocação consagrada é constituída pelo esforço direcionado à perfeição cristã, a preparação próxima comporta, além disso, um esforço mais específico para a perfeição do ministério eclesial. Trata-se de aprender a ciência dos santos, para converter os pecadores, salvaguardar os justos e crescer na união com Deus.

Para isso, a Igreja age, propondo critérios de fortalecimento ao escolhido, como a imitação dos santos, insistindo sobre seus exemplos e colocando-o em familiar contato com ele. Através dos exemplos dos santos, a Igreja acende, no coração do escolhido, o desejo de ajudar o próximo e de unir-se a Deus intimamente, procurando também purificar suas intenções, a fim de que se convença a prosseguir, impulsionado não por vaidade mundana, mas por puro desejo de agradar a Deus.

A solicitude da Igreja se dirige, principalmente, aos adolescentes, protegendo-lhes a inocência, mantendo-os separados dos maus e favorecendo, com todos os meios, sua caminhada de união com Deus.

A Providência divina, por sua vez, acompanha, com a graça, estes cuidados maternos da Igreja, a fim de que o candidato faça generosamente a oferta total de si mesmo a Deus e o faça com grande alegria. Efeito deste dom da graça é a capacidade de entregar-se totalmente ao apelo de Deus, como verdadeiro apóstolo, que não procura os próprios interesses, mas os de Jesus Cristo (Cf. Fl 2,21), alimentando, também, forte impulso para crescer nas virtudes e perfeição. (1)

1. O. c., MS 5007-5032.

214. Como responder ao chamado

É necessário corresponder ao chamado da Providência de Deus e ao maternal cuidado da Igreja, com simplicidade dos pequeninos e sem fraquezas, a exemplo de Samuel, que se deixava guiar docilmente como uma criança (Cf. 1Sm 1,24 e 3,1 ss.).

Correspondamos, pois, ao empenho da Igreja, que vela pelo progresso dos candidatos no crescimento das virtudes, das morais às religiosas e destas às divinas. Quanto ao caminho da oração, procuremos aplicar-nos à meditação dos mistérios da vida de Cristo e, em seguida, da sua Paixão e Ressurreição. Tudo com método e não desorganizadamente. Tudo alicerçado na S. Escritura, da qual se aprendem tanto os ensinamentos para o crescimento como o conhecimento da oração.

É preciso, então, aplicar-se assiduamente ao estudo da Sagrada Escritura. A Providência abrirá nossa mente para entender a Palavra de Deus, mediante as luzes resplendorosas de sua sabedoria.

Senhor, fazei que, correspondendo à vossa graça e à solicitude da Igreja, cheguemos: a formular propósitos para a prática de grandes virtudes; a ajudar outros com nosso ministério, e, a nós mesmos, com a oração; a conceber desejos de alcançar o mais profundo conhecimento de Deus e poder pregar e rezar bem; a cultivar os mais puros anseios de caridade, imunes de toda ambição terrena. Fazei que nos disponhamos a executar pronta e generosamente os vossos projetos e que nos doemos, sem reserva, a Vós, para poder crescer, com vossa ajuda, em graça e sabedoria. (1)

1. O. c., nºs. 6 e 7, MS 5021-5024.

215. Se o mundo vos odeia, sabeis que antes odiou a mim

Conhecimento do grande bem que é padecer alguma coisa por amor de Deus. “Felizes os que são perseguidos por causa da justiça... Felizes sois vós quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque é grande a vossa recompensa nos céus” (Mt 5,10-12). (1)

Depois de haver cativado serenamente os apóstolos, Cristo, sabendo que, para muitos deles, seria bem difícil e quase insuportável ficar expostos à perseguição, passa a infundir-lhes coragem. Odiaram-me – parece dizer o Senhor – e, com isto, vos precedi e ensinei o caminho. Ao seguir-me, na mesma via, podereis caminhar com facilidade e com alegria, sabendo que, na perseguição, podeis contar comigo como companheiro, e mais ainda, como caminho e modelo.

Cristo previne os apóstolos contra as perseguições, que os esperam, a fim de que as enfrentem corajosamente e, até mesmo, saibam orgulhar-se delas, valorizando-as por aquilo que são: verdadeira carta de identidade cristã. Não vos maravilheis – quer ainda dizer Jesus – nem se perturbe vosso coração, quando o mundo vos odiar, pois me odiou por primeiro. Ao contrário, alegrai-vos porque assim vós sereis os meus imitadores. Por outro lado, como o ódio do mundo não me prejudicou, também não vos prejudicará. O mundo vos persegue, porque não lhe pertenceis e nem estais de acordo com suas obras. Pelo contrário, as contradizeis, como eu fiz. E, dizendo isto, deixa subentendido: vos amarei, porque vós sois os meus amigos e fostes escolhidos por mim, a fim de que possais condenar as obras do mundo. A vantagem que obtereis de meu amor, não merece comparação alguma com o prejuízo que provém do ódio ao mundo. (2)

1. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 56: anotação de 29-09-1808.

2. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3246-3249.

216. Reavivar sempre o dom de Deus

Como o fogo precisa de lenha para permanecer constantemente aceso, assim também a graça exige que haja, de nossa parte, empenho em corresponder. Trata-se, para nós ministros, de uma graça especial que recebemos para conduzir a comunidade cristã. Depende de nós, mantê-la acesa ou deixar que se apague. “Não apagueis o Espírito” (1Ts 5,19), exclama S. Paulo. O Espírito, porém, pode se apagar com a preguiça e a negligência, ao passo que se alimenta com a vigilância e com a atenta solicitude. Cabe a nós tornarmo-nos mais ardorosos e nos enriquecermos com a fé, o ardor e a alegria.

Pode acontecer que zelo, caridade e graça, recebidos na ordenação, se esmoreçam e diminuam aos poucos. E até mesmo se extingam. De um lado, por causa da fraqueza humana e inconstância; do outro, por motivo das contrariedades e por preguiça. É preciso renová-los, reacender a chama da caridade e estimular novamente seu crescimento e florescimento. Para reacender este fogo, são fundamentais a oração, a leitura e meditação da Palavra de Deus, os estudos, o esforço para progredir nas virtudes e, sobretudo, muito zelo e trabalho para procurar, com profunda diligência e generosidade, a salvação das almas confiadas ao nosso cuidado.

Com tais recursos, poderá ser reavivado o fogo em nosso coração, despertada a liberdade de espírito adormecida e aprisionada, e enfrentado vitoriosamente o mundo com seus falsos amores, erros e medos. Vencido o egoísmo e eliminado o medo, voltará a arder o fogo da caridade e, a cada dia que passar, se expandirá ainda mais. (1)

1. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3281-3285.

CORRESPONDÊNCIA À GRAÇA

217. Temo Jesus que passa

Se a problemática da nossa salvação dependesse só de Deus, ninguém se condenaria. Mas, já que ela depende também de nossa cooperação, e esta, normalmente, é limitada, muitos se condenam. É muito perigoso ouvir a Palavra de Deus sem dela tirar algum fruto. (1) Não basta ouvir a Palavra de Deus com prazer, para pôr em prática, somente certos pontos. Também Herodes ouvia João Batista com prazer e punha em prática alguns de seus ensinamentos. Jamais, porém, corrigiu sua paixão predominante. (2)

Na escalada da perfeição, onde há verdadeira vocação divina, é preciso aceitar o convite no momento em que é feito: “e eles, imediatamente, deixaram as redes e o seguiram” (Mt 4,20). (3) Temo Jesus que passa. (4) É verdade, também, que uma graça correspondida chama uma segunda. (5)

Pouquíssimos são os que compreendem o que Deus neles realizaria, se não encontrasse obstáculo a seus desígnios. (6)

1. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 111: anotação de 22-02-1809.
2. O. c., p. 108s.: anotação de 19-02-1809.
3. O. c., p. 83: anotação de 07-12-1808.
4. Id.
5. O. c., p. 181: anotação de 18-05-1811.

218. Quem tem boa vontade possui tudo

Três coisas são necessárias para a salvação:

1. Fugir dos pecados leves: “quem despreza as coisas pequenas, aos poucos cairá” (Ecl 19,1). São como os ladrões mirins que, entram pelas janelas para abrir as portas aos profissionais.

2. Estar persuadido de que, na prática, não iremos para o céu sem um grande esforço, sem uma grande luta. “o Reino dos Céus sofre violência” (Mt 11,12). “Esforçai-vos por entrar pela porta estreita” (Lc 13,24). “Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e siga-me” (Mt 16,24).

3. Ter boa vontade de ir para o céu. (1) Tudo tem, aquele que tem boa vontade, mas não é boa a vontade daquele que não faz aquilo de que é capaz. (2)

Não confiemos apenas nos bons desejos. Obras, obras! (3): “Os desejos causam a morte do preguiçoso” (Pr 21,25), porque, não os colocando em prática, dilaceram a alma com remorsos e provocam a própria condenação. (4)

Um propósito, deixado de ser posto em prática, é semelhante a um soldado, ou a um caçador, pintados nos quadros: nunca ferem ou matam, embora estejam sempre ameaçando. A culpa, geralmente, é atribuída à fraqueza. Que se diria de um velho que, deixando de lado a bengala, quisesse deslizar pela neve como uma criança? Alguém poderia dizer que a culpa é do Demônio. Que se diria de um camponês que, na taverna, penhorasse na jogatina todas as estacas da vinha compradas por seu patrão e colocasse no lugar delas apenas bambus, os quais o vento, num instante, poria por terra?

É necessário dar uma guinada: buscar o amor a Deus, o interesse pelos bens celestes, o ódio ao pecado. (5)

1. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 110: anotação de 22-02-1809.
2. O. c., p. 140: anotação de 22-03-1809.
3. “Retiro para os Acólitos”, MS 4456.
4. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 69: anotação de 21-10-1808.
5. O. c., 140: anotação c. s.

219. Vontade e veleidade

Muitos gostariam de seguir a Cristo, mas não estão dispostos a renunciar tudo; ou então, mesmo desejando renunciar ou moderar as tendências desordenadas, não escolhem meios eficazes para consegui-lo. Assemelham-se ao doente, que deseja a cura, mas recusa remédios por causa dos efeitos e do mal estar que provocam.

Possuem disposições contrárias à vocação divina e ao mandamento de renunciar a tudo. Por isso, jamais conquistarão a saúde de espírito e a vida eterna. Esta não se consegue com desejos, mas com obras: “alguém é justificado com base naquilo que faz” (Tg 2,24). Mesmo parecendo que queiram se salvar, na realidade, não o desejam: “o preguiçoso quer muito e nada tem” (Pr 13,4). Aspiram à meta, mas não querem usar os meios necessários para atingi-la. Anseiam pela virtude, enquanto os atraem, mas não a desejam porque exige muito. Desse modo, acabam por abandoná-la. Em síntese, o preguiçoso não tem propriamente vontade, mas veleidade: eu gostaria, mas não quero.

Vou agora refletir sobre mim mesmo, para ver se, por acaso, estou, também, vivendo no engodo de almejar o céu sem a perfeição de meu estado. Em outras palavras, a perfeição sem a virtude, a virtude sem a prática, o exercício das virtudes sem a mortificação das paixões contrárias, a humildade sem humilhações, a paciência sem sofrimentos. Ó engano enorme e fatal: “há caminhos que parecem retos, mas acabam levando à morte” (Pr 16,25). (1)

Tudo se resume em servir a Deus custe o que custar. É necessário, pois, precaver-se contra as veleidades. A veleidade se diferencia da vontade no efeito: a primeira cede diante das dificuldades e leva ao desânimo; a segunda insiste, se fortalece e se solidifica. (2)

1. “Exercícios” e “Meditações”, MS 2528-2533.

2. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 30: anotação de 30-07-1808.

220. Vigiai e orai

Na meditação do Getsêmani, observei que os discípulos dormiam, enquanto Jesus agonizava e suava sangue por eles: João, que antes se inclinara sobre seu peito, junto com os demais, apesar de advertidos com o “vigiai e orai” (Mt 26,41). (1)

Os apóstolos dormem, enquanto Cristo reza. Também nós agimos assim. Dormimos, enquanto Cristo padece em seus membros. A falta de oração oferece a oportunidade ao demônio de tentar os apóstolos, que, no fim das contas, fogem quando os soldados se aproximam para prender Cristo. Há necessidade da graça divina para enfrentar o medo; logo, necessidade da oração. (2)

“Vigiai e orai”. Nisto se resumem todas as outras advertências da Escritura e do Evangelho. Vigia, quem está atento e cheio de coragem, mas sem armas. É claro que não oporá resistência quando chegar o inimigo: será vencido Ora, quem está bem armado, mas adormecido; quando for atacado será facilmente desarmado e morto à traição. Vigiai e orai, eis o homem cheio de energia e armado. Jamais pode ser vencido. (3)

1. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 13: anotação de 05-07-1808.
2. “Exercícios” e “Meditações”, MS 2615.
3. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 179: anotação de 28-04-1811.

221. Oração e esforço pessoal

O nosso mundo é um grande hospital, cheio de doentes. Todos se queixam, mas ninguém se cura, mesmo quando há o remédio adequado. Este é a oração, que ou não se faz, ou normalmente se faz mal. Isto porque, ou quem pede é mau ou pede coisas ruins, ou pede de modo errado. Não se pede, em primeiro lugar, o Reino de Deus. A oração não é piedosa, nem perseverante.

Um senhor rogava todos os dias a S. Inácio o auxílio de suas orações, mas continuava com uma vida escandalosa. Um dia, o santo pediu que ele o ajudasse a carregar uma mesa para fora do quarto. Cada um se colocou de um lado da mesa. O santo mantinha-se imóvel, enquanto o outro tentava levá-la para fora. O santo continuava imóvel. Até que, exausto, o senhor disse: se o senhor quer remover a mesa, é preciso que me ajude. Ao que o santo respondeu: o senhor também tem que cooperar comigo quando eu rezo para tirá-lo de seus pecados. (1)

Os santos adquirem fortaleza e coragem, que os tornam inabaláveis diante dos obstáculos. Tal força provém da firmeza interior que têm para seguir a vontade divina e da fé firme que nada impede a Deus de executar o que estabeleceu. Nada temem a não ser deixar de corresponder, como devem, às graças do Senhor. (2)

1. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 123: anotação de 06-03-1809.
2. O. c., p. 104: anotação de 14-02-1809. Esta anotação fala de uma santa alma, no singular - talvez S. Teresa de Jesus (Cf. o comentário de Pe. José Stofella). Usamos o plural para ressaltar o sentido amplo da preciosa reflexão.

O TEMOR DE DEUS

222. O temor de Deus na vida espiritual

Por causa do temor, o homem se converte a Deus ou se une mais intimamente a Ele. Assim, de duas maneiras se pode temer a Deus: ou por causa do justo castigo a receber, tanto temporal como eterno, com o qual Deus pune as culpas dos seres humanos; ou porque as culpas podem nos separar dEle. Se por temor da pena eterna, recorremos à misericórdia de Deus, arrependendo-nos de nossos pecados, ou deles nos abstendo, isto é temor servil, o que é bom, como ensina o Concílio de Trento (1), e procede do Espírito Santo. Se por temor das culpas, vamos ao encontro de Deus, ou a Ele nos unimos mais fortemente, isto é temor filial, e isto, exatamente, é dom do Espírito Santo.

“O temor do Senhor é glória e honra” (Eclo 1,11), assim diz a S. Escritura. Na verdade, serão honradas e exaltadas outras virtudes, pelas quais os seres humanos se tornam úteis em tempo de paz e corajosos na guerra. Prossegue o Espírito Santo: “o grande, o juiz e o magnata são honrados, mas não superam quem teme a Deus” (Eclo 10,24).

Se não vivermos no temor de Deus, bem depressa cairá nossa casa, mesmo que estivesse construída no alto, no céu. O próprio S. Paulo, que podia dizer: “somos cidadãos do céu” (Fl 3,20), e fora arrebatado ao terceiro céu, assim mesmo manifestava temor, porque, depois de ter pregado aos outros, poderia vir a ser reprovado (Cf. 1Cor 9,27). Aqueles que, não souberam manter o temor como ele, embora parecessem estrelas intocáveis, acabaram caindo. Oh, quantos são os que transformaram a luz imortal de suas virtudes em um louco fogo de afetos impuros, tornando-se não só ludíbrio para o povo, mas objeto de escárnio e zombaria até por parte dos próprios demônios.

Não condenemos, de maneira alguma, a queda destes cedros, porque nós, como fracos ciprestes, choramos (Cf. Zc 11,2) por ficarmos aterrorizados diante da ruína deles. Animemo-nos mutuamente, para alimentar o temor salutar e jamais cair. Aliás, é Deus mesmo, quem recomenda isso a todos. Ordena aos justos: “respeitai o Senhor, santos seus” (Sl 33,10). E aos pecadores: “temei Aquele que pode destruir a alma e o corpo no inferno” (Mt 10,28b). (2)

1. “Sessão VI, can. 8”, Denz. 1558.

2. “Pregações à juventude, n°. 2: O temor de Deus”, M. 391-402; PVC, pp. 154-159.

223. O temor de Deus leva à conversão

É tarefa ingente libertar a vontade de afetos desordenados, que a mantêm escrava. Por isso, é difícil converter-se de verdade. Mas, temendo a Deus, tudo se tornará mais fácil e agradável. Vejamos, alicerçados na S. Escritura, como o temor de Deus torna mais fácil, agradável e rápida a conversão, preparando, passo a passo, nossa vontade.

Primeiro passo: “quem teme a Deus atrai a correção a seu coração” (Eclo 21,7). Mediante contínua preocupação com os enormes males que afetam o pecador já nesta vida, e mais ainda na outra, a pessoa entra em si mesma, domina seus pensamentos descontrolados e é levada a refletir sobre seu infeliz estado.

“O temor do Senhor odeia o mal” (Pr 8,13). O temor de Deus leva a alma bem depressa a detestar e a abominar o pecado fazendo-a ver, claramente, que, este é a origem de todos os males.

“Pelo temor do Senhor evita-se o mal” (Pr 16,6). A pessoa vai, portanto, afastando-se do seu apego ao mal e, assim, deixa o caminho do vício. Pode parecer difícil abandonar totalmente o mal, devido às contínuas tentações que a paixão desencadeia na pessoa já desacostumada a enfrentar sacrifícios. Mas, não há dúvida de que “não sobrevirão males a quem teme o Senhor; antes, Deus o guardará na tentação e o livrará das desgraças” (Eclo 33,1).

Vitorioso sobre as tentações, “o temor do Senhor repele o pecado” (Eclo 1,27). Após a vitória, o pecador sente no coração como que uma voz, vinda do céu, dizendo: “vós que temeis o Senhor esperai coisas boas: alegria duradoura e misericórdia” (Eclo 2,9). Alicerçados sobre esta misericórdia, eis que “os que temem o Senhor preparam seus corações e na sua presença se purificam” (Eclo 2,20). Realmente, poder-se-ão ouvir milhares de vozes angelicais, festejando a conversão e repetindo: “salvação para aqueles que temem o nome do Senhor” (Mq 6,5Vg). De modo especial, terão eles, em seus corações, através de mil consolações, a prova da misericórdia que “se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem” (Lc 1,50). (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 2, c.s., MS 392-398.

224. O amor vence o medo

É uma característica das pessoas justas, temer a culpa mesmo onde não exista, porque temem tanto os pecados, pelo grande amor que têm a Deus, que não gostariam de nem ver a sombra ou notar algum vestígio de um deles. (1)

Quando formos assaltados por vãos temores, priorizemos apenas o amor, entregando-nos a ele com generosidade e realizando prontamente o que é do agrado de Deus, não por temor, mas por amor. Por isso, o amor nada teme. Poderemos repousar tranqüilamente em Deus e em sua bondade, cultivando esta magnânima disposição de amor, pela qual procura-se unicamente o prazer de Deus e nele se confia, acima de todas as coisas.

Pode acontecer, também, que não tenhamos ainda idéias claras a propósito de certos temores. Pois bem, sigamo-los por enquanto. Sirvamo-nos de tais ocasiões para crescer na esperança e no amor, assumindo decisões mais firmes e constantes, empenhando-nos, por meio do auxílio divino, em realizar tudo somente por amor a Deus, sem nenhuma preocupação consigo mesmo. (2)

Não tenhamos medo quando nosso coração confia em Deus. Temamos apenas ter medo. (3)

1. “Exercícios” e “Meditações”, MS 2591.
2. “Epistolário”, p. 73: carta a L. Naudet, de 06-03-1813.
3. O. c., p. 102: carta a L. Naudet, de 14-12-1813.

A ORAÇÃO E AS ORAÇÕES

225. O respiro da alma

A oração é a vida de nossa vida e a alma de nossa alma. É como a respiração. “Abro a boca suspirando porque desejo teus mandamentos” (Sl 118,131). Assim como, a todo instante recebemos dons da bondade divina, também, a todo instante seria justo que nosso coração se elevasse a Deus. (1)

Estejamos com o espírito voltado para o alto, serenos e sempre repousando nele, espiritualizando, assim, cada ação e obra nossa. A mãe, às vezes, mostra ao filhinho uma fruta em sua mão. Ao ver a beleza da fruta, o filhinho se alegra e festeja. Mas a alegria se transforma em tristeza e em pranto, quando vê que, por mais que levante os braços, não consegue alcançar a mão da mãe que a afasta propositalmente. O que faz, então, para conseguir a fruta? Abraça-se à mãe e não pára de pedir. Assim, a consegue.

Digamos ao Senhor, com grande e amorosa confiança: “dá-nos aquilo que ordenas e ordena o que quiseses”. (2) Estas palavras vêm do Espírito. E nós, o que faremos? “Abro a boca suspirando porque desejo teus mandamentos” (id.). Abrir a boca, mediante a oração, é atrair as riquezas do Espírito. (3)

O Espírito Santo nos indica como isto é possível concretamente: “suplica em sua presença” (Eclo 17,22). É preciso rezar sempre (Cf. Lc 18,1). “Orai continuamente” (1Ts 5,17). Assim, uma oração ajudará outra oração, e a diligência em fazê-la obterá mais abundantes dons do Espírito. Ora, este Espírito “vem em socorro de nossa fraqueza” (Rm 8,26). Podemos, então, já aqui na terra, oferecer o sacrifício perene e contínuo, da mesma maneira como o holocausto que fazem, de si mesmos os espíritos dos bem-aventurados e santos lá no céu, diante de Deus. Isto já fizeram todos os servos de Deus exilados e peregrinos nesta terra. Também nós podemos ofertar-nos com a mesma coragem. Isto agrada imensamente a Deus e reverte para sua glória. Na verdade, Ele mesmo ordena que o façamos. Basta apenas isso para que possamos conseguir, com certeza, a realização do que queremos. (4)

1. “Exercícios” e “Meditações”, MS 3412.
2. S. AGOSTINHO, “Confissões”, LX, c. 29: PL 32, 769.
3. “Epistolário”, p. 30: carta a L. Naudet, de 01-12-1812.
4. O. c., p. 33 s., carta de dezembro de 1812.

226. Com o coração sempre em Deus

Devemos agir com verdadeiro espírito de fé, isto é, com a convicção interior e profunda de que, o que realizamos por obrigação em nosso estado de vida, é querido por Deus. Por isso, cumprindo-o com fidelidade, estamos obedecendo a Deus e fazendo sua vontade. Esse espírito é necessário, porque é a alma de toda atividade. Sem ele, trabalharíamos toda a noite inutilmente (Cf. Lc 5, 5). Fiz inúmeras coisas, mas, na verdade, não fiz nada.

Acompanhemos cada ação, por meio deste espírito. Estamos na sala de aula, mas o coração em Deus; na igreja, mas o coração em Deus; cantando, à mesa, num passeio, em estudos, dormindo, mas o coração em Deus.

Animado por este espírito interior, também o comportamento exterior será marcado pelo decoro, compostura e modéstia não afetada, o que edifica o próximo. “Não há nada – ensina o Concílio de Trento – capaz de formar o próximo para a piedade e o culto a Deus, como a vida e o exemplo dos que se dedicaram ao sagrado ministério. A partir do momento em que são vistos como pessoas que, da esfera dos interesses do mundo, foram elevadas à condição de grande destaque, atraem o olhar dos outros, que procuram nelas se espelhar, para descobrir os bons exemplos a serem imitados”. (1)

Não basta realizar inúmeras coisas, como fazem muitos. É preciso fazê-las bem. Cristo “fez bem todas as coisas” (Mc 7,37). (2)

1. “Concílio de Trento, Sessão XXII, Sobre a reforma, cânone I, Decretos dos Concílios ecumênicos”, Herder, 1962, p. 713.
2. “Retiro para os Acólitos”, MS 44474449.

227. Tudo é graça

Se quisermos preparar o coração em nós, para que o Senhor realize todo o bem que deseja, comecemos por ser-lhe gratos diante de tudo o que já nos fez. Por que nossa ingratidão desagrade tanto a Deus? Porque ela é como o vento desastroso, descrito por Ezequiel (Cf. Ez 19,12), que chega a secar o terreno fértil da benevolência divina. Por isso, desagrade a Deus quem lhe retribui o bem com o mal. Não é por capricho de Deus ou porque Ele exista sinta-se insultado, mas porque se vê obrigado a permanecer sem ação.

Inacreditável! Se uma pessoa vem em nosso socorro, nos sentimos eternamente agradecidos a ela. Se um grande personagem se mostra cortês e benevolente para conosco, estamos dispostos a dar-lhe tudo o que temos. Infelizmente, não é assim que agimos em relação a Deus. Pela boca do Profeta, ele se queixa: *“fui eu quem os educou e lhes deu forças, mas, contra mim, eles tramaram o crime”* (Os 7,15). (1)

Pe. Gaspar costumava agradecer a Deus por todas as coisas: pelas agradáveis, pelas adversas e até dolorosas. Fazia questão de que seus filhos manifestassem atitude de gratidão para com Deus, não perdendo oportunidade alguma para inculcá-la, afirmando: “sejam dadas graças a Deus por tudo o que nos faz em sua infinita misericórdia. Louvores sejam dados a Ele que nos trata sempre como Pai. De todo o coração, vamos agradecer-lhe e cantar o “Te Deum”. Era assim que formava seus filhos, para serem gratos a Deus por todos os benefícios recebidos. (2)

1. “Missão de São Firmo”, MS 4067-4085.
2. GIACOBBE GAETANO, O.c., SA, p. 515.

228. O clima para a oração

O Senhor gostaria de falar um tempo a mais com certas pessoas, se elas se retirassem um pouco do mundo, pois este faz muito rumor ao redor delas. (1) Para alguém poder receber e conservar as inspirações de Deus, tem que valorizar a solidão, a paz, o silêncio interior e exterior; caso contrário, ou não vai recebê-las, ou se recebidas, vão se enfraquecerão e desaparecerão. (2)

“Ao ser humano cabem os projetos” (Pr 16,1), diz a Escritura. Com o auxílio divino, portanto, temos que usar de muito zelo ao preparar nossa alma para as visitas de sua Divina Majestade, e com muito esmero para mantê-la preparada constantemente. A guarda do silêncio e a fuga de longos discursos, bem como de conversas frívolas, mantêm nosso ouvido atento à voz suavíssima de nosso Criador. (3)

Pe. Gaspar caminhava sempre na presença de Deus, de tal maneira que, ao andar pela cidade, mantinha normalmente a cabeça descoberta. De quando em vez, balbuciava algumas devotas palavras e ternos sentimentos, cheio de compunção, com visível brilho nos olhos e atitude recolhida do corpo e do rosto. Irradiava devoção e serenidade, fazendo transparecer exteriormente o espírito do Senhor, do qual estava repleto. (4)

1. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 142: anotação de 22-03-1809.
2. O.c., p. 148: anotação de 23-07-1809.
3. “Epistolário”, p. 68, carta a L. Naudet de 28-02-1813; Cf. acima n. 145.
4. “Miscelânea Lenotti”, SA, p. 188.

229. Experiências vividas de oração

Tive conhecimento muito vivo, durante e depois da oração, da imensa dívida que vincula cada um de nós a Deus, por causa da criação e da redenção. (1)

Encarnação. Sentimento de gratidão à Santíssima. Trindade e de correspondência ao amor de Cristo, pois se eu era obrigado a amar a Deus antes de se tornar homem, quanto mais agora! (2)

À bênção, sentimento de muita ternura, amor e oferecimento de si. Pude perceber como Cristo atrai nossos corações, exatamente como Ele mesmo disse: “*atrairei todos a mim*” (Jo 12,32). Assim também todo bem, sabedoria e suavidade que há nas criaturas são dons dele. Por tudo isso, só Ele deve ser louvado e amado. (3)

Ao ler sobre a presença interior de Deus, ou seja, Ele que está dentro de nós, não há necessidade de sair para procurá-lo, como alguém que tem comida em casa e, assim mesmo vai buscá-la fora. Age equivocadamente, porque continuará sempre em jejum. Experimentei, com isso, muita emoção e grande recolhimento, que durou algum tempo depois, com o grande desejo de agradecer, em tudo, sua Divina Majestade. (4)

1. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 161; anotação de 28-09-1809.
2. O.c., p. 54: anotação de 27-09-1808.
3. O.c., p. 136: anotação de 16-03-1809.
4. O.c., p. 65: anotação de 13-10-1808.

230. Liturgia das Horas

Rezar salmos é um dever fundamental da vida espiritual. Infelizmente, não estamos dando muito valor a isto. Preocupamo-nos com nossos afazeres e cuidamos melhor deles. Quando se trata da oração litúrgica, corremos o risco de rezá-la de maneira rotineira e distraidamente, deixando-nos envolver, às vezes, por outros pensamentos.

“Toda vez que participamos do Ofício Divino, seria bom refletir sobre o modo de se comportar diante de Deus e de seus anjos, adverte São Bernardo. Rezemos os salmos de tal modo que o coração esteja em sintonia com as palavras”. (1) “Como podes pedir a Deus que te ouça, insiste São Cipriano, se não cuidas em ouvir a ti mesmo? Queres que Deus se recorde de ti no momento em que o invocas, quando tu mesmo te esqueces de ti?” (2)

Ouçamos também o que diz o salmista, ao nos convidar para louvar a Deus, gratuitamente: *“de todo o coração vou te oferecer um sacrifício, o sacrifício de louvor ao teu nome”* (Sl 53,8). “Louvo a Deus e me alegro pelo louvor em si mesmo, comenta Santo Agostinho. O que se louva e o que se ama têm que ser feito gratuitamente. E o que quer dizer 'gratuitamente'? Significa que Deus é desejado por si mesmo e não por interesses. Deixe de lado tudo o mais e te preocupe apenas com Ele, amando-o gratuitamente. Senhor, louvarei teu nome porque és bom. Por acaso, entendes dizer 'louvarei teu nome porque me dás campos férteis, ouro, riquezas, dignidade?' Jamais! Louve a Deus, só por ele ser Deus. Isto é louvar a Deus, de verdade”. (3)

1. SÃO BERNARDO, “In Cantic., Sermo” 7, PL 183, 809.

2. SÃO CIPRIANO, “Sobre a Oração dominical”, c. 31; PL 4,539.

3. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3520-3529. A última citação é de S. AGOSTINHO, “Comentários aos Salmos”, Ps 53, 8; PL 36, 626.

231. O Ofício Divino de Pe. Gaspar

O Ofício Divino foi recitado com muita devoção e para a glória de Deus. (1)

O Ofício Divino era por ele rezado com muita devoção e, para tal, observava um método, que manteve sempre fielmente, tanto no que diz respeito às rubricas, à pronúncia e à devoção interior, como também à postura exterior. Recitou-o sempre, mesmo doente. Só por obediência ao médico não o rezou nos últimos dias de vida. (2)

Considerava a recitação do Ofício Divino não só como seu principal dever, mas, muito mais, como doce conversação com Deus, seguindo, quanto possível, a distribuição canônica das horas do dia. (3) A recitação em comum das Matinas e

Laudes, como também das Vésperas e Completas, era uma prática bastante observada nos tempos de Pe. Gaspar. (4)

Sua devoção, na recitação do Ofício, não foi passageira ou de pouca duração, mas a conservou constante e cada vez mais fervorosa até o final da vida, alimentando-a através do estudo incansável e do profundo conhecimento da Sagrada Escritura, da qual são extraídas as orações divinas. (5)

1. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 40: anotação de 24-08-1808.
2. “Apresentação sobre o Fundador”, p. 123.
3. GIACOBBE GAETANO, O.c., SA, p. 332.
4. Testemunho de Pe. João B. Lenotti, nos “Acenos biográficos”, do mesmo padre, transcritos pelo Pe. Giuseppe Stofella, CS III, p. 195.
5. GIACOBBE CAETANO, O.c., SA, p. 331.

MEDITAÇÃO

232. A alma da meditação

A essência da oração mental consiste, propriamente, na conversação íntima com Deus nosso Senhor.

Isto se faz, antes de tudo, com a finalidade de louvá-lo, bendizê-lo pelo que Ele é em si mesmo e para agradecê-lo pelos benefícios e graças que nos concede, usando o modo de rezar sugerido por S. Paulo: *“enchei-vos do Espírito: entoai juntos salmos, hinos e cânticos espirituais. Cantai e salmodiai ao Senhor, de todo o coração; sempre e por todas as coisas, no nome de nosso Senhor Jesus Cristo, rendei graças a Deus que é Pai”* (Ef 5, 18-20). *“Que a palavra de Cristo habite em vós com abundância. Com toda a sabedoria, instruí-vos e aconselhai-vos uns aos outros. Movidos pela graça, cantai a Deus, em vossos corações, com salmos, hinos e cânticos inspirados pelo Espírito”* (Cl 3, 16).

Um outro fim da oração mental é o de pedir graças necessárias. Para isso, o modo de falar com Deus, é do filho para com o pai, do pobre com quem é rico e misericordioso, do enfermo com o médico, do aluno com o mestre, da esposa com o esposo.

Na meditação, também é bom falar conosco mesmos, segundo a indicação do salmista: *“minha alma, bendize o Senhor, e não esqueças nenhum de seus benefícios”* (Sl 103, 1-2). *“Porque estás triste, minha alma? Porque gemes dentro de mim? Espera em Deus, ainda poderei louvá-lo, a Ele que é a salvação da minha vida e meu Deus”* (Sl 43, 5). (1)

1. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3179-3188.

233. A meditação segundo o método de S. Inácio

A oração mental, ou a meditação, é um exercício das faculdades interiores da alma sobre temas revelados pela fé. É um exercício fácil. Em pouco tempo ficamos acostumados a exercitar, da manhã até à tarde as faculdades da memória, inteligência e vontade no que diz respeito a objetos sensíveis. Por que não procurara, também, com o auxílio da graça, elevarmo-nos um pouco acima deles e refletirmos sobre as verdades eternas?

A memória traz à mente, antes de tudo, Deus nosso Pai, com o qual queremos nos unir e conversar. Escolhemos, em seguida, o mistério que pretendemos meditar, considerando-o em breve tempo e com clareza, como nos ensina a fé, subdividindo-o em vários pontos.

A inteligência vai, depois, nos ajudar a refletir sobre este mistério, penetrando-o em toda a sua profundidade, e reafirmando firmes convicções práticas para propor à vontade. Esta tarefa da inteligência é bastante exigente, porque é muito difícil pensar em uma coisa só, sem divagar por outras, mesmo tendo o olhar fixo em Deus.

Enfim, a vontade escolhe vários propósitos dentre as considerações feitas: amor para com Deus e confiança em sua misericórdia; arrependimento dos pecados, humilde confissão das próprias falhas. Sem os propósitos, a meditação seria puro estudo, e não oração.

Finaliza-se com um colóquio com Deus, como de amigo para amigo, implorando suas graças, manifestando-lhe sentimentos e necessidades pessoais, e solicitando seu auxílio e orientação. (1)

1. O.c., MS 3117-3162.

234. O vento e os remos

Quando o Espírito Santo nos inspira suas graças, tudo se torna mais fácil e suave, pois é Ele que mantém a memória atenta, vivifica os raciocínios, propõe inúmeras reflexões, inflama o coração, sugere os colóquios e completa, com perfeição, todo o trabalho da oração mental, de modo que a nós cabe somente cooperar com Ele, sem muito esforço.

É necessário que nós mesmos nos empenhemos, quando falta esta ajuda fundamental, usando nosso livre arbítrio, naturalmente, com o auxílio da graça divina, que nunca falta, para obrigar as faculdades de nosso espírito ao exercício de suas respectivas atribuições. Assim, movemos também o próprio Espírito Santo, para que venha ao nosso encontro, com uma ajuda especial.

As pessoas de profundo espírito, que se dedicam à oração, não podem pretender estar nas mesmas condições dos veleiros em alto mar, que navegam sempre com o sopro do vento. É bom que se adaptem ao ritmo das galeras que navegam, quer com o vento, quer com os remos. De fato, quando lhes vier a faltar o vento propício da inspiração divina, têm que se acostumar a navegar com os remos das faculdades do próprio espírito, ajudadas pela graça divina. Este modo de rezar se torna, às vezes, mais frutuoso, embora não seja feito com tanto prazer. (1)

1. O.c., MS 3151-3152.

235. Sugestões práticas

Algumas pessoas, na vida espiritual, começam a construção às avessas. Partem do fervor da obra externa de caridade, em que de caridade há pouco e muito de realidade humana. Conseqüentemente aparecem nelas alguns sinais de oração contemplativa apenas superficiais, que se caracterizam pela inconstância e pouca duração, ou pela ausência de resultados eficazes que acompanham a oração contemplativa autêntica. Convém-lhes, então, mudar a forma de oração e voltar ao ponto de partida, com o intuito de encontrar fundamentos sólidos. Verdadeiro fundamento é o espírito interior que, a seu tempo, produzirá frutos apropriados e maduros de caridade.

Até lá, deverão ser orientadas por um guia espiritual, por uma disciplina mais rígida de obediência e por uma oração prática que encha de fervor a vontade. (1)

Quanto à preparação da meditação, deve-se sublinhar que o sentimento interior e o recolhimento estão acima da inteligência e do raciocínio. O primeiro sabe colher, de imediato, o ponto central e, sem divagar de um ponto para outro, firma-se no objeto principal. Além disso, sem pretender arrastar a vontade, faz dela sua companheira, mesmo que a tenha precedido. O raciocínio, por outro lado, faz parte do aspecto humano, embora com o auxílio de Deus. O sentimento interior, porém, depende de Deus, mesmo tendo nosso consentimento. O raciocínio é usado pelas pessoas na terra. O sentimento mais se assemelha ao que faremos de modo perfeito no céu. (2)

1. "Diário Pessoal" [Memorial Privado], p. 74: anotação de 16-11-1808.

2. "Epistolário", p. 73, carta a L. Naudet, de 06-01-1813.

236. Melhorar constantemente a meditação

Convém ainda habituar-se à revisão sobre a meditação, refletindo como foi preparada e desenvolvida, como foram acolhidas as inspirações e abraçados os propósitos, como aconteceram eventuais distrações e aridez.

Quanto às distrações e aridez, é bom sempre ponderar se a elas foi dada qualquer ocasião, seja durante a própria meditação, com certo descuido na preparação e aplicação, seja no tempo anterior, com conversas inúteis, ou com algum sentimento desordenado, ou ainda pela preocupação excessiva com os problemas do dia-a-dia. Estas disposições podem afastar do coração pensamentos e afetos espirituais, à semelhança da fumaça que espanta as abelhas das colméias.

Localizado o mal, será possível remediá-lo, lutando contra suas causas. Além disso, humilhemo-nos diante de Deus, admitindo ser justo que não chova o maná sobre quem quer comer os alimentos pouco refinados do Egito. Pode acontecer, também, que a aridez não dependa de nós, mas seja apenas uma provação permitida pelo Senhor, a fim de fortalecer a alma na virtude. Neste caso, será sempre algo positivo saber humilhar-se e entregar-se à vontade divina, evitando a redução do tempo dedicado à oração e procurando, quanto possível, aumentá-lo, para superar-se através da generosidade.

Um meio eficaz para valorizar a meditação é, também, anotar sinteticamente os frutos dela obtidos: qualquer inspiração significativa ou propósito necessário, a fim de que, lendo-o, posteriormente, encontre-se mais facilidade em executá-lo, como o hortelão, que na seca, se serve da água armazenada em tempo de chuva abundante. (1)

1. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3189-3192.

237. Fidelidade à meditação cotidiana

Graças à meditação, Pe. Gaspar vivia sempre unido a Deus. E o que praticava tão fielmente, o recomendava depois a todos, sobretudo, às pessoas consagradas a Deus. O mesmo conselho dava também aos jovens dos Oratórios por ele instituídos. E, especialmente, a seus primeiros alunos e companheiros, que depois produziram frutos maravilhosos na vida, por causa deste santo exercício.

Para seus religiosos dos Estigmas não era puro conselho ou exortação, mas dever e dever muito rigoroso. Neles, teria tolerado a omissão de qualquer outro dever, jamais da meditação. E se, às vezes, a urgência de qualquer atividade, particularmente importante, os impedisse de fazer a meditação no tempo estabelecido pela manhã, ordenava que a fizessem e, por inteiro, o mais rapidamente possível. (1)

Ele exigia, com muita insistência, o exercício da meditação, determinando que os seus a fizessem antes da missa, ao menos uma parte, não obstante a urgência das confissões. Reiterava que a completassem em outra oportunidade. (2)

1. GIACOBBE GAETANO, SA, P. 507.
2. “Miscelânea Lenotti”, SA, p. 189.

EXAME DE CONSCIÊNCIA

238. Um balancete espiritual

Deus se compraz em falar como Pai, ao invés de falar como juiz. Façamos um balancete de nosso trabalho, antes que o Patrão nos chame. (1)

É preciso que façamos, com nossas falhas, o que estamos acostumados a fazer com as despesas de cada dia. Convocada nossa consciência, exijamos, dela, prestação de contas sobre as ações, as palavras e os pensamentos. Vejamos o que foi gasto de modo conveniente e útil, e qual foi o prejuízo: palavras empregadas em murmurações, conversas frívolas e ofensivas, pensamentos provocados por maus olhares, escolhas espiritualmente prejudiciais, causadas pelas mãos, língua ou olhares.

Programemos, também, maneiras para evitar despesas inúteis. Assim, no lugar daquilo que gastamos mal, conseguiremos lucros maiores; no lugar de palavras ditas levemente, aumentaremos as orações; no lugar de maus olhares, seremos pródigos em esmolas e jejuns. Se, somos levados a fazer despesas inúteis, sem economizar, não cuidando em reabastecer bem nossas despensas, cairemos na miséria, com o risco de viver no suplício eterno. (2)

Para fazer o exame de consciência é necessário escolher um santo da mesma vocação, como exemplo. Tudo o que estiver faltando para imitar a perfeição dele, é defeito. (3)

1. "Diário Pessoal" [Memorial Privado], p. 48, anotação de 15-09-1808.
2. "Exercícios" e "Instruções", MS 2760-2762.
- 3., "Diário Pessoal" [Memorial Privado]p. 28: anotação de 30-07-1808.

239. Como fazer o exame de consciência

Um bom exame de consciência exige cinco momentos:

Primeiro. Dar graças a Deus pelos benefícios recebidos, a fim de que, colocando-os em confronto com nossas faltas e pecados, aproveitemos para nos conhecer e nos arrepender. (1) Neste primeiro ponto do exame, o agradecimento, prostrado por terra diante do céu, experimentei grande sentimento da presença divina, com amor e oferenda de mim mesmo. (2)

Segundo. Suplicar graças para conhecer bem nossos pecados e defeitos, a fim de poder exterminá-los: *"o coração é o que há de mais enganador, e não há remédio. Quem pode entendê-lo? Eu, o Senhor, examino o coração e sondo os rins, retribuo a cada um conforme caminhou, conforme o fruto de suas ações"* (Jr 17, 9-10).

Terceiro. Exigir prestação de contas da consciência pelas culpas cometidas. Examine bem tais culpas e faça uma prestação de contas com muita exatidão. Tenha coragem de se perguntar: por que você ultrapassou os limites nisto ou naquilo? Se, por acaso, a consciência evitar responder e se ponha a explorar fatos alheios, diga-lhe claramente que não é sobre isso que pretendes julgá-la, pois estás mais preocupado em tomar conhecimento das próprias culpas, do que das alheias.

Quarto. Pedir perdão a Deus pelas faltas cometidas. *“Aquele que amolda sua alma no temor de Deus abre sua boca para orar e pede perdão pelos próprios pecados”* (Eclo 39,7).

Quinto. Propor a correção, com a graça de Deus. Se Deus perceber que colocamo-nos no caminho da virtude e da luta contra o mal, aprovará e ficará satisfeito com nossa conversão. Ao mesmo tempo, será pródigo em seus favores. Na verdade, não sabemos implorar o perdão de nossas culpas e nossa salvação como Ele gostaria que fosse. Por isso, se apressa em amparar-nos, para que possamos conseguir a libertação. (3)

1. “Exercícios” e “Instruções”, MS 2741.
2. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 73: anotação de 27-10-1808.
3. “Exercícios” e “Instruções”, MS 2742-2758. Os cinco pontos do exame de consciência são os de SANTO INÁCIO DE LOIOLA, “Exercícios espirituais”, n°. 43.

240. Exame particular

Deve-se encontrar tempo, toda noite, para o exame de consciência, especialmente no tocante ao defeito dominante. (1)

Procure perceber qual paixão é a mais difícil de ser vencida, usando contra ela as armas do espírito e combatendo de modo especial, contra ela. Assim, superadas as paixões mais resistentes, será, depois, mais fácil vencer as restantes. Primeiro, porque, dadas as vitórias, a alma vai se tornando sempre mais forte. Segundo, porque, passando de um combate mais árduo para um mais fácil, será bem mais agilizada a vitória. Superados os vícios mais arraigados e enfrentando depois, pouco a pouco, os menos resistentes, poder-se-á chegar, progressivamente, à vitória completa.

A cada vício se opõe uma virtude: à soberba a humildade, à avareza a misericórdia, à luxúria a continência, à ira a mansidão. Por isso o objeto do exame particular pode ser não só a luta contra vícios e defeitos, mas também o esforço para a aquisição das virtudes. (2)

“Foi-me sugerido, por Pe. Gaspar, que começasse o exame particular à luz das palavras de S. Gregório Magno: em tudo o que fizer, olhe para Ele, e se esforce para

organizar sua vida conforme seu exemplo. (3) Na oração que fiz, depois que me foi dito para iniciar novo exame, experimentei muita consolação por ter encontrado um meio de poder refletir mais vezes sobre o Redentor e, por conseguinte, unir-me a Ele mais estreitamente, visto que é difícil meditar sobre Ele, sem se sentir atraído por Ele. A oração, portanto, foi contínua em cima desta reflexão e levou-me a ter forte desejo de aprender a imitar o Modelo proposto”. (4)

1. “Retiros aos Acólitos”, MS 4454.
2. “Exercícios” e “Instruções”, MS 2693-2707.
3. SÃO GREGÓRIO M., no Livro I dos Reis, II, 41: PL 79, 107.
4. Do “Diário” de L. Naudet citado em BERTONI, 3, p. 237 s.

OS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS

241. O que são os Exercícios Espirituais

“Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio não são uma simples coleção de piedosas considerações, destinadas a favorecer o recolhimento interior e a devota conversação com Deus. Eles são um método orgânico e completo, com a finalidade de purificar, reforçar e consolidar uma alma, conduzindo-a, da fase do primeiro desapego do mundo, até à mais perfeita união com Deus”. (1)

Convencido da eficácia dos Exercícios, S. Inácio não pedia outra coisa senão o retirar-se por alguns dias, para conseguir, quer a conversão de grandes pecadores, quer o progresso na perfeição por parte de quem vive na mediocridade. Aos pregadores recorda que, quem não está convicto pessoalmente, não conseguirá persuadir os demais, pois pregadores só com boa oratória, não obterão fruto algum.

O fruto dos Exercícios depende, essencialmente, de dois fatores: a graça divina e nossa cooperação. Para obter a graça, é necessária a oração, pois só quem reza torna-se apto para receber o auxílio divino. Quanto à nossa cooperação, requer-se, antes de tudo, que entremos nos Exercícios com grande “abertura de coração”.

A abertura de coração acontecerá segundo a maneira como valorizamos nossa atuação, pois se trata de lançar as bases do crescimento espiritual, que nortearão a vida toda. Vale a pena reunir todas as forças do espírito para receber tal graça, removendo todos os impedimentos e cooperando com ela. A abertura do coração, depois se dilatará ainda mais, ao contemplamos o que podemos esperar de Deus. Coloquemos, portanto, grande esperança na bondade e liberalidade do Senhor, o qual, se vai à procura dos errantes e se preocupa com os fugitivos, muito mais saberá acolher os que, de boa vontade, se aproximam dEle, abraçando-os ternamente. Por isso, confiemos na clemência divina que, como suscita em nós bons propósitos,

concederá também a graça e as forças para realizá-los bem e com muito fruto, pois sua vontade é a nossa santificação (Cf. 1Ts 4,3). (2)

1. BARTOLI DANIELLO, “Vida de Santo Inácio”, L. 1, c. 16.
2. “Exercícios” e “Meditações”, MS 2174-2184. Pe. Gaspar utiliza bastante o “Directorium in Exercitia”, da Companhia de Jesus, Cf. CS I, p. 114.

242. Disposição para os Exercícios

Santo Inácio quer que façamos os Exercícios com ampla disponibilidade, desejando avidamente não só usufruir a doçura espiritual, mas entender a vontade de Deus a nosso respeito. Quer nosso desapego dos sentimentos das coisas terrenas, para endereçá-los unicamente a Ele. É sumamente necessário que, além do desejo de crescer espiritualmente, cultivemos a total aceitação da vontade de Deus, para poder decidir-nos, de uma vez por todas, a seguir o que ele inspirar. Por isso, não devemos iniciar os Exercícios com a determinação de não nos desfazermos do que for necessário. Deus é generoso com quem é generoso para com Ele. O demônio não ousa tentá-lo.

Além disso, não se deve pôr limites aos dons de Deus, desejando ser iluminados e auxiliados somente até certo ponto. Seria inconveniente que as criaturas se comportassem assim com o Criador. Isso seria altamente prejudicial, porque se privariam dos dons maiores, que Deus lhes poderia conceder. Com tal mesquinhez e ingratidão para com Deus, mereceriam não receber, nem mesmo o pouco que desejavam. É preciso, portanto, abrir o espírito, de modo a querer, com todas as forças, unir-se a Deus, a fim de ser, o mais possível, enriquecidos por Ele com os tesouros celestes.

Entre as disposições requeridas para obter um bom fruto dos Exercícios está também o empenho em observar algumas normas práticas e bem simples. Não ocupe o tempo com outras leituras. Apenas se dedique àquilo que diz respeito às meditações, procurando fazer com que as leituras sejam orientadas para a meditação. Não leia às pressas com a avidez de saber e de encontrar novidades, mas se fixe e pondere com atenção o que se lê, tornando próprios os sentimentos propostos. Grande engano é querer estudar nestes dias!

O que se disse da leitura, vale também para as anotações. Deve-se tomar nota somente do que se refere à oração. Em síntese, é necessário, antes de tudo, que seja salva a meditação e que tudo o mais lhe fique sujeito. (1)

1. “Exercícios” e “Meditações”, MS 2155-2196.

243. Como seguir Santo Inácio

Julgo que o melhor método para os Exercícios Espirituais, para cada um de nós, é aquele de seguir as indicações contidas no livro de S. Inácio.

Disse, para cada um de nós, porque, em relação a Deus nosso Senhor, é conveniente deixar toda a liberdade, sem condicioná-lo nem quanto à hora, nem quanto ao dia, nem quanto aos temas, nem quanto aos métodos. A meu ver, isso exige que, se a pessoa não está compenetrada de Deus, terá que se adaptar ao que está prescrito no livro dos Exercícios de S. Inácio. Por isso, terá que observar diligentemente horário, método, temas, ordem e tudo o mais que aí está contido.

Todavia, quando o Senhor atrai, não é oportuno dedicar-se a outras coisas, mas segui-lo pelo tempo que Lhe apraz. (1) Nestes dias, portanto, abandonemo-nos totalmente em Deus, como o exige S. Inácio, não estabelecendo limites ou objetivos ou tempos para nosso Senhor. (2) Com prudência e discrição seguiremos o Senhor. Ele sabe muito bem como deixar liberdade para outros caminhos, mesmo quando fora de regulamentos ou tempo. (3)

1. "Epistolário", p. 71; carta a L. Naudet de 04-06-1813.

2. O.c., p. 73; carta a L. Naudet de 06-03-1813.

3. id. p. 75.

A DIREÇÃO ESPIRITUAL

244. Uma garantia contra as ciladas

Quando o inimigo da natureza humana sugere a uma pessoa reta de coração suas astúcias e persuasões, quer e deseja que sejam mantidas em segredo. Na verdade, desagrada-lhe muito quando alguém as revela ao próprio confessor ou a um bom diretor espiritual, hábeis em conhecer enganos e maldades demoníacas, pois percebe logo que não poderá completar o trabalho começado, a partir do momento em que são descobertas suas tramas. (1)

O diabo abomina e sente demasiado ódio quando vê sua malícia descoberta, pois lhe faltará um terreno fértil para suas ciladas. Se uma pessoa sabe se precaver e manifesta a quem a um orientador todas as suas dificuldades, inclusive as mais ocultas, o demônio não encontra meio algum para prejudicá-la. A pessoa percebe que está sendo bem orientada e sente que pode caminhar com segurança quando ouve do diretor espiritual que isto é bom, mas aquilo é mau, que isto procede da virtude, mas aquilo da paixão desregrada, que agora não é o momento para tal atitude, mas depois o é. Então, acontece verdadeiramente o que está dito nos Provérbios: *"onde não há diretivas, o povo se arruína, a salvação se dá no amplo aconselhamento"* (Pr 11,14).

Pode também suceder que o diretor espiritual diga a alguém, o mesmo que seu pensamento já lhe estava sugerindo. Ora, isso é bom. Mas, quando as orientações são ditas por quem o Senhor nos colocou como guia e, portanto, provenientes do Espírito Santo, o melhor supera o bom. (2)

1. S. INÁCIO DE LOIOLA, “Exercícios Espirituais”, n.º. 326.
2. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3059-3068.

245. Confiar sempre em Deus

Quando se vê claramente o que se deve fazer, proceda-se com liberdade, confiando em Deus.

Se surgirem dificuldades que atinjam a consciência e até motivos para duvidar de que determinada ação possa, de algum modo, desagradar a Deus, se deve expor tais dúvidas e esclarecer tudo com um ministro de Deus que, a nosso modo de ver, esteja mais preparado em ciência, probidade e prudência. Confie-se sempre e plenamente em Deus que, quando necessário, jamais negará as luzes da sabedoria a seu ministro. É Ele que torna eloqüente a boca das crianças, para que possam falar bem dEle. Assim agindo, podemos estar certos de que seguimos as sapientíssimas inspirações do Espírito Santo: *“filho nada faças sem reflexão”* (Eclo 32,24). (1)

Para encontrar um diretor espiritual fixo é preciso implorar ao Senhor, pois só Ele conhece bem suas criaturas e sabe distribuir seus servos como, quando e onde quer. Se, porventura, depois de um certo tempo, for necessário trocar e encontrar um outro, Deus o fará surgir, ainda que devesse criá-lo propositalmente para isso.

Não deixe de rezar bastante, de procurar com esmero e avaliar sempre. O que pode parecer difícil, e talvez impossível para os homens, é totalmente viável e fácil ao nosso bom e onipotente Senhor. Basta que Ele queira algo, para que se concretize imediatamente. (2)

1. “Epistolário”, p.185: carta a L. Naudet, de 16-10-1825.
2. O.c., p.243 s.: carta a L. Naudet de 28-08-1828. Pe. Gaspar havia assumido, em 1811, a direção espiritual de L. Naudet e a das Irmãs da Sagrada Família; direção que ele se sentiu inspirado a deixar em maio de 1819. A serva de Deus voltou muitas vezes a insistir para que Pe. Gaspar repensasse sua decisão e retomasse o seu valioso trabalho. Mas, o santo permaneceu inamovível, como se constata em outro trecho da carta aqui apresentada (Cf. “Epistolário”, p.143 s.; “Bertoni 4”. p. 147 ss).

246. Responsabilidades do Diretor Espiritual

O diretor espiritual deve ser excelente mestre em ciência e experiência, assim como muito humilde, para não atribuir nada a si mesmo.

No que se refere a seus penitentes, tem que se esforçar para discernir a vida interior de cada um e compreender quais são seus verdadeiros objetivos. Será sempre diligente em reavivar o ardor neles com palavras da S. Escritura e exemplos dos santos. Ensine-lhes a desconfiar de si mesmos e a confiar unicamente em Cristo. Oriente-os para que ofereçam, também, sua máxima colaboração. Estimule a que abram o coração sem reservas, vivam na humildade e cultivem um sincero espírito de conversão e de penitência.

A um diretor prudente cabe, ainda, a tarefa de manter os olhos bem abertos de seus penitentes, para não caírem em eventuais erros e enganos. Mesmo que cheguem a um alto grau de perfeição, não estando, por isso, bem seguros, mas poderão correr sérios perigos se não forem muito humildes e mortificados: *“quem julga estar de pé, tome cuidado para não cair”* (1Cor 10,12). Além disso, ele mesmo tem que cuidar bem de si mesmo, para não incorrer no perigo de ser infiel à sua missão. Por outro lado, se por acaso alguém, por ele orientado, tiver necessidade de outro diretor mais apto às suas condições, deixará que escolha com toda liberdade. Por isso, não poderá se comportar como os maridos ciumentos, mas como os mestres sábios que, depois de terem cumprido a própria tarefa, entregam os discípulos a outros colegas.

Uma outra boa norma geral é a de submeter o pensamento pessoal ao juízo da Igreja. Ela é, em suas declarações, a regra para toda e qualquer avaliação e comportamento. (1)

Não deverei estudar muito para a direção de N.N., e sim estar em contato com a fonte da luz. Isto certamente me fará muito bem. Jamais deverei antecipar-me ao Senhor, mas segui-lo. Ele a ilumina e me sugerirá, mediante a oração, os meios para seu progresso e correspondência à graça. (2)

1. “Meditações sobre o I Livro dos Reis”, n.º. 23, MS 5861-5884.

2. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 175: anotação de 12-01-1811. É evidente que N.N. se trata da Serva de Deus L. Naudet: Cf. nota 2 do número precedente.

247. Pe. Gaspar: “Anjo do Conselho”

O sacerdote Gaspar Bertoni, homem de grande talento, egregiamente versado nas disciplinas literárias e ciências sagradas, eminente acima de tudo pela santidade de vida e pela virtude da prudência, pode ser, corretamente, chamado “Anjo do Conselho”. De fato, a ele recorrem todos aqueles que desejam um parecer preciso e prudente sobre os problemas mais complexos, especialmente quando se trata de fazer a escolha do estado de vida, pois têm certeza de que podem comportar-se de maneira sábia e correta ao moldarem as próprias decisões a seu conselho. (1)

Parece-me que seja exatamente o dom do conselho o sinal mais característico de santidade, daquele homem extraordinário, tanto em relação a si mesmo e suas decisões, como em relação aos outros. Além da perspicácia natural com que Deus o presenteou generosamente, parece-me que suas ações eram inspiradas e sustentadas pela luz do Espírito Santo. A doçura, a modéstia, a seriedade, a gentileza e a cortesia que acompanhavam cada ato, palavra e atividade de Pe Gaspar, eram frutos da serenidade e sabedoria que lhe prodigalizava o Divino Espírito, tornando-o instrumento apto na orientação das pessoas para a vida eterna.

Eis a maneira como sempre tenho visto Pe. Gaspar Bertoni. E, por causa de minha persuasão interior, recorri a ele nas dificuldades encontradas, para seguir o chamado divino e ingressar na Companhia de Jesus. Os conselhos daquele homem guiaram-me, em meio a múltiplos contratempos, sustentaram-me durante os inúmeros momentos de desânimo e deram-me forças nas perplexidades da vida. Por isso, sempre reconheci, como dom de Deus e de Pe. Gaspar, o imenso benefício de poder ter chegado ao porto da vida religiosa. (2)

1. Da “História da Casa de Provação veronesa” da Companhia de Jesus, SA , p. 647s.

2. De uma carta de Pe. Antônio Bresciani S.J. a Pe. João Maria Marani, datada de 17-01-1855; “Bertoni, 4”, p. 409.

PRUDÊNCIA CRISTÃ

248. Caridade e prudência

Nossa reflexão tem início na simplicidade, ou melhor, na caridade, que é o primeiro passo segundo o preceito evangélico “*sede simples como as pombas*”, para chegar ao passo seguinte, à prudência sutilíssima da serpente, que está no mesmo nível da caridade, “*sede prudentes como as serpentes*” (Mt 10,16).

Mas, onde se aprende a prudência celeste? E quem é que pode nos dar leis e ensinamentos? A S. Escritura no-lo indica a escola e o Mestre: “*Ele me introduziu em sua adega, e a sua bandeira sobre mim é Amor!*” (Ct 2,4). “*Ouve, filha, inclina o ouvido, esquece teu povo e a casa de teu pai. Que agrade ao rei a tua beleza*” (Sl 45, 11-12). Ao chegar a este ponto, a alma estará inebriada com o vinho da caridade. Vinho tão precioso que alegra, fortifica e leva a alma para fora de si, unindo-a a Deus e orientando-a de modo realmente perfeito.

A partir daí, o intelecto recebe uma luz de admirável sabedoria e divina prudência, capaz de julgar o que se refere a Deus, seja como efeito, seja como meio para possuí-lo no futuro e glorificá-lo no presente.

Assim, poderemos desenvolver sempre mais nossa caridade e centralizar todas as nossas energias na oração, obtendo as luzes necessárias para circunstâncias embaraçosas, quando se fizer necessário clarear o caminho a seguir. (1)

1. “Epistolário”, p. 56 s.; carta a L. Naudet de 26-01-1813.

249. Aconselhar-se e rezar

Não basta ser simples para santificar os outros. É necessária também a prudência. (1) A discrição é a rainha de todas as virtudes. Para dirigir os súditos com sabedoria é necessário distinguí-los bem um do outro. (2)

Quem exerce o cargo de superior deve pedir conselhos e a reflexão séria de seus colaboradores toda vez que tiver de tomar alguma deliberação nos compromissos, justamente em observância ao preceito que diz: “*não faças ostentação de sabedoria inoportunamente*” (Eclo 32,4). (3) Torna-se agradável ao Senhor quem ouve e, também, pede conselhos a homens sábios, prudentes e zelosos, interessados na promoção da divina glória. (4)

Ouvidos os conselhos da ponderada e perspicaz razão, nada impede que se submeta a tênue chama do raciocínio humano ao sol claríssimo da divina Sabedoria. Seria como se de nossa parte nada tivéssemos feito, reconhecendo que a origem de toda inspiração provem da fonte de onde, na verdade, imediata ou indiretamente, deriva. (5) Amadureçamos tudo na presença de Deus, rezando e pedindo orações para não retardar nem preceder a Providência. (6)

Ao que se vê bem claro, se dê continuidade. Onde há algum ponto obscuro, aguarde-se confiantemente a luz do alto. Organizemos bem a ordem das coisas e o modo de executá-las diante do Senhor, antes de apresentá-las às pessoas. Não tenhamos temor algum, pois o Senhor diz: “*eu te farei sábio, eu te indicarei o caminho a seguir*” (Sl 31,8). (7)

1. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 160, anotação do 23-09-1809.

2. O.c., p. 21: anotação do 18-07-1808.

3. “Constituições”, n°. 299

4. “Epistolário”, p. 100; carta a L. Naudet sem data.

5. Id.

6. O. c, p. 140, carta a L. Naudet sem data.

7. O. c, p. 104, carta a L. Naudet de 03-01-1814.

250. Tudo é vosso: vós sois de Cristo, Cristo é de Deus

Seria um perigo manter vínculos e ligações com alguém sob condição. Por outro lado, é sempre útil usar a liberdade para poder se valer do conselho, favor e auxílio de determinadas pessoas, ao menos por algum tempo e em certas circunstâncias. Coisa boa é não manter vínculos que obriguem a servir-se, sempre, das mesmas pessoas. Boa coisa é usar a liberdade para poder servir-se delas quando surgir uma oportunidade. Assim, evita-se o que pode ser prejudicial e não se é privado do que pode ser útil.

Portanto, do mesmo modo que procuramos evitar uma vinculação inoportuna, deixemos intacto e estreitemos, ao máximo, o vínculo da caridade, que de um lado, deve ser sempre mantido e, de outro, permanece completamente livre. *“Não fiquéis devendo nada a ninguém a não ser o amor uns aos outros”* (Rm 13,8). Nestas palavras de S. Paulo, o ensinamento mais válido no que diz respeito ao modo, medida e discrição com que devemos comportar-nos diante de qualquer um.

Deste amor e desta afeição, deriva o que escreve em outro lugar o mesmo Apóstolo: *“Paulo, Apolo, Cefas, o mundo, a vida, a morte, o presente, o futuro, tudo é vosso, mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus”* (1Cor 3,22). (1)

1. “Epistolário”, p. 112 s.: carta a L. Naudet de 05-06-1814.

251. O segredo dos santos

O Senhor nos conceda reconquistar plenamente o segredo dos santos. Através dele Pe. Gaspar e companheiros souberam conciliar tantas atitudes que, na visão humana, são totalmente inconciliáveis. Nossos primeiros padres, de fato, souberam unir:

1. A procura contínua da humildade, tida como característica de sua vida, com a fama eminente de santidade.
2. A penitência mais austera com a mais sincera alegria.
3. O desapego heróico e um verdadeiro espírito de pobreza nas despesas para a construção da casa e igreja, concluídas sem dívidas, e, ao mesmo tempo, sem parcimônia para a melhor adequação e decoro de ambas.
4. A disciplina, segundo a Regra, com a variada multiplicidade das ocupações.
5. A submissão mais completa, com o pleno desenvolvimento de cada uma das atividades dos confrades.
6. O constante estudo e trabalho, com a mais sólida piedade.

Tal harmonia representa, verdadeiramente, o segredo dos santos. Representa um mistério para o mundo e, exatamente por causa disso, manifesta o caráter divino das obras do Senhor. Este segredo é a preciosa herança que os primeiros padres nos deixaram. (1)

1. "Carta aos confrades", do Superior Geral, Pe. João B. Tomasi, aos 24-10-1916, por ocasião do centenário da Congregação Estigmatina.

HUMILDADE

252. Porque é necessária a humildade

A humildade é uma virtude que está situada entre dois vícios opostos: a soberba e o descontrolado desprezo de si. Assim, modera o ânimo de cada pessoa, para que, graças ao verdadeiro auto-conhecimento, não se eleve além do que é justo, deixando-se dominar pela soberba. Por outro lado, leva a pessoa a sempre se colocar no âmbito da razão ponderada, para não cair na auto-abjeção.

Ela é tão necessária, que Cristo disse: *"se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, não entrareis no Reino dos Céus"* (Mt 18,3). São Bernardo observa, falando da humildade - e afirmando que sem ela não se pode entrar no reino dos céus - que Cristo usa uma linguagem diferente daquela referente à virgindade: *"quem puder entender, entenda"* (Mt 19,12). A virgindade é apenas um conselho, enquanto a humildade é um preceito. (1) E quem és tu para pensar que humildade é apenas um conselho útil em vista da perfeição e não um preceito necessário para a salvação de todos nós? E por que achar que ela não obriga ninguém a vivenciá-la, uma vez que, se alguém não se tornar como uma criança, não conseguirá a salvação?

"Sede discípulos meus - diz o Senhor - porque sou manso e humilde de coração" (Mt 11,29), porque, sendo por natureza igual ao Pai, despojei-me de tudo assumindo a condição de servo (Cf. Fl 2,6-7). Não só me tornei como criança, mas me fiz súdito, por trinta anos, daqueles que eu havia criado. Fiz-me obediente e submisso ao Pai até a morte e morte de cruz. Eu vos dei o exemplo de humildade, para que assim como eu fiz, também vós o façais (Cf. Jo 13,15).

Cristo humilde; e nós, cristãos, soberbos? Jamais. Não pode subsistir um membro soberbo com uma cabeça humilde. Não nos fica bem o nome de cristãos, se não resolvermos abraçar a humildade. (2)

1. S. BERNARDO, "Homilias sobre o Mensageiro", 1, 5: PL 183, 59.
2. "Pregações à juventude", n.º. 1: "Humildade", MS 374-376. Pregação feita no dia 08-06-1800, quando Pe Gaspar era ainda diácono.

253. A humildade intelectual

A S. Escritura nos conduz à verdadeira humildade, desde o início, quando reconhece a majestade e a grandeza de Deus através de seu imenso zelo por todas as coisas criadas, sujeitando nossa vontade à sua: *“Ó profundidade das riquezas, da sabedoria e do conhecimento de Deus! Como são insondáveis os seus juízos e impenetráveis os seus caminhos! De fato, quem conheceu o pensamento do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro? Ou quem se antecipou em dar-lhe alguma coisa, de maneira a ter direito a uma retribuição? Na verdade, tudo é dele, por ele e para ele. A ele, a glória para sempre. Amém!”* (Rm 11,33-36).

Uma pessoa que conhece bem seus limites e dependência em relação a Deus, porque instruído, educado e formado por Deus, sabe também que a grandeza de nosso intelecto está em configurar-se com o projeto da sabedoria divina, manifestado em suas obras e palavras. Por isso, se torna importante a atitude de gratidão, pela qual se acolhem e se retêm as verdades que são possíveis entender, e nos livra da presunção de querer compreender outras que superam a capacidade natural de nossa mente.

No mais, apliquemo-nos a contemplar as maravilhas da criação. As criaturas tornem-se motivo de nosso louvor e oração. Diz a Sabedoria: *“de fato, partindo da grandeza e beleza das criaturas, pode-se chegar a ver, por analogia, o seu Criador”* (Sb 13,5). Saibamos, portanto, admirar, partindo das criaturas, como são imensos a sabedoria, o poder e o amor do Senhor. Se um indivíduo criterioso e perspicaz se aplicasse à consideração de cada coisa - aliás, não é necessário tomar cada coisa individualmente, mas, é suficiente começar por si mesmo - poderia contemplar, nas pequenas realidades, o imenso e inefável poder de Deus. (1)

1. “Meditações sobre o Gênesis”, n°. 3, MS 4653-4658.

254. Humildade e magnanimidade

Há quem pense que a humildade se oponha a generosidade e grandeza de ânimo, como se humildade fosse obrigada a evitar projetos elevados. É justamente o contrário.

Ela, de fato, reprime o desejo, não porque não se deva tender a realizações verdadeiramente arrojadas, dentro do razoável, mas para que se evitem atos contrários à razão. Por isso a magnanimidade impele o homem a grandes projetos, não contra a razão, mas de conformidade com ela. Toda pessoa é chamada a grandes realizações. Diz Deus no ato da criação: *“façamos o ser humano à nossa imagem e segundo nossa semelhança”* (Gn 1,26). E S. Paulo: *“ainda nos ufanamos da esperança da glória de Deus”* (Rm 5,2).

A natureza humana é muito mais tímida do que se possa acreditar. Existem duas virtudes que controlam a aspiração aos bens difíceis e ajudam-se mutuamente, como irmãs e companheiras indivisíveis. Uma, é a magnanimidade, que reforça o coração contra a excessiva timidez ou o risco de desespero, impelindo-o a buscar a verdadeira grandeza, de acordo com a razão. A outra, é a humildade, que modera e freia o espírito, para que possa tender a realizações maiores, sempre dentro da justa medida, ou sem a falsa presunção, que levaria a pessoa a perder o sentido real da grandeza, como o perderam Lúcifer e Adão.

A humildade e a magnanimidade, portanto, não se opõem entre si. É contrário à humildade visar a coisas elevadas confiando apenas nas próprias forças. Contrária à humildade é a vã e presunçosa soberba, com a qual os pecadores desejam glória e grandeza mundana. A Escritura alerta, dizendo: *“isso é vaidade e aflição do espírito”* (Ecl 6,9). A soberba torna o homem não superior, mas cheio de si, como um corpo inchado pela enfermidade. Não é, pois, contrário à humildade tender a realizações sempre maiores, confiando no auxílio de Deus.

Enfim, humildade é verdade, porque, como impede o homem de subir muito acima de si, assim também não o arrasta para abaixo de sua dignidade. Neste último caso provocaria o desprezo de si e o aviltamento. A humildade coloca o homem e o mantém em seu devido lugar. (1)

1. “Humildade”, MS 4365-4370. Trata-se de um texto transcrito nos MS juntamente com alguns já vistos (Cf. acima, nº. 87), sobre a Paciência. É bem provável que também esse tenha sido usado por Pe. Gaspar para suas Exortações domésticas, iniciadas em setembro de 1840. Leva-nos a pensar assim, o fato de que, na espiritualidade vivenciada nos Estigmas, a humildade, junto com a paciência, tinha papel proeminente (Cf. “Bertoni”, 6, p. 69).

255. O fundamento do edifício espiritual

Vejo muitas pessoas preocupadas em assentar pedras e blocos de fé solidíssima, levantar colunas e paredes de inquebrantável esperança, fabricar abóbadas magníficas de caridade, colecionar ornamentos das mais belas virtudes, plantar jardins onde a virgindade mais pura e o amor mais terno convidam o Esposo celeste a deliciar-se na tranqüilidade das avenidas repletas de sombra.

Que edifício lindo, luxuoso e delicioso! Mas, será que antes forma lançados alicerces proporcionais à construção tão magnífica, a fim de que possa estar em condições de suportar ventos furiosos que venham a se abater sobre ela? Houve, realmente, preocupação em tirar do coração a terra movediça da soberba, para torná-lo aberto à graça, visando a construir edifício sólido, com pedras da humildade no alicerce? (1)

Antes que o Senhor engrandeça muito uma pessoa, convém que a rebaixe bastante, porque é um arquiteto mais sábio do que qualquer hábil mestre de obras. Ele sabe cavar tão fundo quanto alto deve ser o edifício.

Peçamos ao Senhor que aumente em nós suas luzes, para que possamos reconhecer nosso nada e chegar até o fundo de nosso abismo. Então, um abismo chamará outro abismo (Cf. Sl 42,8), correspondendo o alicerce à altura do edifício projetado pelo Senhor.

Adoremos tão grande e sublime Senhor! Amemos quem se humilhou e se abaixou para nos amar. De que modo, e, até que ponto, devemos abaixar-nos para corresponder e imitar o aniquilamento com o qual ele se despojou para se unir a nós? A Ele a eterna glória, Ele que vive e reina por todos os séculos. (2)

1. "Pregações à juventude", n.º.1, "Humildade", MS 377.
2. "Epistolário", p. 115: carta a L. Naudet, sem data.

256. A humildade garante a autenticidade de toda virtude

Se, não se colocar a humildade como alicerce, as virtudes poderão ser ocasião de ruína, porque podem induzir ao desprezo orgulhoso dos outros. Embora se julgue estar no céu, na verdade há necessidade de uma graça extraordinária de conversão. É bem mais fácil que se converta um pecador confesso levado pela humildade de suas próprias quedas do que o pecador acobertado pelo manto de aparente virtude. (1)

As virtudes podem ser ocasião de soberba. A soberba, bem oculta e pouco percebida, tem que ser tratada em suas bases. A primeira raiz é a propensão ao pecado, ou seja, a concupiscência que, como triste mãe de todos os vícios, trazemos conosco. Esta pode, inclusive, favorecer muito, como um germe pestilento, o progresso das virtudes. Na fase inicial da soberba, as ações feitas por alguém não deixam de ser externamente boas. Não somente as ações externas são boas, mas o exemplo e a orientação dados aos outros podem ser ótimos. Pode acontecer que alguém ensine aos outros a humildade, praticando virtudes, enquanto ele mesmo, através dela, comece a se ensoberbecer.

Por isso, quando nos encontramos na mais alta perfeição, é preciso temer muito, porque os outros vícios se alimentam de atos maus e pecaminosos. Na verdade, à soberba, servem de alimento, assaz apetitosos, as virtudes como tais, e, além disso, as mais elevadas.

Senhor, concedei-nos desconfiar de nós mesmos e confiar em Vós! Virgem santíssima, imaculada, Vós que, preservada pela graça da vossa Conceição, fostes livre

da propensão ao pecado, livrai-nos, com a vossa intercessão, da raiz de todos os vícios, principalmente da soberba. (2)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 1, “Humildade”, MS 378.
2. “Meditações sobre o I Livro dos Reis”, n.º. 48, MS 6710-6739.

257. Humildade e fecundidade apostólica

“*Cristo Jesus assumiu a forma de escravo*” (Fl 2,7). Com imensa humilhação e aniquilamento, Deus obteve a sua maior glória e a nossa grandeza. Não só nos libertou do pecado, mas nos fez seus filhos, herdeiros do Reino.

Quaisquer forem os desígnios de Deus a meu respeito, Ele não fará em mim nada maior, que não tenha como princípio e fundamento minha humildade. Mesmo que eu queira ser alguém importante, nada serei. Todavia, se eu me propor ser simples, tornar-me-ei, diante de Deus, capaz de tudo.

O início de nossas grandes realizações começa pela humildade, ao dispor-nos a Deus para que se valha de nós e nos torne transparentes publicamente, operando, por nosso intermédio, projetos para a sua maior glória.

A humildade é caminho seguro. Ninguém se tornará pregador, se não for amadurecido pelo silêncio e não tiver adquirido profundas raízes de humildade, antes de se apresentar em público. Da humildade verdadeira nasce também a segurança para poder exercitar bem a autoridade, como diz S. Gregório. (1)

A humildade abarca toda a justiça, porque soluciona e supera qualquer tipo de direito e dever, dos quais o homem é devedor a Deus, ao próximo e a si mesmo. Fá-lo sujeitar-se a Deus por meio da religião, e ao próximo por meio da caridade. Submete o corpo à alma, e a alma a Deus. O humilde está em paz com todos. Ama os que o odeiam, abençoa os que o maldizem, faz o bem a quem lhe faz o mal, louva a quem o critica, honra a quem o despreza, vence inimigos com o ardor da caridade, tornando-os seus amigos e vingando-se de suas injustiças com a prática do bem. (2)

1. S. GREGÓRIO MAGNO, “Os Livros da Moral em Jó”, L.XXXI, c.1: PL 76, 571.
2. “Exercícios” e “Meditações”, MS 2478-2554.

258. “Baixinhos, baixinhos: buraquinho e toquinha”

Os verdadeiros justos conhecem bem a deformidade da soberba e da vanglória e as abominam horripelantemente. A um simples sinal destes vícios, a magnanimidade de seu espírito reage com grande temor e se sente mais revigorada pelas virtudes adquiridas e graças recebidas. Como os ricos e os mais poderosos do mundo temem a rapacidade dos ladrões - a soberba e a vanglória -, que os roubariam, deixando-lhes a casa vazia, num piscar olhos. (1)

Alegro-me convosco pela renúncia à mitra, ainda que se deva todo o agradecimento a quem vos ofereceu esta honra. Seguistes a palavra de Pe. Galvani: “baixinhos, baixinhos, buraquinho e toquinha”. (2) *“O Senhor salva os ânimos abatidos”* (Sl 34,19). (3)

Já que o Senhor vos concedeu a graça, muito maior que qualquer tesouro, de viver na humildade e na simplicidade, procurai manter-vos sempre no gozo desta felicidade. Na verdade, também aos homens deste mundo agrada encontrar sacerdotes humildes e mansos. Com isto obtereis mais frutos do que podeis crer ou imaginar. (4)

1. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 75; anotação de 17-11-1808.
2. O provérbio em dialeto lembra uma brincadeira de crianças, que chamavam o grilo do pequeno buraco ou toca onde havia se escondido. Era habitual na boca do Pe. Gaspar como convite à humildade e ao hábito de não se fazer aparecer. Pe. Nicolau Galvani (1752-1823), professor de Teologia Moral no Seminário, tinha sido padre espiritual de Pe. Gaspar. Muito ligado a ele e à sua obra, o fez herdeiro de seus bens, entre os quais a igreja e a casa dos Estigmas, onde teve início a Congregação Estigmatina.
3. “Epistolário”, p. 327; carta a Pe. L. Bragato, de 11-04-1848.
4. O. c, p.309 s., carta a Pe. L. Bragato, de 21-10-1835.

259. Humildade vivenciada: experiências e propósitos

No fundo do próprio nada se encontra Deus. Ao sentir coisas elevadas de Deus, um profundo conhecimento de mim mesmo. (1) Humilhe-se em tudo. (2)

Sentimento de grande amor à SS. Trindade por nos dar o Filho: ternura profunda para com o Filho-Jesus, associada à fé, muito viva. Grande desejo de união e de participação em seus sofrimentos e ignomínias. Pedido da graça de padecer e de ser desprezado por Ele. (3) Afeição sensível a Cristo, com desejo ... e conseqüente humilhação dolorosa. (4)

Quem julga estar de pé, tome cuidado para não cair” (1Cor 10,12). Humildade aliada a grande confiança. (5) Se formos chamados para especial grau de perfeição, cuidemos para não subestimar os que não nos querem seguir. Terão, talvez, igual ou maior mérito diante de Deus. Embora todos visem ao mesmo fim, nem todos, porém, usam dos mesmos meios. (6)

Se as nossas faltas pessoais fossem conhecidas e reveladas publicamente, como revelamos as dos outros, veríamos o quanto as nossas são mais graves, principalmente depois de tantas graças e tantas luzes recebidas. Se estas graças fossem dadas aos outros, eles seriam santos. (7)

1. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 39; anotação de 24-08-1808.
2. O. c, p.42; anotação de 05-09-1808.

3. O. c, p.55; anotação de 27-09-1808.
4. O. c, p.187; anotação de 24-06-1813; os pontos são do próprio texto.
5. O. c, p.37; anotação de 19-08-1808.
6. O. c, p.89; anotação de 20-12-1808.
7. O. c, p.34; anotação de 09-08-1808.

260. O exemplo de Santa Verônica Giuliani

Falar de Verônica Giuliani é falar de um novo S. Francisco de Assis, pois a filha retrata bem a virtude do pai. Ora, característica de S. Francisco é a humildade. Não qualquer uma, mas a eminente, a mais perfeita, a humildade de Cristo reproduzida fielmente em si mesmo. Assim foi a humildade de Verônica, retrato exato de seu Esposo crucificado.

Sua mãe, já moribunda, recomenda as cinco filhas sobreviventes às cinco Chagas do Crucificado. Coube a Verônica a do lado aberto. Desde a mais tenra idade, ela ouviu a voz de Jesus: esposa minha, a cruz te espera. Jamais se gloriou por causa disso. Ao contrário, dizia que era muito maldosa naquele tempo. E a mesma coisa dirá de si mesma, quando, por presságios, sobrevirão dons extraordinários e sinais de que nela foi cumprida a predição divina.

Verônica estava profundamente convencida de seu nada. Por isso, rogava freqüentemente a Deus para fazê-la conhecer sempre mais esse nada. Considerava-se a maior pecadora do mundo. Quem não a conhecesse e não soubesse quem era ela na vida real, se desse crédito às suas palavras, a teria tomado certamente pela maior pecadora do mundo. A mesma coisa costumava repetir para suas co-irmãs e noviças. Não fazia outra coisa senão recomendar-se a todos, pedindo por sua conversão, com tal fervor e convicção que parecia sentir extravasar o coração.

Como abadessa, escolheu os trabalhos mais árduos, procurando servir a todas, mesmo as co-irmãs externas. Fez de tudo para evitar a eleição ao cargo, colocando-se de joelhos para suplicar ao Bispo e ao Capítulo que evitassem - dizia - a ruína do mosteiro, ao confiá-lo a uma superiora indigna e inútil, espiritual e materialmente. Contudo, conforme as palavras do Bispo, ela estava à altura de governar até o mundo, pois todos recorriam a ela para pedir conselhos, em situações difíceis. Entretanto, por humildade, nada fazia sem o conselho de outros. Não usava palavras de ordem, mas de súplica, inclusive com operários e camponeses, ocultando seus dons e graças sobrenaturais, ou o que lhe pudesse acarretar honras. Não podendo esconder os Estigmas em seu corpo, dizia que certos dons eram concedidos por Deus, também aos pecadores, para convertê-los.

No momento da morte, pediu perdão aos presentes pelos escândalos dados e que rogassem à Virgem Santíssima para lhe conceder a salvação da alma. (1)

1. “Panegírico de Santa Verônica Giuliani”, 29-12-1839, MS 2163-2172. Bertoni compôs este panegírico por ocasião dos festejos para a canonização da santa, mas não pôde pronunciá-lo por motivo da saúde abalada. Encarregou, então, Pe. João M. Marani que, de acordo com ele, completou o texto, pois estava apenas esquematizado. O primeiro parágrafo do texto acima citado é de Pe. Marani (Cf. “Bertoni”, 6, p.14 ss).

261. A humildade de Pe. Gaspar

Nele a humildade era algo natural. Primeiramente, de intelecto, porque se considerava um grande pecador e ignorante. Por isso, dizia que não era uma pessoa para fundar Institutos religiosos. Se alguém o consultasse (e muitos o faziam), sua primeira reação era desculpar-se, perguntando-se com espanto, porque justamente ele! Em doze anos, jamais consegui tirar de sua boca uma palavra sobre seus estudos, escritos ou obras. Atribuía tudo aos outros. Daí, o porquê agradecia sempre a todos por qualquer serviço, procurando honrar a todos indistintamente. Daí, o porquê não querer abençoar sacerdotes, a não ser os seus. Assim, revestido de Cristo humilde, exalava o odor e a unção de Cristo. Percebia isso quem lhe estava ao lado ou ouvia suas palavras. (1)

Costumeira astúcia sua era retirar-se, para deixar aos outros a honra e a glória da obra, depois de acompanhar vários empreendimentos e fundações de homens e mulheres, ou levar uma iniciativa a quase atingir o fim, com sua ajuda. (2)

Pe. Gaspar repetia, muitíssimas vezes, a seus filhos, o que ele dizia ter, continuamente, ouvido do humilde e douto Pe. Nicolau Galvani: “baixinhos, baixinhos, buraquinho e toquinha”. (3) Antes de qualquer outro ensinamento, nosso Fundador sempre quis nos dar uma boa base de humildade, e nos manter nela. (4)

1. “Miscelânea Lenotti”, SA, p. 124 s.
2. O.c, SA, p. 134.
3. GIACOBBE GAETANO, O.c, SA, p. 548.
4. “Exortações domésticas” de P João B. Lenotti, CS III, p. 414.

POBREZA

262. O capital indispensável

Seguir a Cristo é o objetivo; o modo, a renúncia a tudo: *“qualquer um de vós, se não renunciar a tudo o que tem, não pode ser meu discípulo!”* (Lc 14,33). *“Se algum de vós quer construir uma torre, não se senta primeiro para calcular os gastos, para ver se tem o suficiente para terminar?”* (Lc 14,28) A torre a ser edificada é o seguimento de Cristo; a despesa e os materiais necessários são a renúncia. (1)

Para iniciar um empreendimento é necessário que se tenha alcançado grandes e heróicas virtudes. O capital indispensável para isso é a pobreza; depois, todas as outras virtudes. Logo, não se pode negligenciar as coisas mais simples, nem demorar demais para acolher as inspirações. (2) É importante que estejamos sempre preparados para enfrentar uma guerra santa contra o inferno. É necessária a humildade para atrair os auxílios do céu; é necessário o desapego de tudo para que o demônio não encontre em nós algo através do qual nos possa agarrar. (3)

A mesma coisa acontece a quem quer construir a torre da vocação consagrada. Urge um capital baseado: em grandes esforços para se viver em castidade e suportar o peso do ministério; em grandes renúncias, particularmente no que se refere a parentes e pertences pessoais; em grandes perigos, correndo-se o risco de perder a própria liberdade e a vida. (4)

As pessoas costumam procurar nas exterioridades, riquezas, honras e um certo prestígio e felicidade. Ora, isso se encontra unicamente no Reino dos céus, pois é nele que as pessoas vão conseguir prestígio e felicidade completa através dos bens concedidos por Deus. É por isso que o Reino dos céus foi prometido aos pobres em espírito: *“felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus”* (Mt 5,3). (5)

1. “Exercícios” e “Meditações”, MS 2529.
2. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 148 s, anotação de 23-07-1809.
3. O. c, p.153; anotação de 24-07-1809.
4. “Meditações sobre o I Livro dos Reis”, n°. 15, MS 5398.
5. “Pregações à juventude”, n°. 57: “As Bem-aventuranças”, MS 1285; PVC, P. 221.

263. A pobreza do Sacerdote

Um ministro do Evangelho tem, como capital inexaurível de riquezas e inúmeros bens, o serviço a Deus e à piedade. Segundo a promessa de Cristo, jamais faltará o sustento econômico desejado a quem tem o espírito moderado e satisfeito com o estritamente necessário para viver. *“Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão dadas pro acréscimo”* (Mt 6,33).

A condição do homem, em relação aos bens terrenos, é igual, desde o nascimento até a morte. Nasce nu e morre nu. Logo, não está destinado por Deus a acumular e enriquecer-se de bens, que depois deve deixar, sabendo que de nada servem para a vida futura. O desejo imoderado de enriquecer expõe as pessoas a muitas tentações, às quais se sentem presas como numa rede. Envolve-as em muitos desejos desordenados, que as lançam no abismo da morte e da perdição eterna. “Eu vos afundarei, para não me deixar afundar por vós”, é o celebre dito de um filósofo, que jogou suas riquezas no mar. (Poderia tê-las atirado em meio aos pobres, para torná-las mais úteis!).

O amor desordenado pelas riquezas é capaz de produzir todo tipo de males, até mesmo a perda da fé, como diz o Apóstolo: *“a raiz de todos os males é o amor ao dinheiro. Por terem-se entregue a ele, alguns se desviaram da fé e se afligem com inúmeros sofrimentos”* (1 Tm 6,10). É muito significativo o fato de que o Apóstolo recomende insistentemente a fuga da cobiça e avareza, a um homem como Timóteo. Isso porque, não há estado de vida sobre esta terra, até o mais santo, que não esteja exposto à infestação desta doença. De fato, ela pode afetar facilmente alguns daqueles que, por opção especial, são obrigados ao completo desapego das coisas terrenas, quando tentam conseguir vantagens pessoais. Ela é camuflada com o nome de “bem comum”, às vezes de “missão da Igreja” e de “glória de Deus”.

“Tu, porém, ó homem de Deus, fuge destas coisas” (1Tm 6,11). Eis o mais belo elogio e o incentivo mais adequado para um ministro sagrado! (1)

1. “Exercícios” e “Meditações”, MS 3740-3745.

264. Pe. Gaspar e a pobreza

O amor de Pe. Gaspar pela pobreza era enorme. Nada havia que mais temesse e procurasse manter longe de seus filhos do que o espírito de grandeza, a comodidade e a opulência. Através do exemplo e da palavra, lembrava-lhes a exigência de viver o espírito de pobreza e a pobreza efetiva. A alimentação, o vestuário, a mobília nos quartos deviam ser pobres. Numa palavra, tudo. Mostrava-se bastante cioso da pobreza e sempre temeroso de que aos poucos se introduzisse, em sua Congregação, o amor às riquezas, às comodidades e ao luxo. Abominava-o por princípio, procurando combater, imediata e severamente, qualquer sombra que dele aparecesse, não importasse o motivo. (1) Tornou-se voz comum que a vida de Bertoni e de seus companheiros, nos Estigmas, era muito austera. (2)

Por outro lado, jamais deixou de prover e comprar o que era absolutamente necessário para a saúde e bem-estar da comunidade. Quando a justiça, a prudência e a caridade o exigiam, mostrou-se sempre generoso e magnânimo.

Na ajuda aos pobres era tão generoso que parecia verdadeiramente pecar pela prodigalidade. Além das esmolas cotidianas, que eram sempre distribuídas na porta dos Estigmas para cerca de cinquenta pobres, costumava, com muita freqüência, socorrer pessoas necessitadas, que se dirigiam a ele para pedir auxílio. Muitas delas receberam somas elevadas de dinheiro.

Gastava toda a renda, que conseguia com as propriedades adquiridas pela Congregação, em reformas, plantações, restaurações das casas dos colonos e em inúmeras outras obras, quer no campo, quer na cidade. Proporcionava assim muitos

benefícios aos operários, que encontravam sempre trabalho em qualquer estação do ano, com excelente salário e comodidade para todos. (3)

1. “Miscelânea Lenotti”, SA, p. 175 s.
2. “Apresentação sobre as virtudes”, p. 200.
3. “Miscelânea Lenotti”, o. c.

265. Pobreza vivenciada: experiências e opções concretas

Desejo de imitar a Cristo na pobreza e nas agruras da pobreza. (1) Alegria com agradecimento, nas adversidades e nas conseqüências da pobreza real: e disposição para maiores opróbrios e sofrimentos, se aparecerem, para a glória de Deus. Esta atitude de espírito é a grande graça de que me considero completamente indigno. Louvado seja Deus! (2)

Os meus firmes princípios impedem-me de aceitar o presente, pela segunda vez oferecido a mim por Vossa Senhoria, e me obrigam a recusá-lo, mesmo depois da morte. No tempo devido, a senhora disporá dele, segundo o conselho prudente de quem vai lavrar seu testamento. Entretanto, jamais em meu favor e muito menos dos Estigmas, porque não aceitarei, e farei com que não o aceitem também meus companheiros. Faço questão de que eles assimilem tais princípios em profundidade, sabendo eu que, nestas circunstâncias, significam muito para a honra de Deus. (3)

Os Padres dos Estigmas, embora comovidos, agradeceram a piíssima testadora. Na verdade, por muitos anos serviram sempre gratuitamente à Igreja e à pátria, segundo suas forças, jamais pedindo ou aceitando retribuições, pensões ou legados de pessoas piedosas. Neste ponto, não poderiam abandonar o costume que lhes era peculiar. Contentavam-se, apenas, em receber o agradecimento expresso pelos Bispos e por seus concidadãos. (4)

1. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 70, anotação de 22-10-1808.
2. O. c. p.69; anotação do mesmo dia.
3. “Epistolário”, p. 365: carta à Sra Tereza Gamba, sem data.
4. O.c, p. 366: carta ao Reverendíssimo Administrador eclesiástico, de 13-05-1845. Convém recordar, a propósito, um fato eloqüente que causou admiração e agitação na opinião pública do tempo. Referimo-nos à renúncia de Pe. Gaspar e seus companheiros à considerável herança de Pe. Francisco Cartolari, deixada ao Conde Antônio, irmão do falecido. Depois de haver cumprido o ato formal de renúncia, Pe. Gaspar reuniu todos na capela doméstica, onde foi cantado o “Te Deum” em ação de graças ao Senhor, “que lhes havia concedido a graça de jogar fora de casa o lixo de Pe. Cartolari, para conservar apenas a herança de suas virtudes” (SA, Doc XVIII, p. 583; “Bertoni”, 6, p. 339 ss).

PUREZA

266. A virtude mais bela por excelência

Todas as virtudes são belas. Mas, à pureza se atribuem, por excelência, o decoro e a beleza, como escreve S. Tomás. (1)

Observemos. Toda pessoa humana é composta de corpo e espírito. Está como que entre os anjos, pois participa da inteligência deles, e entre os animais, com quem tem em comum a vida animal. Se a pessoa se eleva, através da ação da mente, é quase um anjo; mas se prefere obedecer à concupiscência da carne, que *“vem das paixões em conflito”* (Tg 4,1) dentro dele, torna-se quase um animal. Por isso, falando do ser humano que abandona o lugar sublime a que já estava elevado através da razão e do espírito, optando por satisfazer à carne, assim se exprime a Escritura: *“o homem na prosperidade não compreende, é como os animais que perecem”* (Sl 49,21).

Uma pessoa dissoluta tira a inteligência daquele nível superior, onde Deus a havia exaltado para dirigir e governar, e a coloca sob seus pés, fazendo-a servir às paixões. Por outro lado, permite que dominem e prevaleçam as paixões, destinadas por natureza a receber freios e leis. Que monstruosidade! Muitas pessoas, que elogiam atitudes escusas ou se orgulham das próprias ações pecaminosas, se aprendessem a olhar-se no espelho limpo, certamente pasmariam ao ter que reconhecer sua imagem monstruosa. Acabariam, certamente, por detestar o objeto de seus loucos devaneios e delírios.

Como é belíssima, ao contrário, a virtude da pureza, que resguarda a ordem e a dignidade da natureza humana! Graças a ela, é possível apreciar plenamente a excelência do ser humano, de quem fala, em termos muito elevados, o salmista, quando exclama, voltando-se para Deus: *“fizestes o homem só um pouco menor que um deus”* (Sl 8,6). É a pureza que o mantém em sublime superioridade, na qual foi constituído por Deus, sobre todas as criaturas visíveis. É próprio dela, o esplendor augusto que, como glorioso diadema, adorna a dignidade de um rei, de quem diz o mesmo salmista: *“de glória e de honra o coroaste. Tu o colocaste à frente das obras de tuas mãos. Tudo puseste sob os seus pés”* (Sl 8,6-7). (2)

1. S. TOMÁS, “Suma Teológica”, II,II, 152,5.

2. “Pregações à juventude”, n.º. 19: “A pureza de S. Luís Gonzaga”, MS 797-802; PVC, pp. 160-162.

267. Virtude angélica, é possível

Graças à pureza, é possível vislumbrar-se a imagem sublime da divindade, impressa nos seres humanos. Desta forma, pode-se afirmar: *“levanta sobre nós, Senhor a luz da tua face”* (Sl 4,7). Por obra da pureza, constrói-se, no coração das

pessoas, um templo vivo do Espírito Santo e o corpo de cada pessoa torna-se instrumento da glória de Deus, morada e repouso de Deus, conforme quis dizer S. Paulo: “*vosso corpo é templo do Espírito Santo que mora em vós. Glorificai a Deus no vosso corpo*” (1Cor 6,19-20). Enfim, é ela que torna o homem amável aos olhos de Deus, amigo dos Espíritos imateriais e celestes, estimado pelos seres humanos e temido por seus adversários.

Alguém poderá dizer: admito que os santos tenham conseguido viver a pureza, tanto quanto os mais difíceis conselhos evangélicos; eu, porém, acho impossível observar bem qualquer um dos mais simples preceitos.

Tal como se apresenta, esta afirmação é inaceitável, tendo sido reprovada pela Igreja como se fosse herética. Procuremos esclarecer a questão. Se ela tem o sentido de dizer que não se pode ter “*um corpo sem mancha*” (Sb 8,20) sem a luz da Sabedoria divina, está correta. Tenha-se em mente, entretanto as palavras do Concílio de Trento: “o homem deve realizar aquilo que pode e pedir aquilo que não pode”. (1)

Nem mesmo os santos puderam realizar obras somente com os próprios esforços. Necessitaram sempre da graça, que Deus jamais nega a quem a pede perseverantemente na oração. Aliás, está prontíssimo em concedê-la, deixando mais leve o peso e mais suave o jugo da lei divina, que, aparentemente, parece superior às forças débeis de nossa frágil natureza. (2)

1. Concílio de Trento, Sessão VI, c. 11, Denz. 1536.

2. “Pregações à juventude”, n.º. 19, “A Pureza de S. Luís Gonzaga”, MS 803-817; PVC, p. 162 s. e 167 s.

268. Bem-aventurados os puros de coração

Vamos, agora, aprofundar um pouco mais esta virtude, para descobrir sua excelência e grandeza. Desta forma, poderemos também desfrutar da paz, tranqüilidade e alegria de que a alma, pura, goza interiormente. Para deixar mais clara tal, embora oculta, muito nos ajuda a comparação com o que lhe é totalmente contrário.

Tomemos como exemplo uma pessoa dominada pela paixão desregrada. De imediato, verificamos que seu coração vive subordinado a inúmeros esforços, angústias e preocupações. Seu interior é como que uma cidade em que tudo é confusão, desordem e tumulto. Outras paixões, como um grupo de revoltosos e bandidos, assaltam a razão com ímpeto alucinado e violento, dela judiando de todos lados, e impondo-lhe um domínio avassalador. O templo de Deus torna-se trono do pecado, que despoja o espírito de suas defesas, e tira-lhe toda esperança de poder

livrar-se. E a vontade, dilacerada por cruéis remorsos, se abandona nos braços de uma desesperada desolação.

Num espírito casto e equilibrado, ao contrário, verifica-se a expressão do salmo: *“fez reinar a paz nas tuas fronteiras”* (Sl 147,14). Nele a vontade reina quase como rainha, soberana e terna ao mesmo tempo. As paixões, submissas a seu governo, ordenadas e orientadas pela forte proteção das virtudes, ajudam a aumentar a glória de quem, com tanta sabedoria, as freia e guia. A harmonia perfeita e equilibrada de todas as faculdades do espírito envolve com suavidade, concórdia e satisfação, tudo o que faz. Aí, nenhum inimigo penetra, para perturbar a calma, porque foi antecipadamente atacado e rechaçado. A segurança e o testemunho fiel de uma consciência em paz proporcionam alegria, até mesmo aos ossos, e preparam para o coração, um perpétuo banquete, repleto de satisfações.

A esperança, confortada pela experiência de inúmeras consolações prodigalizadas por Deus, abre, a toda pessoa pura, a porta feliz do céu. Assim, pode-se contemplar a coroa futura e usufruir amplo gozo e imutável felicidade enquanto se caminha aqui na terra: *“felizes os que caminham na lei do Senhor”* (Sl 118,1). (1)

1. “Pregações à juventude”, n°.19, O. c, MS 804-811; PVC, p. 163-166.

269. Um tesouro a ser defendido

Urge, antes de tudo, manter o corpo sob controle, pois nele se encontra a primeira raiz das desordens contrárias à pureza. Querer a castidade e não o rigor é querer a vinha frutífera e não a cerca de espinhos. Quanto mais se extirpam as tendências animalescas do corpo, tanto mais se cresce espiritualmente. Se a mortificação e o jejum são evitados - há cristãos que não observam nem mesmo o que é prescrito - como será possível, depois, manter-se puro?

É necessário ao espírito primeiramente a meditação das realidades divinas, especialmente dos bens e dos males que estão reservados para o futuro segundo o empenho de cada um. Em seguida, a leitura da Bíblia e de livros espirituais. *“Ame o estudo da Escritura - sugere S. Jerônimo - e não amarás os vícios da carne”*. (1) É necessária, também, a oração humilde, não só no momento da tentação, mas feita habitualmente: *“desde que percebi que não conseguiria ser casto, senão pela graça de Deus - afirma Santo Agostinho - aproximei-me do Senhor e rezei muito do fundo do coração”* (Cf. Sb 8,21). (2)

O estudo das ciências ajuda muito. O ser humano, quando descobriu o trigo, deixou a lavagem para os porcos. De fato, através do estudo, consegue-se não só libertar a mente das tentações impuras, mas também dominar o corpo. Ou, pelo

menos, combate-se o ócio, aliado da impureza. Não apodreceriam as águas nos pântanos e nem as almas nos prazeres, se o ócio fosse eliminado. (3)

1. S. JERONIMO, “Carta 125 a Rústico”, 11: PL 22, 1078.
2. S. AGOSTINHO, “Carta 157, c. II, 9”: PL 33, 677.
3. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3596-3605.

270. Pureza e relacionamentos pessoais

Atenção ao relacionamento com as pessoas. O ser humano é social por natureza. Todavia, esta carrega a fragilidade da corrupção e, como tal, está exposta a sofrer danos até mesmo quando usa de algo que, em si, tem por finalidade um prazer justo.

Não é verdade que o primeiro engano entrou no mundo pelos olhos? “*A mulher viu que seria bom comer da árvore, pois era atraente para os olhos e desejável para obter conhecimento. Colheu o fruto e comeu dele*” (Gn 3,6). E, pelos olhos, continuaram a entrar muitos outros, como os ladrões pelas janelas. Isto apenas por causa de um demorado e incauto olhar, que, depois, gerou lamentações a muitas pessoas pelo resto da vida. O que dizer, então, de uma conversação imprudente e prolongada, que é quase como que um adormecer à beira do precipício?

Este perigo é maior ainda quando se dialoga familiarmente com pessoas devotas, porque se costuma pensar que exista menos perigo. Quantas vezes, sob a aparência de salvar uma alma, se perderam duas! O mel da devoção é pegajoso.

Em tudo, mesmo quando a prudência não pareça ser exigida como precaução para evitar os perigos, ela permanece sempre necessária para defender o bom nome. Diz S. Paulo: “*procuramos fazer o bem não somente diante do Senhor, mas também diante dos outros*” (2Cor 8,21). A consciência limpa é uma prova que pode ser suficiente para nós, mas não para os outros. São dois elementos bem distintos: a consciência e o bom nome. A consciência é necessária para nós, enquanto o bom nome o é para o próximo. (1)

1. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3606-3615.

271. Varias formas da pureza cristã

A primeira, comum a muitíssimos membros da Igreja, é a castidade conjugal que a Escritura louva com inúmeros elogios: “*o matrimônio seja honrado por todos*” (Cf. Hb 13,4). Os esposos cristãos são aqueles que possuem, como se nada possuíssem, e usam do mundo como se não o usassem, não colocando nele seu fim último (Cf. 1Cor 7,29ss). Ao permanecer dentro dos limites do lícito e do honesto, se abstêm do simples desejo do que é desonesto e ilícito, conforme a orientação de São Paulo:

“ocupai-vos com tudo o que é verdadeiro, digno de respeito ou justo, puro, amável ou honroso, com tudo o que é virtude ou louvável” (Fl 4,8).

A segunda é a continência da viuvez. As viúvas merecem, segundo São Paulo, um especial louvor e respeito, desde que sejam verdadeiramente viúvas, evitando os prazeres dos sentidos, não só quanto ao corpo, mas também com o coração (Cf. Tm 5,3). São elas que mantêm a paz nas famílias, permanecem noite e dia em oração, tornam-se mestras da castidade e repletas de boas e virtuosas obras.

A mais nobre e excelente forma de pureza é a virgindade. Através dela brilha muito abundantemente a luz da pureza. Pena é que, algumas pessoas, mesmo sendo perfeitas e merecedoras de todo o louvor junto aos seres humanos, por causa da virgindade, entretanto, não o são diante de Deus. Ainda que tenham renunciado às núpcias terrenas, pouco ou nada se preocupam em aspirar às núpcias celestes para se unirem a Deus através da oração assídua e da amorosa contemplação. É esta contemplação - segundo S. Paulo - o fim para o qual é ordenada a virgindade (Cf. 1Cor 7,32-35). Há ainda outras pessoas que, mesmo tendo oferecido a Deus os frutos mais saborosos e as flores mais belas da pureza, retêm para si a posse da planta, não chegando a consagrar a Deus sua vontade, mediante o voto.

No vértice de todas estas formas, se colocam os que, professando o voto de castidade, *“seguem o Cordeiro aonde quer que vá”* (Ap 14,4). Parece-me que com isso, atingiram o ápice desta virtude. De fato, a que meta mais sublime podem aspirar pessoas que, vivendo no mundo, não mais vivem segundo a carne, mas, em tudo segundo o espírito? Isto supera todo e qualquer esforço da natureza humana, pois só pode ser obra da graça: *“nem todos são capazes de entender isso”* (Mt 19,11). (1)

1. “Pregações à juventude”, n.º. 30: “A pureza de Maria”, MS 1104-1108; PVC, pp. 303-325.

272. Modéstia: o culto do decoro

Muita atenção se deve ter quanto ao comportamento exterior, regrando-o à luz não só da postura pessoal, mas também das circunstâncias de lugar, das atividades e das pessoas com as quais se convive, conforme o modo com que a Escritura qualifica os santos, louvando-os porque *zelosos na busca da beleza*” (Eclo 44,6). Busca da beleza significa: tratar cada um, de tal modo que nos gestos nada haja que ofenda o olhar de outrem, e tudo seja feito conforme a santidade cristã.

Quanto à aparência exterior, como adornos, objetos de uso comum e outros semelhantes, que todos sejam simples, de modo a evitar o desperdício e a intenção de vanglória. Evite-se, também, todo descuido, que leve ao desleixo e à apresentação desmazelada da pessoa, para que em tudo transpareça uma postura adequada. Evite-se também toda ostentação que pode se encontrar até no desalinho; ela é tão

perigosa que pode se apresentar, às vezes, até sob o pretexto de serviço a Deus. Tudo tem que ser simples e decoroso, inspirado na pobreza e, ao mesmo tempo, de acordo com as ocupações que se desenvolvem, com o devido respeito às pessoas com as quais se convive. (1)

Quem almeja um recolhimento interior, deve buscá-lo na modéstia exterior, não se distraindo com olhares, nem se movimentando inconvenientemente. (2) Nosso andar deve ser pausado e modesto, jamais apressado e afetado. (3)

1. “Constituições”, n°. 128-137.
2. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 95: anotação de 04-01-1809.
3. O.c., p.94; anotação do mesmo dia.

273. Castidade consagrada e caridade

Os missionários apostólicos procurem, com o máximo empenho possível, atingir a perfeição da castidade, que convém a pessoas que exercem um múnus angélico. Sejam de fato representantes de Cristo Nosso Senhor, cuja alma esteja unicamente desposada com Ele. Como diz o Apóstolo, a pessoa deve ser apresentada a Cristo como Virgem casta, pura de mente e de corpo (Cf. 2Cor 11,2). (1)

O que adianta frear o corpo com a continência, se a alma não sabe lançar-se, com caridade, para o próximo? Nada vale a castidade do corpo se não for acompanhada pela suavidade de espírito. (2)

Em uma alma, na qual entra a caridade, bane-se a sensualidade. (3) Com a finalidade de guardar a castidade tenham todos suma diligência em aproximar-se freqüentemente e com a devida disposição aos sacramentos da confissão e da comunhão. Dediquem-se freqüentemente à prática da oração e da meditação. (4)

1. “Constituições”, n°. 109.
2. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3106.
3. “Diário Pessoal” [Memorial Privado] p. 35: anotação de 17-08-1808.
4. “Constituições” n°. 118 e 110.

AUTORIDADE E OBEDIÊNCIA

274. A Autoridade é serviço

“Sabeis que os chefes das nações as dominam e os grandes fazem sentir seu poder. Entre vós não deverá ser assim. Quem quiser ser grande entre vós seja aquele que serve” (Mt 20,25-26) Na Igreja alguns são constituídos como autoridade para servir os fiéis e ser seus ministros, segundo os conselhos de Cristo. Por isso devem procurar o bem dos outros, mesmo às custas de renunciar aos próprios interesses, a

ponto de se necessário estar prontos a dar a vida por eles. São Paulo podia declarar de si mesmo: *“quanto a mim, de muito boa vontade me gastarei o que for preciso e me gastarei inteiramente por vós”*. (2Cor 12,15)

São Pedro exorta os anciãos a apascentar o rebanho de Deus, *“não como dominadores daqueles que lhes foram confiados, mas antes como modelos do rebanho”* (1Pd 5,3) Os tiranos tripudiam sobre os outros e procuram dominá-los. O ministro de Cristo não deve ser, por razão alguma, um dominador. E tomará cuidado para não ser de peso à comunidade dos fiéis, que é povo de Deus. À vontade de domínio se opõe o esforço para dar exemplo. Será, antes de tudo, mediante o exemplo de uma vida santa, que o ministro exercerá sua autoridade. Procurará tornar-se, para todos, mestre e modelo de virtudes, oferecendo, com sua vida um espelho refletindo excelentes obras, nas quais possam, facilmente, basear-se os que desejam fazer o bem. (1)

Visto que espírito de dominação, de imposição e qualquer sinal de ambas é reprovável, todos evitem qualquer desejo de impor-se aos outros e de todo modo de dominação. Se alguém for obrigado a tornar-se superior, procure não impor, mas indicar o que deve ser feito, e todos prestem serviço uns aos outros. (2)

1. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3564-2568.

2. “Constituições”, n°. 195.

275. Primeiro dever de um Superior de Comunidade

Quem é Superior em uma comunidade deve apresentar-se a todos como modelo, realizando em si a norma de bem viver retamente, da forma mais perfeita possível. Não basta que seja proeminente pelo cargo e a posição, mas procurará sê-lo, sobretudo, pela virtude e pela piedade. (1)

Seu primeiro cuidado, através de sua oração e santos desejos, seja o de carregar a comunidade em seus ombros. (2)

Por isso o Superior saiba examinar se, verdadeiramente, cuida para manter a casa de Deus a ele confiada, ou se há negligência, descuido ou desinteresse. Faça uma avaliação se na oração manifestou fervor sincero, se soube recorrer insistentemente à bondade de Deus, como Ele deseja, convencido de que vale mais uma palavra dita ao Senhor na oração do que muita loquacidade sem ela.

Examine-se ainda se nutriu santos desejos, puros e inflamados de zelo pela glória divina, que pudessem agradar a Deus e atrair sua onipotência. Enfim, querendo progredir como é necessário, averigüe se a oração e os santos desejos, para o bem e o crescimento da Igreja, imitam a oração e os desejos santíssimos do Coração de Cristo,

mortal e sofredor neste mundo, glorioso e imortal no céu e na Santíssima Eucaristia, para o bem e o crescimento de sua Igreja.(3)

1. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3570.
2. Esta fórmula é tirada das Regras da Companhia de Jesus.
3. “Epistolário”, p. 65: carta a L. Naudet, sem data.

276. Caridade e firmeza nos casos difíceis

Não nos deixemos perturbar pela presença, na comunidade, de algum indivíduo que crie dificuldades. Se o mal é curável, administre-se o remédio com toda a caridade e paciência. Se o tratamento não é aceito, com diligência e prudência tome-se a providência para que deixe a casa. Poucos indivíduos, mas bem intencionados, farão mais que um grande número de lânguidos e incorrigíveis. (1)

Se o indivíduo não quer sair por bem, o que seria ideal, que se vá, então, a contragosto: primeiramente, porque osso fora de lugar sempre causa dor e, não podendo viver em paz, não deixa que os demais o vivam; em segundo lugar, acalmado o ressentimento, poderá reencontrar a paz; em terceiro lugar, porque se é desequilibrado, será reconhecido como tal também por todos.

Procure-se por ocasião da saída, usar boas maneiras com o indivíduo. Mesmo que no momento ele não saiba valorizá-las, recordar-se-á delas depois, e falará bem da comunidade. Todavia, quando é urgente agir, não se adie a saída. A dor e a amargura que provocarão, à saída, não é comparável ao que causaria, se permanecesse. É como quem tem o dente estragado; extraíndo-se o dente, elimina-se também a dor. Que se vá com Deus, com as melhores boas maneiras.

Rezemos ao Senhor para consolar os que ficam, cuja aflição é certamente compreensível. Com altos e baixos, acertos e falhas, se prosseguirá nas pegadas dAquele que nos precede com a cruz às costas e continua a nos convidar: *“se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz, cada dia, e siga-me”* (Lc 9,23). (2)

1. “Epistolário”, p. 234 s.: carta a l. Naudet, sem data.
2. O.c., p.242; também sem data.

277. Quem vos ouve a mim ouve

Cristo fez-se obediente por nós e humilhou-se até à cruz. A obediência é o caminho seguro, é o atalho para a perfeição. Busquemos o merecimento da obediência perfeita. (1)

Quando uma alma se faz dócil aos superiores, mesmo tendo opinião própria, é seguramente conduzida pelo Espírito de Deus. “*Quem vos escuta é a mim que está escutando*” (Lc 10,16). (2) Para quem não tem superior, mas é o superior, o voto de obediência leve seu espírito a uma total dependência de Deus em todas as coisas. (3)

Diante de uma ordem, que fosse manifestamente contrária à lei divina, ou eclesiástica, ou à regra do Instituto religioso, cada um sintá-se obrigado a obedecer a Deus antes que aos homens (Cf. At 4,19). (4) Se na execução de uma ordem legítima surgisse um impedimento verdadeiro, ou que ao menos se julgue tal, ou dele se duvide com fundamento, com humildade se apresente o caso ao superior, deixando-lhe a decisão. (5)

Em todos os outros casos, a obediência deve ser total, imediata, decidida e humilde, com a perfeita abnegação da própria vontade e da própria opinião. (6)

Cada um, pois, se acostume a deixar-se guiar habitualmente pelo conselho e pelo juízo dos superiores. (7)

1. “Exercícios” e “Meditações”, MS 2188.
2. “Meditações sobre o I Livro dos Reis”, n.º. 35, MS 6309.
3. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 92; anotação de 23.10.1809.
4. “Constituições”, n.º. 141.
5. O.c., n.º. 144.
6. O.c., n.º. 141.
7. O.c., n.º. 151.

278. Qualidade da Obediência

Existem alguns que obedecem, não por amor a esta virtude, mas exclusivamente para tranqüilizar-se em seus temores. Por isso, nas coisas contrárias a seu modo de pensar contrapõem-se fortemente a seus superiores. (1)

Todos obedeçam ao próprio superior como a Cristo. (2) Deve-se procurar obedecer não só exteriormente, mas também conformar a vontade e o próprio pensamento às disposições dos superiores. (3)

Quanto à vontade, a intenção da obediência deve ser pura, cumprindo-se o preceito e a vontade do superior, que é a vontade de Deus realizada naquela e por meio dela. A obediência seja, ainda, espontânea, de modo que se obedeça de boa vontade e com suma diligência. Finalmente, a obediência seja alegre e expresse satisfação espiritual; seja executada com ânimo forte e perseverante, com toda humildade de espírito. (4)

Quanto ao intelecto, cuide-se que a obediência seja totalmente simples, vindo no superior não tanto o homem, quanto o próprio Deus, recebendo o preceito não como algo humano, mas como sinal proveniente de Deus. (5)

Ninguém construa planos para ser enviado a este ou àquele lugar, mas se deixe conduzir pela obediência, embora não haja mal algum em mostrar prontidão e disponibilidade. Isaias se ofereceu e Jeremias se escusou. Todavia, nem Jeremias se recusou a Deus que o mandava (Cf. Jr 1,6 ss.), nem Isaias pretendeu ir antes de ser purificado com o carvão ardente tirado do altar (Cf. Is 6,6-8). (6)

1. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 9: anotação de 01.07.1808, que se inicia o diário pessoal de Pe. Gaspar.
2. “Constituições”, n.º. 139.
3. O.c., n.º. 140.
4. O.c., n.º. 146-148.
5. O.c., n.º. 149.
6. O.c., n.º. 186.

279. O sinal dos sinais

As obras de Deus são perfeitas. Deus garante a autenticidade da vocação ao ministério principalmente por meio de três sinais. O sinal de que outros são confirmados é a plenitude do Espírito Santo, com a qual se recebe a graça da palavra, o gosto e, ao mesmo tempo, o efeito da caridade, que é o amor à palavra. O sinal da plenitude é a humildade em grau elevado. O sinal da humildade em grau elevado é a obediência perfeita, o sinal dos sinais, o selo de todos os testemunhos.

A forma da obediência perfeita se atinge, quando, em tudo o que fazemos exteriormente, temos o olhar fixo em Deus, onipresente. Assim, através do exercício da obediência, obtém-se a garantia da retidão do agir, do incremento da fé e da devoção. Age-se retamente, por que o empenho da obediência é orientado para Deus sempre presente em nós. Aumenta-se a devoção, porque nos esforçamos em agradar a Ele, que, vendo nosso esforço, prepara-se para dar-nos a recompensa no céu.

As Escrituras ensinam a obedecer. *“Tudo o que outrora foi escrito, foi escrito para nossa instrução, para que, pela constância e consolação que nos dão as Escrituras, sejamos firmes na esperança”* (Rm 15,4) A constância e a consolação são companheiras da obediência; a esperança é como a flor, o fruto é a vida eterna. (1)

1. “Meditações sobre o I Livro dos Reis”, n.ºs. 39 e 51, MS 6431-6441 e 6818.

280. Autoridade e Obediência no exemplo de Pe. Gaspar

O superior dos Estigmas, homem de muito tino e piedade, sabe orientar sua comunidade com tal suavidade de maneiras e com tal firmeza, que um só espírito anima a todos e uma só vida, por assim dizer, permeia todos. (1)

Em seus compromissos, fossem importantes ou menos significativos, Pe. Gaspar não deixava de consultar os companheiros mais idosos. Embora fosse pai e fundador deles, respeitava seus conselhos, como se fosse um inferior e o menor deles.

No que diz respeito à obediência para com seus superiores, em particular os Bispos, era jovial e pronta. Uma única palavra era, para ele, uma ordem, que sempre seguia, mesmo quando inúmeras razões contrárias pudessem ser apontadas. Embora fossem árduos os encargos a ele confiados, sujeitava-se respeitosamente a eles, confiante, para sua execução, no auxílio e na graça de Deus. Mesmo em condições de saúde abaladas e séria enfermidade, levava a cabo muitas incumbências a pedido dos superiores.

À luz de seu grande amor à obediência e da forte motivação de fé, via Deus na voz e na pessoa do Superior. Daí, é compreensível o zelo com que procurava estimular à prática daquela virtude, também as pessoas que ele dirigia e aconselhava. (3)

1. LUIS SCHLÖR, "Filantropia da fé", citado em SA, p. 666.
2. GIACOBBE GAETANO, O.c., SA, P.495.
3. O.c., SA, P.556 s.

BOM USO DO TEMPO

281. O tempo não volta mais

"Que bem aproveitem o tempo presente" (Ef 5,16). O tempo não volta mais. Por isso é preciso usá-lo com grande diligência. (1)

Ordem na afeição, ordem no tempo. Primeiro servir a Deus e louvá-lo, depois qualquer outra coisa. Primeiro a alma, depois o corpo. Primeiro o esforço para a perfeição espiritual, depois as várias ocupações. *"Sobretudo, revesti-vos do amor"* (Cl 3,14)

Horários bem distribuídos. Não se devem fazer as coisas ao acaso. Fazer as coisas ao acaso é sempre um mal, ensinam os mestres espirituais. Por exemplo: existem alguns que fazem uma determinada coisa, não porque seja o momento de ser feita, mas porque sentem capricho em fazê-la. Assim, se em outra ocasião não sentem o mesmo capricho, ou não a fazem ou a fazem mal. Tais pessoas começam o dia sem saber o que vão fazer e o terminam sem saber o que fizeram. Por isso, um dia fazem, outro não, um dia de um modo, outro dia de outro, uma vez isto, outra aquilo, uma

vez menos, outra mais, uma vez tudo, outra vez nada. Sem método e sem ordem, agem segundo a leviandade pessoal.

É preciso, pois, estabelecer um princípio fundamental: que todo cristão, e mais ainda uma pessoa consagrada, deve distribuir as horas do dia de modo que não haja qualquer parcela de tempo, que não seja bem empregada. O tempo é dom precioso. Deus no-lo deu para que façamos bom uso dele, utilizando-o para a vida eterna. Mas não se fará bom uso se não se estabelecer um método de vida, e se para cada uma das atividades não se fixar um tempo determinado. Não desperdiçar, nem mesmo, uma pequena parte do grande dom (Cf. Eclo 14,4).

Não basta ouvir. Não é suficiente ter lindos projetos na mente. Não basta, nem mesmo, um método escrito. É preciso ação. Não nos fiemos dos bons desejos. Ação, ação! Mediante as boas ações *“cuidai cada vez mais de confirmar a vossa vocação e eleição”* (2Pd 1,10). (2)

1. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p.23: anotação de 24.07.1808.

2. “Retiros aos Acólitos”, MS 4450-4456.

282. Atenção com a preguiça

“Não esmoreçamos na prática do bem, pois no devido tempo colheremos os frutos, se não desanimarmos. Portanto, enquanto temos tempo, façamos o bem” (Gl 6,9s) Se pudermos dizer que já estamos comprometidos, não desistamos do bem iniciado. Se não estamos ainda comprometidos seriamente, não retardemos o tempo para começar. Visto que, tanto a desistência, quanto o adiamento, geralmente, é consequência da preguiça, precisamos nos precaver contra ela.

A preguiça é uma forma de tristeza, um tédio, um torpor mental que abate o espírito, de modo que ele não tem vontade de fazer ou dar início a boas obras. Isto acontece especialmente nas coisas espirituais, com relação à glória de Deus e à salvação das almas, pelas quais o preguiçoso experimenta um certo fastio. A preguiça se opõe à alegria espiritual, que nasce da caridade e se satisfaz com Deus e com as coisas divinas. Ela torna o homem a pior e a mais inútil de todas as criaturas, até mesmo em relação às inanimadas. Na verdade, todas as criaturas cumprem as tarefas a elas confiadas por Deus, sem perder tempo. A preguiça coloca o homem no risco de perder os bens eternos, porque tira as forças necessárias para resistir ao inimigo e o expõe ao perigo de privar-se da graça e da glória.

Consideremos o exemplo de São Paulo. Bem consciente da vontade divina e da necessidade de trabalhar arduamente, não se cansava de pregar, de escrever, de consolar os aflitos, de confortar os fracos, de enfrentar perseguições e todo tipo de tribulações. Além disso, aplicava-se ao trabalho manual para ganhar a vida. *“Vós bem*

sabeis que estas minhas mãos providenciaram o que era necessário para mim e para os que estavam comigo” (At 20,34). E, por isso, podia exortar os outros ao trabalho: “como bom soldado de Cristo Jesus, assume a tua parte de sofrimento” (2Tm 2,3); “faze o trabalho de um evangelista, desempenha bem o teu ministério” (id. 4,5).

Agora é o tempo de esforçarmo-nos produzindo muitos frutos (Cf. Gl 6,10). Repousaremos na eternidade. (1)

1. “Retiros aos Acólitos”, MS 4457-4478.

283. Fugir do ócio

A ociosidade, filha primogênita da preguiça, deve ser evitada por todos, pois é a causa de muitos males. Ela torna o homem estulto e o deixa abobalhado. Que grande loucura não seria descuidar da própria vida, não lhe dando o necessário e não a defendendo dos inimigos? Na verdade, a pessoa dada à ociosidade não só deixa de defender sua alma contra os inimigos, mas a expõe a eles, contribuindo diretamente para fortalecê-los. Pelo ócio se alimentam os vícios e o demônio adquire maior força contra o preguiçoso.

Em todo estado de vida e em todas as épocas da história o ócio foi considerada atitude digna de repreensão e reprovação. Mas no tempo bendito da Lei Evangélica ele parece mais condenável que nunca. Antes de tudo, o exemplo que nos veio de Cristo, mostrou de maneira esplêndida a forma do agir correto: usar o dia para consolar os aflitos, curar os enfermos, livrar os possessos, dar a vista aos cegos, ensinar os iletrados e realizar todo gênero de obras de misericórdia, passando a noite em oração (Cf. Lc 6,12).

Os apóstolos e seus seguidores nos deixaram o mesmo exemplo, em particular São Paulo, que pôde dizer de si mesmo: *“vós bem sabeis que estas minhas mãos providenciaram o que era necessário para mim e para os que estavam comigo” (At 20,34).*

Enfim, o ócio parece particularmente censurável em nós cristãos porque fomos resgatados pelo caro preço do Sangue de Cristo, para fazer o bem: *“de fato, fostes comprados, e por preço muito alto! Então, glorificai a Deus no vosso corpo” (1Cor 6,20).* Deus se mostra presente e se glorifica em nosso corpo, quando praticamos o bem.

Insiste ainda São Paulo: *“portanto, meus amados irmãos, sede firmes e inabaláveis, progredindo sempre na obra do Senhor, certos de que vossas fadigas não são em vão, no Senhor” (1Cor 15,58).* (1)

1. “Retiros aos Acólitos”, MS 4569-4593.

284. Trabalho Manual

O trabalho, também manual, é necessário a todos os homens, pelo menos, por duas razões: é um castigo estabelecido pelo Criador, depois do pecado dos progenitores (Cf. Gn 3,19); é um meio fundamental para fugir do ócio e empregar utilmente o tempo, a fim de não comer gratuitamente o pão, ganhar alguma coisa que ajude os pobres, e gozar a verdadeira tranqüilidade de coração. São Bento adverte os seus discípulos: podem-se considerar verdadeiros monges, só os vivem do trabalho das próprias mãos, como os apóstolos costumavam fazer. Ele prescreve determinadas horas, em que os irmãos devem ocupar-se do trabalho manual, e outras para a “lectio divina”. Com o mesmo espírito quer que os irmãos ajudem-se mutuamente, de modo que nenhum seja liberado do trabalho na cozinha ou do cuidado do campo, nem fiquem tristes por isso.

É verdade que as ocupações e os exercícios, a que cada um é obrigado segundo a própria condição, podem substituir, geralmente, o trabalho manual. Se, por acaso, as regras de algum setor não prescrevem particulares tipos de trabalho manual, observe-se a lei comum do trabalho, cumprindo exatamente o que aquelas regras determinam. Mas isto não impede que, quando haja só atividade de ordem espiritual, execute-se alguma trabalho corporal, conforme a condição de cada um, pois Deus é criador tanto da alma como do corpo, e de ambos exige nossa dedicação.

Para que o trabalho seja meritório, deve estar unido à oração e à aplicação da mente em Deus. *“O exercício corporal tem utilidade restrita, ao passo que a piedade é útil para todos”* (1Tm 4,8) Deste modo, enquanto as mãos produzem aquilo de que se alimenta o corpo, a alma não é afastada de Deus. (1)

1. De MABILLON J., “Tratado dos estudos monásticos”, MS 8892-8900; Cf. acima, nº. 157.

ESTUDO E CULTURA

285. Cultura e Vida Espiritual

“O Senhor é um Deus que sabe” (1Sm 2,3). Sem o auxílio dos conhecimentos naturais não se pode chegar à sublimidade das coisas espirituais. Ouso acrescentar que o delicado trabalho da obra projetada pela senhora não poderá ser desenvolvido, como convém, sem os fundamentos de uma vasta cultura em seus vários membros. O primeiro germe de destruição das grandes obras de Deus está na ignorância ou no conhecer mal o muito que se sabe. Isto leva a perder o bom gosto do saber.

É preciso que todos se persuadam da importância dos estudos, como instrumentos da glória divina, e se preparem para enfrentar as tentações do maligno. Este, sob a aparência de piedade, procura todos os meios para afastar as pessoas dos

estudos das ciências humanas, insinuando que enormes danos brotarão do conhecimento. Ao mesmo tempo é preciso estar atento contra a outra tentação, também do inimigo, que se serve dos estudos mal feitos para fazer o homem cair em grave ruína. (2)

Os livros divinos nos fornecem as armas para o apostolado. Por outro lado, as ciências humanas são muito úteis para o conhecimento da Sagrada Escritura. Conhecer línguas, antigas e modernas, a geografia, a história profana, a literatura, as ciências ajudam o estudo da Sagrada Escritura. O diabo faz de tudo para nos manter ignorantes nas matérias profanas. O conhecimento de coisas simples é também de grande valia para a oração e a meditação. (3)

1. "Epistolário", p. 74 s.: carta a L. Naudet de 06.03.1813.
2. O.c., carta à mesma, de 31.07.1813.
3. "Meditações sobre o I livro dos Reis", n°. 52, MS 6848.

286. Estudar conforme os próprios talentos

Existem inteligências com capacidades modestas, que devem se limitar a poucas coisas. Outras, ao contrário, dotadas de grande capacidade podem abraçar praticamente tudo.

As primeiras, quando esquecidas de si mesmas, querem elevar-se ao nível das segundas. Ficam como que deslumbradas, correndo, por vaidade, o risco de perder o lugar que teriam podido ocupar, com dignidade e em posição mais modesta se mantivessem o bom senso de parar por ali. As inteligências altamente capacitadas, quando não conhecem, efetivamente, tudo que em teoria teria sido possível, são levadas a confundir-se e a desanimar, não atingindo a altura correspondente ao próprio merecimento. Como conseqüência, terminam, às vezes, por apegar-se às pequenas coisas, a ponto de tornarem-se incapazes das grandes realizações, para as quais o Criador as havia preparado.

Disto, porém, não se conclui que as pessoas de elevada capacidade não devam, de vez em quando, descer de seu patamar para estudar também as coisas simples, e que as pessoas modestas não possam de vez em quando alçar vôo e superar o alcance ordinário das próprias capacidades cognitivas. É certo, com efeito, que se, de um lado, não se deve descuidar de coisa alguma, de outro lado é útil por vezes usar os talentos para coisas mais elevadas. Tudo, porém, se faça de tal maneira que se evite o desprezo pelas coisas mais humildes e combata-se o tédio e a oposição que se poderiam encontrar. (1)

1. De MABILLON J., O.c., MS 8959-8960.

287. Estudar para a glória de Deus

Não se deve preocupar ou temer dificuldades particulares no caminho do estudo, quando percorrido para encontrar nosso Senhor e promover sua glória, considerando que é Ele o Senhor da ciência (Cf. 1Sm 2,3). Ninguém jamais deu, no conhecimento, um passo sem sua luz, mesmo nas coisas naturais. Se Deus não negou esta luz a muitos homens, mesmo pagãos e infiéis – para que servisse de auxílio a muitos outros, embora eles por própria conta possam ter abusado deste benefício – como poderá negá-la àqueles que querem servir-se dela para melhor conhecê-lo e amá-lo, propondo-se a comunicá-la aos outros para o mesmo fim? (1)

Os estudos são um meio para promover a glória de Deus, sobretudo no trabalho apostólico junto aos outros. Assim sendo, é claro que se deve, em primeiro lugar e antes de tudo, promover a glória divina em nós mesmos, almejando vitória plena sobre si antes de entrar em campo para conquistar, com a arma dos estudos, os corações dos outros. Para isto é bom recordar a advertência feita por Santo Inácio aos estudantes, para que conservassem sempre vivo o sentido da presença de Deus. O santo deu-lhes também as outras orientações com a finalidade de valorizar sempre mais os estudos, como meios para promover a glória de Deus e, ao mesmo tempo, defendê-los das insídias do maligno. (2)

Lembre-mos de que é melhor saber pouco, mas bem e com precisão, do que muito e confusamente, pois, desta forma, nem mesmo se sabe o que se poderia presumir que conhecimento a pessoa tem. (3)

1. “Epistolário”, p. 93: carta a L. Naudet de 24.08.1813.

2. O.c., p. 91: carta à mesma, de 25.07.1813.

3. O.c., p. 89: carta à mesma, de 25.07.1813.

288. A vã curiosidade

Todos moderem o desejo de querer o saber. Isto se consegue mediante a virtude da aplicação ao estudo, contra o vício da vã curiosidade. Cada um domine a excessiva mania de querer saber tudo, conforme o dito do Apóstolo: não pretender saber mais do que convém, mas saber na medida justa (Cf. Rm 12,3).

O curioso está sempre inquieto, porque, querendo saber e investigar o que não lhe convém, não pode entender todas as coisas. E, vindo a saber alguma coisa que lhe desagrade, sente contínua inquietação. Existem aqueles que se interessam pela vida particular dos outros, procuram ouvir tudo, descobrir os pequenos segredos das pessoas, para esparramá-los depois e mostrar-se informados de tudo. Têm tempo de bisbilhotar, pois nada fazem. Levam os outros a fazer o mesmo, procurando mudar as pessoas, conforme a malícia de sua fantasia inquieta e turbulenta. De fato, não

existem tipos curiosos que não sejam inquietos também. A Escritura reprovava a vã curiosidade: *“pensa sempre no que Deus te ordenou e não sejas curioso acerca de suas muitas obras”* (Eclo 3,22)

O Apóstolo chama a atenção do bispo Timóteo sobre as jovens viúvas que *“vivendo na ociosidade costumam ir de casa em casa, não apenas como ociosas, mas também como faladeiras e fofoqueiras, propalando o que não convém”* (1Tm 5,13). Existem igualmente alguns que são curiosos, passeadores, bastante inquietos, semeadores de más notícias, visitantes por conta própria de ricos para pedir ofertas. Se isto não é conveniente para as viúvas, não o é para ninguém e muito menos para quem é consagrado ao Senhor. (2)

1. “Constituições”, n.º. 122 ss.
2. “Retiros aos Acólitos”, MS 4560-4568.

289. A sabedoria humana

Deus é autor não tanto das verdades naturais como das sobrenaturais. Por isso, em todas as coisas deve procurar-se a verdade divina e Ele deve ser adorado em toda parte. Se alguma vez não nos é dado alcançar a verdade, será, porém, sempre considerado mérito e honra o fato de tê-la ao menos investigado ou ter-se dela aproximado. Em certo sentido, já é sucesso ter chegado a criar uma dúvida razoável, sem jamais se deixar levar por conclusões ao acaso.

Devem-se investigar as verdades de ordem natural, porque nos servem como degrau para as sobrenaturais, às quais é impossível chegar partindo da ignorância, do erro ou da falsidade. Ao especular sobre os segredos da natureza, nossa mente se exercita na contemplação das realidades espirituais e chega a encontrar especial deleite, posteriormente na indagação de realidades mais misteriosas e sublimes.

É, portanto, grande façanha formar homens autenticamente sábios, homens que saibam raciocinar bem, que saibam ser críticos diante de toda provocação de erro, homens que, em seu comportamento, saibam seguir os ditames da reta razão e das virtudes. (1)

1. De MABILLON J., o.c., MS 9071-9072.

290. O estudo da Palavra de Deus

Toda a ciência e a teologia dos primeiros Padres da Igreja se concentram no estudo da Escritura. Desta, tiraram idéias e fundamentos sólidos de piedade e se tornaram guias e mestres de outros homens, e amados por Deus,.

São Jerônimo exorta seu caro Nepociano: “lê assiduamente a divina Escritura; jamais tuas mãos abandonem o livro da Palavra de Deus”. (1) O santo doutor escreveu que com a leitura e a meditação assídua da Escritura, Nepociano havia feito de sua alma uma biblioteca de Cristo.

O mesmo São Jerônimo, escrevendo a Paulino, quer que ele penetre até o âmago das Escrituras para encontrar a norma da vida monástica e para poder ser bom mestre dos outros. Incita-o a apreender da Escritura o que deve ensinar, adquirindo a linguagem fiel que segue o ensinamento verdadeiro, a fim de que esteja à altura de exortar, com sã doutrina, e de refutar os que a atacam. Com efeito, foi sempre sentença comum dos Padres e Doutores da Igreja que o estudo da Bíblia é necessário, de modo todo particular, às pessoas consagradas.

1. SÃO JÊRONIMO, “Epistola” 52,7; PL 22,533.
2. De MABILLON J., o.c., MS 8947 e 8911-8912.

291. Como estudar a história

Do conhecimento da história, ainda mais se for acompanhado pela reflexão sobre os fatos passados, se chega a adquirir uma especial atitude de prudência, pois aí contemplamos, quase como num espelho, as vicissitudes das coisas humanas e os prodígios da Providência divina, tanto em nível universal quanto no modo como o Senhor governa sua Igreja. Certamente é preciso empenhar-se no estudo da história, particularmente da História da Igreja, não por de simples curiosidade. Quando se faz isto com seriedade, com a intenção de obterem-se bons frutos, não há dúvida de que se conseguem resultados maiores do que se possa imaginar.

Naturalmente, não se trata de armazenar na memória uma série de fatos, de datas, personagens, de proezas. Isto não é ainda ciência histórica, porque a ciência é o conhecimento das coisas através das razões e das causas. Saber história quer dizer conhecer bem os homens, que são seus protagonistas, avaliar, quanto possível, suas qualidades e defeitos, as opiniões, as paixões, os motivos que determinaram suas escolhas.

Deve-se chegar em suma, a tirar do conhecimento dos outros uma lição a ser aplicada a si mesmo, a encontrar o amadurecimento pessoal nos homens virtuosos e santos, a vislumbrar o que se deve evitar o que os viciados e ímpios praticaram. Deve encontrar-se uma norma como se comportar, tanto nas situações favoráveis como nas adversas. Na falta destas disposições não se colherá da história um fruto verdadeiro, não se aprenderá a exata regra de conduta, que se adquire indo além do simples conhecimento de dados, por meio de reflexões e ponderações prudentes. (1)

1. De MABILLON J., o.c., MS 9026-9057.

A SABEDORIA DA CRUZ

292. Completo em mim o que falta aos sofrimentos de Cristo

“Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos queridos” (Ef 5,1). Para chegar a este ponto, Deus nos preparou uma escada, propondo-nos imitar o seu Filho feito homem, primeiro humilhado e torturado, depois exaltado e glorificado.

Pela cruz, nós nos tornamos semelhantes ao Filho de Deus, Cristo crucificado. Isto é grande dignidade e utilidade. Porque, como fomos configurados a Cristo na tribulação, o seremos também na felicidade. Deus estabeleceu que aquele que pratica a justiça seja herdeiro de Deus e que tamanha felicidade esteja ligada a Cristo, por meio de fadigas, de dores, de cruces, com imensa paciência: *“sofremos com Ele para sermos também glorificados com Ele”* (Rm 8,17).

Se observarmos bem as palavras do Apóstolo, encontramos motivos bem sólidos para nossa paciência. No entanto, se Cristo, nossa Cabeça, nos precede com a Cruz, porque não quereremos nós, seus membros, segui-lo generosamente carregando a mesma cruz? Participaremos de sua glória, não de uma glória qualquer, mas da mesma glória de Cristo, Filho de Deus. Na verdade *“os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que há de ser revelada em nós”* (Rm 8,18). É como dizer que, com um pouco de sofrimento, conquistaremos imensa glória. Com um sofrimento momentâneo conquistaremos uma glória eterna.

Tenhamos a convicção de que em breve estaremos livres de toda fadiga. Tal esperança estimule nosso ânimo para aceitar, com paciência, qualquer tribulação por árdua e penosa que seja. Além disso, *“o Espírito vem em socorro de nossa fraqueza”* (Rm 8,26). Se, temos tal protetor e inspirador, porque não carregar com fortaleza a cruz sobre os ombros. (1)

1. “Sobre a paciência, Consideração 1”, MS 4384-4392.

293. A paciência, virtude dos fortes

“É preciso que persevereis para cumprir a vontade de Deus e alcançar o que ele prometeu” (Hb 10,36). A paciência é a virtude pela qual o bem espiritual do homem fica defendido contra a tristeza, de maneira que não seja vencido e abatido por esta.

Percebe-se a necessidade da paciência, quando se considera a multidão dos males que circundam a nossa vida, por todos os lados e em todo momento, depois que o pecado original introduziu no mundo a morte, junto com tudo o que a ela está ligado. Urge a necessidade da paciência também: pela presença em nós das paixões desordenadas, que com força e fúria se opõem a nosso verdadeiro bem, pela multidão e pela fúria de inimigos, visíveis e invisíveis, que querem prejudicar nosso corpo e

nosso espírito com tentações, insídias e perseguições sem tréguas. Deve considerar-se, ainda, o fato de que o próprio Deus, em seus desígnios de Pai, quis, através destes meios, purificar e estimular, da melhor maneira possível, nossas almas.

Por isso, ninguém está isento da lei do sofrimento, nem mesmo os justos. Aliás, parece que Deus prepara penares ainda mais dolorosos aos mais santos e a seus melhores amigos, apresentando-lhes, com sua mão, um cálice mais amargo. Maria, Mãe de seu Filho, tornou-se a rainha dos mártires, a mãe das dores. Por este caminho de sofrimento passou também o próprio Filho de Deus. *“Não era necessário que o Cristo sofresse tudo isso para entrar em sua glória?”* (Lc 24,26).

Por outro lado o exercício da paciência traz consigo a alegria da paz profunda, pois a paz é justamente o fruto da paciência, não só no céu, mas ainda aqui na terra. São Paulo inclui a paciência entre os frutos do Espírito (Cf. Gl 5,22), os quais amadurecem e são apreciados ainda nesta vida. (1)

1. “Paciência”, MS 4415-4433. Cf. acima n°. 87, nota.

294. Encontro com Cristo junto à Cruz

Jesus vai em direção à sua cruz, caminhando diante dos apóstolos com passo apressado (Cf. Mc 10,32), para demonstrar a prontidão de vontade e o fervor de espírito com que padeceria, sem temer os sofrimentos que o aguardavam em Jerusalém.

O Evangelista salienta a preocupação de Jesus em caminhar com passos rápidos em direção à humilhante obediência de sua paixão e morte, para que se perceba a força do amor divino. Este é como o fogo, como o estímulo, como o aguilhão que impulsiona com maior fervor em direção à obediência mais penosa para a carne, mas agradável a Deus. Contrariamente ao egoísmo e amor próprio, que andam como se tivessem pés de chumbo, quando se trata do exercício árduo das virtudes, mas se apressam e correm quando se trata do que oferece prazer e honra.

Bom Jesus, como é oposto teu espírito ao espírito do mundo! Este aspira à preeminência sobre todos nas honras e nos prazeres terrenos; o teu, ao contrário, quer a preeminência nas humilhações e nos sofrimentos; aquele, nas obras de maior glória mundana; o teu, ao contrário, naquelas de maior ignomínia. (1)

(Percebi o) Conhecimento do grande bem que é sofrer qualquer coisa por amor a Deus. *“Felizes os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus. Felizes sois vós quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque é grande a vossa recompensa nos céus”* (Mt 5,11.12). (2)

1. “Sobre a paciência, Consideração 2”, MS 4399-4401.
2. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p.56: anotação de 29.09.1808.

295. Aceitar a Cruz com Amor

O Senhor somente nos mostra a cruz, para que tenhamos o merecimento da boa vontade em aceitá-la por seu amor. Na verdade, ele a carrega por nosso amor. (1)

As adversidades são sinais de amor, feridas medicinais com as quais Deus melhora a nós, pecadores, e nos prepara para a eternidade. *“Castigarei com a vara suas transgressões, e com açoites seus pecados. Mas não lhes retirarei meu favor e não vou desmentir minha fidelidade”* (Sl 89,33.34). *“Tu me corrigiste e eu me corrigi como novilho ainda não amansado; faze que eu me volte, para que eu possa voltar, porque tu és o Senhor, o meu Deus”* (Jr 31,18).

Deus vê todo nosso sofrimento. *“Eu repreendo e educo os que eu amo”* (Ap 3,19) *“Meu filho, não desprezes a correção do Senhor; não te desanimes, quando ele te repreende, pois o Senhor corrige a quem ele ama e castiga a quem aceite como filho. É para vossa correção que sofreis; é como filhos que Deus vos trata. Pois quem é o filho a quem o pai não corrige? Pelo contrário, se ficais fora da correção aplicada a todos, então vós não sois filhos, mas bastardos. Ademais, tivemos os nossos pais humanos como educadores e os respeitávamos. Será que não devemos submeter-nos muito mais ao Pai dos espíritos, para termos a vida?”* (Hb 12,5-9). (2)

As visitas dos flagelos divinos são verdadeiramente grandíssimos favores. (3)

Senhor, fazei que carreguemos e não arrastemos a cruz; que a carreguemos de boa vontade e cheguemos a gloriarmo-nos dela. Que a carreguemos com tanto amor que cheguemos a não nos gloriarmos senão dela (Cf. Gl 6,14). (4)

1. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 80: anotação de 03.12.1808.
2. “Catequese sobre o Pai Nosso”, MS 318. É uma catequese para adultos, chamada IV classe (Cf. mais adiante, n°. 323), feita por Pe Gaspar durante o verão de 1807. Cf “Bertoni, 2, p. 551, ss.
3. “Epistolário”, p. 279: carta a L. Naudet de 29.06.1831.
4. “Meditações sobre o I Livro dos Reis”, n°. 5, MS 4963.

296. Paciência e Prudência

Cristo nos ensina em que consiste a verdadeira fortaleza e paciência. Estas estão entre a audácia temerária (que se coloca contra os males, quando não há necessidade) e a covardia pusilânime (que foge quando é necessário enfrentá-los ou suportá-los). Por isso, temos duas atitudes diante da fortaleza e da paciência. Um diz respeito à

temeridade: *“quando vos perseguirem numa cidade, fugi para outra”* (Mt 10,23). O outro se refere à covardia: *“Não tenhais medo daqueles que matam o corpo, mas são incapazes de matar a alma!”* (Mt 10,28).

Jesus, depois que ficou sabendo que os Judeus tinham tomado a decisão de matá-lo, *“já não andava mais em público no meio dos judeus. Ele foi para uma região perto do deserto”* (Jo 11,54). Fugia assim do perigo, até que chegasse o momento oportuno de enfrentá-lo para a glória de Deus e pela salvação do mundo.

Quando chegou o momento, sabendo que já estava próximo o tempo de sua paixão e que os Judeus tramavam sua morte, quis subir a Jerusalém, porque chegara a hora escolhida por Deus (Cf. Jo 13,1) E nesta viagem ia com passo muito apressado, caminhando diante de seus apóstolos, tanto que eles se admiravam e procuravam segui-lo cheios de temor (Cf. Mt 10,32).

A propósito, não é contra a virtude ter medo. É contrário a ela o eximir-se do próprio dever, por temor. O medo é natural. O homem mostra-se virtuoso quando sabe manter-se firme contra seus temores. Também os santos temiam a morte, mas não fugiam dela. Se não a tivessem temido, seria menos gloriosa a sua paciência. (1)

1. “Sobre a paciência, Consideração 2”, MS 4396-4399.

297. Alegria mesmo debaixo do peso da Cruz

“Apresentai-me um homem, diz S. João Crisóstomo, que não tenha em si algo de condenável, e que, de sã consciência, não aspire fervorosamente às coisas futuras, aguardando-as com feliz esperança. O que poderia perturbá-lo?”

A morte é a coisa mais intolerável para o mundo. Mas, a própria expectativa da morte não o entristeceria e, em certo sentido, o confortaria, pois sabe que a morte é a libertação dos sofrimentos presentes, a passagem obrigatória para chegar à coroa e ao prêmio reservados para quem luta pela virtude.

Por acaso a morte prematura dos filhos o magoaria? Ele saberia suportar corajosamente também esta provação. Conseguiria repetir com Jó: *“o Senhor deu, o Senhor tirou; como foi do agrado do Senhor, assim aconteceu. Seja bendito o nome do Senhor!”* (Jó 1,21)

Se nem a morte, nem a perda dos filhos podem tirar a serenidade da alma generosa, menos ainda, a perda das riquezas poderia abatê-la. E se caísse enfermo? Ele ouviria ainda a Palavra de Deus que o adverte dizendo: na enfermidade e na pobreza, confia em Deus, pois, como o ouro é provado no fogo, assim também os homens amados por Deus o serão no crisol da dor” (Cf. Eclo. 2,4-5). (1)

Sigamos, pois, a virtude se desejarmos a alegria verdadeira. Organizemos bem nossa vida e jamais nos faltará um sólido e estável contentamento, que as contrariedades deste mundo não poderão jamais tirar, nem diminuir. Purifiquemos bem nossa consciência e com este bom testemunho não só viveremos dias tranquilos, cheios de paz e alegres, mas, mesmo no momento terrível da morte – quando a alegria vã do mundo se transforma em luto pavoroso -, será confirmada nossa esperança, nosso gáudio se redobrá, nada tendo a temer. Aos breves anos felizes que no temor do Senhor passamos sobre a terra, se ajuntarão séculos eternos de perfeita alegria no mesmo júbilo de Deus. (2)

1. SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, “Homilias ao povo de Antioquia”, n.º. 18,2: p. 49, 183.

2. “Pregações à juventude, n.º. 22: A verdadeira alegria”, MS 888-895; PVC, pp 20-23.

298. Verdadeira alegria, além das aparências

“*Feliz o povo cujo Deus é o Senhor*” (Sl 144,15). Eis no que está a verdadeira felicidade, a verdadeira alegria: no reconhecer a Deus como Senhor, no servi-lo com fidelidade, no viver conforme Deus quer.

Este pensamento volta repetidamente na Sagrada Escritura. “*Feliz quem não segue o conselho dos maus, não anda pelo caminho dos pecadores*” (Sl 1,1). “*Feliz o homem a quem educas, Senhor, e que instruis pela tua lei*” (Sl 94,12). “*Felizes os que procedem com retidão, os que caminham na lei do Senhor*” (Sl 119,1). “*Feliz quem teme o Senhor*” (Sl 112,1). No Evangelho encontramos claramente que são declarados felizes os humildes, os mansos, os que choram, os que sofrem perseguições por causa da justiça: *felizes os pobres no espírito, felizes os mansos, felizes os que choram, felizes quando vos perseguirem* (Mt 5, 3-5.11; Lc 6,20-22)

É claro, portanto, que só a vida conduzida segundo a regra divina é feliz, e que só a virtude - embora difícil, privada de delícias exteriores e também acompanhada de tribulações - é capaz de causar satisfação, contentamento e alegria.

Contemplemos os frutos de certas árvores, que se apresentam particularmente belos pela cor e forma, muito gostosos ao paladar. A raiz de onde procedem tal beleza e doçura está debaixo da terra, assaz repugnante à vista e amaríssima ao paladar. Assim, o sofrimento de quem vive segundo Deus, produz frutos saborosos de alegria e de serenidade.

Se nós, pois, organizamos nossa vida, gozaremos de um salutar, tranquilo e perpétuo júbilo, que, nem mesmo, as tribulações exteriores poderão abalar. A alegria permanecerá sem igual, ainda que na ausência das satisfações terrenas. Na verdade, não são as coisas exteriores a nós - prósperas ou adversas - que nos consolam ou nos afligem, mas a disposição interior do espírito. (1)

1. “Pregações à juventude, n.º. 22: A verdadeira alegria”, MS 880-886; PVC pp 17-20.

299. O Segredo da Alegria

O vício constitui já na terra, antes mesmo da condenação eterna, fonte de amargura e de aborrecimento. A virtude não tarda a premiar seus nobres seguidores e cobre de antecipadas delícias a vida presente, nutrindo-a de suaves esperanças e de prazeres puros, antes de recebê-los no céu, coroados de glória imortal.

Quem é inclinado a considerar a vida virtuosa e mortificada como melancólica e triste, não está muito convencido dessas idéias. Não é de se admirar. Quem está doente, acredita que o vinho seja amargo e a música tediosa, enquanto que, quem está sadio, sente prazer e prova doçura nisso tudo.

Enquanto Agostinho estava mergulhado na imundície dos prazeres impuros, parecia-lhe impossível poder viver sem eles. Mas depois que, com generosa decisão, libertou-se dos deleites imundos, declarou: “oh! Como me pareceu tão suave a separação das delícias vãs! Já era para mim grande alegria, deixar o que pouco antes temia perder. Pois, tu meu Deus, verdadeira e suma suavidade, as expulsaste de mim, tu as expulsaste e entraste no lugar delas de modo mais suave do que qualquer outro prazer”. (1) A este santo podemos dar crédito absoluto, pois após haver passado pela provação da doença, a ele se tornou ainda mais evidente a doçura da saúde.

Portanto, se a privação de um bem e de um prazer tão vil é compensada não só com o dom imenso da felicidade no céu, mas com superabundância de alegria mesmo na terra, seria verdadeiramente uma loucura não saber dominar-se, correndo o risco de perder para sempre a felicidade perfeita e definitiva. (2)

1. SANTO AGOSTINHO, “Confissões”, L. IX, c. I: PL 32, 763.

2. “Pregações à juventude, n.º 5: A Ascensão”, MS 513-515; PVC p 13 s.

300. Paciência e alegria em Pe. Gaspar

Se eu dissesse que em sua doença na perna Pe Gaspar teve que sofrer mais de duzentas cirurgias, todas muito dolorosas, não diria nada mais do que a simples verdade. O que, todavia, não se consegue absolutamente expressar, com termos adequados, é a invencível fortaleza, com que ele agüentava, quer as dores atrozes mesmo depois das intervenções, quer a imobilidade do corpo, que o obrigou a permanecer por diversos meses preso ao leito. Tudo suportava com tal suavidade de rosto e serenidade, que o faziam parecer não um paciente resignado, mas, sobretudo, uma pessoa alegre e feliz. (1)

Muitas vezes, nos momentos mais agudos do sofrimento, repetia: “batei, Senhor, batei que tendes razão; batei, que mereço isto e muito mais ainda”. (2)

Doze ou quinze dias antes da morte, sentindo-se um pouco melhor, como de costume, estávamos para levantá-lo e trocar-lhe a posição. Ele pôs-se imediatamente a fazer caretas com a boca e com os olhos para alguns de seus assistentes, temperando com gracejos suas dolorosas penas. Um dia, já no fim da vida, tendo vindo visitá-lo dois professores do seminário, e perguntando-lhe um deles como estava, respondeu brincando: “estamos aqui na escola”. Fez brotar nos dois sacerdotes um sorriso, deixando-os muito edificados. (3)

1. GIACOBBE G., O.c., SA, p. 419.
2. Esta frase nos é transmitida na forma dialetal original: “dèi, Signor, dèi che gavi rason; dèi che mel mérito, e merito de pèso.”
3. “Miscelânea Lenotti”, S.A, p. 114. Seja-nos permitido acrescentar outro testemunho a propósito da atitude de paciência e alegria, muito típica da personalidade de Pe. Gaspar, e por ele transmitida a seus filhos. “É notório que os padres dos Estigmas encontravam, no seu Superior Pe. Gaspar Bertoni e na sua orientação, uma larga compensação em relação a todos os seus dissabores, e viviam com verdadeiro espírito de alegria que ninguém poderia ignorar”, atesta o literato filipino Pe. Bartolomeu Sório (Cf. Bonetti, “Na escola de Deus com São Gaspar Bertoni. Notas de espiritualidade”. Verona, 1989, p. 231). “Viviam no desconforto e pobreza que havia – testemunha Pe. Carlos Zara – tão alegres e contentes, que era uma Páscoa somente vê-los e ouvi-los (id.) De Pe. Francisco Benciolini, fidelíssimo discípulo de Pe. Gaspar afirma-se que copiou do fundador a arte de estar sempre alegre, de modo que conseguia com sua presença deixar-nos sempre de bom humor.” (ibid.)

MISSÃO APOSTÓLICA

301. A Missão de Cristo

“O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Nova aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e, aos cegos, a recuperação da vista; para dar liberdade aos oprimidos e proclamar um ano de graça da parte do Senhor” (Lc 4,18.19) “Eu devo anunciar a Boa Nova do Reino de Deus... pois é para isso que fui enviado” (id. v.43)

Deus, mandando aos homens um Salvador, escolheu a melhor pessoa possível, um verdadeiro homem, com a nossa natureza, a fim de preceder-nos com o exemplo e tratar-nos com humanidade e compaixão. Por outro lado, que fosse verdadeiro Deus, seu Filho unigênito, para que pudesse ajudar-nos e resgatar-nos com seu infinito poder. Se, de fato, Cristo não fosse verdadeiro Deus não poderia trazer-nos o remédio necessário. E se não fosse verdadeiro homem não nos daria o exemplo.

Cristo é a infinita sabedoria, pela qual conhece nossas necessidades. É infinita misericórdia, para compadecer-se delas, infinita onipotência, bondade e caridade para vir ao nosso encontro. Infinita é a sua Providência, para promover com solicitude o nosso bem. Infinita a sua mansidão e afabilidade, para tratar-nos como irmãos. Infinita a sua liberalidade e magnificência para fazer-nos partícipes de suas riquezas.

Cristo nos lembra que o Reino de Deus se realiza não com a riqueza e a pompa mundana, mas com a pobreza e a humilhação. *“De rico que era se tornou pobre por causa de vós, para que vos torneis ricos, por sua pobreza”* (2Cor 8,9). Pela humilhação se vence. *“Humilhou-se fazendo -se obediente até a morte - e morte de cruz! Por isso Deus o exaltou”* (Fl 2,8.9).

Ora, nós fomos marcados com o selo e o caráter de Cristo. Quem quiser segui-lo é necessário que trabalhe e se comprometa com ele. *“Se alguém quer me servir, siga-me, e onde eu estiver, estará também aquele que me serve”* (Jo 12,26). O prêmio será correspondente ao empenho. (1)

1. “Missão de São Firmo”, MS 4194-4200.

302. Como o Pai me enviou assim eu vos envio

Cristo, no cumprimento de sua missão, percorria as cidades e as aldeias de Palestina, acompanhado por seus discípulos. Mandou-os ao mundo, para anunciar o Evangelho a todas as criaturas.

De seus discípulos exige que se espelhem nele, que façam o que Ele fez, que estejam prontos a não ter outro alimento ou vestimentas ou outras coisas, senão aquelas que Ele mesmo tinha. Cada um esteja disposto a continuar com Ele nas mesmas fadigas, nas vigílias e nas privações, para participarem da mesma vitória e felicidade. Ele, de fato, não se limita a mandar, mas se afadiga por primeiro e por primeiro sofre, se expõe às perseguições e à morte. Não quer só para si a honra da vitória, nem as vantagens e a felicidade. Com seus discípulos quer partilhar a honra e o reino, em proporção aos trabalhos e sofrimentos.

Se eu encontrasse almas verdadeiramente dispostas a entregar-se a mim sem reserva - revelou Cristo a uma santa - tudo o que eu fiz aos santos, conforme lê na vida deles, o faria também com tais almas e estaria pronto a realizar milagres, porque *“não foi o braço do Senhor que ficou curto demais para salvar”* (Is 59,1). Eu continuo o mesmo.

Certamente, aqueles que querem dedicar-se totalmente ao serviço do Evangelho, sabem que são chamados não só a suportar fadigas, mas também a executar empreendimentos cada vez maiores e mais comprometedores, depois de haver superado a rebelião da carne e dos sentidos, o amor próprio e a vanglória. Que neles se veja, ao menos, um esboço daquilo que fez Cristo juntamente com seus apóstolos, porque agora a necessidade é ainda maior. (1)

1. “Exercícios” e “Meditações”, MS 2448-2466.

303. Vós sois a luz do mundo

“Vós sois a luz do mundo” (Mt 5,14). “Não haveria certamente mais pagãos - dizia São João Crisóstomo - se nós cristãos fôssemos verdadeiramente como deveríamos ser; se obedecêssemos aos mandamentos de Deus; se não nos vingássemos das injurias recebidas; se insultados conseguíssemos retribuir abençoando; se fôssemos capazes de pagar o mal com o bem. Não haveria ninguém, que nos vendo agir assim, mesmo sendo crítico feroz, não aderisse de boa vontade à verdadeira religião. Vemos quantas pessoas Paulo, sozinho, soube atrair a Cristo. Se fôssemos todos assim, poderíamos na verdade converter o mundo”.

O Senhor nos escolheu para sermos focos de luz, quase como anjos morando na terra entre os homens, como pessoas adultas, entre crianças, como homens espirituais, no meio de tantos que são ainda carnis. O sol está no céu, mas de lá envia seus raios sobre a terra. Assim nós cristãos, vivendo com o corpo na terra, mas com o espírito no céu, podemos iluminar e acender o fogo, ao nosso redor, com o exemplo da virtude. (1)

1. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3556-3557. O trecho é extraído de São João Crisóstomo, “Sobre a primeira carta Timóteo, Homilia X, 3”, p. 62,551.

304. Valor do Testemunho

“Dei-vos o exemplo, para que façais como eu fiz” (Jo 13,15), disse Jesus aos apóstolos. Dele sabemos, ainda, que primeiramente fez, depois ensinou (Cf. At 1,1). Ensinou mais com fatos do que com palavras.

Cristo, com as obras, ganha a adesão da fé a seus ensinamentos. Exorta à mansidão e o faz apresentando o seu exemplo: *“sede discípulos meus, porque sou manso e humilde de coração”* (Mt 11,29) Ensina a pobreza e a demonstra em si mesmo com os fatos: *“o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça”* (Mt 8,20) Prescreve amar os inimigos, e o ensina, sobretudo, orando, pregado na cruz, pelos que o crucificaram (Lc 13,34). Diz: *“se alguém quiser abrir um processo para tomar a tua túnica, dá-lhe também o manto”* (Mt 5,40). Ele não só deixou que lhe tirassem as vestes, mas deu também o seu sangue, e assim quis que o fizessem também seus discípulos.

Como Cristo, comportou-se também S. Paulo, que pôde dizer: *“sede meus imitadores, todos vós, e reparai bem os que vivem segundo o exemplo que tendes em nós”* (Fl 3,17). Não há nada mais frio e ineficaz do que um mestre, que só usa as palavras: esta é atitude mais de um hipócrita do que de um mestre. Por isso, os apóstolos ensinavam primeiramente com o exemplo, depois com as palavras. Aliás, não tinham necessidade de tantas palavras, visto que suas ações falavam por si só. (1)

É também verdade, por outro lado, que não é necessário ter em mira principalmente o bom exemplo. Isto seria um equívoco. É preciso agir bem e esmerar-se por fazê-lo de modo perfeito. O exemplo vem por si. (2)

1. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3741-3743.
2. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 148: anotação de 17.07.1809.

305. Cuida de ti mesmo e do teu ensinamento

“*Presta atenção em ti*” (1Tm 4,16). Permaneça em estado de alerta, considerando freqüentemente, examinando, corrigindo e planejando tuas ações, teus comportamentos. “*Presta atenção no que ensinas*” (id.) para ensinar bem aos outros.

Este duplo empenho é necessário para o verdadeiro apóstolo; ensinar primeiro a si mesmo e depois aos outros. Vive, antes de tudo, para ti; cuide de ti, se quiseres auxiliar os irmãos. Os que descuidam de si mesmos para dedicar-se totalmente ao próximo, correm o risco de esvaziar o espírito e acabam por não ajudar nem a si, nem aos outros.

“A tua preocupação - acrescenta São Bernardo - deve começar contigo, a fim de que não venhas a empenhar-te, talvez em vão, em outras coisas, descuidando de ti mesmo. O que adiantaria se ganhasses o mundo inteiro e viesses a perder a ti mesmo? Sê sábio quanto quiseres. Contudo, causarias prejuízo à tua sabedoria se não fosses sábio para ti mesmo. Quanto te falta? Não saberia dizer, mas segundo o meu parecer, te faltaria tudo. Se conhecêsseis os mistérios e as dimensões do universo, a altitude do céu e a profundidade do mar, mas ignorasses a ti mesmo, serias semelhante a quem quisesse construir sem alicerces. Edificarias não uma casa, mas uma ruína”. (1)

Reflete continuamente sobre teu modo de vida, com a finalidade de viver sempre bem. “*Agindo assim, salvarás a ti mesmo e aos que te ouvem*” (1Tm 4,16). (2)

1. SÃO BERNARDO, “Sobre a consideração, L. II, C. III”, PL 182,745.
2. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3805-3807.

306. O caminho do Evangelho no mundo

A graça do Espírito Santo criador é destinada a iluminar também os povos que ficaram afastados da fé. Serão assim diluídas as trevas do erro, mediante a pregação da verdadeira fé e destruídas as obras do demônio, com o anúncio do Evangelho.

Infelizmente o caminho do Evangelho no mundo torna-se, muitas vezes, difícil pela escassez de pregadores. Por isso, é necessário esforçar-se para promover, com todas as forças, o número e o fervor das vocações missionárias. Nos países não cristãos, o caminho do Evangelho encontra, talvez, um obstáculo pela falta de

liberdade para o exercício da pregação; para vencê-lo, é necessário o zelo sempre renovado e a inexaurível paciência apostólica.

Não se deve, num dado momento, ignorar o risco de uma certa inconstância, que desanima o missionário no zelo para trabalhar pela salvação das almas (que deveria, ao contrário, ser tanto mais ardente quanto mais elas se mostrassem obstinadas), e no ímpeto para fomentar a glória de Deus (que deveria se tornar tanto mais forte quanto mais graves fossem as dificuldades). *“Porque o amor é forte como a morte, e o ciúme é inflexível como o abismo”* (Ct 8,6).

Mas as dificuldades não impedem a marcha missionária da Igreja, que, após ter renovado os povos, graças à obra de seus pregadores com o anúncio do Evangelho, sabe conservar neles a feliz novidade, combatendo os riscos da corrupção. Além disso, demonstra uma solicitude especial com os mais perfeitos, favorecendo, nas novas comunidades cristãs, as vocações para as diversas formas de vida consagrada, inclusive a contemplativa. Não hesita em dar atenção especial aos ministros que se empenham em prestar bons serviços para a glória de Deus. (1)

1. “Meditações sobre o I Livro dos Reis”, nos. 20-23, MS 5703-5832.

307. Lutar como Cristo e unidos a Ele

“Se o mundo vos odeia, sabe que primeiro odiou a mim” (Jo 15,18). Cristo, sabendo que para muitos de seus discípulos sofrer as hostilidades e as perseguições do mundo seria muito duro e quase insuportável, a ponto de certos temperamentos fortes ficarem abalados, previne os apóstolos para tais eventualidades, a fim de que se preparem para enfrentá-las com generosidade e coragem, desprezando o ódio e as perseguições, chegando, até, a gloriar-se delas e a alegrar-se com elas como distintivos autênticos dos discípulos de Cristo.

“Se me perseguiram, perseguirão a vós também” (Jo 15,20). Não se admirem, nem se perturbem quando o mundo vos odiar, quer nos dizer o Senhor. Acima de tudo, alegrai-vos, por chegar a ser meus imitadores. No mais, ficai tranquilos, pois como o ódio não me prejudicou, assim não vos prejudicará. Se o mundo vos persegue, é sinal de que não sois dele, de que não estais de acordo com suas obras, mas que vos opondes e elas, como eu. Ao dizer isso, faz-nos compreender que nos ama de modo particular, porque somos seus, escolhidos por ele para enfrentar as obras do mundo e cooperar para a salvação da humanidade. Jésus dá-nos a certeza de que seu amor nos trará uma vantagem muito maior do que o prejuízo causado pela hostilidade do mundo.

“Senhor Jesus, tu és para mim modelo na dor e prêmio do meu sofrimento, meu sustento na luta e minha glória no triunfo. Com o exemplo da tua fortaleza treinaste

'minhas mãos para a guerra' (Sl 18,35). Depois da vitória, coroarás minha cabeça com a presença da tua majestade. Faze que à imitação do teu exemplo na luta e na esperança da coroa, que és tu mesmo, me atraíam e me unam indissolúvelmente a ti". (1)

1. "Exercícios" e "Instruções", MS 3246-3249. A invocação conclusiva é tirada de São Bernardo, "Sermão 47 in Cant., 6": PL 183,1010.

308. Comunhão e Missão

É preciso congrega, reunir, muitos operários do Evangelho sob um mesmo Espírito. A união faz a força. Enquanto estivermos isolados e cada um procurar os próprios interesses (Cf. Fl 2,21) não obteremos nada, seremos vencidos um a um. Quando nos unirmos procurando os interesses de Jesus Cristo, então obteremos tudo, venceremos todas as adversidades. Por isso, nosso Senhor dizia: *"que eles sejam um como nós somos um"* (Jo 17,11; Cf. Jo 17.21).

É necessário não só "encontrar" os companheiros que tenham zelo igual, mas "criá-los", e, em certo sentido arrebatá-los consigo, sobretudo os mais tímidos. Dever-se-á também examinar o propósito e a vocação de cada um. Não se aceite qualquer um, mas os melhores, aqueles que se distinguem pelo amor para com Deus e para com o próximo: estes sejam selecionados como companheiros de missão. É oportuno formar, da união dos bons, um esquadrão de operários perfeitos na confissão da verdadeira fé e no exercício de todas as virtudes, imitadores da vida apostólica. Com um esquadrão unido poder-se-á sair em socorro do próximo e lutar contra os demônios.

Tanto o grupo como o chefe, falará a mesma língua, tendo um só coração e uma só alma, enviados a propagar, por toda parte, a luz do Evangelho. Deste modo, sejam reunidos os companheiros de missão com duas finalidades: para, juntos, fazer brilhar a luz do exemplo e para difundir, por toda parte, a luz da pregação. (1)

1. "Meditações sobre o I Livro dos Reis", n°. 44, MS 6576-6590.

309. Pela colaboração, o indivíduo se multiplica

É uma grande vantagem para os empreendimentos espirituais encontrarem-se duas pessoas unidas no mesmo sentimento. (1) Todos procurem animar-se mutuamente para o estudo amoroso das virtudes e da perfeição. (2)

São João Crisóstomo, comentando as palavras do Evangelho, diz *"que todos sejam um como o Pai está no Filho, e o Filho no Pai"* (Jo 17,21): "nada se pode comparar com a concórdia e a recíproca união das vontades, pois, por elas o indivíduo

se multiplica. Se de fato duas ou dez pessoas estão de acordo, não há mais um só indivíduo, mas cada um será como que decuplicado: nos dez encontrarás a unidade e os dez em cada um”.

Mais adiante diz o santo Doutor que “a excelência da caridade reside nisso: ela faz com que um seja múltiplice e inseparável; que se encontre em muitos lugares ao mesmo tempo; que possa estar seja na Pérsia seja em Roma; o que não pode a natureza, pode a caridade”. (3)

1. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 88: anotação de 20.12.1808.
2. “Constituições”, n.º. 265
3. O.c., n.º. 266. Os trechos citados são de São João Crisóstomo, “Homilias sobre São. João, LXXVIII, 4”: pg 59, 425.

310. Fazer-se tudo para todos

Nossa caridade não deve fazer diferença entre pessoas cultas e ignorantes, entre nobres e plebeus, entre homens e mulheres, entre gente da cidade e do campo, mas deve trabalhar igualmente para todos, com o critério de privilegiar quem tiver maior necessidade, à imitação sempre do exemplo de Cristo, que fez, entre dificuldades e cansaço, uma longa peregrinação até a Samaria, para converter uma pobre mulherzinha que vinha com um vaso na cabeça para tirar água de um poço comum. Embora estivesse cansado da viagem, não pensando em alimentar-se, passou com ela diversas horas. Cristo prezou admiravelmente uma só alma, embora pecadora. (1)

Pe. Gaspar passava do cárcere ao seminário, como do claustro de piedosas virgens a um alojamento de pobres mulheres mundanas. Onde pusesse os pés para evangelizar a paz, ele era tudo para todos, o homem do Senhor, verdadeiro pastor das almas. Em síntese, o Missionário Apostólico e santo. (2) Cabia-lhe bem o que era por todos considerado como seu verdadeiro e constante proceder: foi tudo para todos, nas pegadas de São Paulo (1Cor 9,22). (3)

“Atestamos que o sobredito sacerdote – assim diz o bispo D. José Grassier, referindo-se a Pe. Gaspar – é egregiamente revestido de santidade de vida, de doutrina e de caridade, fazendo-se tudo para todos. Seu zelo refulge, acima de todos os outros membros do clero!” (4)

1. “Exercícios” e “Instruções”, MS 3774.
2. GIACOBBE G., O.c., SA, p.377.
3. Id. o.c., p. 413.
4. Depoimento dado como resposta a uma pergunta da Santa Sé; Cf. Bertoni, n.º. 5, p. 265.

311. A familiar conversação com o próximo

Cada um tenha diante dos olhos o exemplo de Cristo, nosso Senhor, o qual teve uma vida de contato habitual com os homens, comendo e bebendo com eles. Não só buscou a perfeição, mas manteve um estilo de vida perfeitíssimo.

Sabemos que também os apóstolos viveram em um estado de perfeição. Todavia, conviviam familiarmente com os homens, fazendo-se tudo para todos, a fim de ganhar todos para Cristo (Cf. 1Cor 9,22).

Quando era útil para o próximo, os antigos monges, deixavam a solidão do deserto para entreter-se com as pessoas. De Santo Antão, abade, conta-se que, deixando a solidão, andava por toda a cidade de Alexandria com a finalidade de ensinar a todos.

Visitar as pessoas e entreter-se familiarmente com elas é ação muito agradável a Deus. Naturalmente isto exige notável dose de bom senso e prudência na conversação, segundo a advertência de São Paulo: *“que vossa conversa seja sempre agradável, com uma pitada de sal, de modo que saibais responder a cada um como convém”* (Cl 4,6). (1)

1. “Constituições”, n^{os}. 271-276.

312. Estilo de familiaridade

É preciso entrar na casa dos outros à maneira deles, para sair depois com nosso modo. (1) Visto que muitas vezes as pessoas do mundo são mais inclinadas aos interesses materiais, é necessário ater-se a seu nível e, com honesta conversação familiar, ganhar-lhes a simpatia, para que, um pouco por vez, aceitem conversas espirituais. Embora, às vezes, se mantenham conversas inócuas, se feitas com esta intenção, não serão inúteis, mas proveitosas e com sentido religioso. (2)

As vias do Senhor, que, às vezes, se serve de meios tenuíssimos e de recursos sutilíssimos para seduzir uma alma ou trazê-la para seu serviço, tirando-a do abismo onde havia se metido, são admiráveis e constituem objeto de agradável contemplação. (3)

Não é preciso abandonar nossos amigos, por mais fora do bom caminho e distantes estejam, sobretudo se foram deixados de lado pelos bons. Isto é para eles um grande meio para a conversão. (4)

1. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 38, anotação de 20.08.1808.

2. “Constituições”, n^o. 279.

3. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 19, anotação de 13.07.1808.

4. O.c., 1. c

313. A estratégia de um grande Pastor

São Zeno foi o protagonista de admirável batalha e de completa vitória. Qual o método e o jeito de seu combate?

Com mansidão e hilaridade convertia a Cristo os idólatras. Como? Em vez da coragem, a mansidão. Em vez da atitude bélica, a hilaridade. Não nos maravilhemos. Este é o plano de guerra estabelecido pelo próprio rei e pelo comandante que o enviou. *“Como o Pai me enviou também eu vos envio”* (Jo 20,21) *“como ovelhas para o meio de lobos”* (Mt 10,16). Manda seus servos como ovelhas não só para os lobos, mas para o meio dos lobos. Ainda que feridos, não são devorados, mas transformam os seus inimigos. No momento em que Deus quer glorificar-se em seus servos, faz aparecer maravilhosamente o poder de sua graça. Essa graça é forte para superar e vencer, suave na condescendência, adaptada à índole do homem, que deve ser levado à salvação e que, por sua vez, coopera com Deus para consegui-la.

É considerado sumamente forte e prudente o chefe que não se deixa arrastar pela ira ou pela impaciência, nem pela busca da glória ou do próprio interesse, mas aceita ser guiado, em suas escolhas, pelas sugestões de um conselheiro pacífico e tranqüilo. Ele não trava batalha, nem a aceita, se o êxito é arriscado e incerto, mas cede, retira-se, suporta revezes, prejuízos e incompreensões sem se perturbar. No entanto, acumula forças, aceita o socorro. Quando tem a ocasião de circunstâncias e de tempo, desfere o ataque e avança. Obtida a vitória, sabe dela fazer uso moderado e sensato, assumindo atitudes não insolentes e vingativas, mas gentis e agradáveis. A vitória sobre o inimigo derrotado só é completa e verdadeira quando se chega a conquistar o coração.

A glória humana adquirida, com a mansidão, por nosso santo é ainda pouco. O melhor é o que consegue do Senhor, que o torna participante da sua própria glória. (1)

1. “Orações em louvor a São Zeno”, MS 2071-2077. Cf. n°. 48, nota.

314. Missionariedade Bertoniana

Servir a Deus e à Igreja gratuitamente em tudo. (1) Quando alguém é mandado a algum lugar, não espere nenhuma recompensa, nem providências para a viagem ou para a residência, mas ofereça-se e preste-se com absoluta liberalidade. (2)

Mantenha-se livre de dignidades, residência fixa, benefícios, como também de todo tipo de compromisso pastoral perpétuo. Fique à disposição para ir a qualquer lugar, tanto da diocese como do mundo. (3)

Meios fundamentais para desenvolver a missão apostólica são: a própria perfeição espiritual, a perfeita posse das ciências e disciplinas eclesiásticas, a vida comunitária, o perpétuo e perfeito exercício da castidade, da pobreza e da obediência.

O modo de vida, no que diz respeito à alimentação, vestimentas e moradia, seja de acordo com o uso dos eclesiásticos de vida mais perfeita entre os quais vivem e seja de edificação para os fiéis pela parcimônia cristã e pela pobreza religiosa. (4)

1. "Constituição", n.º 3.
2. O.c., n.º.184.
3. O.c., n.ºs. 4-5.
4. O.c., n.º. 6.

315. A oração do Apóstolo

Sendo Deus o nosso fim, é preciso permanecer nEle com o coração e a intenção. Isto trará muito gosto pela presença do sumo Bem. E Ele, pela infusão de sua caridade e pela comunicação de sua graça, satisfará todos os desejos de nosso coração. Isto é o que Deus fará, de sua parte.

Mas, porque também nós devemos agir com ele - *"é pela graça de Deus que sou o que sou"* (1Cor 15,10) - urge que o apóstolo use muita discricção, abandonando os sentidos, quando procura fazer a experiência da oração mística, à qual deixe poucos momentos para deixar o coração falar. Virá o dia em que coração e sentidos serão inebriados pela fonte da felicidade. Para conseguir tal graça, que é merecimento e prêmio, convém agir para servir ao bom Deus, ajudá-lo em sua grande obra, para a qual Ele mandou ao mundo o seu Filho. Esta é sua vontade, embora não tenha necessidade de ninguém.

O fim, pois, que é a regra de todos os meios, deve ser a regra para moderar também os afetos da santa devoção. Temos um ilustre exemplo em Santo Inácio de Loyola. Ele deixou a doce solidão de Manresa, na qual mantinha íntimos momentos com o Senhor, e a consoladora contemplação pela ação contínua e eficaz no meio do mundo. Deus, que não se deixa vencer em generosidade por seus servos, o premiou abundantemente por aquilo ele renunciou por causa dEle.

O tempo é breve. Estaremos depois sempre com Deus. No entanto digamos com São Paulo: *"por um lado desejo ardentemente partir para estar com Cristo - o que para mim é muito melhor -; por outro lado, parece mais necessário para o vosso bem, que eu continue a viver neste mundo"* (Fl 1,23-24). *"Se estamos vivos, é para o Senhor, que vivemos, e se morremos, é para o Senhor, que morremos"* (Rm 14,8). (1)

1. "Epistolário", p. 221 s., MS 9500-9503: carta a L. Naudet de 10-01-1828.

PREGAÇÃO

316. A Palavra de Deus é viva e eficaz

Deus poderia falar só por si e a partir de si, mas quer fazê-lo também externamente, por meio dos homens. São Paulo foi enviado a Ananias (At 9,8 ss). E Santo Agostinho adverte: “não tentemos a Deus, recusando-nos a ouvir o homem que prega”. (1) Com a pregação destrói-se o homem velho, imagem de Adão, e se constrói o homem novo, imagem de Jesus Cristo: “*meus filhos, por vós sinto, de novo, as dores do parto, até Cristo ser formado em vós*” (Gl 4,19).

“*A Palavra de Deus é viva, eficaz*” (Hb 4,12): viva, porque sempre tem capacidade de fazer agir; eficaz, porque sabe traduzir efetivamente em ato sua capacidade e faz com que realmente haja ação. A vitalidade e a eficácia da Palavra divina fundamentam-se na graça: “*colocarei a minha lei no seu coração, vou gravá-la em seu coração*” (Jr 31,33). Deus pode enternecer o coração para escrever nele com suavidade e, ao mesmo tempo, com força: “*enviou sua Palavra para curá-los*” (Sl 107,20).

Naturalmente, requer-se correspondência por parte dos fiéis. Vejamos o que aconteceu com a Samaritana. Ela precisou de pouco para conseguir a salvação, mas pouco bastava também para perdê-la. Aquela mulher salvou-se e tornou-se santa porque foi, casualmente, ao poço, onde Cristo, cansado, estava sentado. Interrogada por ele, soube renunciar, por um momento, à vontade de tirar a água e parou para ouvi-lo. Mas, se ao vê-lo, não tivesse querido escutá-lo, pensando que tinha outras coisas para fazer, que tinha sede, que já era tarde e havia urgência de voltar para casa e para os afazeres domésticos, não teria, talvez, encontrado outra oportunidade como aquela.

De uma circunstância muito simples pode, talvez, depender nossa salvação. A ocasião deve ser aproveitada imediatamente. O assunto da salvação não deve ser tratado superficialmente, quase por passatempo; é preocupação seriíssima e fundamental, que deve ter a prioridade de nossos pensamentos. (2)

1. SANTO AGOSTINHO, “Sobre a doutrina cristã, prol. 5”: PL 34,17
2. “Missão de São Firmo”, MS 4030-4045

317. Anunciar com coragem a Palavra de Deus

A equipe dos pregadores evangélicos deve mover-se com alacridade, como fizeram São Paulo e os demais apóstolos. Eles souberam, desde o início, dizer aos hebreus tudo quanto era necessário para convertê-los.

O bom pregador usa caridade firme, sem fraquejar. Não olha tanto o efeito de suas palavras, se elas são bem ou mal aceitas. Tem, antes de tudo, tem o olhar fixo na missão recebida de Deus e nos deveres a ela inerentes, abandonando-se em Deus quanto aos resultados. Sabe falar no momento oportuno e com energia, sem temor humano, tanto aos pecadores como aos irmãos dominados pelo espírito mundano, com a finalidade de sacudi-los, lembrando que *“o amor é forte como a morte, e o ciúme é profundo como o abismo”* (Ct 8,6). Ele se esforça também em imitar a conduta da divina Providência, flagela duramente a quem ama e ameaça com o inferno, para que ele seja evitado.

“Por isso, protegei-vos com a armadura de Deus - exorta São Paulo - a fim de que possais resistir no dia mau, e assim empregando todos os meios, continueis firmes. Ficai, pois, de prontidão, tendo a verdade como cinturão, a justiça como couraça, e os pés calçados com o zelo em anunciar a Boa Nova da paz. Em todas as circunstâncias empunhai o escudo da fé, com o qual podereis apagar todas as flechas incendiárias do maligno. Enfim, ponde o capacete da salvação e empunhai a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus. Com toda sorte de preces e suplicas, orai constantemente no Espírito. Prestai vigilante atenção neste ponto, intercedendo por todos os santos. Orai também por mim, suplicando que a palavra seja colocada em minha boca, de maneira que eu possa anunciar abertamente o mistério do Evangelho, do qual sou embaixador, em minhas algemas. Que eu o possa anunciar com toda ousadia, como é meu dever” (Ef 6,13-20). (1)

1. “Meditações sobre o I Livro dos Reis, nºs. 16b e 17”, MS 5531-5567.

318. Condições para a Eficácia da Pregação

Quando, antes, não se faz bem a oração, não se pode falar nem de Deus. (1) É na oração que o pregador encontra o modo de sua pregação. Ele recebe tal luz na contemplação divina. Ao mesmo tempo, atrai a veneração dos fiéis e está preparado para iluminar todos os ouvintes.

Ele procura antes de tudo, conforme o exemplo de São Paulo, elevar-se de certo modo até o céu, captar no segredo do Paraíso palavras inefáveis que a ninguém é lícito pronunciar, para depois tirar delas os ensinamentos a serem distribuídos para o bem dos homens (Cf. 2Cor 12,1-3). Desta forma, conseguirá desenvolver uma forma maravilhosa de pregação que lhe permitirá deixar claros os ensinamentos mais sublimes da Sagrada Escritura, revelar os segredos das virtudes mais elevadas e desmascarar os vícios mais ocultos. Tudo isso com profunda convicção e fácil vivacidade de sentimento, de modo que tanto os sábios como os simples, os justos como os pecadores, aprendam, e consigam uma orientação para a própria vida.

Dever-se-á também ter grande cuidado para que haja correspondência entre a pregação e a vida do próprio pregador. O que de verdadeiro e de bom o pregador anuncia com a palavra, adquire maior força de credibilidade por seu comportamento pessoal. *“Quem desobedecer a um só destes mandamentos, por menor que seja, e assim ensinar os outros, será considerado menor no Reino dos Céus”* (Mt 5,19)

Será necessário, ainda, um forte empenho para perseverar e aumentar continuamente o dom da santidade e da doutrina. Só assim será possível conseguir, avaliando-se a pregação, o fruto da renovação do espírito e da reforma de vida dos ouvintes. (2)

1. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 103, anotação de 04.02.1809.
2. “Meditações sobre o I Livro dos Reis, nºs. 5 e 16b”, MS 4960e 5538-5549.

319. Testemunhos da verdade

A verdade está no mundo como a luz nas trevas (Cf. Jo 1,5). Vem como a luz, não como o raio. O raio passa através dos obstáculos; a luz fica fora e não entra se não se abre a janela. É preciso despertar do sono da negligência, livrar-se da cegueira da ignorância e desposar a verdade com a aliança da fé. Quem permanece privado da luz pode cair em todos os erros, ao passo que a verdade torna o homem, maduro, estável e não volúvel.

E necessário que a verdade seja anunciada e jamais calada, sem medo de nada. Com esta finalidade a Providência suscita na Igreja ministros renovados e revigorados por obra do Espírito Santo, que se apresentam com o caráter da determinação e da constância. É preciso falar de forma clara e patente, não de um modo que possa agradar aos bons e, ao mesmo tempo, não desagradar aos maus. *“Se ainda quisesse agradar aos homens - exclama São Paulo - não seria servo de Cristo”* (Gl 1,10).

É com ministros como estes que o Espírito Santo realiza constantemente a reforma da Igreja. Cheios de gratidão a Deus que os iluminou, eles estão prontíssimos para servi-lo em grandes empreendimentos, desejosos de pregar, não visando ao dinheiro, mas às almas; não aos ouvidos, mas ao coração; não para serem louvados, mas para serem seguidos; não para atrair os ouvintes para si, mas para conduzi-los a Cristo. Estes realmente desposaram a verdade com a aliança da fé, e dela não se afastam, nem mesmo por medo da morte. (1)

1. “Meditações sobre o I Livro dos Reis, nº. 19”, MS 5469-5672.

320. Não comercializar a Palavra de Deus

“Realmente não somos, como tantos outros, que mercadejam a Palavra de Deus. Nós falamos com sinceridade, da parte de Deus e na presença de Deus, em Cristo (2Cor 2,17). Há efetivamente a tentação de procurar, no ministério da pregação, a própria vanglória. Também Cristo foi tentado! Mas Cristo nos ensinou a combater a tentação: “cuidado! Não pratiqueis vossa justiça na frente dos outros, só para serdes notados. De outra forma, não receberéis recompensa do vosso Pai que está nos céus” (Mt 6,1).

Aqueles que têm o dever de ajudar o próximo devem precaver-se contra tal tentação com particular esmero, porque quanto mais altos e espirituais são os ministérios, tanto mais perigosa e grave é a queda. Ai daqueles que tiverem o encargo de falar bem de Deus e fizerem convergir para a própria vanglória o que receberam para promover a glória de Deus. Ao aspirar grandiosidades, não sabem acomodar-se às coisas humildes (Cf. Rm 12,16). Lembrem-se do que Deus diz pela boca do profeta Oséias: *“eu lhes dava trigo, o vinho e o azeite e lhes multiplicava a prata e o ouro, com que fizeram o ídolo” (Os 2,10).*

O remédio contra esta tentação encontra-se no manter segredo a respeito de todas as boas obras, como é sugerido por Cristo: *“quando orares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora ao teu Pai que está no escondido. E o teu Pai, que vê no escondido, te dará a recompensa” (Mt 6,6). “Quando jejuares, perfuma a cabeça e lava o rosto, para que os outros não vejam que estás jejuando” (id. v.17).* Procuremos retificar as intenções. Mostrar-nos-emos verdadeiros filhos de Deus, se tivermos os olhos de nossa mente constantemente fixos nele. (1)

1. “Resumos” de RODRIGUEZ A., o.c., MS 8840-8844.

321. O bom pregador forma outros mestres da fé

O pregador perfeito é humilde em seguir o caminho dos Santos, erudito na ciência das Escrituras e dócil na oração à luz de Deus. Nada procura, nada espera e nada teme. O resultado da atividade do bom pregador é a seguinte. Pela pregação irrigada com a palavra e exemplo, surgem crescem autênticos heróis na Igreja, alimentados que foram pela pregação e instruídos pela doutrina, tornando-se como cedros em um viveiro. E os discípulos mais fiéis transformam-se, de imediato, em verdadeiros mestres.

O pregador é como um arquiteto. Elabora uma planta e depois, com centenas de braços, edifica uma casa. Assim, ele, sem usar as mãos, faz mais que qualquer operário, e seus ouvintes podem se tornar verdadeiros mestres na perfeição da vida ativa e contemplativa.

Entretanto, algumas vezes, acontecerá que, por algum defeito involuntário, a pregação se torne um insucesso, a tal ponto que os maus aproveitem para perverter o sentido das palavras e blasfemar contra Deus. Mas, nem por isto o bom pregador se abate. Desagradam-lhe não as injúrias recebidas, mas as desfeitas contra Deus. Então, volta a refletir serenamente a respeito do que aconteceu e com humildade, sem presunção, reza ao Senhor das luzes. E o Senhor lhe manifestará a ordem sempre admirável, porém oculta, da divina Providência, que sabe conduzi-lo até a raiz do mal, de acordo com seus desígnios. (1)

1. “Meditações sobre o I Livro dos Reis”, nºs. 25-27, MS 5900-6034.

322. A pregação dos Missionários Apostólicos

Exerçam o ministério da Palavra de Deus, em qualquer forma: pregando publicamente ou instruindo o povo com catequese pública e particular; mantendo piedosos colóquios e santas conversações, ora corrigindo fraternalmente os vícios, ora exortando à prática das virtudes e à freqüência aos Sacramentos, ora, orientando e estimulando à aquisição da perfeição; pregando os Exercícios Espirituais; promovendo as pias irmandades ou associações; devotando-se à assistência espiritual dos enfermos e especialmente dos moribundos. (1)

Ao pregar as Missões ao povo, mantenham-se sob a orientação do Ordinário do lugar, observando sempre as disposições acerca do lugar e tempo do exercício ministerial. (2)

É função dos confrades não só ensinar as verdades fundamentais ou úteis, para conseguir a vida eterna, por meio de pregações, ministérios, aulas, mas também apresentar as primeiras noções da fé e da moral, especialmente às crianças e pessoas simples nos oratórios e na catequese, em comum e em particular. Isto também é sumamente útil à Igreja. Por isso se empenhem sem reservas nestes pontos. (3)

A formação cristã dos jovens seja promovida com todas os meios: através de oratórios, catequese e instruções particulares. (4) Onde for possível, convém que os nossos procurem instruir os jovens também nas ciências. Ao serem aceitos para serem instruídos nas matérias escolares, os jovens sejam formados principalmente a pureza dos costumes. (5) Tem que haver, sobretudo, muito empenho para que sejam bem preparados na Doutrina Cristã. Ministre-se-lhes aula uma vez por semana. Semanalmente, também se faça a eles uma piedosa exortação, que os leve a progredir na virtude. Durante as aulas, quando surgir uma ocasião propícia, os professores procurem motivar seus alunos ao respeito e amor a Deus e às virtudes. (6)

1. “Constituições”, nº. 163.
2. O.c, nº. 2.

3. O.c, n/ 182.
4. O.c, n° 165.
5. O.c, n°s. 166-167.
6. O.c, n°s. 170-172.

323. Pe. Gaspar e a catequese para os adultos

Uma das atividades, a que Pe. Gaspar se aplicou com maior empenho em favor das pessoas foi a catequese, ou Doutrina Cristã, especialmente sob a forma chamada de Quarta Classe. Tratava-se de uma instrução ministrada, nas diversas paróquias da cidade, no domingo à tarde, durante o período de verão. Sendo esta hora bastante incômoda e o calor muito forte, requeria-se do catequista técnica e capacidade especiais, além de boa dose de sacrifício e despojamento.

Este era o ministério mais prazeroso para Pe. Gaspar. Se, por causa de suas enfermidades e de outros compromissos pôde se dedicar a ele pessoalmente somente algumas vezes, todavia, desejou sempre que fosse exercido rigorosamente pelos seus. Em certas ocasiões, havia até sete sacerdotes dos Estigmas, espalhados pelas várias igrejas da cidade, instruindo a Quarta Classe. Pe. Gaspar insistiu para que, neste tipo de catequese, todos os seus filhos se preparassem com muito esmero e, na exposição do tema, fossem bem claros, populares e agradáveis, a fim de obter bons resultados.

Parece até que Deus, quis mostrar-lhe a satisfação que experimentava pela exercício deste ministério, dispondo que sua breve agonia e morte acontecesse exatamente num domingo, na mesma hora em que quase todos os seus sacerdotes tiveram que sair para a catequese da Quarta Classe. Neste momento, Pe. Gaspar subia para o Paraíso enquanto os seus partiam para anunciar o Reino de Deus. (1)

1. "Miscelânea Lenotti", SA, p.156.

INICIATIVAS APOSTÓLICAS

324. Como se preparar para as obras de Deus

O tempo da manifestação do chamado de Deus acontece, normalmente, através de uma enorme infusão de caridade e amor: *"permanecei na cidade até que sejais revestidos da força do alto"* (Lc 24,49). Esta caridade, que vem do céu, distingue-se muito do falso e imprudente zelo que vem da terra. (1)

O aumento e crescimento da caridade é o sinal decisivo e definitivo do momento exato, em que se devem iniciar os empreendimentos. De fato, já há longo tempo estavam sendo concebidos sob luzes secretas e inspirações ocultas do Espírito Santo, além de serem fomentados através do calor da oração e amadurecidos por

meio de muitas meditações. A linguagem do Senhor é a paz. Através dela, Ele nos responde e nos assegura o que lhe agrada: *“ouvirei o que diz o Senhor Deus: Ele anuncia paz para seu povo, para seus fiéis”* (Sl 85,9).

Tudo parece, então, que convide e solicite a apressar a preparação daquilo que o Senhor nos inspirou para a sua maior glória. A nós, certamente, cabe esperar e jamais fazer aguardar. Mas, eu creio que não se deverá esperar um momento a mais sequer, quando já estivermos prontos, pois o Senhor esta mais próximo do que pensamos e tão perto, como que à porta, esperando que nos apresentemos, exatamente porque está à porta (Cf. Mt 24,33). (2)

As inspirações de Deus devem ser recebidas com grande sentimento de caridade e pureza de intenções, para serem guardadas com muita diligência. É por isso que, devemos anotar até as mínimas coisas, sem, é claro, excetuar as grandes (porque nas coisas de Deus tudo é grande), à medida que o Senhor vai revelando os aspectos de seu desígnio. (3)

1. “Meditações sobre o I Livro dos Reis”, n°. 16b, MS 5526.
2. “Epistolário”, p. 106: carta a L. Naudet, de 16-01-1814.
3. O.c. p. 73: carta à mesma, de 06-03-1813.

325. Coragem e confiança em Deus

O Senhor, que elaborou a planta do edifício inteiro, vai apresentar também o desenho de cada parte, em proporção à grandeza e magnificência de toda a construção. Se agora ainda não o vemos, aos olhos de nossa mente, bem delineado, fiquemos certos de que o veremos muito claramente quando lhe aprover. Este, sim, será o melhor momento. Ele vai nos iluminar, para completar em nós, conosco e por nosso intermédio, o que começou: *“aquele que começou em vós tão boa obra há de levá-la a bom termo”* (Fl 1,6).

É necessário, portanto, um coração muito bem preparado, pois o Senhor quer elaborar desenhos não sobre papel ou tela, mas sobre o espírito. Se tal espírito não for espaçoso e amplo, não vai poder receber nele o plano de um edifício, com altura e grandeza enormes, especificado até nos mínimos detalhes. Corre o risco de receber apenas o quanto pode conter, isto é, uma quantidade muito reduzida. À medida, portanto, que nosso coração se abrir à caridade em Cristo Jesus, mais vai se dilatar e se desenvolver o projeto magnífico de sua glória.

Louvido seja Deus por tudo o que está para realizar. Felizes os que confiaram neste imenso e amantíssimo Senhor! Nada mais se requer. Assim como inspirou o desejo, *“dará a força e a energia”* (Sl 67,6?). Que belo evento é este, no qual o desejo está a um passo do fato: *“tudo o que quis”* – e, em virtude dessa vontade, nos impeliu

também a realizá-lo - *“Ele o fez”* (Sl 113,3?). E já o realizou – porque não há coisa alguma que possa resistir à sua vontade – mesmo antes de nos impelir, pobres mortais, a executá-la. Nada, portanto, tende a falhar onde há confiança. Talento, sabedoria, virtude, tudo encontraremos nele de sobra: *“feliz o homem que nele se abriga”* (Sl 34,9). (1)

1. “Epistolário”, p. 80-82: carta a L. Naudet, sem data.

326. Quando se trata de decidir

Todo bom empreendimento exige assídua oração, esmero, enorme confiança em Deus, muita cautela diante dos seres humanos, extrema humildade e virtudes quase heróicas. Se fizermos o possível de nossa parte, Deus fará tudo e bem por conta dele. (1) Deus carrega no colo como mãe os humildes e mansos de coração, e os tira da lama. (2)

Convém ainda que se façam orações comunitárias. Quem possuir maior fervor e devoção, aquecerá os que têm menos. Quem aprendeu a colocar tudo sob os próprios pés e somente Deus diante dos olhos, fará andar o carro da glória de Deus e arrastará consigo as pessoas que, presas por demais às realidades da vida presente, não estarão sendo, talvez, bem ágeis nessa corrida. (3)

Quando chegar o momento de tomar decisões, procuremos optar, com denodo, por aquela que pareça ser a mais prudente e conveniente ao Senhor, aguardando as luzes de Deus, que jamais faltam no tempo oportuno. Não percamos tempo. Decidamo-nos por aquilo que nos parece o melhor, sempre com o auxílio de Deus. E Ele, certamente, fará o que lhe cabe realizar, com base em seu poder imenso. (4)

1. “Epistolário”, p. 177: carta a L. Naudet, sem data.
2. O. c., p. 179, idem, sem data.
3. O. c., p. 247, idem, sem data.
4. O. c., p. 243, idem: de 28-08-1828.

327. Não se preocupar com o amanhã

Por nenhum motivo, podemos ser induzidos ao temor ou desconfiança. Escutemos com quanta força nos urge o Evangelho: *“buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e sua justiça e todas essas coisas vos serão dadas por acréscimo”* (Mt 6,33). *“Não vos preocupeis com o dia de amanhã”* (id. v.34). Aquele que deixar, por amor de Cristo, casa, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos, campos, receberá o cêntuplo tanto aqui na terra, como na vida eterna (Cf. Mt 19,20).

Quanto aos nossos defeitos, já eram conhecidos por Deus, mesmo antes que nos fizesse seu convite. E, se eles agora estão se tornando mais claros a nossos olhos, isto significa que está na hora de começar a conhecer melhor a bondade e a onipotência de Deus, pois é dever, e tarefa nossa, fazer crescer nossa confiança juntamente com a humildade. De fato, ninguém que nEle confiou, deixou de ser atendido. Quem se apóia na Palavra de Deus, por mais que esteja fraco e enfermo, vai se tornar forte e revigorado. Se o Senhor torna claro o objeto de sua glória, também tornará claro e aos poucos o modo e o quando.

O fato de outro grupo de indivíduos unir-se às gloriosas bandeiras de Cristo, provenientes de outras partes e sob a orientação de outras pessoas, tem que ser, para nós, motivo de consolação, pois quanto mais numerosos formos, tanto melhor será para a glória divina, para todos e para cada um de nós, porque a caridade, através da recíproca comunicação e partilha, cresce e se multiplica. (1)

1. “Epistolário”, p. 86: carta a L. Naudet, de 28-06-1813. Para poder apreciar plenamente o conteúdo espiritual desta carta - que Pe. Stofella chama de “admirável documento” (Cf. Introdução) – convém lembrar a circunstância que a motivou. L. Naudet e Pe. Gaspar haviam tinham interesse no ex- mosteiros, chamados das Teresas, como sede apta para o novo Instituto das Irmãs de S. Família, estando, pois, no centro da atenção de ambos. Mas, o proprietário que, pouco antes, havia resgatado do fisco o edifício, fundou no local uma escola de caridade, dirigida por algumas ex-freiras. “O desapontamento – salienta o mesmo Pe. Stofella – transformou-se num aumento de alegria e zelo, em vista da maior glória de Deus, além de um imenso abandono nos braços da Providência Divina” (id.). Dali a três anos – após a morte do proprietário, José Bellotti, que havia nomeado, como seu herdeiro, o Pe. Nicolau Galvani – L. Naudet conseguirá entrar, com suas Irmãs, no convento das Teresas, poucos dias antes do ingresso de Pe. Gaspar e seus companheiros nos Estigmas (Cf. “Bertoni, 3”, p. 504 s.).

328. Um passo por vez

Deparamo-nos, muitas vezes, perscrutando “quid faciendum” (o que deve ser feito). Isto, porém, não basta. Será preciso também conhecer “quomodo faciendum” (como deve ser feito). E nem mesmo isto será suficiente, pois é convém ainda esclarecer o “quando faciendum” (quando deve ser feito). Deus, no entanto, que deu o primeiro passo, dará também o segundo e o terceiro, comunicando as luzes que iluminam todo ser humano que vem a este mundo (Cf. Jo 1,9). (1)

No mais, onde já podemos se consegue ver com clareza, vamos em frente. Se, por acaso, algum aspecto ainda não esteja bem claro, aguardemos, com confiança as luzes do alto. Procuremos projetar não só as atividades, mais também a ordem das mesmas e o modo de como desenvolvê-las: tudo, sem dúvida, diante do Senhor, antes de combinar com as demais pessoas. Não tenhamos medo algum, pois o Senhor disse:

“eu te farei sábio, eu te indicarei o caminho a seguir: com os olhos sobre ti, te darei conselho” (Sl 32,8). (2)

Muitos aceleram as realizações, para apressar e antecipar o sucesso. Outros caem no seguinte equívoco: para não atrasar suas obras e empreendimentos deixam de lado até algum de seus deveres. E é exatamente por isso que acabam por atrasá-las ainda mais. Nunca se deve deixar de lado qualquer ponto, nem mesmo no caminho da perfeição sob pretexto de não querer prejudicar os empreendimentos! (3)

1. “Epistolário”, p. 106: carta a L. Naudet, de 16-01-1814.
2. O.c., carta à mesma, de 03-01-1814.
3. “Meditações sobre o I Livro dos Reis”, n°. 16b, MS 5521-5533.

329. Se Deus está conosco, quem estará contra nós?

O Senhor é o Deus da paz, concórdia e caridade, não existindo coisa alguma que possa resistir à sua vontade. Urge, portanto, que todos a cumpram e, particularmente aqueles que parecem querer sempre contrariá-la, para fazer a própria vontade: *“tudo está a teu serviço”* (Sl 119,91). *“Nosso Deus está nos céus, realiza tudo quanto quer”* (Sl 115,3). (1)

Já que o Senhor está acima de todas as nossas divergências, conclui-se que devemos manter fixos, nEle, os olhos de nossa confiança, sem os desviar em momento algum, pois *“prevalece sua bondade para os que o temem”* (Sl 103,11).

O que poderemos realizar como reconhecimento por tantas benevolências? Exatamente aquilo que uma criança faz a sua mãe, quando esta a mantém em seus braços e não a coloca no chão. (2) Quando a mãe mostra ao filhinho uma fruta em sua mão. A criança, então, fica toda agitada e alegre, ao ver a atração do fruto e imaginando sua doçura. Mas, logo, esta alegria se muda em tristeza e em pranto, não podendo alcançá-la, por mais que levante as mãos, porque a da mãe segura a fruta, elevada bem mais acima das mãos da criança. Que faz, então, para obtê-la? Agarra-se à mãe e pede a fruta com insistência. Só assim a consegue. (3)

Portanto, devemos manter continuamente fixo o olhar em Deus e, uma vez realizado seu desejo, tudo o mais sairá bem. *“tenho os olhos fixos no Senhor, pois Ele livra do laço o meu pé”* (Sl 25,15). *“Feliz quem na lei do Senhor encontra alegria; em tudo quanto faz sempre tem êxito”* (Sl 1,1-3).

Afinal de contas, todas as iniciativas apostólicas autênticas são frutos provenientes da oração. (4)

1. “Epistolário”, p. 111: carta a L. Naudet, de 04-06-1814.
2. O.c., p.108: carta à mesma, de 01-06-1814.
3. O.c., p. 31: carta à mesma, de 01-12-1812.
4. O.c, p. 110: carta à mesma, de 04-06-1814.

330. Deus sabe como tirar o bem até mesmo do mal

Quando um empreendimento agrada a Deus, certamente vai ser muito contestado, desde seu início até o final. Se, porventura, a Deus agrada algo diferente do que a nós poderia parecer a Ele agradável, é melhor que vença a vontade divina – sempre muito sábia, justa e perfeita – ao invés da nossa, que é muito limitada, desordenada e mesquinha. De fato, se uma obra é de Deus, ninguém a poderá destruir: *“verei a Deus, meus olhos o contemplarão”* (Jó 19,27). (1) No início, sempre haverá dificuldades, mas ninguém poderá impedir um empreendimento, que, com clareza, o Senhor tem em mente. Deus sabe como dirigir para o bem, até coisas mal feitas. (2)

Entretanto, cabe a nós purificar sempre a mente, renovar o vigor do coração e imaginar que o Senhor nos diz também o que disse aos dois irmãos, filhos de Zebedeu: *“podeis beber o cálice que eu vou beber?”* (Mt 20,22). Ao que, responderam prontamente: *“podemos”* (id.). E Jesus acrescentou: *“do meu cálice bebereis (como realmente o beberam, sustentados pela graça divina); mas o sentar-se à minha direita e à minha esquerda não depende de mim. É para aqueles a quem meu Pai o preparou”* (id. v.23).

Bendito seja, por todo o sempre, o Pai celeste. Que nos dê a graça de cumprir sua vontade, não em parte, mas inteiramente, pois nisto consiste a nossa santificação, o crescimento de nossos irmãos e a glória de Deus. (3)

1. “Epistolário”, p. 122: carta a L. Naudet, de 21-12-1814.

2. O.c., p.137: carta à mesma, sem data.

3. O.c., p.122 s.: carta à mesma, de 21-12-1814.

331. O início do Oratório Mariano: como em Belém

Quando Pe. Gaspar decidiu iniciar esta obra, levou os primeiros meninos a um local no andar térreo da casa paroquial, onde estava a biblioteca do pároco, pois não havia ainda outro cômodo mais adequado na paróquia. Mas, devendo retirar-se dali pouco depois, por causa da reforma daquela casa, e não havendo um lugar para eles na hospedaria (Cf. Lc 2,7), foi instalar-se sob um alpendre. Arrumado o local do melhor modo possível, ali recolheu seus jovens, iniciando e projetando um “Oratório Mariano”, que deu norma e forma a outros oratórios, com enorme proveito tanto para juventude, como para todas as paróquias, que os fundaram e desenvolveram.

Não se pode imaginar como este início humilde e a visão do mísero local, alegrasse e elevasse tanto o coração de Pe. Gaspar pela perspectiva das mais sugestivas esperanças. Como vivia sempre e somente de fé e, em todas as suas obras apenas se espelhava no exemplo do divino Mestre, exultava em seu coração por poder

iniciar aquela pequena obra, que lhe evocava, com muita semelhança, o nascimento de Jesus no estábulo. Jesus, que levaria luz e salvação ao mundo. Até nisto soube reconhecer o papel da divina Providência.

Foi por isso que se dedicou a incentivar seus jovens, animá-los à humildade, despojamento de si, amor à pobreza e à mortificação; em síntese, as mesmas virtudes que Jesus nos ensinou tão eloqüentemente no mísero estábulo de Belém. De fato, Pe. Gaspar foi sempre muito esforçado e constante, jamais se deixando abater pelas dificuldades, até por aquelas aparentemente intransponíveis. Estava firmemente convicto de que a obra agradava, de maneira cabal, a Deus, pois dele procedia. (1)

1. GIOCOBBE CAETANO, O.c, SA, p. 340 s.

PERSEVERANÇA

332. O caminho da santidade: da fadiga à felicidade

O engano da tentação diabólica consiste em agigantar quer as dificuldades quer a fadiga que se sente no início do caminho espiritual, como se fossem perdurar por toda a vida e, talvez até aumentar, tornando, cada dia, mais pesada a renúncia aos prazeres mundanos.

Mas, isto, na verdade, é falso, pois o cansaço somente permanece por algum tempo. Com o costume, vai se tornando relativamente fácil o que antes parecia difícil, passando a ser bem agradável e satisfatório. De fato, assim está escrito na S. Escritura: *“quem é paciente resistirá até o momento oportuno; depois, a alegria lhe será restituída”* (Eclo 1,29). E ainda: *“eu te mostrei as vias da Sabedoria e te conduzi pelos caminhos da eqüidade”* (Pr 4,11). Esse é o início do caminho estreito das virtudes, cuja entrada parece difícil. Mas posteriormente *“se entrares por eles, teus passos não se deterão; se correres, não encontrarás obstáculo”* (id. v.12).

Deve-se notar que o Espírito Santo não diz que esta via se tornará fácil e plana lá no seu final. No início, sim, porque desde o principio o Senhor derrama inúmeras graças e dá sinais de ternura para as pessoas, que resolutamente se dedicam a seu serviço e lutam contra o mal. E se continuarem perseverantes e com coragem, voltará a favorecê-las, colocando-as até *“a morar em ambiente feliz, em residência segura”* (Is 32,18), agindo suavemente para que seu espírito repouse em Deus. Por isso, diz ainda o Eclesiástico: *“trabalharás um pouco no seu cultivo – isto é na aquisição da sabedoria – mas logo comerás dos seus produtos”* (Eclo 6,20).

Se, portanto, iniciarmos a caminhada com coragem e não fizermos caso das primeiras e passageiras dificuldades, veremos que nosso coração, de imediato,

retornará, cheio de consolações e de alegria, a louvar o Senhor, que nos indicou o caminho, para chegar a esta paz imensa. (1)

1. “Pregações à juventude, n.º. 18: A perseverança”, MS 780-784; PVC, p. 114-116.

333. Perseverar no caminho da conversão

O Maligno gostaria de nos incutir o pavor, não só quando se trata de perseverar na penitência, mas, sobretudo, quando estamos decididos a nos converter. Aqui também a dificuldade está no início ou em vencer pela primeira vez, o inimigo, que se opõe com todas as forças. Mas, depois, aos poucos, vai também ele perdendo a energia; primeiramente, porque já foi vencido uma vez; segundo, foi superado no momento em que se considerava mais forte. Então, nós, corajosamente e com ousadia vamos enfrentar, com entusiasmo e vigor, esta corrida já vitoriosa.

Vamos em frente! Jamais temamos nossos inimigos e, muito menos, a nossa fraqueza. Deus combaterá a nosso lado, pois vem sempre em nosso auxílio, seduzido pelo amor que nos dedica, atraído pela causa tão honrosa e sublime que é a busca das virtudes, da salvação e de sua glória, e, ao mesmo tempo, impelido pela aversão profunda que nutre pelo pecado, lutando conosco para destruí-lo.

Além disso, vem em força de sua palavra, pela qual prometeu defender, com a ajuda de sua graça, toda pessoa que nele deposita confiança: *“a graça envolve quem confia no Senhor”* (Sl 32,10). Ora, se Deus combate conosco e a nosso favor, o que temer? Para ele, é muito fácil vencer inimigos, sejam poucos ou inúmeros, astutos ou inexperientes, fortes ou fracos. Prossigamos, então, com coragem. Lutemos com vigor, certos da vitória. (1)

1. “Pregações à juventude, n.º. 27, O desespero para converter-se”, MS 1013-1015; PVC, p. 45s.

334. O caminho espiritual recomeça a cada dia

“Se te apresentas para servir o Senhor prepara tua alma para a tentação” (Eclo 2,1), adverte o Espírito Santo na Sagrada Escritura. Logo que descobre, que uma pessoa se põe na estrada justa e se prepara para fazer o bem com propósitos concretos, o Maligno coloca em ação todos os seus artifícios para fazê-la voltar atrás e lhe dificultar a caminhada. Descerra, diante de seus olhos, mil dificuldades, mais o aborrecimento de ter que enfrentar uma longa e penosa viagem. Tudo isso, para acovardá-la e desanimá-la. *“Como poderás enfrentar tuas paixões por tantos anos – parece dizer-lhe – sem te permitir um capricho apenas e sempre tendo que mortificar teus sentidos?”*. Assim, insinua uma das tentações mais fortes e difíceis de ser superada, ou melhor, de ser reconhecida.

Mas, examinemos atentamente a sutil astúcia de seus engodos. Ele amplia sem medida o curso do tempo que está à nossa frente. Na verdade, é um futuro muito incerto o nosso, a tal ponto que não podemos contar nem mesmo um dia a mais de vida. E o Evangelho adverte para não nos preocuparmos com o dia de amanhã (Cf. Mt 6,34).

Eis o segredo para frustrar as maquinações do demônio: viver cada dia como se não restasse outro momento de vida. Quem, de fato, não é capaz de agüentar, com facilidade, a fadiga de apenas um dia? Ainda mais quando já se conhece o prêmio que Deus preparou, para quem combate com denodo seus inimigos, além da salvação prometida, para quem persevera até o fim (Cf. Mt 10,22).

Se nos for concedido viver também amanhã, vamos reformular nossos propósitos e trabalhar como se não nos fosse dada outra ocasião para conseguir o céu. Que seria de nós se, depois de ter feito a maior parte, que é a de se pôr a caminho, deixássemos de correr, porque parece muito distante a meta, que, ao contrário, pode estar a poucos passos? Diz o Espírito Santo: *“ai de vós que perdestes a perseverança e abandonastes os caminhos retos, extraviando-vos por caminhos depravados”* (Eclo 2,16[14]). (1)

1. “Pregações à juventude, n.º. 18, A perseverança”, MS 775-779; PVC, p p. 112-114.

335. Deus está conosco: o que temer?

Deus não se satisfaz em nos indicar o caminho, mas se oferece para nos conduzir por ele: *“eu te conduzi pelos caminhos da eqüidade”* (Pr 4,11). Vamos refletir bem sobre este ponto, porque assim estaremos à altura de superar os temores, que ainda podem perturbar nossos corações e que o inimigo não cessa de nos sugerir, para tornar inúteis nossos bons propósitos.

Mesmo que sejam longa a estrada a percorrer, enorme a inevitável fadiga para caminhar sem parar, graves os perigos que se encontram, fortes os inimigos que impedem o caminho e contínuas as insídias que nos são preparadas, se o Senhor nos acompanha, *“não temerei mal algum”* (Sl 23,4). *“Ele está à minha direita, não vacilo”* (Sl 16,8). Por que, então, ter medo de cair? Se o Senhor está a nosso lado e tomar as armas para combater contra nossos adversários (Cf. Dt 7,31 s.) por que nos amedrontar? Se Ele, enfim, sempre está nos vigiando, sustentando cada passo dado e livrando nossos pés de laços armados (Cf. Sl 91, 3,12) por que pensar que seremos vencidos? Diz ainda o Salmista: *“teu Espírito bom me guie por uma estrada plana”* (Sl 142,10). Pode existir maior segurança?

Daí se conclui que, quando uma pessoa é guiada pelo Espírito de Deus, caminha segura. E este é o Espírito que Deus prometeu a quem o pedir. *“Se vós que sois maus*

sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do céu dará o Espírito Santo aos que lhe pedirem” (Lc 11,13).

Que mais falta ainda? Nada, a não ser que invoquemos a presença do Espírito, conforme a promessa da palavra infalível de Deus. Rezemos, portanto, a fim de que aquele, que começou a boa obra de nossa santificação (Cf. Fl 1,6), concedendo-nos graças para nossa conversão, Ele mesmo a leve a termo, socorrendo-nos, até ao fim, com auxílios eficazes (id.). (1)

1. “Pregações à juventude, n.º. 18, A perseverança”, MS 785-788; PVC, p p. 116-118.

336. Vence quem é mais corajoso

Coragem! Se o tempo é breve, mais ainda o é a fadiga. Já que Deus mesmo vem em nosso auxílio, controlemos nossos desejos, reafirmemos os bons propósitos e corramos sem parar, até conseguir o objetivo a que devem ser dirigidos todos os pensamentos da mente e os desejos do coração.

Se formos bem decididos desde o princípio, findará bem depressa qualquer tipo de contratempo e dificuldade, porque não há coisa que mais espante nossos inimigos do que coragem e ousadia. Se, na primeira tentação, não conseguirmos desbaratar os adversários, não desanimemos. Se, por acaso, durante a luta, acontecer, por nossa desatenção, que soframos algum ferimento, não percamos a coragem. Há sempre um remédio eficaz que nos curará imediatamente, proporcionando maior coragem ainda. Assim, confiantes sempre em Deus, prossigamos nossa caminhada.

Quando menos esperamos, de repente nos damos conta de que superamos toda dificuldade, vencemos os inimigos e conseguimos o prêmio prometido a todos aqueles que sabem combater com perseverança até o fim (Cf. 2Tm 2,5). (1)

1. “Pregações à juventude, n.º. 18, A perseverança”, MS 790-793; PVC, pp. 118-120.

337. Nunca parar

É necessário que se considere o Céu como termo de um caminho cercado de espinhos, cheio de galhos e ramos. Convém mirar a meta e não os obstáculos. Convém prosseguir, arredando ora esse empecilho, ora aquele obstáculo e nunca parar. (1)

Fixemos, com o olhar de nossa mente, nosso fim, que é Deus e jamais o percamos de vista, procurando trabalhar incansavelmente, rezar sem interrupção, lutar intrepidamente sem desanimar ou sem ceder enquanto não o possuímos. Se colocarmos a mão no arado, não voltemos atrás, porque *“quem põe a mão no arado e olha para trás não está apto para o Reino de Deus”*, diz o Evangelho (Lc 9,62). Por isso, esquecidas completamente as fadigas passadas, levemos sempre em frente nossos desejos, rumo a realizações maiores. (2)

Quando a caminhada se apresentar muito longa diante do desejo a ser realizado, este pode começar a esfriar-se, exceto se a pessoa imediatamente se colocar de novo a caminho. (3) Aproveitemos o tempo presente (Cf. Ef 5,16). Não voltará jamais. É necessário, então, empregá-lo diligentemente. (4)

1. "Diário Pessoal" [Memorial Privado], p. 81: anotação de 30-07-1808.
2. "Pregações à juventude", n.º. 18, c.s., MS 791; PVC, p.119.
3. "Diário Pessoal" [Memorial Privado], p. 20: anotação de 12-07-1808.
4. O.c., p. 23: anotação de 24-07-1808.

OS NOVÍSSIMOS

338. Trata-se da alma, trata-se da eternidade

Preciosa é a morte dos justos! Morre Estêvão, o primeiro dos mártires, cheio do Espírito Santo, e contempla abertos os céus e Jesus sentado à direita de Deus. Morre com a alegria mais serena de espírito, a constância mais tranqüila no coração e o mel mais doce nos lábios. Morre, ou melhor, repousa, no seio do Senhor: "*adormeceu*" (At 7,60). "*É preciosa aos olhos do Senhor a morte dos seus fiéis*" (Sl 116,15).

Quem é que não deseja morrer como os justos? "*Possa eu ter a morte dos justos*" (Nm 23,10), desejou o próprio Balaão, que depois morreu como ímpio. Exclamam ainda e anseiam incessantemente morrer como justos, até aqueles que, por incrível que pareça, preferem viver no pecado. Na realidade é vão desejo. Não morre como justo, senão quem vive como justo, do mesmo modo que não morre como santo, senão quem vive como santo. (1)

O Evangelho nos convida a refletir sobre o fim universal do mundo (Cf. Lc 21,5-36), reflexão esta, que deve checar todos os nossos sentimentos e nos fazer entrar seriamente em nós mesmos. Então, vamos agora refletir um pouco mais a respeito. Não é, talvez, a morte, para cada indivíduo, o que para todas as pessoas deverá ser o fim universal de tudo? De fato, o dia em que eu morrer, será para mim o fim do mundo. Será que vou conseguir fugir deste dia e assim evitar a morte? Ou, que esse dia não deva ser temido? (2)

Apliquemo-nos, portanto, em rezar assiduamente, vigiar a nós mesmos, esmerar por adquirir as virtudes cristãs, praticar generosamente a penitência e a mortificação. Trata-se, numa palavra, de reformar radicalmente os costumes e buscar uma vida nova para poder por a veste nupcial, a única que nos coloca no rol dos eleitos. Trata-se da alma, trata-se da eternidade! (3)

1. "Pregações à juventude, n.º. 26: Morte triste", MS 970-971; PVC; p. 47 s.
2. O.c., "n.º. 32, A morte horrível de algumas pessoas", MS 1154-1156, PVC, p. 74 s.
3. O.c., "n.º. 24, A morte iminente", MS 945; PVC, p. 73 s.

339. Morrer bem

Para morrer bem, é preciso fugir do ócio, do pecado e da ocasião de pecado. Os que tiverem feito o bem sairão para a ressurreição de vida; ao invés, os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição de condenação (Cf. Jo 5,29). Não é suficiente converter-se com a inteligência. Não é fácil mas é fundamental fazê-lo com a vontade (1).

É preciso, portanto, muito empenho, para concretizar uma conversão séria de toda a vida. Se ainda vivemos sob o jugo do pecado, temos que detestá-lo, confessá-lo aos pés do sacerdote, abominá-lo, abandonar as ocasiões e apegar-se a todos os meios válidos para poder perseverar em nossa decisão. (2)

Meditemos. O passado já foi. O futuro ainda está por vir. Só o presente existe e está em minhas mãos. Viver o dia a dia, de manhã ao meio-dia, do meio-dia à noite, realizando tudo com o maior empenho. Talvez, não nos será dado outro tempo para glorificar a Deus. (3)

Quando as pessoas se encontram com a alma bem disposta, já em perigo de morte, não é desejável que o Senhor lhes prolongue a vida. A morte é uma ponte entre duas eternidades, antes e depois. É um passo. Quando uma pessoa tem certeza de fazê-lo bem, não é desejável que não o execute naquele exato momento. (4)

1. "Diário Pessoal" [Memorial Privado], p. 105 s.: anotação de 15-02-1809.
2. "Pregações à juventude, n.º. 24: A morte iminente", MS 944; PVC, n. 73.
3. "Diário Pessoal" [Memorial Privado], p. 51; anotação de 17-09-1808.
4. O.c., p. 90: anotação de 23-12-1808.

340. O Juízo

"Temei a Deus e dai-lhe glória, porque chegou a hora do seu julgamento" (Ap 14,7). Do oriente ao ocidente, já fulgura uma luz deslumbrante e aparece no céu a cruz (Cf. Mt 24,30). Pecadores, eis o legislador e o juiz que pode condenar e absolver (Cf. Tg 4,8 ss.). Eis Ele que já *"vem com as nuvens e todo olho o verá, como também aqueles que o transpassaram"* tantas vezes com seus pecados, *"e todas as tribos da terra baterão no peito por causa dele"* (Ap 1,7).

Os anjos começam a separar os bons dos maus, os cabritos das ovelhas (Cf. Mt 25,31-33). É uma separação angustiante! Para sempre o filho é separado do pai, a filha de sua mãe e o amigo do próprio amigo. Dois viviam juntos na mesma família e dois trabalhavam juntos na mesma oficina; um é acolhido entre os eleitos e o outro é abandonado em meio aos réprobos.

Aqueles que não souberam vencer o respeito humano para mudar de vida e nem superar a vergonha mínima de confessar seu pecado ao ministro de Deus sofrem agora uma inútil confusão, ao ver suas culpas mais ocultas manifestadas diante do mundo inteiro. Por sua parte, muitos eleitos poderão dizer: também nós fomos pecadores, mas com o auxílio da graça pudemos dominar tentações, hábitos e respeito humano, direcionando-nos para Deus, de todo coração.

Ó destino feliz dos justos, pois estarão para sempre com Deus! Ó destino miserável dos pecadores, porque condenados para sempre a padecer longe de Deus! Senhor misericordioso e infinitamente benigno, a fim de que não tenhamos que ouvir, naquele dia, o triste “*afastai-vos de mim*” (Mt 25,41), fazei que, agora, não sejamos surdos ao teu doce “*vinde!*” (1).

1. “Pregações à juventude, n.º. 14: O juízo universal”, MS 695-713; PVC, pp. 86-93.

341. À luz do Juízo

Não nos contentemos em ver o julgamento de Deus como próximo. Consideremo-lo bem presente. Não nos limitemos a desenvolver em nós um estéril assombro ou uma superficial emoção. Pelo contrário, formulemos um sério propósito de melhorar sempre mais ou, se for o caso, de mudar de vida.

Enquanto temos tempo, por que estamos demorando em nos lançar nos braços da divina misericórdia, antes que ela ceda lugar à justiça? Agora é o tempo em que nossa penitência será bem acolhida e nossa salvação resguardada. Negligenciar esta verdade tão importante é o mesmo que apressar sua falência. Protelar a decisão equivale a expor-se ao máximo perigo. Trata-se da alma, que, uma vez perdida, estará perdida para sempre. Trata-se de um estado de vida definitivo e imutável e de uma eternidade de glória ou de pena. Que estamos esperando para nos decidir?

Jesus, Homem-Deus e justo juiz que nos ama qual pai amoroso, para não ver seus filhos eternamente condenados, nos alerta e nos avisa. De que modo? Ele verteu todo seu sangue para lavar nossos pecados. Ofereceu seus merecimentos para que sejamos revestidos do direito de entrar em seu reino. Tornou-nos participantes de seus deleites para nos aliviar do peso de nossos sofrimentos. Por isso, continua incentivando: “*vinde a mim, todos vós que estais cansados e carregados de fardos - oprimidos pelo peso de vossos pecados - e eu vos darei descanso*” (Mt 11,28). (1)

1. “Pregações à juventude, n.º. 14: O juízo universal”, MS 698-712, PVC, p. 86-93.

342. Viver como se o inferno não existisse?

Não se pode viver como se o inferno não existisse, e como se eu não pudesse merecê-lo. Mas, o inferno existe e é também o mais cruel dos tormentos; aqueles dos sentidos, expressos na imagem bíblica do fogo e suplícios do corpo. O intelecto será obscurecido e se fixará apenas no próprio mal, em comparação com o bem perdido. A vontade permanecerá obstinada e alimentando ódio a Deus. O coração será como um mar em meio à tempestade, invadido por rios de torturas através de todas as faculdades da mente. A memória se martirizará diante das lembranças de doçuras passadas, oportunidades de salvação e do mal praticado. Terrível será, acima de tudo, o castigo infinito da condenação, pois comporta a perda do bem infinito, que é Deus. (1)

Muitíssimos cristãos, embora acreditem na existência do inferno, e saibam que basta um só pecado mortal, para serem levados até lá, continuam vivendo tranqüilamente no pecado. Quando se confessam, mantêm a boca fechada, por causa da vergonha, e nem mesmo se apavoram pelo fato de viver mal. Entretanto, são pessoas inteligentes, capazes de resolver seus problemas, administrar, cuidar da família e prevenir possíveis perigos. Somente não sabem cuidar de suas almas, o que é uma verdadeira loucura.

Ora, de onde provém tamanha desastre entre os cristãos? Da ignorância. E de onde provém tamanha ignorância? De não ouvir a Palavra de Deus. É ela que afugenta as trevas da ignorância e domina a maldade humana. A Palavra de Deus e o pecado jamais podem conviver. Os primeiros cristãos foram convertidos pela pregação. É evidente que, não é a voz do homem que converte, mas a de Deus. “*A Palavra de Deus é viva e eficaz*” (Hb 4,12). (2)

1. “Retiros para o ano de 1806”, MS 3946-3952; cf. acima, n°. 52, nota 3.

2. “Missão de S. Firmo”, MS 4035-4041.

343. Paraíso: o dia perpétuo

Vamos refletir sobre a bem-aventurada felicidade, que Deus nos preparou, e sobre como nosso amoroso Senhor espera, com ansiedade, nos entregar sua posse perpétua. Lá não haverá mais dor, gemidos, tristeza, pobreza e doenças. Tudo será paz, alegria, deleite, tranqüilidade e serenidade. Um dia perpétuo e uma vida sem fim. Uma doce conversação com os anjos, suave concórdia com todo o coro dos santos e alegre banquete com Cristo. A beatífica visão e convívio com nosso primeiro princípio e último fim: Deus.

Se S. Paulo considerava muito leve qualquer tipo de tribulação que sofria, em comparação com a glória imensa no céu (Cf. 2Cor 4,17), como não será bem mais suave a luta contra o pecado, para viver a vida da graça? Os comerciantes, que buscam

suas riquezas do outro lado do mar, sofrem, às vezes, naufrágios. Recomeçam, porém, animados dando continuidade às perigosas viagens. Porque, então, também nós não temos coragem e confiança de recomeçar sempre o caminho em direção à Pátria, já que temos certeza de êxito feliz? Alguns dos maiores santos, como Pedro, Paulo e Madalena, também cometeram graves pecados. Mas, souberam direcionar o ardor, que antes tinham usado para o mal, rumo ao cumprimento do bem.

Ergamos os olhos e vejamos como o Paraíso é magnífico. Fixemos nosso olhar em Cristo, que derramou todo o seu sangue para nos alcançar a salvação e nos mostra agora coroa, que ele mesmo colocará em nossa cabeça. (1)

1. “Pregações à juventude, n°. 27: O desespero para converter-se”, MS 1008-1018; PVC, pp.43-47.

†
†††
†

SAGRADO CORAÇÃO

344. O símbolo mais significativo do amor

A Igreja, Esposa de Cristo, prudente e sapientíssima, torna-se ardorosa em função do amor de Deus por ela. Deseja ardentemente ver adorado e amado seu Esposo Jesus. Para isto, propõe os meios mais suaves e universais, os incentivos mais simples e eficazes. Podia, então, encontrar símbolo mais significativo do amor do que o Coração de Jesus?

As inumeráveis relações, que tem o coração com o amor já produziram em todos os seres humanos um consenso universal. Assim, no coração se reconhece o amor, que lhe é atribuído como característica, e, ao mesmo tempo, como que uma relação mútua entre ambos.

Apropriadamente o amor de Cristo é simbolizado por seu Coração divino, pois este é a fonte do sangue derramado por nosso amor, vivificado por sua alma santíssima e deificado pela união hipostática do Verbo. Característica própria deste Coração é o fato de ter sido sempre um instrumento perfeitíssimo, por meio do qual se tornam sensíveis os efeitos invisíveis e inefáveis de sua caridade.

O lado aberto, após a morte de Cristo, faz aparecer o Coração. Este Coração ferido pela lança, chaga conservada em seu corpo glorioso, torna-se um símbolo tão suave, sensível e divino que é impossível venerar o Cristo ferido sem se referir e venerar também seu amor.

A Igreja viu aí concretizado seu desejo. Por meio deste símbolo sensível, pode promover, em toda a primeira sexta-feira do mês, a frequência dos fiéis à comunhão eucarística, renovar o fervor da devoção ao Santíssimo Sacramento, celebrar uma festa solene e jubilosa, não tanto pela pompa e acúmulo de pessoas, mas pela piedade, ternura e amor dos devotos. Com isso relembra sempre a caridade de Jesus e incentiva a retribuir, com muito fervor, todo seu amor. (1)

1. "Sagrado Coração (Anotações)", MS 1768-1772. São anotações para uma pregação feita no dia 5 de junho de 1812, Festa do S. Coração, na igreja de S. Firmo Maior. Notável, nestas Anotações, é a riqueza de conteúdo teológico, como também o vigor apologético em defesa da devoção ao S. Coração contra o jansenismo ("Bertoni, 3", p. 383 ss.).

345. Por que mostras o teu coração aos seres humanos?

Senhor, criaste o homem à tua imagem e semelhança (Cf. Gn 1,26), colocando-o acima das outras criaturas, como tua imagem, capaz de te conhecer e amar. Mas, o homem ingrato, pouco depois, leva à ruína a si mesmo e à sua descendência. Então, prometeste que de sua estirpe nasceria um Libertador, o teu próprio Filho, que

morreu pela humanidade. *“Vede que presente de amor o Pai nos deu!”* (1Jo 3,1). Essa tua criatura acaba matando o seu próprio Redentor. Naquela mesma noite, em que o trai, instituíste um Sacramento de amor, para te comunicares com ele e permaneceres com ele até a consumação do mundo. Assim mesmo, o homem se torna indiferente, esquece o benefício e até o despreza. Mas, colocas diante de seus olhos, bem à vista, o teu Coração ferido por ele: *“porque se ocupa dele teu coração?”* (Jó 7, 17).

Tanto esforço de amor é para provocá-lo, a fim de que te ame. Entendo, Senhor, pois és um abismo de bondade e caridade; enquanto o homem, um abismo de ingratidão e malícia. O abismo da miséria clama por um abismo de misericórdia (Cf. Sl 42,8). (1)

Até nosso pobre coração humano sabe desejar todo bem e prosperidade aos amigos. E se assim acontece com pessoas comuns, que amam os amigos em Cristo, muito mais temos que confiar no Coração de Cristo nosso Senhor, que nos ama muito acima do que qualquer mãe. Ó que Pastor amoroso! Em tudo e por tudo, como sábia, serena e humilde ovelhinha, deixemo-nos dirigir, guiar e apascentar por ele! (2)

Ah, Coração amável de meu Jesus, quem, alguma vez, te encontrou indiferente, sem sentir compaixão por suas fraquezas, ou insensível diante de suas dúvidas, ou severo para conceder o perdão de suas culpas? (3)

1. “Sagrado Coração (Anotações)”, MS 1775-1777.
2. “Epistolário”, p. 319: carta a Pe. L. Bragato, de 29-05-1840.
3. “Pregações à juventude, n.º 3: O Nome de Jesus”, MS 412; PVC, p. 237.

346. Experiências vivenciadas da devoção ao Sagrado Coração

Festa do Sagrado Coração. Na Missa, durante a Consagração e em toda a ação de graças, muitas lágrimas de compunção e de afeto; em particular, na Comunhão, senti por um momento, o espírito como que desligado de toda a criatura, em obséquio ao seu Criador. (1)

Rezando antes da Missa e sentindo um pouco de sono, ouvi uma voz saída do crucifixo dizer-me ao coração: contempla este meu Coração. Este pedido iluminou-me, subitamente, a inteligência e proporcionou-me um grande e imprevisto ardor no coração. Em seguida, voltando os olhos e em espírito para contemplar o amável ponto indicado, senti correr um frêmito pelo corpo todo, a boca e os olhos se me fecharam, enquanto que a alma me parecia plenamente absorta e cheia de alegria.

Tive a sensação de que ela estava para separar-se do corpo, como que morrendo. Mas, ao mesmo tempo, plenamente vivificada. Voltando-me novamente para ouvir quem falava, repetiu-se o frêmito como o de uma morte doce e lenta.

Enquanto a alma continuava incerta do que devia fazer, pareceu-me que, se o fenômeno continuasse ainda por mais tempo, teria ela morrido ou, ao menos, seria separada do corpo. Estando assim como que paralisada, permanecia, entretanto, jubilosa nas mãos do Senhor e, se naquele momento, tivesse eu morrido, continuaria ela totalmente serena. De repente, ela voltou a recuperar o uso dos sentidos como antes.

A conseqüência disto tudo foi a sensação de terníssima devoção ao Sagrado Coração e de um respeito amoroso durante a Missa. A alma se expandiu em doces lágrimas durante a Santa Comunhão. Depois, grande recolhimento e suavidade que duraram o dia todo, além da prática esmerada das três virtudes teológicas. (2)

1. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 12: anotação de 02.07.1808.
2. O. c., p. 183: anotação de 30.05.1812. Digna de menção é a coincidência entre esta experiência mística, experimentada por Pe. Gaspar e a época em que redigia suas anotações para a pregação em louvor ao Sagrado Coração (Cf. acima, n°. 344, nota).

OS ESTIGMAS DA PAIXÃO

347. Contemplar as chagas do Crucificado, as cicatrizes do Ressuscitado

Cristo, ao terceiro dia, ressurgiu da morte para a vida, livre de qualquer dor, impassível e refulgente como o sol. Mantém ainda, impressas em seu corpo, as cicatrizes das Cinco Chagas, como insígnias do triunfo de sua misericórdia e sinal glorioso de sua justiça. Por meio delas, alcançou a vitória sobre a morte e o inferno, resgatando, diante do Pai divino, toda dívida inerente aos nossos pecados. São Chagas que Ele continuamente apresenta diante de seus olhos, implorando perdão para nós, porque pecadores. Por isso, se tornaram fontes perenes de graça e auxílios celestes.

Ele as coloca também diante de nossos olhos, convidando-nos a amá-lo e a sofrer por ele. Quantos desejos não devem elas nos suscitar, para padecer por Cristo! As chagas do Redentor são como fontes, que nos transmitem de que modo se pode sofrer por ele.

Tenhamos, portanto, sempre fixo nosso olhar nas santas chagas, para nos animar a suportar pacientemente as provações e trabalhos de nossa peregrinação terrestre, e a carregar nossa cruz com a esperança de obter a coroa eterna. Se assim não o fizermos, teremos que as contemplar no dia do Juízo, para nossa confusão e vergonha: *“olharão para aquela que traspassaram”* (Jo 19,37).

Coragem, coragem! Através dos olhos da fé, procuremos contemplar as chagas do Deus de misericórdia, que pende da cruz. À luz desta contemplação, que força não obterá nosso coração, para combater intrepidamente contra as tentações e suportar

tribulações, pobreza e enfermidades! Procuremos nos deter diante das Chagas do Crucificado e contemplar, depois, as cicatrizes do Ressuscitado (1). Assim, constataremos o fato – proclamado pelo salmista – de que muitas são as tribulações dos justos, mas Deus finalmente nos libertará de todas elas (Cf. Sl 34,20), e nos presenteará com uma coroa eterna no céu. (2)

1. Cf. S. AGOSTINHO, “Sobre a santa virgindade, LIV, 55”: PL 40, 428.
2. Das pregações de Pe. JOÃO BATISTA LENOTTI, (“Bertoni, 6”, p. 394 s.). Os ferimentos provocados pelos pregos e pela lança nos membros do Crucificado, e conservados no corpo do Ressuscitado – objeto de uma das maiores devoções da tradicional piedade cristã – são indicados, na linguagem teológico-espiritual, com vários nomes: chagas, feridas, cicatrizes, estigmas, que se tornaram, com o correr do tempo, praticamente sinônimos. A distinção entre “chagas” do Crucificado e “cicatrizes” do Ressuscitado foi enfatizada por S. Agostinho, por causa de uma questão polêmica – contra o filósofo pagão Porfírio que, dada a permanência das chagas, concluía pela negação de uma verdadeira morte e ressurreição em Cristo – questão essa que, aos poucos, foi perdendo interesse e também significado. De fato, propondo como “cicatrizes” os sinais do Ressuscitado, não se pretende negar que se trate de verdadeiras chagas, mas só precisar que elas não são sangrentas nem dolorosas (Cf. BONETTI IGNAZIO, “Os Estigmas da Paixão”, 1952, pp. 70-75; id. “As fontes da salvação”, 1984, p. 8s.).

348. Os Estigmas de Cristo impressos no coração

Se não tendes asas de águia para voar até as estrelas, tendes as penas da simples pomba que faz seu ninho nos penhascos, e meditai sobre as feridas de Jesus Cristo. O humilde Francisco encontrou mais santidade na meditação da paixão de Cristo, que todos os sábios na contemplação do céu. (1)

Lembraí-vos continuamente de que *“na medida em que fores grande, humilha-te em tudo”* (Eclo 3, 20); e se não podeis estar em uma cela com o corpo, estejais com o espírito *“nas fendas da rocha”* (Ct 2,14), nas chagas do nosso amabilíssimo e humílimo Salvador, onde eu vos deixo, abraçando-vos de todo o coração. (2)

Imaginai ver o Ressuscitado como apareceu aos discípulos, bem vivo e luminoso, com as cicatrizes das chagas, do mesmo modo como agora vos está chamando para o céu e dispendo-se para lá voltar: *“vou preparar um lugar para vós”* (Jo 14,2). Meditai sobre as condições e o caminho para chegar ao céu. Cristo aí entrou com as cicatrizes de suas chagas: nelas está o preço com que comprei este reino e nem se pode conseguir por menos. (3)

No mais, permaneçei na alegria. Quando vos ocorrer um pouco de alegria, voai com o pensamento ao quarto de Pe. Miguel e tende sempre as asas prontas para pairar sobre as nuvens no seio do vosso Deus, e nas chagas gloriosas do vosso Salvador. Sentai aí como um do seu Povo, na beleza da paz. (4)

1. “Exercícios-Meditações, MS 3419. O pensamento é extraído da “Imitação de Cristo”, L. II, c. 1.
2. “Epistolário”, p. 311 s.: carta ao P. L. Bragato, de 18-11-1835.
3. “Exercícios-Meditações”, MS 2632 e 2647; Cf. acima, n°. 98.
4. “Epistolário”, p.318: carta ao Pe. L. Bragato, de 29-01-1840. Pe.Miguel é o Pe. Miguelângelo Gramego que, por sua alegria, foi chamado de “delícia da nascente Congregação” (“Memórias acerca dos Padres e Irmãos”, Verona, 1886, p. 51).

349. Os estigmas de Cristo e a nossa esperança

Não é verdade que, se estávamos amargurados pelos pecados, tentações ou qualquer outra dificuldade, ao nos colocar aos pés do Crucificado, passamos a nos sentir mais consolados à vista de suas chagas? Que imensa consolação, só em vê-lo com os braços abertos, querendo abraçar a todos! Contemplar seu Coração querendo dizer que nos deseja esconder todos lá dentro. Olhar sua cabeça inclinada como que nos procurando para nos levar ao paraíso! (1)

Jesus é o amigo autêntico que nunca se esquece de nós. Imprimiu seus fiéis em suas mãos, através das cicatrizes das feridas recebidas, para os carregar sempre consigo. Aí os desenhou com seu sangue, tão profundamente que, nem o tempo, nem a eternidade poderá cancelá-los. Quanto a nós, procuremos ter sempre, no coração, nosso amigo Jesus, agindo em tudo por seu amor. É o que sempre devemos fazer. (2)

Tenhamos sempre os olhos fixos em Cristo, autor e aperfeiçoador de nossa fé (Cf. Hb 12,2). Suas chagas e sangue devem ser nossa esperança. Um Deus, morto por nós e em meio a tantos tormentos e humilhações, tem que ser nossa doce esperança! Ao subir ao céu, continua a mostrar ao Divino Pai as cicatrizes das chagas para movê-lo à compaixão por nossas fraquezas e, assim, nos salvar. Procuremos permanecer, sempre, unidos a Jesus e a sua Cruz: nem a morte, nem a vida ou as potências da terra e do inferno poderão nos separar dele. (3)

1. FEDELINI CARLOS, “Pregações para a sexta-feira”, manuscritos, citados por DALLE VEDOVE NELLO, “A configuração a Cristo Crucificado”, Roma, 1989, p. 52. Na sexta-feira, à tarde, celebrava-se na igreja dos Estigmas uma função em honra da Paixão e das Cinco Chagas do Senhor. Enquanto lhe foi possível Pe. Gaspar quis pregar pessoalmente a meditação de mais ou menos meia-hora. Depois, teve que ser substituído pelos confrades. Das meditações de Pe. Gaspar, não nos restou nenhum trecho escrito. Todavia foram conservados os manuscritos das pregações feitas pelos Pes. Carlos Fedelini e João B. Lenotti (Cf. “Bertoni, 4”, pp. 272-274; BONETTI IGNAZIO, “Na escola de Deus com São Gaspar Bertoni, Notas de espiritualidade”, Verona, 1989, p.125; n.156).
2. Id. “Bertoni, 5”, p 643.
3. LENOTTI J. BATISTA, “Pregações para a sexta-feira, Bertoni, 6”, p. 584.

350. Cristo com seus estigmas, no Juízo

Cristo vai se sentar em seu trono e, então, todos “*olharão para aquele que traspassaram*” (Jo 19,37). Haverá também um trono para Maria e cada Apóstolo. Dirá Jesus: Vede estas chagas: foram abertas por vós. Este sangue: derramei por vós e por meio dele vos lavei no Batismo.

Naquele dia, seremos salvos somente por causa de nossas boas obras. Procuremos, então, realizar assiduamente boas obras. Em seguida, vamos nos prostrar aos pés de Jesus, para lhe dizer: ah! Senhor, não haverá, naquele dia, um lugar para me esconder. Agora, porém, acabo de o encontrar: são as chagas, que abri com meus pecados. Esconda-me em tuas feridas!

Também contamos com a ajuda de Maria. Naquele dia, vamos nos encontrar com ela, saudando-a como nossa mãe, advogada e rainha. E ela, voltando-se para Jesus, dirá: eis este teu e meu filho, que chegou para viver conosco no Paraíso; foi meu devoto; não satisfeito, porém, em apenas me obsequiar, procurou promover minha devoção entre seus amigos, familiares e filhos; agora chegou para receber a recompensa.

Então, Jesus volverá seu rosto benigno em nossa direção, nos abraçará com ternura, agradecerá nossa devoção para com sua mãe e, como recompensa, nos fará beijar suas chagas. Só em pensar nisto, nos sentimos consolados enormemente. Imaginemos como não será, então, concretizá-lo de verdade! (1)

1. FIDELINI CARLOS, “Pregações para a sexta-feira, Bertoni 5”, p 588 e 640 s.

ESPONSAIS DE MARIA VIRGEM COM SÃO JOSÉ

351. Os sponsais de Maria com José e a intimidade com Cristo

Comporte-se nossa alma com Cristo, seu Esposo, pois está desposada com Ele através da graça, assim como se comportou Maria com seu esposo José.

Maria jamais lhe deu o mínimo desgosto, concordando sempre com sua vontade. Assim também nossa alma jamais deve desgostar a Deus, mediante a desobediência a seus mandamentos. E ainda mais. Maria sempre honrou seu esposo como dono da casa, cumprindo fielmente todas as suas obrigações como esposa e dependendo inteiramente dele. Assim também nós devemos honrar nosso Esposo celeste, cumprindo exatamente quanto nos impõe nossa condição de operários, estudantes, chefes de família, donos de indústrias, e, acima de tudo, como cristãos. Maria alegrava-se em estar na companhia de seu esposo. Imitemo-la, visitando nosso

Esposo celeste na Eucaristia, alegrando-nos em poder lhe fazer companhia, o que é algo maravilhoso.

Finalmente, Maria foi sempre presença fiel e consolação para o esposo nas aflições e angústias, especialmente na última enfermidade. É evidente que não podemos agora oferecer, pessoalmente, tais serviços a Cristo, nosso Esposo. Mas podemos fazê-lo junto a seus representantes, que são os pobres, assistindo-os se passam necessidades, instruindo-os se ignorantes, visitando-os se enfermos e rezando por eles se falecidos.

Assim fazendo, obteremos muitos frutos dos esponsais espirituais de nossa alma com Cristo, nosso Esposo, e imitaremos Maria Santíssima, no que realizou por S. José. (1)

1. VENTURINI INOCÊNCIO, "2º Sermão em honra dos Esponsais" in "Arquivo histórico bertoniano, Série II, Pregações e Sermões sobre os Esponsais" Verona 1992, pp 231-234. Pe. Gaspar cultivava devoção especial pelo mistério dos Esponsais de Maria Santíssima com São Jose. Escolheu os Santos Esposos como patronos e modelos da Congregação Estigmatina, dedicou-lhes o altar-mor da restaurada igreja dos Estigmas e introduziu, como festa patronal, a celebração dos Santos Esposos, já tradicionalmente fixada pela liturgia, para o dia 23 de janeiro. Tal escolha, aparentemente surpreendente, tem que ser entendida na perspectiva esponsal do relacionamento da alma com Cristo, tão relevada por Bertoni (Cf. acima, n^{os}. 38-43, 273, 147). É neste contexto que se desenrola o sermão, acima transcrito, de Pe. I. Venturini, conhecido, entre outras coisas, por sua absoluta fidelidade ao pensamento do Fundador (Cf. SA, Doc XXIX, p. 600 s.). Ao promover esta devoção, Pe. Gaspar teve também a intenção pastoral de ir ao encontro das exigências espirituais de casais e famílias cristãs. Sua preocupação, frente aos problemas da pastoral familiar, é expressamente atestada por Pe. Camilo C. Bresciani: "incentivou os matrimônios cristãos, impediu divórcios e reconciliou esposos separados. Quantos casos ilícitos e escandalosos conseguiu ele resolver!" (Oração fúnebre, SA, p. 209). Para toda esta temática: Cf. STOFELLA GIUSEPPE, "O culto e a devoção aos Esponsais", in CS I, p. 245-402; BONETTI IGNAZIO, "Na escola de Deus com São Gaspar Bertoni. Notas de espiritualidade", Verona, 1989, pp. 106-111.

352. Os Santos Esposos e a vida religiosa

Quem pertence a esta Congregação tenha sempre diante dos olhos a Bem-aventurada Virgem Maria e São José, para aprender deles: o amor à pobreza, a aplicação à oração e à meditação, a prontidão na obediência também nas coisas difíceis e contrárias à natureza, a caridade para com Deus, a cuja glória se deve unicamente ter em mira, a caridade para com o próximo, por cujo bem espiritual sempre se deverá zelar, a custo até da própria vida. (1)

Procure-se com todo esforço levar nossos jovens a amar as coisas espirituais e à devoção para com Maria Santíssima e São José, estimulando-os a imitar, nas diversas

ocasiões, seus exemplos. Recomenda-se, sobremaneira, que façam tudo, mesmos as menores coisas com grande diligência, principalmente quando não são vistos por ninguém, de tal forma. Que possam transformar em natureza este modo correto de agir, a fim de agradar a Deus e imitar Maria Santíssima e São José, que foram tão perfeitos no estilo de vida escondida. (2)

Fazei, Virgem Santíssima, pelo virginal esponsalício que celebrastes com vosso castíssimo esposo São José, que minha alma se espose espiritualmente com vosso Filho e meu Senhor Jesus. (3)

1. MARANI GIOVANNI M., “Compêndio das Constituições”, CS II, p. 165.
2. Id., “Regras”, CS II, p. 256.
3. Invocação da tradicional Novena aos Santos Esposos.

353. Os Santos Esposos e a família cristã

Pe. Gaspar promoveu a veneração ao mais santo dos Esponsais, com a intenção de que seus filhos tivessem nos Santos Esposos seus mais poderosos Protetores. Além disso, nutriu o santo pensamento de que os bons cônjuges cristãos tivessem, no exemplo dos castíssimos Esposos, a norma e o estímulo para toda a virtude, e, pela eficácia da sua proteção, pudessem obter graças e bênçãos, de que tanto precisam para si e seus filhos. (1)

O matrimônio deve ser honrado por todas as pessoas e, sobretudo, por aquelas que, por disposição da Divina Providência, o estão vivendo. Para honrá-lo como se deve, aos cônjuges não são suficientes o afeto do coração e as expressões da linguagem. Exigem-se obras, especialmente as que põem em prática seus deveres principais. Entre estes, ocupa, o primeiro lugar, a castidade conjugal, por ser o mais belo ornamento e decoro deste estado de vida. Ora, é justamente a pureza - que tem que ser singular e eminente - é o que distingue e privilegia de maneira totalmente nova e admirável o matrimônio dos Santos Esposos, Maria e José.

Ó Virgem Santíssima que nos Esponsais com S. José propusestes um excelso modelo de castidade, derramai sobre todos os cônjuges cristãos o imenso e copioso dom da castidade, próprio e enaltecendor deste estado de vida. (2)

1. GIACOBBE CAETANO, o. c., SA. p. 513.
2. MARANI GIOVANNIO M., “Panegírico dos Santos Esposos”, in “Arquivo histórico bertoniano, Série II, Pregações e Sermões sobre os Esponsais”, Verona, 1992, p. 69.

354. Os Santos Esposos modelos de amor conjugal

Vós, casais, quereis uma norma, em vosso estado de vida, que vos ensine a tornar verdadeiramente felizes todos os dias de vossa vida? Imitem os santos Esposos. Qual o ponto de união que tão estreitamente aproximava o coração de Maria a José, o de José a Maria e o de ambos a Jesus? A caridade.

A caridade impelia José a nada economizar para poder ajudar a esposa e dar-lhe todo conforto possível, a trabalhar incansavelmente para poder suprir com seus ganhos as necessidades da família, a venerar a esposa e cuidar dela com carinho, empenho e dedicação.

A caridade também impelia Maria, embora por dignidade fosse imensamente superior, a honrar José como o dono da casa, a estar perfeitamente sujeita e obediente ao esposo, mesmo sendo ela a Senhora do céu e da terra, a sobrepujar em reverência e obséquio todas as outras esposas; a cumprir com diligência as obrigações de consorte e de mãe. Sempre muito dedicada aos trabalhos manuais, jamais deixou de lado a aplicação esmerada à perfeição espiritual, procurando progredir nas virtudes, tanto quando o esposo ainda vivia como depois de sua morte, do modo até mesmo superior do que quando vivia no Templo.

A caridade dirigia, enfim, pensamentos, momentos felizes e o coração de José e Maria ao crescimento de seu dileto filho Jesus.

Aqui está desenhado, ó cônjuges, à luz deste casal exemplar, o meio mais eficaz, para uma vida matrimonial bem feliz: amor de caridade. A inveja é inimiga da caridade que não dá lugar a suspeitas, foge das brigas contínuas, elimina rancores, não se deixa enganar pelas aparências, não esmorece com o passar do tempo, tem por inseparáveis companheiras: a fidelidade, a prudência, a benignidade, a paciência, a longanimidade, o decoro e a honestidade.

1. VENTURINI INOCENTE, “Sermão em honra dos Esponsais de Maria com Sao José, in Arquivo histórico bertoniano, Série II, Pregações e Sermões sobre os Esponsais”, Verona, 1992, p. 151 s.

NOSSA SENHORA

355. Maria Mãe de Deus

À Maria Mãe de Deus se pode aplicar o que Espírito Santo diz em Provérbios: “quando fixava ao mar os seus limites” (8,29), pois devia conceber em seu seio e conter o Verbo de Deus, que é mar e abismo da sabedoria, poder, virtudes, bondade de todo ser existente.

Nesta perspectiva, Maria não vai ter que ser chamada Senhora daquele mar que, embora imenso, pôde conter em seu seio imaculado? De fato, a Virgem Mãe de Deus tinha direito a uma autoridade materna sobre Cristo, como o têm todas as mães sobre os filhos que geraram. E autoridade materna mais do que outras mães, pois dela se pode dizer que foi muito mais mãe de Cristo do que outras mães em relação a seus filhos. Na verdade, somente Cristo nasceu de Maria. Por isso, a Bem-aventurada Virgem tinha que ter mais autoridade sobre Cristo do que outras mães sobre seus filhos. O próprio Cristo não se importa de se chamar e se reconhecer sob sua autoridade: *“era obediente a eles”*, diz o Evangelho (Lc 2,51).

Aquele Deus, ao qual os anjos estão sujeitos, era, pois, submisso a Maria. Admirem-se, portanto, um e outro aspecto,- exorta São Bernardo -, escolhendo-se qual dos dois admirar mais: a benigníssima condescendência do Filho ou a excelentíssima dignidade da Mãe. Tanto um como outro, é algo estupendo e prodigioso. Deus obedecendo a uma mulher é humildade impar. Uma mulher tendo autoridade sobre Deus é sublimidade de impossível comparação. (1)

Se, portanto, Maria teve poder sobre a pessoa de seu Filho, se pôde dispor com facilidade e certeza do coração do Rei, que é ao mesmo tempo soberano e filho, como é que não vai também poder ser senhora e dona de todos os tesouros divinos, do mar imenso de graças e misericórdia? (2)

1. S. BERNARDO, “Homilias sobre o Enviado, 1,9”; PL 183, 60 s.

2. “Pregações à juventude, n.º 29: O nome de Maria”, MS 1075-1080; PVC, pp. 312-314.

356. Maria, rainha do céu e da terra

Sendo Maria mãe do Rei, constituído por Deus sobre todas as obras de suas mãos, é evidente que também Maria fosse constituída Rainha, possuindo, com direito, todo o reino do Filho. Como não ter a posse do reino do Filho, se é ela possui o próprio Filho? (1)

Maria, antes de mais nada, é Rainha dos anjos - como canta a Igreja – por causa de sua excelência e dignidade, por eminência da graça e virtudes, por título de autoridade real e própria. Isto se comprova, através da reverência que lhe manifestam os próprios anjos. É o caso bem claro, por exemplo, com o fato de que o Arcanjo Gabriel a saudou com profunda veneração e respeito.

A realeza de Maria, porém, se estende também sobre a terra, ou seja, sobre todos os seres humanos. A mãe não pode estar, de modo algum, separada do poder real do Filho. Única é a carne de Maria e de Cristo, único o espírito e única a caridade. Desde o momento em que foi dito *“o Senhor está contigo”* (Lc 1,28), se tornaram

inseparáveis promessa e dom. Portanto, pode-se concluir que a glória do Filho não somente é comum com a Mãe, mas é também a mesma.

Que ampla perspectiva se abre, então, para a consideração do amor de Maria por nós e de sua vontade de salvar nossas almas! Não há necessidade de buscar inúmeros raciocínios. Estamos diante de uma possibilidade aberta a todos e facilmente viável. Utilizemo-la com nossas reflexões pessoais para descobrir sua amplitude, gozar de sua amenidade e nos alimentar com os seus preciosos e salutareos frutos. (2)

O que custa a Maria pedir, o que custa a Jesus conceder-lhe qualquer espécie de graça? (3)

1. Cf. RUPERTO de DEUTZ, “Em Cântico dos Cânticos”, L. III: PL 168, 877.
2. “Pregações à juventude, n.º. 29, O nome de Maria”, MS 1081-1090; PVC, pp 315-319.
3. “Diário Pessoal” [Memorial Privado], p. 166: anotação de 18-05-1810.

357. A Imaculada

O caráter sereno e fúlgido da santidade de Maria jamais foi ofuscado pela sombra do pecado. Seu espírito, sempre arrebatado em Deus, não era impedido ou distraído por qualquer objeto terreno. Maria é a única, da qual se pode dizer que é toda bela e sem mancha aos olhos de Deus: “*és toda formosa e não há mancha em ti*” (Ct 4,7). Não só deixou de experimentar movimentos desregrados da natureza desordenada, mas até a própria desordem da natureza foi-lhe extirpada completamente. É melhor não empregar a palavra “extirpada”, pois, em sua Imaculada Conceição, a graça precedeu o vício comum da natureza. Assim, no corpo dela, não reinou absolutamente jamais o pecado. Quem poderá, portanto, compreender, com os costumeiros e limitados critérios humanos, a excelência da pureza da gloriosa Mãe de Deus?

Ó Deus! A maternidade divina elevava Maria a um grau incomparável de pureza, acima do que é humano! Pureza superior àquela dos próprios anjos. Do mesmo modo que, pela dignidade de Mãe de Deus, foi exaltada sobre os coros dos anjos, assim também sua pureza tinha que superar, em medida inimaginável, aquela tão excelsa dos espíritos puríssimos.

Agrupemo-nos, portanto, todos os que desejamos nos tornar afetuosos devotos de Maria e imitadores de sua pureza, e vamos nos assentar à sombra agradabilíssima desta Árvore do Paraíso, pois seus frutos serão imensamente doces a nosso paladar. Ela estende benevolmente os ramos de sua proteção sobre todos os seus servos, mesmo os que não têm mérito algum. Assim quem de nós, no deserto árido deste mundo, se sentir açoitado pelos ardores tórridos da concupiscência, procure

abrigo à sombra desta Árvore benéfica e aí encontrará refrigério, repouso e saúde para seu exangue e desnordeado coração. (1)

1. “Pregações à juventude, n.º. 30: A pureza de Maria”, MS 1115-1120; PVC, pp. 327-329.

358. Cristo nos espera, Maria nos chama

A celebração da casa santa de Maria, tendo estando de maneira permanente nós, em Loreto, é como um doce convite a nosso coração para que se desloque velozmente com o intuito de visitar, em espírito, suas paredes sagradas. Ó paredes, que nos trazem felicidade, mais esplêndidas do que palácios dos soberanos, acolhestes a Rainha dos céus, a Esposa do Espírito Santo. Vós, testemunhas da mensagem do anjo e, sobretudo, testemunhas do augusto mistério da Encarnação!

Sinto que, agora, nesta oportunidade, Deus nos dirige um pedido especial: deseja o nosso coração porque, como a Casa de Loreto, assim também anseia consagrar nosso coração, tornando-o um templo onde ele mesmo possa residir. *“Acaso não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita mora em vós?”* (1Cor 3,16), exclama S. Paulo.

Que consolação poder contemplar nossa alma como um templo magnífico! Aí, conversar com Deus, tendo a consciência em paz. Encontrar, dentro de nós, muito conforto, e possuir uma doce alegria, em vista do bem presente, junto com a esperança do futuro! E nós nos atrasaremos por um só minuto que fosse para usufruir de tanta felicidade? Cristo nos espera, Maria nos chama, pois ela anseia abrir nosso coração para seu Filho.

Virgem Santa, eis-nos a teus pés. A ti se voltam todos os nossos olhares, confiança e súplicas. Fizeste de nosso coração, templo de teu Filho. Por isso, confiamos que, tendo acolhido no coração nosso Rei como hóspede, Ele nos dará um lugar em seu reino. (1)

1. “Pregações à juventude, n.º. 8: A casa santa transportada para o nosso coração”, MS 573-592.

359. A Virgem da Anunciação

Contemplemos a Bem-aventurada Virgem, junto com o anjo que a saúda. Que honra! Nosso Deus quis nascer de uma mulher e assumir nossa carne! Congratulamo-nos com Maria, a fonte de todos os nossos bens. Somente ela teve o privilégio de ser preservada do pecado original. Somente ela foi olhada complacientemente por Deus. E que complacência com Maria!

A Virgem e o anjo, na casinha de Nazaré, conversam sobre o mistério da Encarnação: *“eis aqui a serva do Senhor”* (Lc 1,38). A humildade é a condição que Deus exige dos que escolheu para realizar grandes coisas, para seu próprio bem e dos demais.

Refletamos agora sobre o modo como a Virgem, depois que o anjo cumpriu sua missão, agradece a Deus, através de sublime espírito de fé e humildade. Assim também, cada fiel, e muito mais cada sacerdote, devem se comportar com Deus, depois de havê-lo recebido na Eucaristia: com o mesmo espírito de fé e humildade, com o mais íntimo recolhimento possível. Somos cobertos de honra por Deus como a Virgem! (1)

1. “Exercícios-Meditações”, MS 2472-2479.

360. Programa prático para a devoção mariana

Depois de Deus, a Virgem Maria deve ter o primeiro lugar em teu coração. Jamais deverás perdê-la de vista, custe o que custar, procurando, cada dia, te inflamar intensamente nesta devoção.

Recitarás, cada dia, o terço de Nossa Senhora. Em qualquer necessidade, pequena ou grande, invocarás seu poderoso auxílio. Celebrarás suas solenidades com novenas, nas quais farás alguma devota meditação relativa ao mistério, assim como algum afetuoso colóquio, no lugar de simples orações vocais. (1)

Santo Inácio de Loyola jamais começava alguma atividade se, antes, não a confiasse a Nossa Senhora, como também jamais pedia alguma coisa a Deus se, antes, não o fizesse por intermédio de Maria. Carregava sua medalhinha ao pescoço e costumava ter consigo, na cama, o terço de Nossa Senhora, para dormir com o pensamento nela, e nela tornar a pensar quando acordasse. (2)

1. De um “Regulamento para cada dia”, proposto ao jovem Pe. Gaspar por seu diretor espiritual, Pe. Nicolau Galvani, e conservado no arquivo dos Estigmas: Cf. “Bertoni, 2”, pp.19-24.
2. “Anotações sobre Santo Inácio”, extraídos da biografia, escrita por João Pedro Maffei, MS 8722; “Bertoni,2”, p. 692.

361. Espírito de total confiança em Maria

Bom dia, minha Mãe. Dai-me a vossa bênção. Abençoai a mim e a todos os meus queridos. Dignai-vos oferecer a Deus tudo o que hoje tenho de fazer e sofrer, em união com os vossos méritos e com os do vosso Filho santíssimo. Ofereço-vos e vos dedico todo o meu ser e tudo que me pertence para o vosso serviço. Ponho-me inteiramente debaixo do vosso manto. Impetrai-me, Senhora minha, pureza de mente

e de corpo, com a graça de não fazer neste dia coisa alguma que possa desagradar a Deus. Suplico tudo isto pela vossa Imaculada Conceição e intacta virgindade. (1)

Santíssima Virgem, Mãe de Deus, Maria, eu, embora indigno de ser vosso servo, movido, não obstante, pela vossa admirável piedade e pelo desejo de vos servir, vos escolho hoje por minha particular Senhora, Advogada e Mãe. Proponho firmemente querer sempre vos servir e fazer, quanto for possível, que sejais servida também por outros. Suplico-vos, pois, Mãe piedosíssima, que me recebais hoje em perpétua servidão. Peço-vos ainda que me sejais sempre favorável, impetrando-me a graça de me comportar de tal modo em todos os meus pensamentos, palavras e obras, que jamais ofenda vossos olhos e os de vosso divino Filho. Lembrai-vos de mim e não me abandoneis na hora da morte. (2)

1. “Diário Pessoal [Memorial Privado], p. 170: anotação de 24-05-1810. Trata-se de uma oração transcrita por Pe. Gaspar, que não é de sua autoria, mas a fez sua. Como saudação à Mãe no início do dia. recitava-a diariamente, transmitindo-a a seus filhos,
2. É uma fórmula tradicional de agregação à Congregação Mariana, rezada por Bertoni desde 1789, quando tinha apenas doze anos. (Cf. Bertoni, 1, p. 208), e continuada, depois, com sua Comunidade dos Estigmas, em 1824 (“Bertoni, 4”, p. 390).

362. Um segredo de eficácia pastoral

Apresentou-se, um dia, a Pe Gaspar, um jovem pároco, deprimido pelo fato de que, como já tinha acontecido com seus predecessores, o povo da paróquia se mostrava totalmente indiferente e até mesmo hostil em relação ao sacerdote, desertando da igreja em massa. Já havia perdido as esperanças e estava pensando em se retirar da paróquia.

“Mas existe ainda a esperança na Mãe da santa esperança, Maria, observa com entusiasmo Pe Gaspar. Introduza o Oratório Mariano, convide e atraia os jovens, incentivando-os e abraçando-os com o amor de pai. No início virão poucos. Mas sua dedicação e zelo incansável farão aumentar o número a cada dia. Proponha insistentemente a eles a devoção a Maria, coloque-os sob o seu patrocínio e confie. Contudo, confie firmemente, pois começando a ser o pastor dos filhos, logo, em seguida, virão também seus pais, para ouvi-lo e reconhecê-lo como pastor e pai”.

De fato, tudo aconteceu como Pe. Gaspar havia previsto. Entregou-se o pároco ao trabalho junto aos jovens no Oratório Mariano, conforme as sugestões recebidas. Não passou muito tempo também os pais começaram a deixar de lado as hostilidades e a indiferença, e se deram conta de que o pároco não podia ser apenas pastor de seus filhos, mas, sobretudo, deles também. Chegou-se a ponto de um relacionamento entre o pároco e seu povo tão familiar, que se poderia vislumbrar ser dos mais promissores.

O pároco retornou a Pe. Gaspar e referiu-lhe o bom êxito conseguido pelo conselho recebido. O santo atribuiu tudo a Deus, exprimindo-lhe o mais vivo reconhecimento. Graças à proteção de Maria, tinha sido concedido tão grande bênção à paróquia e seu pastor. (1)

1. GIACOBBE GAETANO , o.c., SA, p. 403 s.

363. Excelência do Rosário

Eu não conheço outra prática de piedade que possa ostentar carácter mais nobre de excelência do que a recitação do rosário, desde quando este teve início. A própria Rainha do céu a propõe e a prescreve. Foi promovida e propagada como um dos recursos mais valiosos para a vida da Igreja: arma de defesa contra heresias e o mal, socorro nas necessidades mais urgentes, e sustento nas angústias mais sufocantes.

A excelência intrínseca desta oração está na perfeição das partes que a compõem, bem como na amplitude da proposta prática que a envolve.

Quanto às partes, consta o rosário de quinze dezenas de Ave-Marias, distintas do Pai Nosso, que se entremeia nelas, além da recordação, com devota reflexão, de tantos mistérios de nossa redenção precedendo cada dezena. Ora, que oração é mais excelente do que a do Pai Nosso e, depois desta, qual é a mais nobre do que a da Ave-Maria? Quanto aos mistérios referentes à vida, morte e ressurreição de Cristo, constituem certamente o objeto mais elevado a ser meditado. Além disso, pode haver algo mais santo e sublime do que a finalidade fundamental, a imitação dos mistérios propostos? E tudo isto, através da meditação sobre Maria que, depois daquela de Cristo, é, na verdade, a mais convincente e eficaz.

Quanto à proposta prática imensa é sua amplitude e extensão! Nela estão envolvidos tanto a linguagem para louvar, quanto a mente para meditar e o coração para amar. Tudo com extrema facilidade. (1)

1. “Pregações à juventude, n.º. 39: O Rosário”, MS 1367-1375. Pregação proferida aos 04 de outubro de 1807.

364. O poder do Rosário

A devoção do Rosário trouxe enormes vantagens à Igreja, obtidas com incrível presteza, pois, graças a elas, o povo cristão foi colocado em segurança, através de preciosa, perpétua e universal proteção contra inimigos poderosos e seus constantes ataques.

No século XII, os albigenses tinham propalado um movimento anticatólico, que se apresentava como compêndio de todas as heresias. Negava-se o Batismo às crianças, abolia-se a Eucaristia, escarnecia-se da Penitência, cancelava-se a esperança na futura ressurreição e destruía-se a fé no Deus único, criador do universo. Derrubaram-se igrejas, demoliram-se altares e os sacerdotes foram torturados e condenados à morte.

A quem recorrer, para socorro e consolação em semelhantes apuros? A Maria, que é o mais forte reduto do povo cristão nas adversidades, e de quem a Liturgia canta com singular elogio: “Maria, tu sozinha derrotaste todas as heresias do mundo inteiro!” (1). O socorro não demorou muito. Pessoalmente, a Rainha do céu o traz, aparecendo a São Domingos de Gusmão e confiando-lhe esta missão: vá e propague o meu Rosário. Saiba que esta forma de oração será agradabilíssima a mim e a meu Filho, e se tornará grande e singular auxílio para a Igreja. Os resultados foram prodigiosos e confirmaram a eficácia salutar de uma devoção que se revelou excelentíssima.

No ano de 1571, os Turcos tinham organizado uma expedição com a finalidade de exterminar as forças armadas dos países cristãos e de lhes assegurar o domínio dos mares. As frotas oponentes se encontraram frente a frente, em Lepanto, no domingo, 7 de outubro. Era o dia em que toda a cristandade recitava o Rosário de Maria com devotas e solenes súplicas, invocando sua ajuda.

A ajuda veio. De imediato, grandiosa e evidente. De acordo com a história, jamais houve uma vitória, na qual se comprovou tão claramente a poderosa mão de Deus. São Pio V ordenou, então, que em todos os anos, no primeiro domingo de outubro, fosse celebrada a comemoração de Nossa Senhora da Vitória. Gregório XIII, declarando que aquela vitória fora obtida graças à recitação do Rosário, determinou que, naquele dia, Maria fosse venerada sob o título de N. Senhora da Vitória. (2)

1. “Missal Romano de S. Pio V”, Comum da B.V.M., Parte do texto.

2. “Pregações à juventude, n.º. 39: O Rosário”, MS 1368-1395.

365. Fecundidade do Rosário

Eis, no Rosário, uma excelente prática de piedade, por ser a mais nobre quanto à origem, a mais perfeita quanto à sua natureza e a mais amplamente reconhecida pela autoridade quanto aos testemunhos e confirmações de prodígios. Eis a excelência sublime de místicas rosas que se entrelaçam em esplêndida coroa à Virgem. São rosas transplantadas dos jardins do céu para o campo fértil da Igreja.

De fato, Maria é chamada de Rosa Mística. Mística rosa, que alegra os justos, cura os pecadores, atrai os principiantes, embeleza os fiéis praticantes, coroa os

perfeitos, espande sua doce sombra sobre as tribulações, torna-se valiosa proteção contra as tentações. Nasce tanto nos jardins bem cultivados dos poderosos, como nas simples hortas dos pobres, atrai a juventude e não ofende a velhice, incentiva os ociosos e não atrapalha os ocupados, reconforta os fervorosos e não aborrece os tíbios.

Plantemos todos, então, as flores do Rosário, irrigando-as, nutrindo-as e tornando-as conhecidas. Nossos filhos e filhas se enfeitem com elas para defender a fé e manter as virtudes. Sua fragrância venha perfumar nossas casas. Com estas flores, se enfeitem as igrejas, os altares dos Santos e os túmulos dos fiéis. Com estas flores entrelacemos uma grinalda ao redor do trono augusto de nossa Mãe e Rainha. (1)

1. “Pregações à juventude, n°. 39: O Rosário”, MS 1377-1397.

366. O Rosário: uma lição de vida

O Rosário é uma oração adequada para todos os cristãos. Nela, os pecadores encontram um meio eficacíssimo para a conversão e os justos um saboroso alimento para sua vida de piedade. Aqueles têm, na meditação da vida e morte de Cristo, um poderoso antídoto contra os venenos da carne e dos sentidos. Estes têm, na contemplação da glória de Cristo, um doce convite para aspirar à posse da eterna beatitude. (1)

A mim ficou sempre impresso - confiava em Pe. Gaspar a Pe. Lenotti, a propósito do segundo mistério gozoso – o que fez Maria com Isabel. Apenas avisada pelo anjo da gravidez da prima, partiu imediatamente, pensando em ir visitá-la e assisti-la nas dificuldades de seu estado. Partiu logo, às pressas, como diz o evangelista (Cf. Lc 1,39), imensa a urgência em ajudá-la e a caridade em permanecer junto dela embora a viagem fosse bastante longa e perigosa, porque era. E, quando lá chegou, ficou não um, dois ou três dias, mas três meses contínuos, assistindo-a em suas necessidades. (2)

Uma vez, indo Pe. Gaspar visitar um irmão enfermo – atesta Pe. Francisco Benciolini – para que ele não se cansasse lhe sugeriu rezar a Ave-Maria, meditando-a como também faço - disse -, quando não consigo dormir: rezo o terço, meditando as palavras da Ave Maria empregando uma hora ou mais em cada uma. O mesmo faço com o Pai Nosso. Assim, as noites passam mais depressa. (3)

1. “Pregações à juventude, n°. 39: O Rosário”, MS 1376.
2. “Miscelânea Lenotti”, SA, p. 144.
3. O. c., SA, p. 188.

367. Devoção mariana de Pe. Gaspar

Depois que, em Verona, foi supressa a Ordem dos Servos de Maria, a amorosa Virgem suscitou um novo (Pe. Gaspar) Felipe Benizzi, para reavivar a devoção para com Maria, sua Mãe e Senhora. (1)

Bertoni havia começado, desde jovem, a cultivar uma devoção singular e toda filial a Maria, invocando-a freqüentemente, suplicando que continuasse sendo sempre sua mãe misericordiosa e poderosa advogada, renovando todos os dias a oferta de seu coração. Pode-se afirmar que se dedicava inteiramente a ela durante o mês de maio, pondo, juntamente com as práticas de piedade, um esforço mais intenso para o exercício das virtudes. Não deixava passar nenhuma festividade mariana sem se preparar devidamente, através de orações e especial empenho espiritual. (2)

Inúmeras páginas não bastariam para transcrever sua devoção e amor a Maria, o que realizou por ela e quanto se esforçou para avivar, em todos os corações, o amor e obséquio a Nossa Senhora. (3)

Pregava muito freqüentemente sobre Nossa Senhora e, nessas pregações, fazia transparecer uma alma amantíssima de Maria. (4)

1. Da oração fúnebre de Pe. CAMILLO BRESCIANI, SA, p. 207.
2. GIACOBBE GAETANO, o.c., SA, p. 313.
3. Id., SA, p. 509.
4. Apresentação sobre..., p. 134.

SÃO JOSÉ

368. A grandeza de São José

Embora Jesus tenha sido concebido e nascido de Maria sempre Virgem por obra somente do Espírito Santo, sem nenhuma relação humana, Maria era toda de José, que exercia domínio e poder sobre ela como sua propriedade. Por isso é que, o fruto deste terreno será atribuído àquele que dele é patrão. Falemos, então, claramente. O amabilíssimo Jesus, que veio trazer ao mundo todas as bênçãos possíveis e imagináveis, é fruto precioso das núpcias de Maria com José ou prole deste santo matrimônio. Assim, Jesus quis ser reconhecido e considerado como filho dos Santos Esposos, Maria e José. Chamava Maria com o doce nome de Mãe e de pai a José, estando em seu.

Nobilíssimo pela descendência de Patriarcas e Reis, excelente em todo tipo de dons da natureza e perfeito em todas as virtudes, São Jose é chamado, na Escritura, com o apelativo de homem justo (Mt 1,19), ou seja, o perfeito possuidor de todas as virtudes.

Agora entendo porque os Evangelistas, tão pródigos em louvores a alguns personagens, foram tão parcós em louvar a José. De fato, sabendo eles de quais sublimes qualidades era ele enriquecido, pois havia sido eleito pelo Espírito Santo para ser esposo de Maria, não se preocuparam senão em torná-lo conhecido como o esposo de Maria.

Esposo de Maria: mesmo coração e mesma alma daquele coração e alma, que geraram o coração e a alma do Filho de Deus. Esposo de Maria, em tudo e por tudo semelhante à Esposa: no coração, comportamento, costumes, santidade e virtudes. (1)

1. VENTURINI INNOCENTE, "Sermão em honra dos Esponsais de Maria com S. José, in Arquivo histórico bertoniano", cs., p. 149 s.

369. O mestre da vida interior

Em nossas devoções e fervor, jamais podemos separar o que Deus uniu com liames indissolúveis, Maria Santíssima e São José. De fato, se desejamos ardentemente nosso progresso espiritual no caminho da perfeição, devemos ser devotos, de modo especial, de São José, a quem, parece-me, Deus quis confiar todas as almas dedicadas à vida interior.

Não basta recorrer a S. José, através da oração. É preciso empenhar-se de verdade, imitando-o e colocando-o como modelo, especialmente de obediência e recolhimento. São José sempre obediente, São José o santo do silêncio. Invoca-lo-emos, então, freqüentemente, procurando fazer a meditação com todo empenho, exercendo, por seu amor e com a máxima exatidão, a obediência e vigilância sobre nossa língua. Assim fazendo, certamente conseguiremos que São José cuide de nossas almas e nos conceda inúmeras graças.

Dediquemos a São José também nosso coração. Ele sabe como vigiá-lo, purificá-lo e trabalhá-lo adequadamente, adornando-o de virtudes e inflamando-o de amor a Jesus e Maria. Ele é o mestre da vida interior. Tornemo-nos seus discípulos! Sob sua orientação, faremos enormes progressos no caminho na perfeição. (1)

1. Extraído das "Exortações domésticas" de Pe. GIOVANNI B. LENOTTI, CS III, pp. 284-301.

370. S. José não pede, manda

Jesus é a Árvore da vida, Maria é o Paraíso, no qual foi ele plantado. José é o Querubim que o protege (Cf. Gn 3,24). Jesus é o pão vivo descido do Céu, Maria é a Nave que o traz de longe. José é o Timoneiro que dirige e governa a nave. Depois de Maria, José é, no céu, o santo, o privilegiado e o poderoso, por excelência. Ele não pede, manda. Vamos, então, nos dirigir a ele com muita confiança.

Os sacerdotes, chamados por Deus à responsável missão de levar os seres humanos à salvação, peçam a São José um pouco de sua caridade e zelo. Os pais de família, a graça de honrar os sérios compromissos de amor e fidelidade recíprocos, o esmero para educar bem seus filhos no temor do Senhor. Os jovens, a graça de poder conservar intacto o lírio da pureza. Os ricos e nobres, o enriquecimento na prática das virtudes cristãs. Os pobres e os de modesta condição, a força para suportar, com serenidade e alegria, as provações da vida e os contratempos, procurando amar a pobreza com o espírito do Evangelho. Os arcados sob o peso da cruz, energia para poder carregá-la com paciência, certos de que este é o caminho mais seguro para o Céu.

Os pecadores que ofenderam ao Senhor e o pregaram na Cruz confiem também em São José. Como pai generoso, saberá rezar por eles, estendendo-lhes a mão para conduzi-los arrependidos a Jesus. Como poderia Jesus rejeitá-los? Com entranhas de misericórdia e a pedido do bom pai, certamente os acolherá! (1)

1. Das pregações de Pe. CARLOS FEDELINI, CS I, pp. 316-319.

ALGUMAS FESTIVIDADES

371. Primeiro do Ano

Em vossa carta, me fazeis votos de mil bênçãos para este novo ano, não excluindo as cruzes. Agradeço-vos por tanta benevolência, sumamente espiritual.

De fato, que melhor bem podeis desejar a vossos amigos, senão as cruzes? Certamente, a mim destes um prazer enorme. Não que eu tenha forças para carregá-las, embora o Senhor me conceda sempre a graça de apreciá-las. Por isso, conto também com vossas orações e com a divina misericórdia para poder suportá-las com paciência. Assim, logo que perceber a presença delas, nos primeiros dias do ano, as aceitarei de boa vontade e direi: eis as cruzes que me foram anunciadas pelo querido Pe. Luís. Bendito seja Deus. (1)

Agradeço os votos de feliz ano novo, ao mesmo tempo peço também que o Senhor vo-os retribua com todas as bênçãos que desejais ardentemente. No entanto, alegrome com o grande dom que o Senhor lhe concedeu de poder agradecer as tribulações, porque *“a constância deve levar a uma obra perfeita”* (Tg 1,4). O espírito agradecido, mesmo nos males, atrai sobre a pessoa grandes bens, pois não há coisa que mais honre a Deus. (2)

1. “Epistolário”, p. 317 s.: carta a Pe. Luís Bragato, de 29-10-1840.

2. O. c., p. 284: carta a L. Naudet, de 30-12-1831.

372. Todos os Santos

A festa de Todos os Santos causa, em nossos corações, os mais vivos desejos de chegar à bem-aventurança. O Evangelho desta solenidade nos ensina o caminho mais breve para obtê-la: *“felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus. Felizes os que choram porque serão consolados. Felizes os mansos, porque receberão a terra em herança. Felizes os que têm fome e sede da justiça, porque serão saciados. Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Felizes os puros de coração, porque verão a Deus. Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus. Felizes os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus”* (Mt 5,3-10).

Não basta desejar apenas a bem-aventurança para a possuir. É preciso subir pela estrada proposta por Cristo, a qual também os Santos palmilharam. Eia, pois, com nossos olhos para o alto! Vemos adiante, sobre os muros da Jerusalém celestes, multidões triunfantes de Santos. São nossos amigos e irmãos, dispostos a nos ajudar em nossa caminhada rumo ao reino, com os exemplos e o auxílio de suas preces! Eles desejam nossa presença, aguardam e nos chamam para viver juntos.

Lá está Jesus, nossa Cabeça, impaciente para partilhar conosco a plenitude de seu reino e a posse feliz de sua herança. Ele mesmo colocou a escada diante de nós e nos exorta a subir. Promete toda a força de sua graça, que nos sustenta na subida. Ele nos estende sua destra.

O passo acertado no início de um empreendimento decide tudo o resto. Despojemos, portanto, nosso coração de todo apego à terra, renunciando, ao menos, em espírito. Refreemos nossos ímpetos de ira, aprendendo com eles, a ser mansos e humildes de coração. Abandonemos as alegrias passageiras do mundo, pois o que conta é chorar nossas culpas, certos de que, logo, nosso luto se converterá em alegria, que ninguém poderá tirar de nós. Por enquanto, tenhamos sede apenas de justiça e pratiquemos unicamente a misericórdia. Assim, nosso espírito, purificado, poderá logo vislumbrar os primeiros raios da nascente felicidade. Raios que irradiarão muita paz em nossos corações. Enquanto os olhos exclamarem “o paraíso é lindo”, o coração sincero dirá “o paraíso é meu”.

1. “Pregações à juventude, n.º. 37: As Bem-aventuranças”, MS 1267-1296; PVC, pp. 216-224.

373. Comemoração dos Falecidos

A S. Escritura conta que Judas Macabeu mandou a Jerusalém dez mil dracmas de prata, para que fossem oferecidos sacrifícios de expiação pelos soldados mortos na guerra. A mesma Escritura louva tal gesto com a famosa expressão: *“mandou fazer o*

sacrifício expiatório pelos falecidos, a fim que fossem absolvidos de seus pecados” (2Mc 12,46).

S. Gregório Magno, em seus Diálogos, narra que, tendo ele mandado celebrar no mosteiro de S. André Missa Gregoriana, por trinta dias seguidos, em sufrágio do monge Justo, soube depois, pelo irmão do mesmo monge, ter-lhe sido revelado que, celebrada a última missa, no trigésimo dia, aquela alma, livre de todas as punições, voou para o Céu. (1)

Santo Agostinho afirma que uma das práticas religiosas mais santas e preocupações mais devotas, de que uma pessoa deveria se ocupar durante esta vida, é oferecer sacrifícios, esmolas e orações, pelos falecidos que estão no Purgatório, dos quais somos irmãos. (2)

A oração, sobretudo, é a chave para abrir a porta sublime do paraíso, não só para nós, mas também para nosso próximo. Rezemos, pois, e supliquemos pelas almas do purgatório. Rezar não requer muito gasto de energia. Pode-se rezar em qualquer lugar, tempo e circunstância. Quantos bens espirituais, então, poderemos receber para nós mesmos desde agora! É este, de fato, um excelente ato de caridade e misericórdia. Poderemos até obter relevantes bens temporais.

Com certeza, jamais seremos abandonados em nossas necessidades ou esquecidos em nossas súplicas e aspirações, porque, através desta caridade a favor dos irmãos falecidos, Deus se torna nosso devedor, quando prometeu: *“todas as vezes que fizestes isto a um desses mais pequenos, que são meus irmãos,, foi a mim que o fizestes”* (Mt 25,40). (3)

1. S. GREGÓRIO MAGNO, “Diálogos”, L. IV, c. 55: PL 77, 420 s.

2. S. AGOSTINHO, “Sermão CLXXII”, 2: PL 38, 936.

3. “Pregações à juventude, n.º 31: As almas do Purgatório”, MS 1139-1149; PVC, pp. 196-199.

†

†††

†